

A VIDA DE ELIAS



AW.PINK

A Vida de Elias

(Capitulos 1 a 24)

A. W. Pink

Tradução
Helio Kirchheim

Observações do Tradutor

1ª) O leitor perceberá que alternamos com frequência a versão bíblica na citação dos textos da Bíblia. Usamos como padrão a versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil (**RA**), mas recorremos também a outras três em especial:

RC — versão Revista e Corrigida, da Sociedade Bíblica do Brasil;

BRA — Tradução Brasileira, da Sociedade Bíblica do Brasil (encontrada na Bíblia Online 3.0); e

SBTB — versão Fiel, da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Fazemos isso a contragosto, uma vez que parece estarmos “adaptando” o texto à variação do pensamento do Autor do livro, mas isso é só aparente. O que de fato acontece é que o Autor, o irmão A.W.Pink, usou apenas **uma** tradução — a King James — excelente tradução, que não tem equivalente exato em nossa língua. Daí a razão de fazermos uso de várias outras versões, procurando ser o mais possível fiéis ao original inglês.

2ª) As notas de rodapé são todas do tradutor.

[/] índice

1. O dramático aparecimento de Elias.....	5
2. Os céus trancados.....	13
3. O ribeiro Querite.....	22
4. O teste da fé.....	31
5. A torrente secou.....	41
6. Conduzido a Sarepta.....	51
7. A extrema necessidade de uma viúva.....	61
8. O Senhor proverá.....	71
9. Uma providência sombria.....	81
10. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos.....	91
11. Frente a frente com o perigo	101
12. O confronto com Acabe.....	111
13 O perturbador de Israel.....	120
14. A convocação do Carmelo.....	131
15. O desafio de Elias.....	141
16. Ouvidos que não ouvem.....	150
17. A certeza da fé.....	159

18. A oração eficaz.....	169
19. A resposta com fogo.....	179
20. Ruído de abundante chuva.....	189
21. Perseverança em oração.....	198
22. Em fuga.....	209
23. No deserto	218
24. Desanimado.....	228

Capítulo 1

O dramático aparecimento de Elias

Elias surgiu no palco da ação pública durante uma das horas mais escuras da triste história de Israel. Ele nos é apresentado no início de 1 Reis 17, e temos apenas de ler os capítulos anteriores para descobrir o estado deplorável em que se encontrava o povo de Deus. Israel tinha se apartado de Jeová de forma grave e flagrante, e aquilo que se opunha diretamente contra Ele tinha sido estabelecido publicamente. Nunca antes essa nação favorecida tinha se afundado tanto. Haviam-se passado cinquenta e oito anos desde que o reino tinha sido dividido em dois após a morte de Salomão. Durante esse breve período, não menos de sete reis haviam reinado sobre as dez tribos, e todos eles, sem exceção, foram homens perversos. É de fato doloroso traçar o triste curso que seguiram, e ainda mais trágico observar como se tem repetido o mesmo fato na história da cristandade.

O primeiro desses sete reis foi Jeroboão. A respeito dele, lemos que ele “fez dois bezerros de ouro” e disse ao povo: “Basta de

subirdes a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito! Pôs um em Betei e o outro, em Dã. E isso se tomou em pecado, pois que o povo ia até Dã, cada um para adorar o bezerro. Jeroboão fez também santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Fez uma festa no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, igual à festa que se fazia em Judá, e sacrificou no altar; semelhantemente fez em Betei e ofereceu sacrifícios aos bezerros que fizera; também em Betei estabeleceu sacerdotes dos altos que levantara” (1 Rs 12.28-32). Observe bem e com cuidado que a apostasia começou com a *corrupção do sacerdócio*, instalando no serviço divino homens que não foram nunca nem chamados nem capacitados por Deus!

Lemos a respeito do próximo rei, Nadabe: “Fez o que era mau perante o SENHOR e andou nos caminhos de seu pai e no pecado com que seu pai fizera pecar a Israel” (1 Rs 15.26). Quem o sucedeu foi o próprio homem que o assassinou, Baasa (1 Rs 15.27). Depois veio Elá, um beerrão, que também foi um assassino (1 Rs 16.8,9). O seu sucessor, Zinri, era culpado de “conspiração” (1 Rs 16.20). Depois dele veio um mercenário militar de nome Onri, a respeito de quem somos informados do seguinte: “Fez Onri o que era mau perante o SENHOR; fez pior do que todos quantos foram antes dele. Andou em todos os caminhos de Jeroboão, filho de Nebate, como também nos pecados com que este fizera pecar a Israel, irritando ao SENHOR, Deus de Israel, com os seus ídolos” (1 Rs 16.25,26). O ciclo maligno se completou com o filho de Onri, porque esse foi ainda mais vil do que aqueles que o precederam.

“Fez Acabe, filho de Onri, o que era mau perante o SENHOR, mais do que todos os que foram antes dele. Como se fora coisa de somenos andar ele nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi, e serviu a Baal, e o adorou” (1 Rs 16.30,31). Esse casamento de Acabe com uma princesa pagã era inteiramente de se esperar (porque não se pode pisotear a lei de Deus impunemente), repleto das mais terríveis consequências. Num curto espaço de tempo desapareceu qualquer

vestígio da terra de Israel da correta adoração de Jeová e uma grosseira idolatria se tomou desenfreada. Adoravam-se os bezerros de ouro em Dã e em Betei, erigiu-se um templo a Baal em Samaria, os “postes-ídolos” de Baal apareceram por todo lado, e os sacerdotes de Baal passaram a dominar a vida religiosa de Israel.

Declarava-se abertamente que Baal vivia e que Jeová já não existia. É possível perceber o estado revoltante que se havia instalado nesta declaração: “Também Acabe fez um poste-ídolo, de maneira que cometeu mais abominações para irritar ao SENHOR, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele” (1 Rs 16.33). Desacato ao Senhor Deus e perversidade grosseira chegaram ao seu ponto culminante. Isso fica mais evidente do seguinte texto: “Em seus dias, Hiel, o betelita, edificou a Jericó” (v. 34). Isso foi uma terrível insolência, porque no passado já tinha sido escrito: “Naquele tempo, Josué fez o povo jurar e dizer: Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas” (Js 6.26). A reconstrução da amaldiçoada Jericó era uma visível provocação a Deus.

Ora, foi em meio a essa escuridão espiritual e degradação que se apresenta no palco da ação pública, com brusca dramaticidade, uma solitária mas impressionante testemunha do Deus vivo. Um famoso comentarista iniciou as suas observações a respeito de 1 Reis 17 dizendo o seguinte: “O mais ilustre profeta, Elias, foi levantado no reino do mais perverso dos reis de Israel”. Esse é um breve mas exato resumo da situação de Israel naquele tempo: não apenas isso, mas isso fornece a chave para tudo o que se segue. É de fato lamentável contemplar as terríveis condições que prevaleciam. Havia-se extinguido toda e qualquer luz, havia-se silenciado toda e qualquer voz de testemunho da parte de Deus. A morte espiritual havia-se espalhado sobre tudo, e parecia que Satanás tinha de fato conseguido dominar a situação.

“Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1 Rs 17.1). Deus, triunfantemente, agora levanta uma poderosa testemunha para Si mesmo. Elias nos é aqui apresentado da forma mais abrupta. Não há registro da sua parentela nem de como ele vivia. Não sabemos nem a que tribo ele pertencia, apesar de que o fato de que ele era “dos habitantes de Gileade” indique provavelmente que ele pertencia ou a Gade ou a Manassés, porque Gileade se encontrava entre essas duas tribos. “Gileade se situa ao leste do Jordão: era região deserta e rude; suas colinas estavam cobertas de florestas desordenadas; seus terríveis lugares ermos somente eram interrompidos pelo súbito aparecimento dos riachos das montanhas; seus vales costumavam ser freqüentados por ferozes feras selvagens”.

Como indicamos acima, Elias nos é apresentado na narrativa divina de uma forma estranha, sem que nos seja dito nada sobre os seus ancestrais ou sobre a sua vida pregressa. Cremos que há uma *razão típica* porque o Espírito não fez nenhuma referência às origens de Elias. Como Melquisedeque, o início e o fim desta história está envolto em mistério sagrado. Da mesma forma que a ausência de qualquer menção do nascimento e da morte de Melquisedeque foi divinamente planejado para prenunciar o eterno Sacerdócio e Majestade de Cristo, assim o fato de que nada sabemos sobre o pai e a mãe de Elias, e depois o fato de que ele foi sobrenaturalmente trasladado deste mundo sem passar pelos portais da morte, marcam Elias como o precursor típico do eterno Profeta. Dessa forma, a omissão desses detalhes prefiguram a *eternidade* do ofício *profético* de Cristo.

O fato de sermos informados que Elias “era dos habitantes de Gileade” sem dúvida foi registrado como uma informação adicional sobre o seu treinamento natural — algo que sempre exerce poderosa influência na formação do caráter. O povo daquela região montanhosa refletia a natureza do seu ambiente: eles eram ásperos, toscos, solenes e austeros, moravam em rudes vilas e subsistiam cuidando rebanhos de ovelhas. Enrijecido pela vida ao ar livre, vestido de pele de camelo,

acostumado a passar a maior parte do tempo sozinho, possuidor de robusta força que o capacitava a suportar grande esforço físico, Elias apresentaria marcante contraste com os moradores da cidade nas terras baixas dos vales, e mais especificamente ele se distinguiria dos mimados cortesãos do palácio.

Não temos meios de saber que idade Elias tinha quando o Senhor lhe concedeu a primeira e pessoal revelação de Si mesmo, como também não temos informação sobre o seu treinamento religioso na mocidade. Mas há uma sentença num próximo capítulo que nos capacita a formar uma ideia definida do calibre espiritual do homem — “Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos” (1 Rs 19.10). Essas palavras não podem significar menos do que isto: ele tinha profundo amor e preocupação com a glória de Deus, e a glória do *Seu* nome significava para ele mais do que qualquer outra coisa. Em consequência, ele devia estar sofrendo profundamente e cheio de santa indignação à medida que ficou sabendo mais e mais das terríveis características e da extensão da deserção de Israel para com Jeová.

Há pouca dúvida de que Elias devia estar inteiramente familiarizado com as Escrituras, especialmente os primeiros livros do Antigo Testamento. Ele conhecia o quanto o Senhor tinha feito por Israel, os sinais do Seu favor. Ao conferir isso, ele deve ter ansiado que eles O agradassem e O glorificassem. Mas quando ficou sabendo que isso estava completamente ausente, e à medida que as notícias chegavam até ele do que estava acontecendo no outro lado do Jordão, à medida que ficava sabendo como Jezabel havia derribado os altares de Deus, matado os Seus servos, e os havia substituído pelos sacerdotes idólatras pagãos, sua alma deve ter-se enchido de horror e seu sangue ferveu de indignação, porque ele era “zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos”. Quem dera que mais dessa indignação justa nos enchesse e inflamasse hoje!

Provavelmente, a questão que mais atormentava Elias era a seguinte: “Como é que eu devo agir?” O que é que ele, um rude e inculto filho do deserto, poderia fazer? Quanto mais pensava nisso,

mais difícil deve ter parecido a situação; e sem dúvida Satanás deve ter soprado em seu ouvido: “Você não pode fazer nada; a situação não tem solução”. Mas havia uma coisa que ele podia fazer: entregar-se àquele grande recurso reservado a todas as almas profundamente atormentadas — ele podia *orar*. E ele o fez: conforme Tiago 5.17 nos informa, ele orou “com instância”. Ele orou porque estava persuadido de que o Senhor Deus vivia e governava todas as coisas. Ele orou porque reconheceu que Deus é todo-poderoso e que com Ele todas as coisas são possíveis. Ele orou porque sentiu sua própria fraqueza e insuficiência e por isso voltou-se Àquele que é revestido de poder e é infinitamente auto-suficiente.

Mas, para ser eficiente, a oração tem de firmar-se na Palavra de Deus, visto que sem fé é impossível agradar a Deus, e a fé “é (vem) pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17 — RC). Ora, havia uma passagem específica nos livros das Escrituras daquela época que parece ter chamado a atenção de Elias: “Guardai-vos não suceda que o vosso coração se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos prostreis perante eles; que a ira do SENHOR se acenda contra vós outros, e feche ele os céus, e não haja chuva, e a terra não dê a sua messe” (Dt 11.16,17). Era exatamente esse o crime do qual Israel era agora culpado: eles tinham se desviado para adorar deuses falsos. Suponhamos, então, que Deus não executasse esse juízo ameaçador — não pareceria de fato que Jeová não passava de um mito, uma tradição morta? E Elias era “em extremo zeloso pelo Senhor dos Exércitos”, e somos informados que ele “orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra” (Tg 5.17). Por meio disso, aprendemos mais uma vez o que é a verdadeira oração: é a fé que se agarra à Palavra de Deus, alegando-a diante dEle, e dizendo: “faze como falaste” (2 Sm 7.25).

Ele “orou, com instância, para que não chovesse”. Será que algum dos leitores está pensando: “Que oração terrível”? Então lhe perguntamos: Não era mais terrível ainda que os favorecidos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó desprezassem e se afastassem do Senhor Deus e grosseiramente O insultassem ao adorar Baal? Pretendiam eles que o Deus triúno fechasse os olhos a essas

barbaridades? Seria possível calcar aos pés as Suas leis justas sem sofrer as consequências? Deveria Ele recusar-Se a impor os seus justos castigos? Qual seria a ideia que os homens haveriam de conceber do caráter de Deus se Ele desconsiderasse essa provocação visível contra Si mesmo? Que as Escrituras nos respondam: “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8.11). Sim, e não somente isso, mas como Deus declara: “Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te arguirei e porei tudo à tua vista” (SI 50.21).

Ah, leitor, há uma coisa muito pior do que a calamidade física e o sofrimento; é a delinquência moral e a apostasia espiritual. É lamentável que isso seja tão pouco percebido em nossos dias! O que são os crimes contra o homem em comparação com os soberbos pecados contra Deus? Da mesma forma, o que são os revezes de uma nação se comparados com a perda do favor de Deus? O fato é que Elias tinha um verdadeiro senso de valores: ele era “muito zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos”, e por isso orou, com instância, para que não chovesse. Doenças graves requerem medidas drásticas. E à medida que orava, Elias obteve certeza de que a sua petição estava sendo atendida, e que ele tinha de ir apresentar-se a Acabe. Qualquer que fosse o perigo que o profeta fosse correr, era preciso que tanto o rei como os seus súditos ficassem sabendo da direta conexão que havia entre a seca e os seus pecados que a tinham provocado.

A tarefa que Elias agora tinha diante de si não era comum, e requeria muito mais do que uma coragem comum. Para um montanhês rústico e inculto, aparecer sem convite diante de um rei que desafiava os céus, era suficiente para desanimar até o mais valente; ainda mais quando a esposa pagã desse rei não se acanhava de assassinar qualquer um que se opusesse à sua vontade. Na verdade, ela já havia matado vários dos servos de Deus. Quais eram então as probabilidades de que esse solitário gileadita escapasse com vida? “...mas o justo é intrépido como o leão” (Pv 28.1): aqueles que se acertaram com Deus nem se amedrontam com dificuldades nem se apavoram diante dos perigos.

“Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados” (SI 3.6); “Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração” (SI 27.3): essa é a espécie de bendita serenidade daqueles cuja consciência está livre de pecado e cuja confiança está posta no Deus vivo.

Havia chegado a hora de executar a sua dura tarefa, e Elias deixa seu lar em Gileade para entregar ao rei Acabe a sua mensagem de juízo. Imagine-o em sua longa e solitária jornada. O que será que lhe passava pela mente? Será que ele se lembrava da missão similar em que Moisés se envolveu, quando foi enviado pelo Senhor para entregar seu ultimato ao soberbo monarca do Egito? Bem, a mensagem que ele carregava não seria mais agradável ao degenerado rei de Israel. Contudo, lembranças desse tipo de forma nenhuma haveriam de deter ou intimidar Elias; em vez disso, o desfecho do que aconteceu a Moisés apenas haveria de fortalecer-lhe a fé. O Senhor Deus não tinha falhado para com o Seu servo Moisés; pelo contrário, tinha estendido a Sua poderosa mão em seu favor, e no final lhe concedeu pleno êxito. As maravilhosas obras de Deus no passado deveriam sempre encorajar os Seus servos e santos no presente.



Capítulo 2

Os céus trancados

“...vindo o inimigo como uma corrente de águas, o Espírito do SENHOR arvorará contra ele a sua bandeira” (Is 59.19 — RC). O que significa o inimigo vir “como uma corrente de águas”? A figura usada aqui é vívida e expressiva: é a figura de uma inundação incomum, que provoca a submersão da terra, implicando em perigo às propriedades e à própria vida, uma inundação que põe em risco tudo que está à sua frente. Essa é uma ilustração que descreve com muita propriedade a situação moral do mundo em geral, e de lugares específicos em diferentes períodos da história. Repetidas vezes um dilúvio de maldade irrompe, uma inundação de proporções tais que se tem a impressão de que Satanás triunfa sobre tudo o que é santo que lhe faça oposição; quando, por meio de uma inundação de idolatria, impiedade e iniquidade, a causa de Deus sobre a terra parece estar em iminente perigo de ser totalmente devastada.

“...vindo o inimigo como uma corrente de águas, ...” Um breve olhar de relance no contexto já nos revela o que significa essa expressão. “... esperamos pela luz, e eis que só há trevas; pelo resplendor, mas andamos em escuridão. Apalpamos as paredes como

cegos; sim, como os que não têm olhos, andamos apalpando ... Porque as nossas transgressões se multiplicaram perante ti, e os nossos pecados testificam contra nós ... como o prevaricar, {ou transgredir e negar o Senhor} e o mentir contra o SENHOR, e o retirarmo-nos do nosso Deus, e o falar de opressão e rebelião, e o conceber e expectorar do coração palavras de falsidade. Pelo que o juízo se tomou atrás, e a justiça se pôs longe, porque a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a equidade não pode entrar. Sim, a verdade desfalece, e quem se desvia do mal arrisca-se a ser despojado” (Is 59.9-15 — RC). No entanto, quando o diabo introduz uma inundação de enganos mentirosos, e o desrespeito à lei de Deus passa a predominar, o Espírito de Deus intervém e frustra o perverso propósito de Satanás.

Os versículos sagrados citados acima descrevem com precisão as terríveis condições que prevaleciam em Israel sob o reinado de Acabe e da sua esposa pagã Jezabel. Por causa das suas múltiplas transgressões, Deus havia entregado o povo à cegueira e escuridão, e um espírito de engano e loucura tomou conta dos seus corações. Em consequência, a verdade se afastou das ruas — brutalmente pisoteada pelas massas. A idolatria se tomou a religião deles: a adoração de Baal era a ordem do dia: a perversidade vicejava por todo lado. O inimigo havia chegado como um verdadeiro dilúvio, e parecia não haver mais nenhuma barreira que pudesse conter os seus efeitos. Foi então que o Espírito do Senhor ergueu uma bandeira contra ele, descontente com os pecados do povo, e havia de visitar os pecados deles. Essa bandeira celestial foi erguida pela mão de Elias.

Deus nunca deixou de conservar testemunhas dEle na terra. Nas mais negras épocas da história humana, o Senhor sempre levantou e manteve um testemunho para Si mesmo. Nem perseguição nem corrupção puderam exterminá-las. Nos dias dos antediluvianos, quando a terra estava cheia de violência, e toda a carne tinha corrompido seu caminho, Jeová tinha um Enoque e um Noé como Seus porta-vozes. Quando os hebreus foram reduzidos a miserável escravidão no Egito, o Altíssimo enviou Moisés e Arão como Seus embaixadores, e em cada período subsequente na história deles, um

profeta após o outro lhes foi enviado. Assim também tem sido através de todo o curso da cristandade: nos dias de Nero, nos tempos de Carlos Magno, e mesmo na Idade das Trevas — apesar da incessante oposição do papado — a lâmpada da verdade não se apagou nunca. E assim aqui em 1 Reis 17 nós vemos novamente a imutável fidelidade de Deus à Sua aliança, trazendo à cena alguém zeloso por Sua glória e que não temia denunciar os Seus inimigos.

Havendo já considerado o sentido da função específica desempenhada por Elias, e tendo mostrado a sua misteriosa personalidade, vamos agora considerar o significado do *seu nome*. O profeta possuía um nome admirável, rico em significado. Elias pode ser traduzido como “Deus é Jeová” ou “Jeová é meu Deus”. A nação apóstata havia adotado Baal como a sua divindade, mas o nome do nosso profeta proclamava o verdadeiro Deus de Israel. A julgar pela analogia das Escrituras, podemos concluir com segurança que esse nome havia sido dado a ele por seus pais, provavelmente sob impulso profético ou em consequência de orientação divina. Para aqueles que estão familiarizados com a Palavra de Deus, essa não é nenhuma ideia estranha. Lameque chamou seu filho de Noé, dizendo: “Este nos consolará (ou: nos dará descanso) dos nossos trabalhos” (Gn 5.29) — “Noé” significa “descanso” ou “consolo”. José deu aos seus filhos nomes que expressavam as providências particulares de Deus para com ele (Gn 41.51,52). O nome que Ana deu a seu filho (1 Sm 1.20), e os que a esposa de Fineias deu aos dela (1 Sm 4.19-22) também ilustram o que estamos afirmando.

Podemos observar que o mesmo princípio se confirma com respeito a muitos *lugares* mencionados nas Escrituras: Babel (Gn 11.9); Berseba (Gn 21.31); Massá e Meribá (Êx 17.7); e Cabul (1 Rs 9.13) são exemplos característicos; de fato, ninguém que deseja entender os escritos sagrados pode dar-se ao luxo de negligenciar uma atenção cuidadosa aos nomes próprios. Essa importância recebe confirmação no exemplo do próprio Senhor, pois quando ordenou ao cego que se lavasse no tanque de Siloé, imediatamente foi acrescentado: “(que quer dizer Enviado)” (Jo 9.7). Novamente,

quando Mateus registra a ordem dada pelo anjo a José de que o Salvador deveria ser chamado Jesus, o Espírito o moveu a acrescentar o significado desse maravilhoso nome: “E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL *traduzido é: Deus conosco*)” (1.21-23). Compare também as expressões “que quer dizer” e “se interpreta” em Atos 4.36 e em Hebreus 7.1,2.

Dessa forma, vemos que o exemplo dos apóstolos nos autoriza a extrair instrução dos nomes próprios (talvez não todos, mas há muitos que contêm importantes verdades). Contudo, isso precisa ser feito com moderação e de acordo com a analogia das Escrituras, e não com dogmatismo ou com o propósito de estabelecer alguma nova doutrina. Toma-se imediatamente claro como é apropriada a forma por que o nome Elias corresponde à missão do profeta e à sua mensagem. E como a consideração disso deve tê-lo encorajado! Podemos também juntar ao seu extraordinário nome o fato de que o Espírito Santo designou Elias como “o tesbita”, o que muito significativamente quer dizer *aquele que é estrangeiro aqui*. Também temos de perceber um detalhe adicional que ele era “dos habitantes de Gileade”, cujo nome significa *rochoso* — por causa das características montanhosas daquele país. É sempre alguém assim que Deus levanta e usa numa hora crítica: um homem que seja totalmente dEle, separado da perversidade religiosa do seu tempo, e que habita lá no alto; um homem que, no meio de terrível decadência, sustenta no coração o testemunho de Deus.

“Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1 Rs 17.1). Esse evento memorável ocorreu cerca de oitocentos e sessenta anos antes do nascimento de Cristo. Há poucos exemplos, na história sagrada, de tal subitaneidade, tamanha ousadia, e

caráter impressionante. Sem aviso prévio e desacompanhado, um homem simples, vestido de roupa humilde, surge diante do rei apóstata de Israel como o mensageiro de Jeová e como arauto de um terrível juízo. Ninguém da corte sabia muita coisa sobre ele, isto se alguém sabia qualquer coisa, porque ele simplesmente emergiu da obscuridade de Gileade para colocar-se à frente de Acabe com as chaves dos céus nas mãos. É assim que Deus utiliza muitas vezes as testemunhas da Sua verdade. Elas vêm e vão atendendo ao Seu comando: não surgem das fileiras dos influentes nem dos estudados. Não são produto do sistema deste mundo, nem o mundo lhes põe coroa de louros na testa.

“Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra”. Há muito mais nessa expressão “como vive o SENHOR, Deus de Israel” do que conseguimos perceber à primeira vista. Repare que não é simplesmente “O Senhor Deus vive”, mas “o Senhor Deus de Israel”, que também deve ser diferenciado do termo mais amplo “o Senhor dos Exércitos”. São pelo menos três coisas que estão em destaque nessa expressão. Primeiro, “o Senhor Deus de Israel” põe uma particular ênfase no relacionamento especial dEle com a nação favorecida: Jeová é o Rei deles, o seu Soberano, Aquele a quem haverão de prestar contas, Aquele com quem entraram em solene aliança. Segundo, Acabe é informado, por meio dessa expressão, que Ele *vive*. Esse tremendo fato sem dúvida nenhuma estava recebendo especial atenção. Durante o reinado de um rei após o outro, Israel havia zombado e desafiado abertamente a Jeová, e nenhuma consequência séria havia seguido esses pecados; e dessa forma havia se estabelecido a falsa idéia de que o Senhor não existia de fato. Terceiro, essa declaração: “o Senhor Deus de Israel vive” apontava um tremendo contraste entre os ídolos sem vida, cuja impotência agora se tomava evidente — incapazes de defender da ira de Deus os seus iludidos devotos.

Ainda que, por sábias razões que somente Ele conhece, Deus “suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a

perdição” (Rm 9.22), contudo Ele fornece claras e suficientes provas por toda parte da história humana que Ele, mesmo agora, governa os perversos e que é o vingador do pecado. Era isso que Deus estava comprovando a Israel naquele momento. Não obstante a paz e a prosperidade que o reino gozava há longo tempo, o Senhor estava grandemente irado com a maneira grosseira com que era publicamente insultado, e havia chegado o tempo em que Ele castigaria severamente o povo rebelde.

Em consequência disso, Ele enviou Elias até Acabe para anunciar a natureza e a duração do Seu castigo. É digno de nota que o profeta chegou com sua aterrorizante mensagem inspirada não para o povo, mas para o próprio rei — o cabeça responsável, aquele que tinha em seu poder as condições de retificar o que estava errado por meio do banimento dos ídolos de entre os seus territórios.

Elias foi agora chamado para entregar uma mensagem extremamente desagradável ao homem mais poderoso de todo o Israel; mas, consciente de que Deus estava com ele, não recuou diante de tal tarefa. Confrontando Acabe repentinamente, Elias tomou evidente que não tinha medo do rei, apesar da posição deste. As suas primeiras palavras informaram ao degenerado monarca de Israel que ele teria de se haver com o Deus vivo. “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel” foi uma verdadeira confissão de fé do profeta, como também chamou a atenção Àquele que Acabe havia renegado. “... perante cuja face estou” (ou seja, de Quem eu sou servo — cfe. Dt 10.8; Lc 1.19): em cujo Nome eu me aproximo de ti, em cuja veracidade e poder eu obedientemente confio, em cuja inefável presença eu estou consciente de que estou agora, e a Quem eu tenho orado e de Quem obtive resposta.

“...nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra”. Que terrível panorama era esse! Por meio da expressão “as primeiras e as últimas (chuvas)” (Dt 11.14; Jr 5.24), inferimos que, normalmente, a Palestina tinha uma estação seca de vários meses de duração: mas embora não caísse a chuva nesse período,

um orvalho descia à noite, e refrescava grandemente a vegetação. Mas nem orvalho nem chuva para cair, e isso por um período de anos, era de fato um terrível juízo. A terra tão rica e fértil, a ponto de ser chamada de terra que “mana leite e mel”, com rapidez se tornaria árida e estéril, gerando fome, pestilência e morte. E quando Deus retém a chuva, não há ninguém que a possa criar. “Acaso, haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover?” (Jr 14.22) — como isso revela a completa impotência dos ídolos, e a loucura daqueles que os reverenciam!

A difícil prova enfrentada por Elias, ao confrontar Acabe, entregando uma mensagem desse calibre, exigiu uma força moral incomum. Isso se toma mais evidente se dirigirmos nossa atenção a um detalhe que parece ter passado completamente despercebido aos comentaristas, detalhe que só se percebe por meio de cuidadosa comparação de Escritura com Escritura. Elias disse ao rei: “...nem orvalho nem chuva haverá nestes anos ...”; ao passo que, em 1 Reis 18.1, lemos o seguinte: “Muito tempo depois, veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra”. Por outro lado, Cristo declarou: “Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos *e seis meses*, reinando grande fome em toda a terra” (Lc 4.25). Como explicaremos, então, esses seis meses extras? Da seguinte forma: quando Elias foi à presença de Acabe, *já haviam transcorrido* seis meses de seca. Podemos bem imaginar quão furioso ficou o rei quando informado que a terrível seca ainda perduraria por mais três anos!

Sim, a desagradável tarefa à frente de Elias requeria resolução incomum e ousadia, e podemos com razão perguntar: Qual era o segredo da sua coragem extraordinária; a que podemos atribuir a sua força? Alguns rabinos judeus argumentam que ele era um anjo, mas isso não pode ser, visto que o Novo Testamento nos informa claramente que ele era “homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5.17). Sim, ele não era mais que “um homem”, e apesar disso não tremeu na presença de um monarca. Embora fosse

homem, tinha contudo o poder de fechar as janelas dos céus, e secar as fontes da terra. Mas a questão permanece: Como se explica a total confiança com que ele prenunciou a prolongada seca, a segurança de que tudo aconteceria conforme a sua palavra? Como foi que alguém tão frágil em si mesmo tomou-se poderoso em Deus a ponto de destruir fortalezas?

Sugerimos uma tripla razão para o segredo da força de Elias. Primeiro, *as suas orações*. “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu” (Tg 5.17). Que fique bem claro que o profeta não começou as suas ferventes súplicas *depois* de aparecer diante de Acabe, mas seis meses antes! Aqui, então, reside a explicação da sua certeza e ousadia diante do rei. A oração privada era a fonte do seu poder em público: ele pôde permanecer imperturbável na presença do perverso monarca porque havia se ajoelhado em humildade diante de Deus. Mas também repare com cuidado que o profeta “orou com instância”: a sua devoção não era estéril, formal nem apática, mas era de todo o coração, fervente e eficaz.

Em segundo lugar, *o seu conhecimento de Deus*. Isso é claramente sugerido nas palavras que ele dirige a Acabe: “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel”. Jeová era para ele uma viva realidade. Por todos os lados, havia cessado o reconhecimento da existência de Deus. Até onde se podiam observar as aparências externas, não havia uma alma em Israel que acreditasse na Sua existência. Mas Elias não era influenciado pela opinião e prática do público. E por que seria, se ele tinha no próprio peito uma experiência que o capacitava a dizer como Jó: “Eu sei que o meu Redentor vive!”¹ Nem a infidelidade nem o ateísmo dos outros consegue abalar a fé daquele que percebeu Deus por si mesmo. É isso que explica a ousadia de Elias, e foi isso que posteriormente provocou a intransigente

¹Jó 19.25.

fidelidade de Daniel e seus três amigos hebreus. Aquele que conhece a Deus de fato é forte (Dn 11.32), e não teme o homem.

Em terceiro lugar, *a sua consciência da presença de Deus*. “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou”. Elias não somente estava seguro da realidade da existência de Jeová, mas também estava consciente de estar na Sua presença. Embora estivesse diante da pessoa de Acabe, o profeta sabia que estava na presença de Alguém infinitamente maior do que qualquer monarca terreno, Aquele diante de quem os mais altos anjos se curvam em respeitosa adoração. O próprio Gabriel não tinha declaração maior do que essa para fazer (Lc 1.19). Ah, meu leitor, uma bendita segurança como essa nos transporta acima de todo medo. Se o Altíssimo estava com ele, por que deveria o profeta tremer diante de um verme da terra! O Senhor Deus de Israel vive: “perante cuja face estou” claramente revela o fundamento em que repousava a alma de Elias, à medida que desempenhava a sua desagradável tarefa.



Capítulo 3

O ribeiro Querite

“Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu” (Tg 5.17). Elias aqui nos é apresentado como exemplo do que pode ser realizado por meio da súplica fervorosa “do justo” (v. 16). Ah, meu leitor, atente bem para o termo usado, pois não é qualquer homem, nem mesmo qualquer cristão, que obtém respostas definidas às suas orações. Longe disso! “O justo” é aquele que está certo com Deus na prática: alguém cuja conduta é agradável à Sua vista, alguém que mantém suas vestes limpas da contaminação do mundo, que está afastado da perversidade religiosa, pois não há maldade no mundo que desonre tanto a Deus e Lhe desagrade tanto como a perversidade religiosa (veja Lc 10.12-15; Ap 11.8). Alguém assim conta com os ouvidos do Céu, pois não há barreira moral entre a sua alma e o Deus que odeia o pecado. “... e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1 Jo 3.22).

Ele “orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra”. Que petição terrível para apresentar diante da Majestade no céu! Era

incalculável a privação e o sofrimento que a resposta a essa oração havia de acarretar! A bela terra da Palestina se transformaria num deserto árido e estéril, e os seus habitantes seriam arruinados por uma prolongada fome com todos os horrores que acompanham esse fenômeno. Seria o caso, então, que esse profeta era um estoico frio e insensível, sem afeição natural? De forma nenhuma! O Espírito Santo tomou o cuidado de nos informar nesse mesmo versículo que ele era “homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos”, e isso é mencionado imediatamente antes de registrar a sua terrível petição. E o que significa essa descrição nesse contexto? Significa que, embora Elias fosse dotado de temos sentimentos e calorosa consideração pelos seus semelhantes, contudo em suas orações ele se elevou acima de todo sentimentalismo camal.

Por que razão Elias orou “para que não chovesse”? Não foi porque ele não se deixava influenciar pelo sofrimento humano, nem porque tivesse um perverso prazer em testemunhar a miséria dos seus vizinhos, mas sim porque ele punha a *glória de Deus* antes de qualquer outra coisa, até mesmo antes dos seus sentimentos naturais. Recorde o que afirmamos num dos capítulos anteriores a respeito das condições espirituais que prevaleciam naquela época em Israel. A situação não era apenas a ausência do reconhecimento público de Deus; não, de norte a sul, de leste a oeste, em toda extensão da terra, em todo lado, Ele era abertamente insultado e desafiado pelos adoradores de Baal. Diariamente, a maré da iniquidade subia mais e mais, até ao ponto de ter agora varrido tudo diante de si. E Elias era “muito zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos” (19.10 — RC) e desejava ver o Seu grande Nome defendido e o Seu povo apóstata restaurado. Assim, foi a glória de Deus e o verdadeiro amor a Israel que moveram a sua petição. E o que significa essa descrição nesse contexto? Significa que, embora Elias fosse dotado de temos sentimentos e calorosa consideração pelos seus semelhantes, contudo em suas orações ele se elevou acima de todo sentimentalismo camal.

Eis, então, o que caracteriza “o justo” cujas orações são bem-sucedidas diante de Deus: embora ele seja alguém de temos afetos,

contudo põe a honra do Senhor antes de qualquer outra consideração. E Deus prometeu: “aos que me honram, honrarei” (1 Sm 2.30). Contudo, quão frequentemente são verdade a nosso respeito as seguintes palavras: “pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.3). Nós “pedimos mal” quando influenciados por sentimentos naturais, quando motivos carnis nos movem, quando considerações egoístas nos impulsionam. Mas como era diferente o caso de Elias! Ele estava profundamente agitado com as terríveis indignidades contra o seu Senhor e desejava ver outra vez restabelecido a Ele o lugar de direito em Israel. “... e, por três anos e seis meses, não choveu”. O profeta não se viu desapontado em seu objetivo. Deus nunca Se recusa a agir quando a fé Se dirige a Ele no terreno da Sua própria glória, e claramente era nesse terreno que Elias Lhe havia dirigido as suas súplicas.

“Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16). Foi ali, junto a esse bendito trono, que Elias obteve a força de que tanto precisava naquela hora. Ele não tinha sido chamado somente para manter suas próprias vestes limpas do mal que o cercava, mas também foi chamado a exercer uma santa influência sobre os outros, a agir por Deus numa época degenerada, a empreender um sério esforço para trazer de volta o povo ao Deus dos seus antepassados. Quão indispensável, então, que ele obtivesse a graça do Único que podia habilitá-lo para esse empreendimento difícil e perigoso: era somente dessa forma que ele mesmo se veria liberto do mal, e somente dessa forma ele poderia esperar tomar-se instrumento para a libertação dos outros. Equipado, dessa forma, para o conflito, tomou o caminho do serviço, investido com o poder de Deus.

Côncio da aprovação do Senhor, certo da resposta à sua petição, consciente de que o Altíssimo estava com ele, Elias corajosamente confronta o perverso Acabe e anuncia o juízo divino sobre o seu reino. Mas façamos uma pausa por um momento, de forma que esse fato significativo penetre as nossas mentes, pois ele nos esclarece a coragem sobre-humana mostrada pelos servos de Deus em

todas as eras. O que tomou Moisés tão destemido diante de Faraó? O que fez com que o jovem Davi avançasse de encontro ao poderoso Golias? O que é que deu a Paulo a força para testificar da forma como o fez diante de Agripa? De onde obteve Lutero uma resolução tal que, “ainda que cada telha dos telhados fosse um demônio”, ele haveria de prosseguir na sua missão? Em cada um desses casos, a resposta é a mesma: eles obtiveram força sobrenatural de uma fonte sobrenatural: é somente dessa forma que podemos receber vigor para lutar contra os principados e poderes do mal.

“Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Is 40.29-31). Mas onde é que Elias aprendeu essa importantíssima lição? Não foi nalgum seminário ou escola bíblica, pois se houvesse alguma instituição dessas naquele tempo, com certeza estaria como algumas delas estão em nossos próprios tempos degenerados — nas mãos dos inimigos do Senhor. Nem mesmo podem as escolas da ortodoxia transmitir esse tipo de segredo. Até mesmo os santos homens de Deus não podem ensinar a si mesmos essa lição, quanto mais transmiti-la aos outros. Ah, meu leitor, da mesma forma que foi “para trás do deserto” (Êx 3.1— BRA) que o Senhor apareceu a Moisés e o comissionou, assim também ocorreu na solidão de Gileade. Elias comungou com Jeová e foi por Ele treinado para essas árduas tarefas. Ali ele teve de esperar no Senhor, e ali ele obteve força para o seu serviço.

Ninguém a não ser o Deus vivo pode dizer eficazmente a Seu servo: “não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel” (Is 41.10). Dessa forma, assegurado da presença consciente do Senhor, o Seu servo avança “intrépido como o leão”², sem temer o homem, conservado em perfeita calma no meio das mais

² Provérbios 28.1 .

diffíceis circunstâncias. Foi nesse espírito que o tisbita confrontou Acabe: “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou”. Mas quão pouco sabia aquele monarca apóstata dos treinamentos secretos da alma do profeta antes que ele chegasse para dirigir-se à sua consciência! “...nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a *minha* palavra”. Isso tudo é muito impressionante e santo. O profeta falou com a maior segurança e autoridade, pois ele estava entregando a mensagem de Deus — o servo identificando-se com o seu Senhor. Esse deveria sempre ser o comportamento do ministro de Cristo: “nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto”³.

“Veio-lhe a palavra do SENHOR” (1 Rs 17.2). Que maravilha! Contudo, temos de considerar isso à luz do versículo anterior. Dali aprendemos que Elias desempenhou fielmente a sua comissão, e aqui encontramos o Senhor falando outra vez ao Seu servo. Disso tudo estimamos esta nova fala como uma graciosa recompensa daquilo que ocorreu antes. Esse é sempre o caminho do Senhor; Ele Se deleita em comungar com aqueles que se deleitam em cumprir a Sua vontade. É um assunto grandemente proveitoso, estudar esse princípio através das Escrituras. Deus não garante novas revelações até que se obedeça àquelas *já recebidas*. Podemos ver um exemplo disso no princípio da vida de Abraão. “Ora, disse o SENHOR a Abrão: ... vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12.1). Em vez disso ele foi apenas até a metade do caminho e se estabeleceu em Harã (11.31); somente quando ele saiu dali e obedeceu por completo, é que Deus novamente lhe apareceu (12.4-7).

“Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão” (1 Rs 17.2,3). Vemos exemplificada aqui uma importante verdade prática. Deus dirige os Seus servos passo a passo. Isso tem de ser assim, pois o caminho que eles são chamados a seguir é o caminho da fé, e a fé se opõe tanto à vista como à independência.

³ João 3.11.

Não é o caminho do Senhor revelar-nos o percurso todo que temos de seguir. Em vez disso, Ele restringe a Sua luz a um passo por vez, a fim de que sejamos conservados em continua dependência dEle. Essa é uma das mais salutares lições, contudo é uma que a carne está longe de apreciar, especialmente naqueles que naturalmente são enérgicos e zelosos. Antes que deixasse Gileade para dirigir-se a Samaria para entregar sua solene mensagem, o profeta sem dúvida devia pensar o que haveria de fazer assim que a tivesse entregado. Mas *isso* não era problema dele, naquela hora. Ele estava para obedecer à ordem de Deus e deixou com Ele a responsabilidade de mostrar-lhe o que fazer em seguida.

“Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3.5,6). Ah, meu leitor, se Elias tivesse se apoiado em seu próprio entendimento, com certeza ocultar-se junto ao ribeiro Querite teria sido a última coisa que ele teria escolhido fazer. Tivesse seguido seus instintos, sim, tivesse ele feito aquilo que a seus olhos parecia trazer mais glória a Deus, não teria ele começado uma jornada de pregações pelas cidades e vilas de Samaria? Não teria ele sentido que era sua sagrada obrigação fazer tudo ao seu alcance com o fim de despertar a consciência adormecida do público, de forma que as pessoas — horrorizadas com a idolatria prevalecente — faria pressão contra Acabe para que ele pusesse um fim naquilo tudo? Mas não era isso que Deus queria que ele fizesse. Qual, então, é a conexão do raciocínio e das inclinações naturais com as coisas de Deus? Nenhuma.

“Veio-lhe a palavra do SENHOR”. Repare que não está escrito: “Foi-lhe revelada, então, a *vontade* do SENHOR” ou “tomou-se-lhe conhecida a *mente* de Deus”. Queremos dar ênfase especial a esse detalhe, pois é um ponto em que há muita confusão hoje. Há muitos que mistificam o assunto por meio de palavreado piedoso a respeito de “obter a mente do Senhor” ou “descobrir a vontade de Deus” para si, o que, se o analisarmos cuidadosamente, não resulta em nada mais do que uma vaga incerteza ou nalguma impressão muito

pessoal. A “mente” ou a “vontade” de Deus, meu leitor, nós a conhecemos na *Sua Palavra*, e Ele nunca jamais “quer” alguma coisa para nós que de alguma forma (por mínima que seja) vá de encontro a essa Regra celestial. Mudemos a ênfase, agora. Repare que a Palavra do Senhor veio a *ele*. Não foi necessário que ele fosse atrás para procurá-la! (Veja Dt 30.11-14).

E que “palavra” foi essa que veio até Elias! “Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão” (1 Rs 17.3). De fato, os pensamentos e os caminhos de Deus são inteiramente diferentes dos nossos. Sim, e somente Ele pode manifestá-los (SI 103.7) a nós. É quase cômico ver como alguns comentaristas se têm desviado do caminho nesse ponto, pois quase todos eles dizem que a ordem de Deus tinha como objetivo prover *proteção* para o Seu servo. À medida que prosseguia a seca mortífera, crescia mais e mais a confusão de Acabe, e, à medida que ele se lembrava das palavras do profeta de que não haveria nem orvalho nem chuva de acordo com a sua palavra, seu ódio contra o profeta não conhecia limites: Elias, então, precisava de um refúgio se é que a sua vida tinha de ser preservada. Contudo Acabe não tentou matá-lo na próxima vez em que se encontraram (1 Reis 18.17-20)! Se alguém argumentar: “Isso foi porque a mão restritiva de Deus se manifestou sobre o rei”, concordaremos plenamente, e perguntaremos: “E Deus não era capaz de reprimir o rei também durante esse intervalo todo?”

Não, a razão dessa ordem do Senhor ao Seu servo tem de ser procurada nalgum outro lugar, e com certeza isso não é difícil de ser averiguado. Se todos concordamos que a dádiva da Palavra e do Espírito Santo para aplicá-la é a maior dádiva que um povo pode receber, e que logo em seguida, vem o envio dos Seus servos capacitados, concordaremos que possivelmente a maior calamidade que pode se abater sobre alguma terra é Deus retirar dali aqueles que Ele designou para ministrar às almas. Dessa forma, desaparece toda incerteza. A seca que se abateu sobre o reino de Acabe foi um castigo de Deus, e em harmonia com isso Deus ordenou ao profeta: “Vá para longe daqui”. A remoção do ministério da Sua verdade é um claro sinal

do desagrado de Deus, uma indicação de que Ele está lidando em juízo com um povo que O provocou à ira.

É importante destacar que a palavra hebraica traduzida como “esconde-te” (1 Rs 17.3) é totalmente diferente da que se encontra em Josué 6.17,25 (quando Raabe esconde os espias) e em 1 Reis 18.4,13. A palavra usada com relação a Elias poderia ser mais bem traduzida assim: “volta-te para o oriente e *ausenta-te*”, como aparece em Gênesis 31.49. Já nos tempos antigos o salmista havia perguntado: “Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto” (74.1). E o que é que o levou a fazer essa triste pergunta? O que havia acontecido para que ele percebesse que a ira de Deus ardia contra Israel? Isto: “Deitam fogo ao teu santuário; ... Queimaram todos os lugares santos de Deus na terra. Já não vemos os nossos símbolos; *já não há profeta*” (w. 7-9). A remoção dos meios públicos de graça era o claro sinal do desagrado de Deus.

Ah, meu leitor, por menos que isso seja entendido hoje em dia, não há prova maior e mais solene de que Deus está ocultando a Sua face de um povo ou de uma nação do que quando Ele os priva das inestimáveis bênçãos daqueles que fielmente ministram a eles a Sua santa Palavra, pois assim como as misericórdias celestes excedem as terrenas, assim também as calamidades espirituais são muito mais terríveis do que as materiais. O Senhor declarou através de Moisés: “Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a relva e como gotas de água sobre a erva” (Dt 32.2). E agora todo orvalho e toda chuva seriam negados da terra de Acabe, não apenas do mundo físico, mas também do espiritual. Aqueles que ministravam a Sua Palavra foram removidos da cena de ação pública (cf. 1 Rs 18.4).

Se for necessária outra prova de que é bíblica a nossa interpretação de 1 Reis 17.3, remetemos o leitor ao seguinte texto: “Embora o Senhor vos dê pão de angústia e água de aflição, contudo, *não se esconderão mais os teus mestres*; os teus olhos verão os teus mestres” (Is 30.20). O que poderia ser mais claro do que isso? Visto

que o Senhor esconder os Seus mestres era a pior perda que o Seu povo podia sofrer; aqui Ele lhes diz que a Sua ira seria temperada com misericórdia, de forma que, embora Ele lhes dê pão de adversidade e água de aflição, contudo Ele não mais os privaria daqueles que ministravam às suas almas. Finalmente, queremos lembrar ao leitor as palavras de Cristo de que havia uma “grande fome” na terra nos dias de Elias (Lc 4.25), e relacionar a essas palavras a seguinte passagem: “Eis que vêm dias, diz o SENHOR Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR. Andarão de mar a mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do SENHOR, e não a acharão” (Am 8.11,12).



Capítulo 4

O teste da fé

“Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão” (1 Rs 17.2,3). Como ressaltamos no último capítulo, não foi apenas para prover um abrigo seguro para Elias, para proteger o Seu servo da ira de Acabe e Jezabel, que Jeová deu essa ordem ao profeta, mas para comunicar o seu imenso desagrado contra o Seu povo apóstata: retirar o profeta da cena de ação pública foi um juízo adicional sobre a nação. Não podemos deixar de apontar essa trágica analogia, que hoje mais ou menos prevalece na cristandade. Durante as duas ou três últimas décadas⁴, Deus removeu alguns eminentes e fiéis servos Seus por meio da morte, e Ele não somente não os substituiu levantando outros em seu lugar, mas um número cada vez maior dos que ainda permanecem estão sendo enviados ao isolamento por Ele.

Foi tanto para a glória de Deus como para o próprio bem do profeta que o Senhor lhe ordenou: “Retira-te daqui, ... e esconde-te”. Foi um chamado à separação. Acabe era um apóstata, e a sua consorte

⁴ O Autor escreveu este livro na primeira metade do século XX.

era pagã. A idolatria abundava em toda parte. Jeová era publicamente desonrado. Era impossível que o homem de Deus tivesse simpatia ou comunhão com uma situação horrível dessas. O isolamento do mal é absolutamente essencial se quisermos nos manter “incontaminados do mundo” (Tg 1.27). Não apenas separação da maldade secular, *mas da corrupção religiosa também*. O mandamento: “E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas” (Ef 5.11) é a exigência de Deus em cada dispensação. Elias se manteve como fiel testemunha do Senhor numa época em que a nação toda se afastava dEle; e, depois de ter entregado o Seu testemunho ao cabeça responsável, o profeta tinha agora de retirar-se. Voltar as costas a tudo o que desonra a Deus é uma obrigação essencial.

Mas para onde haveria de ir Elias? Anteriormente, ele tinha habitado na presença do Senhor Deus de Israel. Ele pôde dizer: “perante cuja face estou”, quando pronunciou a sentença de juízo diante de Acabe, e ele continuaria habitando no lugar secreto do Altíssimo. O profeta não foi deixado aos seus próprios planos ou escolhas, mas foi dirigido a um lugar apontado pelo próprio Deus — fora do acampamento, longe de todo o sistema religioso. O povo degenerado de Israel chegaria a conhecê-lo apenas como uma testemunha *contra* eles. Ele não teria lugar entre eles, e não tomaria parte nem na vida social nem na vida religiosa da nação. Ele seguiria “para o oriente”: o lado de onde vêm as luzes da manhã, pois aquele que é regulado pelos preceitos de Deus “não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12). “...junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão”. O Jordão assinalava os limites da terra. Isso era uma figura da morte, e a morte espiritual, agora, pairava sobre Israel.

Mas que mensagem de esperança e conforto o “Jordão” não apresentava para aquele que andava com o Senhor! Quão apropriadamente ele falava ao coração daquele cuja fé era saudável! Não tinha sido exatamente ali que Jeová havia Se mostrado forte em favor do Seu povo nos dias de Josué? Não fora o Jordão o exato lugar que testemunhara o poder miraculoso de Deus quando Israel deixou o deserto para trás de si? Foi ali que o Senhor disse a Josué: “Hoje,

começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que, como fui com Moisés, assim serei contigo” (Js 3.7). Foi ali que “o Deus vivo” fez as águas se amontoarem (v. 13), de forma que “todo o Israel passou a pé enxuto, atravessando o Jordão” (v. 17). Eram essas coisas que, sem sombra de dúvida, enchiam a mente do tisbita quando o seu Senhor lhe ordenou para ~~esse~~ exato lugar. Se a sua fé estava sendo exercitada, o seu coração estava em perfeita paz, sabendo que um Deus que opera milagres não haveria de falhar para com ele ali.

Foi também para o próprio bem pessoal do profeta que o Senhor agora lhe ordenava “esconde-te”. Havia um outro perigo que o ameaçava, diferente da fúria de Acabe. O sucesso das suas súplicas poderia tomar-se uma armadilha, enchendo-lhe o coração de orgulho, e até mesmo endurecendo-o quanto à calamidade que desolava a terra. Anteriormente ele estava envolvido em oração secreta, e então por um breve momento ele professou uma boa confissão diante do rei. O futuro reservava-lhe, contudo, ainda mais honrado serviço, porque chegaria o dia quando ele haveria de testemunhar por Deus não apenas na presença de Acabe, mas ele frustraria os planos e derrotaria por completo as hostes de Baal e, até certo ponto pelo menos, faria com que a nação errante voltasse outra vez ao Deus dos seus pais. Mas essa hora ainda não estava pronta, nem mesmo Elias estava.

O profeta precisava de treinamento adicional para estar apto para falar outra vez por Deus em público. Ah, meu leitor, o homem que o Senhor usa tem de ser mantido bem perto do chão: ele tem de experimentar disciplina severa, a fim de que a carne seja totalmente mortificada. São necessários mais três anos de reclusão para o profeta. Quão humilhante é isso! É lamentável que o homem seja tão pouco confiável: como pode ser tão desajeitado para lidar com alguma posição de honra em que seja colocado! Quão rapidamente o ‘eu’ levanta a cabeça, e o instrumento está pronto para crer que é algo mais do que mero instrumento! Quão lamentavelmente fácil é fazer do próprio serviço que Deus nos confia um pedestal para nos projetarmos a nós mesmos. Mas Deus não reparte a Sua glória com ninguém, e por

isso Ele “esconde” aqueles que podem ser tentados a tomar para si alguma glória indevida. É somente quando somos retirados da vista do público e assumimos nosso lugar sozinhos com Deus que podemos aprender a nossa própria insignificância.

Vemos essa importante lição salientada claramente no trato de Cristo com os Seus amados apóstolos. Em certa ocasião, eles retomaram até Ele, regozijando-se com o sucesso e cheios de si mesmos. Eles “lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado” (Mc 6.30). É extremamente instrutiva a Sua resposta serena: “Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto” (v. 31). Esse continua sendo o Seu gracioso remédio para quaisquer dos Seus servos que possam se inchar com a própria importância, e imaginar que a Sua causa sobre a terra sofreria severo dano se *eles* fossem removidos do trabalho. Deus, muitas vezes, diz aos Seus servos: “Retira-te daqui, ... e esconde-te”. Às vezes o propósito de Deus se realiza na frustração das suas esperanças ministeriais, às vezes por meio da aflição de uma enfermidade que os prostra de cama, ou por meio de alguma severa privação. Feliz é aquele que, nessa ocasião, pode dizer de coração: “Seja feita a vontade do Senhor”.

Todo servo que Deus Se digna a usar precisa passar pelo teste de Querite, antes que esteja pronto para o triunfo do Carmelo. Esse é um dos princípios imutáveis dos caminhos de Deus. José sofreu as injúrias tanto da cisterna como da prisão antes de tomar-se governador de todo o Egito, abaixo apenas do próprio rei. Moisés gastou um terço da sua longa vida “atrás do deserto”⁵ antes que Jeová lhe desse a honra de liderar Seu povo para fora da casa da servidão. Davi teve de aprender a suficiência do poder de Deus no campo antes que se adiantasse para matar Golias à vista dos exércitos reunidos de Israel e dos filisteus. Assim também aconteceu com o perfeito Servo: trinta anos de reclusão e silêncio antes que começasse Seu breve ministério público. Assim também o chefe dos Seus embaixadores: um tempo na

⁵ Êxodo 3.1, RC.

solidão da Arábia foi seu aprendizado antes de tomar-se o apóstolo dos gentios.

Mas não existe algum outro ângulo do qual possamos contemplar essa aparentemente estranha ordem: “Retira-te daqui, ... e esconde-te”? Não foi isso um real e severo teste da submissão do profeta à vontade de Deus? Dizemos “severa” porque para um homem rude essa solicitação era muito mais exigente do que ir à presença de Acabe. Alguém com disposição fervorosa acharia muito mais difícil gastar três anos em reclusão inativa do que estar engajado nalgum serviço público. Este escritor pode testificar de longa e penosa experiência que, ser removido para um canto⁶ (Is 30.20), é prova muito mais severa do que dirigir-se a grandes congregações cada noite, mês após mês. No caso de Elias, essa lição é óbvia: ele precisa aprender pessoalmente a prestar obediência implícita ao Senhor antes de estar qualificado a comandar os outros em Seu nome.

Vamos agora olhar mais de perto o lugar específico que Deus selecionou como aquele onde o Seu servo haveria de residir temporariamente: “junto à torrente de Querite”. Ah, era uma torrente e não um rio — uma torrente que poderia secar a qualquer momento. É raro que Deus coloque os Seus servos, ou mesmo o Seu povo, no meio da luxúria e da abundância: estar saciado com as coisas deste mundo significa, por vezes demais, afastar as afeições do próprio Doador. “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!”⁷ É o nosso *coração* que Deus requer, e muitas vezes isso é posto à prova. A maneira como lidamos com as perdas temporais no geral manifesta a diferença entre o verdadeiro cristão e o mundano. Este último se vê totalmente aniquilado com os reveses financeiros, e frequentemente comete suicídio. Por quê? Porque se foi tudo o que era seu e nada restou pelo que viver. Em contraste, o crente genuíno pode ser severamente abalado e por algum tempo profundamente

⁶ A tradução do Autor (King James), em Isaías 30.20, usa a expressão “*into a corner*”, que traz a idéia de ser deixado nalgum canto, “deixado de escanteio”, como se diz popularmente.

⁷ Marcos 10.23.

deprimido, mas ele recobrará o equilíbrio e dirá: “Deus ainda é a minha porção e eu de nada sentirei falta”.

Em lugar de um rio, muitas vezes Deus nos dá uma torrente, a qual pode jorrar hoje e secar amanhã. Por quê? Para nos ensinar a não descansar em nossas bênçãos, mas no próprio Abençoador. Contudo, não é nesse exato ponto que tantas vezes falhamos? — nosso coração fica muito mais ocupado com as dádivas do que com o Doador. Não é exatamente essa a razão por que o Senhor não nos confia um rio? — porque isso inconscientemente tomaria o lugar dEle em nosso coração. “Mas, engordando-se o meu amado, deu coices; engordou-se, engrossou-se, ficou nédio e abandonou a Deus, que o fez, desprezou a Rocha da sua salvação” (Dt 32.15). E essa mesma tendência perversa existe dentro de nós. Às vezes pensamos que estamos sendo tratados com dureza porque Deus nos dá uma torrente em vez de um rio, mas isso acontece porque conhecemos tão pouco nosso próprio coração. Deus ama demais os Seus para deixar perigosas facas nas mãos das crianças.

E como o profeta haveria de subsistir num lugar desses? De onde viria a sua comida? Ah, Deus tomará conta disso. Ele proverá o sustento dele: “Beberás da torrente” (v. 4). O que quer que aconteça com Acabe e seus idólatras, Elias não vai perecer. Nos mais difíceis dos piores tempos, Deus vai mostrar-Se forte para com os Seus. Qualquer outro pode passar fome, mas os Seus serão alimentados: “o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas” (Is 33.16). Contudo, quão absurdo parece ao bom senso pedir a alguém que permaneça indefinidamente junto de uma torrente! Sim, mas foi *Deus* que deu essa ordem, e os mandamentos divinos não são para discutir, mas para obedecer. Dessa forma, Elias foi chamado a confiar em Deus em oposição à vista, à razão, a todas as aparências exteriores, a confiar no próprio Senhor e esperar pacientemente nEle.

Eu “... ordenei aos corvos que *ali mesmo* te sustentem” (v. 4). Repare nas palavras em *itálico*. Talvez o profeta preferisse vários outros refúgios, mas ele teria de ir a Querite se quisesse o suprimento

de Deus: por todo o tempo que permanecesse ali, Deus Se comprometia a prover para ele. Daí, então, a grande importância da seguinte questão: “Estou no lugar que Deus (por meio da Sua Palavra ou providência) designou para mim?” Se a resposta é sim, Ele com toda certeza haverá de suprir cada uma das minhas necessidades. Mas se, à semelhança do filho mais moço, eu viro as costas para Ele e marcho para um país distante, então, à semelhança daquele pródigo eu com certeza padecerei necessidade. Quantos servos de Deus têm se esforçado em circunstâncias difíceis ou modestas, com o orvalho do Espírito na alma e a bênção do Céu sobre seu ministério, quando então chega um convite de algum outro campo que parece oferecer um leque de ação mais amplo (e um salário maior!), e uma vez que ele cede à tentação, o Espírito é entristecido e chega ao fim a sua utilidade no reino de Deus.

O mesmo princípio se aplica ao cidadão comum do povo de Deus: eles têm de estar “no caminho” (Gn 24.27), às ordens de Deus se quiserem receber os suprimentos dEle. “Seja feita a Tua vontade” vem antes de “O pão nosso de cada dia nos dá hoje”. Mas quantos cristãos nominais nós já conhecemos pessoalmente que moravam em certa cidade para onde Deus enviou um dos Seus servos qualificados, que os alimentava com “o mais fino trigo”, e as suas almas passaram a prosperar. Veio, então, uma tentadora oferta de negócios de algum lugar distante, que melhoraria a posição deles neste mundo. A oferta foi aceita, mudaram de lugar a sua tenda, unicamente para entrar num deserto espiritual, onde não havia disponível nenhum ministério que os edificasse. Em consequência disso, suas almas começaram a passar fome, foi arruinado o seu testemunho de Cristo, e sobreveio um período de infrutífera apostasia. Assim como Israel antigamente tinha de seguir a nuvem para que obtivesse os suprimentos do maná, assim nós temos de estar no lugar ordenado por Deus se quisermos que nossas almas sejam regadas e nossa vida espiritual prospere.

Passemos agora a examinar os *instrumentos* escolhidos por Deus para ministrar as necessidades físicas do Seu servo. Eu “... ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem”. Há várias idéias

sugeridas nesse texto. Primeiro, veja aqui tanto a soberania como a absoluta supremacia de Deus; a Sua soberania na escolha feita, a Sua supremacia no Seu poder de executá-la. Ele é a Sua própria lei. “Tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (SI 135.6). Ele proibiu o Seu povo de comer corvos, classificando-os como impuros, sim, para que fossem “uma abominação” para eles (Lv 11.15; Dt 14.14). Contudo Ele mesmo faz uso deles para levar comida ao Seu servo. Quão diferentes são os caminhos de Deus dos nossos! Ele empregou a própria filha de Faraó para socorrer o menino Moisés, e um Balaão para pronunciar uma das Suas mais extraordinárias profecias. Ele usou a queixada de um asno na mão de Sansão para destruir os filisteus, e uma funda e uma pedra para vencer o herói deles.

Eu “... ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem”. Oh! Que Deus é o nosso Deus! Os pássaros do céu e os peixes do mar, as feras selvagens do campo, sim, os próprios ventos e ondas Lhe obedecem⁸. Sim: “Assim diz o SENHOR, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda; o que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força — jazem juntamente lá e jamais se levantarão; estão extintos, apagados como uma torcida. Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios, no ermo. Os animais do campo me glorificarão, os chacais e os filhotes de avestruzes; porque porei águas no deserto e rios, no ermo, para dar de beber ao meu povo” (Is 43.16-20). Dessa forma, o Senhor fez com que aves de rapina, que vivem de carniça, alimentassem o profeta.

Mas admiremos, além do poder de Deus, a Sua *sabedoria*. A comida de Elias foi providenciada parcialmente de forma natural e parcialmente de forma sobrenatural. Havia água na torrente, assim ele tinha acesso fácil a ela. Deus não vai operar nenhum milagre para evitar que alguém tenha dificuldades, ou para que se tome indiferente e

⁸ Mateus 8.27.

preguiçoso, sem esforçar-se por conseguir o próprio sustento. Mas no deserto não havia comida: como é que o profeta haveria de conseguí-la? Deus vai fomecê-la de forma miraculosa: “ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem”. Se fossem usadas pessoas para levar-lhe alimento, possivelmente teriam divulgado o seu esconderijo. Se algum cão ou algum animal doméstico fosse até lá toda manhã e toda tarde, alguém poderia ter visto essas frequentes viagens de ida e volta, carregando comida, e ter a curiosidade despertada, passando a investigar o caso. Mas *a* *ves* voando com carne para o deserto não iriam despertar suspeita: quem as visse concluiria que estavam levando comida para os filhotes. Veja, então, quanto cuidado Deus tem com o Seu povo, quão cuidadoso Ele é nos planos que faz a respeito deles. Ele sabe o que põe em risco a segurança deles e provê de acordo com isso.

“...esconde-te junto à torrente de Querite, ... ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem”. Vai imediatamente; sem acolher nenhuma dúvida, sem nenhuma hesitação. Embora fosse contrário ao seu instinto natural, essas aves de rapina têm de obedecer à ordem de Deus. Isso não nos deve surpreender nem parecer irreal. Foi o próprio Deus que as criou, deu-lhes o seu instinto peculiar, e Ele sabe como dirigir e controlar esse mesmo instinto. Ele tem poder para suspender ou alterá-lo conforme a Sua boa vontade. A natureza é exatamente aquilo que Deus quis que fosse, e depende totalmente dEle para continuar a existir. Ele sustenta todas as coisas pela palavra do Seu poder. Nele e por Ele as aves e as feras, como também o homem, amam, movem-se e têm sua existência; e por isso Ele pode, quando assim Lhe parecer bem, tanto suspender como alterar a lei que Ele impôs a qualquer das Suas criaturas. “Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?” (At 26.8).

Ali no seu humilde esconderijo, o profeta teve de residir por muitos dias, embora não estivesse sem a garantia da preciosa promessa do sustento: o suprimento da provisão necessária tinha sido garantido por Deus. O Senhor tomaria conta do Seu servo enquanto estivesse escondido da vista pública, e iria alimentá-lo diariamente pelo Seu poder miraculoso. Contudo, era um verdadeiro teste da fé do profeta

Elias. Quem jamais ouviu de tais instrumentos sendo utilizados — aves de rapina trazendo comida em tempos de fome! Seriam confiáveis os corvos? Não seria mais provável que eles devorassem a comida eles mesmos, em vez de trazê-la ao profeta? Ah, a confiança dele não devia estar nas aves, mas na clara palavra dAquele que não pode mentir: “eu ordenei aos corvos”. Era no Criador e não na criatura, no próprio Senhor e não nos instrumentos que o coração de Elias devia estar apoiado. Como é abençoado ser elevado acima das “circunstâncias” e ter na promessa infalível de Deus uma segura certeza do Seu cuidado.



Capítulo 5

A torrente secou

“Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem” (1 Rs 17.3,4). Repare bem na sequência aqui: primeiro o mandamento de Deus, depois a preciosa promessa: Elias tem de cumprir a ordem de Deus a fim de ser alimentado de forma sobrenatural. A maioria das promessas de Deus é condicional. E isso não explica a razão por que muitos de nós não obtêm nada de bom das promessas, uma vez que falhamos no cumprimento das suas condições? Deus jamais haverá de premiar nem a incredulidade nem a desobediência. Lamentavelmente, nós é que somos nossos piores inimigos, e perdemos muito devido à nossa perversidade. Tentamos mostrar no capítulo anterior os planos de ação elaborados aqui por Deus, revelando a Sua soberania, Seu poder todo-suficiente, e Sua bendita sabedoria; e como esses planos demandavam do profeta tanto submissão como fé. Prosseguiremos, agora, com os acontecimentos seguintes.

“Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR; retirou-se e habitou junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão” (1 Rs 17.5).

A ordem de Deus a Elias não foi somente um grande teste para a submissão e a fé do profeta, mas foi também uma dura demanda sobre a *humildade* dele. Se ele estivesse dominado pelo orgulho, poderia ter dito: “Por que deveria eu seguir essas instruções? Seria covardia ‘esconder-me’. Eu não estou com medo de Acabe; eu não vou me isolar”. Ah, meu leitor, algumas das ordens de Deus são humilhantes demais para a arrogante carne e sangue. É possível que os Seus discípulos não tenham se impressionado nem considerado como uma política valente para ser seguida, quando Cristo lhes disse: “Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, /u^/para outra” (Mt 10.23). No entanto, foram essas as Suas ordens, e é necessário obedecer a Ele. E por que deveria qualquer servo dEle resistir a uma ordem como “esconde-te”, quando a respeito do próprio Mestre nós lemos o seguinte: “Jesus se ocultou” (Jo 8.59). Ah, Ele nos deixou exemplo em todas as coisas.

Além do mais, a obediência ao mandamento de Deus afetava imensamente o aspecto *social* da natureza de Elias. Há poucos que conseguem suportar a solidão: para a maioria das pessoas, é uma severa prova ser privado do contato com seus semelhantes. Os não-convertidos não conseguem viver sem companhia: a convivência com pessoas que pensam como eles se faz necessária para conseguirem silenciar uma consciência inquieta e banir pensamentos perturbadores. E isso não é parecido com a grande maioria mesmo dos que se dizem cristãos? “Eis que estou convosco todos os dias” tem pouco significado real para a maioria de nós. Quão diferente era o contentamento, a alegria e o proveito encontrados na prisão por Bunyan e por Madame Guyon no seu confinamento solitário! Ah, Elias podia ser apartado dos seus semelhantes, mas não podia ser separado do próprio Senhor. “Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR”. Sem hesitação nem demora, o profeta cumpriu a ordem de Deus. Bendita sujeição à vontade de Deus, essa: entregar a mensagem de Jeová ao próprio rei, ou depender dos corvos, tanto fazia — ele estava igualmente pronto para uma coisa e outra. Por mais irracional que pudesse parecer a ordem ou por mais desagradável que lhe parecesse o cenário, o tisbury

prontamente obedeceu. Quão diferente foi isso do que aconteceu com Jonas, que fugiu da palavra do Senhor; sim, e quão diferentes as consequências — um ficou preso por três dias e três noites no ventre da baleia, o outro, por fim, levado ao Céu sem atravessar os portais da morte! Os servos de Deus não são todos iguais, nem quanto à fé, nem quanto à obediência, nem quanto aos frutos. Oh, que todos nós possamos estar prontos a obedecer à Palavra do Senhor assim como Elias estava.

“Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR”. O profeta nem se demorou em obedecer à orientação de Deus, nem duvidou que Deus haveria de suprir todas as suas necessidades. É motivo de grande alegria poder obedecer-Lhe nas circunstâncias difíceis e confiar nEle na escuridão. Mas por que razão não haveríamos de confiar plenamente em Deus e descansar na Sua promessa? Será alguma coisa difícil demais para o Senhor? Alguma vez já falhou alguma das Suas promessas? Então não abriguemos nenhum indício de incredulidade a respeito do Seu cuidado para conosco no futuro. Passarão os céus e a terra, mas nunca jamais passarão as Suas promessas. Os tratos de Deus com Elias foram registrados para nossa instrução: Oh, que eles falem bem alto ao nosso coração, repreendendo nossa perversa desconfiança e levando-nos a clamar com sinceridade: “Senhor, aumenta-nos a fé”. O Deus de Elias ainda vive, e não decepçiona a ninguém que conta com a Sua fidelidade.

“Foi, pois, e *fez* segundo a palavra do SENHOR”. Elias não só pregou a Palavra de Deus, mas ele a pôs em prática. Essa é a urgente necessidade de nossos dias. Há muito falatório, mas pouco agir segundo os mandamentos de Deus. Há muita atividade no campo religioso, mas excessivas vezes essa atividade ocorre sem autorização da lei de Deus, e muitas vezes é completamente contrária a ela. “Tomai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1.22) — essa é a incessante exigência dAquele com quem havemos de tratar! Obedecer é melhor

que sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros⁹. “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que *pratica* a justiça é justo” (1 Jo 3.7). É lamentável ver o tanto de gente que se engana nesse exato ponto: eles tagarelam sobre a justiça, mas não a praticam. “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21).

“Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente” (1 Rs 17.6). Que prova de que “quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23)! É mais fácil a natureza toda mudar o seu curso do que falhar uma das promessas de Deus. Oh, que conforto encontramos aqui para o coração confiante: aquilo que Deus prometeu, Ele com certeza haverá de executar. Nossa incredulidade fica totalmente sem justificativa, nossas dúvidas se tomam indizivelmente malignas. Muito da nossa falta de confiança é causada porque as promessas de Deus não são suficientemente reais e claras em nossa mente. Será que meditamos nas promessas do Senhor da forma como deveríamos fazer? Se fôssemos mais “apegados” a Deus (Jó 22.21 — BRA), se nós O “puséssemos” de forma mais definida diante do nosso coração (Sl 16.8 — BRA), não teriam as Suas promessas muito maior peso e poder sobre nós?

“E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19). Não tem sentido perguntar: Como? O Senhor possui dez mil formas de cumprir a Sua palavra. Talvez algum leitor esteja vivendo nesse exato momento em profunda carência, sem reservas financeiras nem provisão de alimento. Sim, sem saber de onde virá a próxima refeição. Mas se você é filho dEle, Deus não vai falhar com você, e se a sua confiança está posta nEle, de forma alguma será desapontada. De uma forma ou de outra, “O Senhor proverá”. “Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem. Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes

⁹ 1 Samuel 15.22.

faltará” (SI 34.9,10); “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas (comida e vestuário) vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). Essas promessas foram feitas a nós, para nos incentivar a nos apegarmos a Deus e fazermos a Sua vontade.

“Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer” (1 Rs 17.6). Se aprouvesse ao Senhor, Ele poderia ter alimentado Elias por meio de anjos, em vez de usar corvos. Havia, naquele tempo, um certo Obadias, homem hospitaleiro, que reservou em segredo uma mesa numa caverna, para cem profetas de Deus (1 Rs 18.4). Além do mais, havia sete mil israelitas fieis que não tinham dobrado os joelhos a Baal. Qualquer um deles sem dúvida teria considerado uma grande honra poder sustentar alguém tão eminente como Elias. Mas Deus preferiu usar os pássaros do ar. Por quê? Não teria sido para dar tanto ao tisbita como a nós uma notável prova do Seu absoluto controle sobre todas as criaturas, e por meio disso nos dar uma prova de que Ele é digno de confiança nas mais graves necessidades? E o mais impressionante é isto: que Elias foi mais bem alimentado do que os profetas que Obadias sustentou, pois eles comiam apenas “pão e água” (1 Rs 18.4), enquanto Elias, além de pão e água, comia também carne.

Embora Deus talvez não faça uso de corvos literais ao ministrar hoje aos Seus servos e ao Seu povo que estejam em necessidade, contudo Ele muitas vezes opera tão certamente e maravilhosamente em determinar que os egoístas, os invejosos, os de coração empedernido, e os que são grosseiramente imorais prestem assistência àqueles que são Seus. Ele tem poder para fazê-lo, e muitas vezes os induz, contrariamente a suas disposições naturais e aos seus hábitos mesquinhos, a lidar com gentileza e liberalidade para com nossas necessidades. Ele tem o coração de todos nas mãos, e os inclina para onde queira a Sua vontade (Pv 21.1). Como devemos ser gratos ao Senhor por nos enviar as Suas provisões por meio de tais instrumentos! Não temos dúvida de que um bom número de nossos leitores poderia dar testemunho semelhante, fazendo suas as palavras deste escritor: Quantas vezes, no passado, Deus, das mais inesperadas

maneiras, proveu as nossas necessidades: se os corvos nos tivessem trazido alimento, não nos teriam surpreendido tanto quanto as pessoas usadas por Deus para fazê-lo.

“Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer”. Repare bem: não se mencionam nem vegetais, nem frutas, nem doces. Não havia nada luxuoso, mas somente o estritamente essencial. “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Tm 6.8), mas será que é assim conosco? Lamentavelmente, vê-se muito pouco desse contentamento piedoso em nossos dias, mesmo entre o povo do Senhor. Quantos não há que põe o coração nas coisas que são os ídolos dos ímpios. Por que razão os nossos jovens estão insatisfeitos com o padrão de conforto que bastava aos nossos pais? É necessário negar a si mesmo se quisermos seguir Aquele que não tinha nem onde reclinar a cabeça.

“... e bebia da torrente” (1 Rs 17.6). Não vamos negligenciar essa informação, porque, nas Escrituras, nenhum detalhe é insignificante. A água da torrente era provisão de Deus tão verdadeira e definidamente como o pão e a carne que os corvos traziam. Não teria o Espírito Santo registrado esse detalhe a fim de nos ensinar que as misericórdias comuns da providência (como nós as chamamos) são também dádivas de Deus? Se temos recebido suprimento do necessário para sustentar nosso corpo, então temos reconhecê-lo e ser gratos para com Deus. Mas quantos há, mesmo entre cristãos professos, que se sentam à mesa para as refeições *sem* primeiro suplicar a bênção de Deus, e levantam-se sem Lhe agradecer aquilo que acabaram de receber. Nesse assunto, também, Cristo nos deixou exemplo, visto que na ocasião em que alimentou a multidão, somos informados que “... Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles” (Jo 6.11). Não deixemos de fazer o mesmo.

“E sucedeu que, passados dias, o ribeiro se secou, porque não tinha havido chuva na terra” (1 Rs 17.7 — RC). Considere cuidadosamente estas três palavras: “E sucedeu que”. Elas dizem muito mais do que simplesmente informar que algo aconteceu: elas

significam que o decreto de Deus a respeito da seca agora estava cumprido. “E sucedeu que” na boa providência de Deus, que ordena todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade, e sem Cuja permissão nada acontece, nem mesmo um pardal cai sobre a terra (Mt 10.29). Isso deve confortar de modo especial os filhos de Deus, e deixá-los certos quanto a sua segurança. Com referência a Deus, não existe acaso — onde quer que esse termo ocorra na Bíblia, é sempre com referência ao homem, referindo-se a alguma coisa que acontece sem a interferência humana. Tudo o que acontece neste mundo ocorre exatamente como Deus ordenou desde o princípio (At 2.23). Empenhe-se para lembrar esse fato, prezado leitor, a próxima vez que você estiver em dificuldade e perigo. Se você é do povo de Deus, Ele já proveu para toda e qualquer contingência na Sua “Aliança eterna”, e as Suas misericórdias são “fiéis” (2 Sm 23.5; Is 55.3).

“Mas, passados dias” (1 Rs 17.7). Lightfoot entende que essa expressão significa “depois de um ano”, o que com frequência é o sentido daquela expressão nas Escrituras. De qualquer forma, depois de um certo intervalo de tempo, a torrente secou. Krummacher afirma que o próprio nome Querite significa “secura, aridez”, como se esta torrente costumasse secar mais rápido que as outras. É mais provável que fosse uma fonte vinda das montanhas, que descia um estreito desfiladeiro. A sua água era suprida de forma costumeira da natureza, pela providência ordinária, mas naquele momento o curso da natureza foi alterado. O propósito de Deus estava cumprido, e a hora de o profeta sair para outro esconderijo havia chegado. O fato de o ribeiro secar foi um poderoso lembrete a Elias da transitoriedade de tudo o que é deste mundo, “...a aparência deste mundo passa” (1 Co 7.31), e por isso “não temos aqui cidade permanente” (Hb 13.14). Em todas as coisas aqui em baixo estão estampadas a mudança e a decadência: não há nada estável debaixo do sol. Por essa razão, deveríamos estar preparados para mudanças súbitas em nossas circunstâncias.

Os corvos continuaram a trazer ao profeta pão e carne a cada manhã e a cada final de tarde, mas ele não poderia subsistir sem água. Mas por que razão Deus não haveria de suprir água de forma

miraculosa, assim como o fez com a comida? Com toda certeza Ele poderia tê-lo feito. Ele poderia ter feito sair água da rocha, como fez com Israel, e com Sansão na caverna (Jz 15.18,19 — RC). Sim, mas o Senhor não está preso a nenhum método, mas tem uma variedade de caminhos para atingir um mesmo objetivo. Às vezes Deus age de uma certa forma, outras vezes de outra, empregando hoje este meio e amanhã aqueloutro, a fim de executar os Seus planos. Deus é soberano, e não está preso nem a leis nem a rotinas. Ele sempre age segundo a Sua boa vontade, e Ele o faz para mostrar a Sua completa suficiência, para demonstrar a Sua múltipla sabedoria, e para demonstrar a grandeza do Seu poder. Deus não está limitado a nada, e se Ele fecha uma porta, com facilidade Ele abre outra.

“...a torrente secou”. Querite não haveria de jorrar para sempre; não, nem mesmo para o profeta. O próprio Elias precisava sentir quão terrível era a calamidade que ele tinha anunciado. Ah, meu leitor, não é nada incomum que Deus permita que os seus próprios amados sejam envolvidos nas calamidades públicas dos transgressores. É verdade que Ele faz uma real distinção tanto na utilidade como na finalidade dos seus açoites, mas não no sofrimento deles. Nós vivemos num mundo que está debaixo da maldição de um Deus Santo, e por isso “o homem nasce para a aflição, tão certamente como as faíscas voam para cima”¹⁰. Nem mesmo é possível escapar da tribulação enquanto formos deixados neste cenário. O próprio povo de Deus, ainda que seja objeto do Seu amor eterno, não está isento, pois “Muitas são as aflições do justo”¹¹. Por quê? Por várias razões, e com vários objetivos: um deles é afastar o nosso coração das coisas daqui de baixo, e levar-nos a pôr as nossas afeições nas coisas lá de cima.

“...a torrente secou”. Aparentemente, isso foi uma grande infelicidade; para o raciocínio carnal, isso foi uma verdadeira calamidade. Vamos tentar visualizar Elias ali em Querite. A seca estava em todo lugar, a fome grassava em toda a terra: e agora até aquela

¹⁰ Jó 5.7, BRA.

¹¹ Salmo 34.19.

torrente começava a secar. Dia após dia as águas gradualmente diminuía até ao ponto de se tomarem em breve um mero filete, e então pararam por completo. Será que ele foi ficando ansioso e deprimido? Será que disse: “O que eu vou fazer? Será que devo ficar aqui e morrer? Será que Deus me esqueceu? Será que dei um passo errado, afinal, ao vir para cá?” Tudo dependia de quão firmemente a sua fé permanecia em exercício. Se a fé estava ativa, então ele admirava a bondade de Deus em fazer aquele suprimento de água durar por tanto tempo. Quão melhor é para nós, em vez de lamentar as nossas perdas, louvarmos a Deus por nos conceder as Suas misericórdias por tanto tempo — especialmente quando nos lembramos que elas nos são apenas *emprestadas*, e que não merecemos nem mesmo a menor delas.

Embora habitasse no lugar designado por Deus, Elias não estava isento daqueles intensos exercícios de alma que são sempre a disciplina necessária de uma vida de fé. É verdade que os corvos tinham, em obediência à ordem de Deus, visitado Elias todos os dias, suprimindo-lhe alimento de manhã e de tarde, e a torrente havia fluído em seu curso tranquilo. Mas a fé tinha de ser testada — e desenvolvida. O servo de Deus não podia ficar sentado ao abrigo do vento, mas tinha de prosseguir de classe em classe na escola do Senhor; e, havendo aprendido (por meio da graça) as difíceis lições de uma, ele tinha agora de avançar para atracar-se com outras mais difíceis ainda. Talvez o leitor esteja agora vendo secar-se a torrente da popularidade, da saúde que falha, dos negócios diminuindo, das amizades se reduzindo. Ah, uma torrente que seca é uma verdadeira tribulação.

Por que Deus permite a torrente secar? Para nos ensinar a confiar nEle, e não nas Suas dádivas. Como regra geral, Ele não provê, por muito tempo, para o Seu povo, da mesma forma e pelos mesmos meios, a fim de que eles não descansem *neles* e fiquem na expectativa de ajuda desses meios. Mas cedo ou mais tarde Deus nos mostra quão dependentes somos *dEle*, até mesmo para o suprimento das misericórdias de todos os dias. Mas o coração do profeta tinha de ser testado, para mostrar se a sua confiança estava em Querite ou no Deus vivo. E assim também acontece no Seu trato para conosco. Com

quanta frequência nós *pensamos* que nossa confiança está no Senhor, quando na realidade estamos descansando em circunstâncias cômodas; e quando elas se tomam desagradáveis, quanta fé nos resta?



Capítulo 6

Conduzido a Sarepta

“...aquele que crer, não se apressará” (Is 28.16 — BRA). Essa é uma regra que, observada, é para nós tanto sabedoria como bem-estar em toda a variedade de situações da nossa vida — regra necessária mais do que nunca para o povo de Deus, nestes tempos loucos de pressa e confusão. Talvez o seu emprego mais útil seja em relação à nossa leitura e estudo da Palavra de Deus. Não é tanto a quantidade de tempo que gastamos com as Escrituras, mas a proporção em que *meditamos* com reverência naquilo que estamos lendo, que basicamente determina o grau de benefício que a alma recebe dessa prática. Pelo fato de mudar de um versículo para outro, por falhar em visualizar vividamente em nossa mente os detalhes que se apresentam no texto, e por não nos esforçarmos para descobrir as lições práticas que se podem extrair dos eventos históricos, acabamos sendo grandes perdedores. É quando nos colocamos no lugar daquele a respeito de quem estamos lendo e quando pensamos o que possivelmente nós teríamos feito naquelas circunstâncias, que recebemos o maior auxílio.

O estágio a que chegamos na vida de Elias é uma ilustração do que temos em vista no parágrafo anterior. No final do último capítulo, tínhamos chegado ao ponto em que “passados dias, a *torrente secou*”:

não vamos nos apressar muito para considerar o que veio em seguida; em vez disso, deveríamos tentar visualizar a situação do profeta e refletir sobre a tribulação que lhe sobreveio. Imagine o tsebita ali no seu humilde isolamento. Dia após dia a água da torrente diminuindo de forma constante. Será que as suas esperanças também diminuam no mesmo ritmo? Será que as suas canções de adoração se tomaram mais débeis e menos frequentes à medida que a torrente diminuía seu ritmo e barulho sobre o leito rochoso? Será que ele pendurou a harpa nos salgueiros¹² à medida que se entregava a ansiosos pensamentos e impacientemente andava pra cá e pra lá? Não há nada nas Escrituras que nos informe sobre isso. Deus mantém em perfeita paz aquele cuja mente está firme nEle¹³. Sim, mas para isso acontecer, o coração tem de estar firmemente confiado nEle.

Ah, esse é o ponto: será que confiamos no Senhor em circunstâncias aflitivas, ou somos apenas “cristãos de tempo bom”? É de temer que, se nós estivéssemos ali naquela torrente que secava, a nossa mente teria se perturbado, e em vez de esperar pacientemente pelo Senhor, nos teríamos preocupado e feito planos, perguntando-nos o que seria melhor fazer em seguida. Então, certo dia, Elias acordou e achou a torrente completamente seca, e o seu suprimento de mantimento completamente interrompido! O que deveria ele fazer agora? Permanecer ali e morrer? Porque ele não tinha como sobreviver muito tempo sem nada para beber. Não teria ele de tomar o assunto nas próprias mãos e fazer o melhor que tinha condições de fazer por si mesmo? Não seria melhor desdizer tudo o que havia feito e arriscar-se à vingança de Acabe, do que permanecer onde estava e morrer de sede? Acaso duvidamos que Satanás o tenha importunado com essas tentações nessa hora de provação?

O Senhor tinha lhe ordenado: “esconde-te junto à torrente de Querite”, e acrescentou: “ordenei aos corvos que *ali mesmo* te sustentem”. E é impressionantemente abençoado ver que ele

¹² Salmo 137.2.

¹³ Isaías 26.3, RC.

permaneceu ali mesmo depois que o suprimento de água acabou. O profeta não se moveu dali enquanto não recebeu instrução definida do Senhor para mudar de residência. Assim foi também com Israel, antigamente, no deserto, à medida que se dirigiam à terra prometida: “Segundo o dito do SENHOR, os filhos de Israel partiam e segundo o dito do SENHOR assentavam o arraial; todos os dias em que a nuvem parava sobre o tabernáculo, assentavam o arraial. E, quando a nuvem se detinha muitos dias sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel tinham cuidado da guarda do SENHOR *e não partiam*. E era que, quando a nuvem poucos dias estava sobre o tabernáculo, segundo o dito do SENHOR, se alojavam e, segundo o dito do SENHOR, partiam. Porém era que, quando a nuvem desde a tarde até à manhã ficava ali e a nuvem se alçava pela manhã, então, partiam; quer de dia quer de noite, alçando-se a nuvem, partiam. Ou, quando a nuvem sobre o tabernáculo se detinha dois dias, ou um mês, *ou um ano*, ... os filhos de Israel se alojavam *e não partiam*” (Hm 9.18-22 — RC). E isso está claramente registrado para instrução nossa e para nos confortar, e fazer o mesmo significará para nós tanto sabedoria como bem-estar.

“Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida” (1 Rs 17.8,9). Será que isso não deixa evidente quão sem sentido e quão desnecessário era qualquer planejamento carnal por parte do profeta, se ele tivesse agido dessa forma? Deus não tinha Se “esquecido de ser gracioso” nem haveria de deixar o Seu servo sem a direção e orientação necessárias, quando chegasse a hora de lhe conceder isso. Como isso deve falar alto ao nosso coração — nós que estamos por demais cheios de nossos próprios planos e imaginações. Em vez de dizer: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa”¹⁴, nós planejamos alguma forma de sair de nossas dificuldades e depois pedimos que o Senhor abençoe nossos planos. Se um Samuel não chega no momento que esperamos, tentamos forçar as coisas (1 Sm 13.12).

¹⁴ Salmo 62.5.

Contudo, repare bem que, antes que chegasse a nova Palavra de Deus a Elias, tanto a sua fé como a sua paciência tinham sido postas à prova. Ao dirigir-se a Querite, o profeta agiu sob as ordens de Deus, e por essa razão estava debaixo do especial cuidado de Deus. Poderia ele ter sofrido, então, algum grande dano debaixo dessa tutela? Ele tinha de permanecer, portanto, onde estava até que Deus o orientasse para deixar aquele lugar, sem importar-se com quão desagradáveis viessem a se tomar as suas condições. Assim também é conosco. Quando se toma claro que Deus nos pôs onde estamos, ali devemos “permanecer” (1 Co 7.20), mesmo que nossa permanência ali se faça acompanhar de dificuldades e de evidente perigo. Se, por outro lado, Elias tivesse deixado Querite por sua própria vontade, como teria ele podido contar com o Senhor para estar com ele tanto para providenciar as suas necessidades como para livrá-lo dos seus inimigos? Isso também se aplica a nós, hoje, com a mesma eficácia.

Vamos considerar agora a nova provisão que Deus graciosamente supriu para o Seu servo nessa retirada. “Então, lhe veio a palavra do SENHOR” (1 Rs 17.8). Quantas vezes a Sua palavra veio até nós: às vezes, diretamente; às vezes, através de algum dos Seus servos; e perversamente nos temos recusado a obedecer-lhe. Se não o fizemos em palavras, contudo os nossos caminhos têm se assemelhado aos dos judeus rebeldes, que, em resposta à amorosa censura de Jeremias, replicaram: “Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do SENHOR, não te obedeceremos a ti” (Jr 44.16). Em outras ocasiões, temos agido como aqueles de quem se fala em Ezequiel 33.31,32: “Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro. Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, *mas não as põem por obra*”. E por quê? Porque a Palavra de Deus contradiz nossa vontade perversa e requer aquilo que é contrário à nossa inclinação natural.

“Então, veio a ele a palavra do SENHOR, dizendo: Levanta-te, e vai a Sarepta, que é de Sidom, e habita ali” (1 Rs 17.8,9 — RC). Isso significava que Elias tinha de ser disciplinado por meio de mais provações e humilhações. Em primeiro lugar, o nome do lugar para onde Deus ordena que o Seu servo se dirija é profundamente sugestivo, pois “Sarepta” significa “refinamento”, e vem de uma raiz que significa “crisol”, ou “cadinho” — o lugar onde os metais são derretidos. Ali se apresentava diante de Elias não apenas mais um teste da sua fé, mas também o *refinamento* dela, pois um “crisol” serve para separar a escória do ouro fino. A experiência que agora se apresentava ao nosso profeta era muito difícil e desagradável à carne e ao sangue, pois ir de Querite a Sarepta implicava numa jornada de cento e vinte quilômetros pelo deserto. Ah, o lugar do refinamento não é facilmente alcançado, e implica naquilo de que tudo em nós naturalmente recua.

Também temos de reparar com atenção que Sarepta estava “em Sidom”: isso significa que estava em território gentio, fora da terra da Palestina. Nosso Senhor deu ênfase a esse detalhe (no primeiro registro de um discurso público Seu) como sendo uma das mais antigas sugestões do favor que Deus pretendia estender aos gentios, quando disse que “muitas viúvas havia em Israel” naquele tempo (Lc 4.25,26), que talvez (ou talvez não) teriam com boa vontade acolhido e socorrido o profeta; mas ele não foi enviado a nenhuma delas — que acusação severa contra a nação escolhida; foram todas preteridas! Mas o que é ainda mais notável é o fato de que “Sidom” era o próprio lugar de onde viera Jezabel, a perversa corruptora de Israel (1 Rs 16.31)! São muito estranhos os caminhos de Deus, e contudo são sempre ordenados com infinita sabedoria! Como disse Matthew Henry: “A fim de mostrar a Jezabel a impotência da sua maldade, Deus provê um esconderijo para o Seu servo no próprio país dela”.

Também é surpreendente reparar a pessoa específica que Deus selecionou para hospedar Elias. Não foi um comerciante rico ou alguém da liderança de Sidom, mas uma pobre viúva — desolada e dependente — que Deus tomou tanto disposta como capaz de ministrar ao profeta. Esse é comumente o caminho de Deus, para a Sua

própria glória: usar e dar glória às “coisas loucas do mundo”¹⁵. Quando comentamos a respeito dos corvos que trouxeram pão e carne ao profeta enquanto ele habitou junto à torrente, chamamos atenção à soberania de Deus e ao tipo estranho de instrumentos que Ele Se agradou em usar. A mesma verdade é ilustrada de forma viva aqui: uma pobre viúva! Uma gentia! Uma moradora de Sidom, lugar de onde veio Jezabel! Não pense que é algo estranho, então, meu leitor, se o trato de Deus com você é o exato oposto daquilo que você esperava. O Senhor é a Sua própria lei, e o que Ele requer de nós é confiança absoluta e submissão sem restrições.

“... eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente” (1 Rs 17.9 — RC). A situação de necessidade extrema do homem é a oportunidade de Deus: quando Querite seca, então se abre Sarepta. Com isso devemos aprender a nos refrear das preocupações sobre o futuro. Lembre-se, querido leitor, de que o amanhã trará consigo o Deus do amanhã. “... não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel” (Is 41.10): essas são promessas certas e fiéis — porque são a Palavra dAquele que não pode mentir — a morada da nossa alma; use essa Palavra para replicar a toda questão de incredulidade e toda calúnia maldosa do diabo. Repare que novamente Deus enviou Elias — não a um rio, mas a uma “torrente” — não a uma pessoa rica, de grandes recursos, mas a uma pobre viúva de recursos limitados. Ah, o Senhor queria que o Seu servo continuasse a depender unicamente dEle, da mesma forma que já estava dependendo do *Seu* poder e da *Sua* bondade até aquele momento.

Isso foi de fato uma grande provação para Elias, não apenas enfrentar uma longa jornada através do deserto, mas ingressar numa experiência totalmente contrária aos seus sentimentos naturais, ao seu treinamento religioso e às suas inclinações espirituais — tomar-se dependente de uma gentia numa cidade pagã. Foi-lhe exigido que deixasse a terra dos seus pais, para morar temporariamente no quartel -

¹⁵1 Coríntios 1.27.

general dos adoradores de Baal. É necessário percebermos a verdade que o plano de Deus para Elias requeria dele uma *obediência* incondicional. Aqueles que pretendem andar com Deus precisam não somente confiar totalmente nEle, mas têm de estar preparados para serem inteiramente regulados pela Sua Palavra. Não somente a nossa fé precisa ser treinada por meio de uma grande variedade de providências, mas também a nossa obediência, por meio dos mandamentos de Deus. É vão supor que se pode desfrutar a aprovação de Jeová a não ser que estejamos sujeitos aos Seus preceitos. “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15.22). Na mesma hora em que desobedecemos, desfaz-se a nossa comunhão com Deus, e o castigo se toma a nossa porção devida.

Elias precisa ir a Sarepta para morar ali. Mas como poderá ele subsistir ali, se ele não conhece ninguém naquele lugar? Ora, ele pode ir porque o Mesmo que lhe deu a ordem também fez os devidos arranjos para que ele seja recebido e mantido naquela cidade. “Eis que ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente” (1 Rs 17.9 — BR A). Isso não significa necessariamente que o Senhor revelou a Sua mente a ela — a sequência dos acontecimentos deixa claro o contrário. Em vez disso, entendemos que essas palavras significam que Deus decretou essa situação em Seus desígnios, e iria efetuar tudo por meio das Suas providências — compare com as Suas palavras: “(eu) ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem” (1 Rs 17.4). Quando Deus chama alguém do Seu povo para ir a algum lugar, essa pessoa pode descansar, certa de que Ele já proveu para ela em Seu propósito predeterminado. Deus, secretamente, inclinou essa viúva a receber e sustentar o Seu servo. Todos os corações estão nas mãos do Senhor, e Ele os inclina para onde Ele quer¹⁶. Ele pode incliná-los para nos mostrarem favor e proceder gentilmente para conosco, mesmo que sejamos completamente estranhos para eles. Muitas vezes, em locais bem diferentes do mundo, essa tem sido a experiência deste autor.

¹⁶ Provérbios 21.1 .

O chamado de Deus para que Elias fosse a Sarepta não só foi uma provação para a fé e a obediência dele, mas também a sua *humildade* foi posta à prova. Ele foi chamado para receber caridade das mãos de uma viúva desolada. Quão humilhante para o orgulho, tomar-se dependente de uma das mais pobres dentre os pobres. Quão embaraçoso para toda a autoconfiança e autosuficiência, aceitar esmola de alguém que aparentemente não tinha suficiente nem para suas próprias necessidades mais urgentes! Ah, precisamos da ajuda da pressão das circunstâncias, para nos curvamos diante daquilo que é repugnante às nossas inclinações naturais. Mais de uma vez, no passado, sentimos muito ter de receber dádivas e socorro daqueles que tinham poucos bens deste mundo, mas fomos confortados pela seguinte palavra: “também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades ... e muitas outras, as quais *lhe* prestavam assistência com os seus bens” (Lc 8.2,3). A “viúva” nos fala de fraqueza e desolação: Israel estava viúva naquele tempo, e por isso Elias foi levado a senti-lo em sua própria alma.

“Então, ele se levantou e se foi a Sarepta” (1 Rs 17.10). Nisso, Elias deu prova de que era de fato servo de Deus, pois o caminho de um *servo* é o caminho da obediência: no momento em que abandona esse caminho, ele cessa de ser um servo. O servo e a obediência são tão inseparavelmente ligados como o trabalhador e o trabalho. Há muitos, hoje, que falam a respeito do seu serviço *para* Cristo, como se Ele precisasse da assistência deles, como se a causa dEle não fosse prosperar se eles não a patrocinassem e promovessem — como se a arca santa inevitavelmente fosse cair no chão a não ser que mãos não santas a segurem. Isso tudo está errado, seriamente errado — isso tudo é produto do orgulho alimentado por Satanás. A coisa extremamente necessária (para nós!) é servir a Cristo, submissão ao Seu jugo, rendição à Sua vontade, sujeição aos Seus mandamentos. Qualquer outro “serviço cristão”, diferente do andar em Seus preceitos, é invenção humana, é energia carnal, é “fogo estranho”.

“Então, ele se levantou e se foi a Sarepta” (1 Rs 17.10). Como posso eu ministrar as coisas santas de Deus a não ser que eu mesmo

esteja trilhando o caminho da obediência? O judeu dos dias de Paulo era consciente da sua própria importância, contudo não trazia nenhuma glória a Deus. "... estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes" (Rm 2.19,20). Então o apóstolo faz um verdadeiro exame da conduta desse homem: "... tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?" (v. 21). O princípio ali anunciado é penetrante e de ampla aplicabilidade. Cada um de nós que prega o Evangelho deveria medir com muita atenção a si mesmo. Tu que pregas que Deus requer a verdade no íntimo, és um homem de palavra? Tu que ensinas que devemos conduzir nossos negócios com honestidade diante dos homens, tens alguma conta por pagar? Tu que exortas os crentes a que sejam perseverantes na oração, quanto tempo gastas no lugar secreto? Se não, não te surpreendas se os teus sermões produzem pouco efeito.

Da tranquilidade do campo à difícil tarefa de confrontar o rei; da presença de Acabe à solidão de Querite; da torrente que secou para Sarepta. Os transtornos e os deslocamentos da Providência são necessários, se queremos que nossa vida espiritual prospere. "Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha" (Jr 48.11). É sugestiva a figura usada aqui. Pelo fato de Moabe ter ficado em paz por muito tempo, tomou-se letárgico e débil. Ou, à semelhança de suco de uva não refinado, estragou-se. Deus estava mudando Elias "de vasilha para vasilha", de forma que a escuma pudesse vir à tona e ser removida. Essa movimentação do nosso ninho, essa constante mudança das nossas circunstâncias, não são experiência agradável, mas é algo essencial se quisermos ser preservados de "repousar em nossas fezes"; mas lamentavelmente, longe de apreciarmos os graciosos desígnios do Refinador, quantas vezes somos petulantes, e murmuramos quando Ele nos transfere de uma vasilha para outra.

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta" (1 Rs 17.10). Ele não fez nenhuma objeção, mas fez como lhe foi ordenado. Ele não se

demorou, mas se pôs imediatamente a caminho da sua desagradável jornada. Ele estava tão disposto a ir a pé, como se Deus lhe tivesse providenciado uma carruagem. Ele estava tão pronto a atravessar um deserto como se Deus lhe tivesse dito para deleitar-se num jardim ensombreado. Ele estava tão disposto a pedir ajuda a uma viúva gentia como se Deus lhe tivesse dito que voltasse aos seus amigos em Gileade. Pode parecer, à mente camal, que ele estava colocando a cabeça na boca do leão — provocando um desastre certo ao dirigir-se à terra de Sidom, onde os agentes de Jezabel deveriam ser muitos. Mas uma vez que Deus lhe havia ordenado que fosse, para ele era certo obedecer (e errado era não obedecer), e por isso ele podia contar com a proteção de Deus.

Note bem que o Senhor não deu a Elias nenhuma informação a respeito da sua futura residência e forma de sustento, além de lhe dizer que seria em Sarepta e por meio de uma viúva. Num tempo de fome, deveríamos ser profundamente gratos pelo suprimento do Senhor, e ficar totalmente satisfeitos em deixar com Ele a forma em que isso vai acontecer. Se o Senhor Se responsabiliza por nos guiar na jornada da nossa vida, temos de ficar contentes com a Sua forma de fazê-lo passo a passo. É raro que Ele nos revele muita coisa com antecipação. Na maioria das vezes, sabemos pouco ou nada antecipadamente. Como poderia ser diferente, se vamos andar *pela fé*? Temos de confiar inteiramente nEle para o pleno desenvolvimento do Seu plano a nosso respeito. Mas se de fato estamos andando com Deus, tomando cuidado para que nossos caminhos estejam de acordo com a Sua Palavra, gradualmente Ele tomará claras as coisas. As Suas providências haverão de resolver nossas dificuldades, e aquilo que não sabemos agora, haveremos de saber mais tarde. Foi assim que aconteceu com Elias.



Capítulo 7

A extrema necessidade de uma viúva

“Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida” (1 Rs 17.8,9). Repare bem a conexão entre os dois versículos. O sentido espiritual deles talvez fique mais claro para o leitor se pusermos o assunto da seguinte forma: nossas ações têm de ser reguladas pela Palavra de Deus, se quisermos que nossa alma seja nutrida e fortificada. Essa foi uma das notórias lições ensinadas a Israel no deserto: o alimento deles e o repouso somente podiam ser obtidos enquanto viajavam no caminho da obediência (Nm 9.18-23 — repare bem nas sete vezes em que aparece a expressão “Segundo o mandado do SENHOR” nessa passagem). Ao antigo povo de Deus não se permitia ter nenhum plano próprio: o Senhor dispunha tudo para eles — quando deveriam andar e quando deveriam ficar acampados. Caso se recusassem a seguir a nuvem, não haveria maná para eles.

Assim também foi com Elias, porque Deus estabeleceu a mesma regra tanto para os ministros como para aqueles a quem eles ministram: eles têm de praticar o que pregam, ou então ai deles. Ao profeta não foi permitido ter vontade própria para decidir por quanto tempo deveria permanecer em Querite ou quando deveria partir dali. A Palavra de Jeová determinou tudo para ele, e por *obedecer* a essa Palavra ele recebeu o *sustento*. Que verdade penetrante e importante nós temos aqui para cada cristão: o caminho da obediência é o único caminho da bênção e da riqueza espiritual. Ah, será que não descobrimos aqui mesmo a causa da nossa pobreza, e a explicação para nossa falta de fruto? Não é porque temos sido tão cheios de vontade própria ao ponto de nossa alma padecer fome e nossa fé se enfraquecer? Não será porque tem havido tão pouca negação de nós mesmos, tão pouco do tomar a cruz e seguir a Cristo, que estamos tão doentes e sem gozo?

Não há nada que ministre tanto em favor da saúde e do gozo de nossa alma como estar em sujeição à vontade dAquele com quem haveremos de tratar. E o pregador tem de prestar atenção a este princípio também, tanto quanto o cristão comum. O pregador precisa ele mesmo trilhar o caminho da obediência se quiser ser usado por Aquele que é santo. Do contrário, como poderia Elias ter dito depois com tanta segurança no monte Carmelo: “Se o Senhor é Deus, segui - o”, se ele previamente tivesse seguido um caminho de auto-congratulação e insubordinação? Como já destacamos no capítulo anterior, aquilo que está naturalmente relacionado à “prestação de serviço” é a obediência. As duas coisas estão indissolivelmente unidas: tão logo eu deixe de obedecer ao meu Senhor, deixo de ser o Seu “servo”. Fazendo essa associação, lembremo-nos que um dos mais nobres títulos de nosso Rei era “O Servo de Jeová”. Nenhum de nós pode sequer almejar um alvo maior do que aquele que era a inspiração do Seu coração: “Eis-me aqui, ó Deus, para fazer a Tua vontade”¹⁷.

¹⁷ Hebreus 10.7,9 (Salmo 40.7).

Mas temos de admitir com franqueza que o caminho da obediência a Deus está longe de ser fácil para a nossa natureza: ele diariamente nos chama à negação própria, e por isso só pode ser percorrido à medida que se fixam os olhos firmemente no Senhor e a consciência se encontra em sujeição à Sua Palavra. É verdade que em guardar os Seus mandamentos “há grande recompensa” (SI 19.11), pois o Senhor jamais será devedor ao homem; entretanto isso exige que se ponha de lado a razão carnal, e ir para Querite e ali ser alimentado pelos corvos — como pode um intelecto orgulhoso entender isso? E agora se exige dele que vá a uma cidade distante e pagã, para ali ser sustentado por uma viúva desamparada, que estava ela mesma a ponto de morrer de fome. Ah, meu leitor, o caminho da fé é totalmente oposto ao que chamamos “bom senso” e, se você sofre da mesma doença deste autor, então sabe que muitas vezes é mais difícil crucificar a razão do que repudiar os trapos da justiça própria. “Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha” (v. 10). Ela era tão pobre que não tinha combustível, nem mesmo tinha algum servo que saísse para lhe apanhar lenha. Que alento poderia Elias obter do que estava vendo? Nenhum; em vez disso, tudo contribuiria para enchê-lo de dúvidas e medo, se ele se ocupasse das circunstâncias exteriores. “Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber. Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão. Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos” (vv. 10-12): foi isso que o profeta encontrou, quando chegou ao destino divinamente indicado! Coloque-se no lugar dele, querido leitor — não teria você considerado uma cena dessas como deprimente e inquietante?

Mas Elias “não consultou carne e sangue”; por isso não se desanimou ao contemplar essa tão pouco promissora situação. Em vez disso, o seu coração foi sustentado pela imutável Palavra dAquele que não pode mentir. A confiança de Elias repousava não em circunstâncias favoráveis ou em boa aparência, mas na fidelidade do Deus vivo; e por isso a sua fé não precisava do apoio das coisas que o cercavam. As aparências podem ser escuras e funestas, mas o olho da fé penetra as nuvens negras e vê acima delas o sorridente rosto do seu Provedor. O Deus de Elias era o Altíssimo, com quem todas as coisas são possíveis. Eu “ordenei a uma mulher viúva que te dê comida”: era *nisso* que o coração dele repousava. Em que é que o *seu* coração repousa? Você está em paz nesta cena instável? Você tomou posse para si mesmo de alguma das Suas firmes promessas? “Confia no SENHOR e faz o bem; habitarás na terra e, verdadeiramente, *serás* alimentado” (SI 37.3 — RC). “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude” (SI 46.1,2-RC).

Mas vamos retomar às circunstâncias exteriores com que Elias se deparou ao chegar a Sarepta. “Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha”. Deus havia dito ao Seu servo que fosse até lá e havia prometido que uma viúva o sustentaria, mas não lhe disse o nome dela, nem onde morava, nem como a identificaria entre as outras pessoas. Ele confiou que Deus lhe daria maior luz quando chegasse ali; e não se desapontou. Ele foi recebido pela própria pessoa que o haveria de acolher. Aparentemente esse encontro foi inteiramente casual, já que nada havia sido combinado entre eles. “... *estava ali* uma mulher viúva”; veja como o Senhor, na Sua providência, controla todos os acontecimentos, de forma que essa mulher específica estivesse à porta da cidade no exato momento em que o profeta chegou!

Repare em como ela se apresenta como se viesse para encontrá-lo: contudo ele não a conhecia, nem ela o conhecia. Tudo parece acidental, e contudo foi inteiramente decretado e ordenado por Deus, de forma que se cumprisse a Sua palavra dita ao profeta. Ah,

meu leitor, não existe acontecimento neste mundo, nem grande nem pequeno, que ocorra por acaso. “Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jr 10.23). Que bênção é ter a certeza de que “O SENHOR firma os passos do homem bom” (SI 37.23). É pura incredulidade desvincular de Deus as coisas comuns da vida. Todas as nossas circunstâncias e experiências são dirigidas pelo Senhor, “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.36). Cultive o hábito santo de ver a mão de Deus em tudo o que lhe acontece.

“.. chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva”. Como isso ilustra mais uma vez um princípio a que, com frequência, chamamos a atenção do leitor — que, quando Deus trabalha, Ele sempre opera em *ambas* as extremidades da linha. Se Jacó envia os filhos ao Egito em busca de alimento em tempo de fome, José é movido a providenciá-lo para eles. Se os espias israelitas entram em Jericó, aí está Raabe que se levanta para escondê-los. Se Mordecai está orando ao Senhor por proteção ao Seu povo ameaçado, o rei Assuero perde o sono, e acaba encontrando os registros reais que favorecem Mordecai e seus companheiros. Se o eunuco etíope está desejoso por entender a Palavra de Deus, Filipe é enviado para explicá-la a ele. Se Comélio está orando para entender o Evangelho, Pedro é encarregado de pregá-lo a ele. Elias não tinha recebido nenhuma informação sobre onde morava essa viúva, mas a providência de Deus cronometrou os passos dela de tal forma que ela o encontrou à entrada da cidade. Como encorajam a fé esses fatos!

Aqui estava, então, a viúva: mas como Elias saberia que era ela aquela que Deus havia ordenado que o ajudasse? Bem, ele tinha de fazer um teste, como teve de fazer o servo de Abraão com Rebeca, quando foi enviado para buscar uma esposa para Isaque: Eliézer orou para que a moça a quem ele dissesse “dá-me um pouco de água do teu cântaro” e que ela respondesse “Bebe, e também tirarei água para os teus camelos, seja essa a mulher que o SENHOR designou para o filho de meu senhor” (Gn 24). Rebeca surgiu e preencheu essas condições.

Assim também aqui: Elias testou a mulher para ver se ela era benevolente: “Traz-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber”. Exatamente como Eliézer considerou que somente alguém possuído de bondade seria uma companheira adequada para o filho do seu senhor, assim Elias estava convicto que somente uma pessoa de mente generosa poderia sustentá-lo num tempo de fome e seca.

Ele “a chamou e lhe disse: Traz-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber”. Repare o comportamento gracioso e cheio de respeito de Elias. O fato de que ele era um profeta de Jeová não o autorizava a tratar essa pobre viúva de maneira arrogante e autoritária. Em vez de mandar, ele disse: “peço-te”. Que repreensão temos aqui àqueles que são orgulhosos e impertinentes. Devemos tratar a todos com cortesia: “sede todos ... afáveis” (1 Pe 3.8 — RC) é um dos preceitos divinos a todos os crentes. E como foi severo o teste a que Elias submeteu essa pobre mulher: trazer-lhe uma vasilha de água para ele beber! Contudo ela não fez nenhuma objeção nem exigiu um alto preço por aquilo que, naquela ocasião, se havia tomado um luxo custoso; não, ela não o fez, mesmo que Elias fosse um completo estrangeiro, alguém de outra raça. Maravilhemo-nos aqui com o poder de Deus, que consegue mover o coração humano para agir bondosamente para com os Seus servos.

“Indo ela a buscá-la.” Sim, ela deixou de apanhar lenha para si mesma e, em atenção imediata ao pedido desse estrangeiro, partiu para buscar-lhe água. Aprendamos a imitá-la no respeito, e estejamos sempre prontos para agir com bondade para com nossos semelhantes. Se não temos os recursos necessários para dar aos necessitados, devemos estar prontos a trabalhar para consegui-los (Ef 4.28). Um copo de água fria, embora não nos custe nada mais do que o trabalho de ir buscá-lo, de forma nenhuma deixará de receber o seu galardão. “Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traz-me também um bocado de pão na tua mão” (1 Rs 17.11). O profeta fez esse pedido para testá-la ainda mais — e que teste: repartir com ele a sua última refeição — e também para facilitar a conversa que teria com ela mais adiante.

“Traz-me também um bocado de pão na tua mão” (1 Rs 17.11). Que pedido egoísta isso não pareceu! Muito provavelmente, a natureza humana se ressentiria de um pedido desses a alguém de tão escassos recursos. Mas na realidade era Deus visitando-a na hora da sua mais profunda necessidade. “Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que *nele esperam*” (Is 30.18). Mas essa viúva primeiro tinha de ser provada, da mesma forma que outra mulher gentia, mais tarde, foi provada pelo Senhor encarnado (Mt 15). Deus, de fato, iria suprir todas as necessidades dela, mas será que ela confiaria nEle? Dessa mesma forma, muitas vezes, Ele permite que as coisas piorem antes que haja alguma melhoria. Ele “espera para ter misericórdia”. Por quê? Para nos conduzir ao fim de nós mesmos e dos nossos recursos, até que tudo pareça perdido e estejamos em desespero: para que possamos, com maior clareza, discernir a Sua mão libertadora.

“Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos” (1 Rs 17.12). Os efeitos da terrível fome e seca na Palestina foram também sentidos nos países adjacentes. Com referência ao “azeite” que essa viúva possuía, em Sarepta de Sidom, J.J.Blunt, em sua admirável obra *“Undesigned Coincidences in the Old and New Testament”*¹⁸, traz um capítulo muito esclarecedor. Ele ressalta que, na divisão da terra de Canaã, a região de Sidom foi designada para Aser (Js 19.28). Daí o autor conduz o leitor de volta a Deuteronômio 33, lembrando que, quando Moisés abençoou as doze tribos, ele disse: “Bendito seja Aser entre os filhos de Jacó, agrade a seus irmãos e banhe em *azeite* o pé” (Dt 33.24) — indicando a fertilidade daquela região e qual seria o seu principal produto. Dessa forma, após um longo período de fome, era muito

¹⁸ Algo como “Coincidências não intencionais do Antigo e do Novo Testamento”

provável que se encontrasse azeite *ali*. Por isso, quando comparamos Escritura com Escritura, vemos a sua perfeita harmonia.

“.. vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e *morreremos*” (1 Rs 17.12). Pobre alma: reduzida à necessidade extrema e final, sem nada mais além de uma dolorosa morte encarando-a face a face! A linguagem dela era da razão carnal, e não a linguagem da fé; da incredulidade e não da confiança no Deus vivo; sim, e muito natural, naquelas circunstâncias. Até aquele momento, ela nada sabia da palavra dita a Elias: “eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente” (1 Rs 17.9 — RC). Não, ela pensava que havia chegado o fim de tudo. Ah, meu leitor, quão melhor é Deus do que os nossos medos. Os hebreus incrédulos pensavam que passariam fome no deserto, mas não passaram. Certa vez, Davi disse em seu coração: “Ora, ainda algum dia perecerei pela mão de Saul” (1 Sm 27.1 — RC), mas isso não aconteceu. Os apóstolos pensaram que se afogariam no mar tempestuoso, mas isso não ocorreu.

“Fosse gasta metade do fôlego, nas preocupações,

Enviando súplicas aos Céus,

Com mais frequência se ouviriam as alegres canções

Relatando tudo o que o Senhor por mim já fez.”

“Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e *morreremos*” (1 Rs 17.12). Para a vista natural, para a razão humana, parece impossível que ela pudesse sustentar qualquer pessoa. Em pobreza extrema, ela chegara ao final das suas provisões. E os seus olhos não estavam postos em Deus (como também não estão os nossos, até que o Espírito opere em nosso interior!) mas na panela, e *ela* estava falhando; em consequência, nada mais havia na sua mente a não ser a *morte*. A incredulidade e a morte estão unidas de

forma inseparável. A confiança dessa viúva estava posta na panela e na botija e, além delas, ela não divisava nenhuma esperança. Até aquele momento, ela nada conhecia da felicidade de ter comunhão com Aquele a quem somente pertencem “as saídas para escapar da morte” (SI 68.20 — RC). Ela ainda não era capaz de “em esperança, crer contra a esperança” (Rm 4.18 — RC). Misericórdia, que coisa frágil é essa esperança que se apoia em nada mais do que uma panela de farinha.

Como somos inclinados a nos apoiar em coisas tão sem valor como uma panela de farinha! E enquanto fizermos isso, as nossas expectativas serão sempre insuficientes e passageiras. Contudo, por outro lado, é preciso lembrar que a menor medida de farinha nas mãos de Deus é, para a fé, tão suficiente e eficaz como “os gados sobre milhares de outeiros”¹⁹. Mas lamentavelmente, é raro ver a fé sendo exercitada de modo sadio. Por excessivas vezes somos como os discípulos quando, na presença da multidão faminta, exclamaram: “Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas *isto* que é para tanta gente?” (Jo 6.9) — essa é a linguagem da incredulidade, do raciocínio carnal. A fé não se ocupa com as dificuldades, mas com Aquele com quem as coisas são possíveis. A fé não se ocupa com as circunstâncias, mas com o Deus das circunstâncias. Foi isso o que aconteceu com Elias, como veremos na sequência.

E que teste foram para a fé de Elias essas tristes palavras da pobre viúva! Considere a situação que agora se apresentou aos seus olhos. Uma viúva e o seu filho padecendo fome; alguns gravetos, um punhado de farinha, e um pouco de azeite entre eles e a morte. Apesar disso, Deus havia dito a ele: “eu ordenei ali a uma mulher viúva que *te sustente*” (1 Rs 17.9). Quantos não exclamariam: ‘Quão profundamente misterioso é isso tudo, que experiência difícil essa do profeta!’ Pois, em vez de tomar-se um peso para ela, ele é que deveria ajudá-la. Ah, mas como Abraão, antes dele, “não duvidou, por

¹⁹ Salmo 50.10, BRA.

incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu²⁰. Ele sabia que o Dono dos céus e da terra havia decretado que ela *haveria* de sustentá-lo e que, mesmo não havendo farinha nem azeite nenhum, isso de forma alguma lhe desanimava o espírito ou o atemorizava. Oh, meu leitor, se você conhece, por experiência própria, alguma coisa da bondade, do poder e da fidelidade de Deus, cuide para que a sua confiança nEle permaneça inabalável, quaisquer que sejam as aparências.

“Aquele que o ajudou até aqui,
Vai ajudá-lo em toda a caminhada,
E lhe dará, a cada dia, razão para erguer
Um novo Ebenézer ao Seu louvor.”

“... vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos” (1 Rs 17.12). Observe com atenção que essa mulher não se omitiu no cumprimento da sua responsabilidade. Até o final de tudo, ela foi diligente, fazendo uso dos meios que tinha à mão. Em vez de dar lugar ao completo desespero, sentada nalgum canto retorcendo as mãos, ela estava ativamente ocupada, apanhando cavacos para aquela que ela cria ser a sua última refeição. Esse detalhe não é insignificante, mas é um fato que temos de guardar na mente. A preguiça, em nenhuma circunstância, se justifica, e muito menos nalguma emergência. Sim, quanto mais desesperadora é a situação, tão maior a necessidade de nos estimularmos ao movimento. Dar lugar à depressão nunca jamais traz algum benefício. Cumpra a sua responsabilidade até o final, mesmo que isso seja a preparação para a sua última refeição. A viúva foi ricamente recompensada pelo seu labor diligente. Foi enquanto ela estava *no caminho do dever* (as responsabilidades domésticas!), que Deus, por meio do Seu servo, a encontrou e a abençoou.



²⁰ Romanos 4.20.

Capítulo 8

O Senhor proverá

Neste capítulo, veremos como o profeta se portou num ambiente e em circunstâncias completamente diferentes daquelas em que estava envolvido anteriormente. Até aqui vimos um pouco de como ele se portou em público: sua coragem e dignidade espiritual diante de Acabe; e também como ele agiu privadamente: a sua vida secreta diante de Deus junto à torrente de Querite — obediente à palavra do Senhor, pacientemente aguardando as Suas próximas instruções. Mas aqui o Espírito nos concede uma visão de como Elias se conduziu na casa da viúva de Sarepta, revelando a suficiência da graça de Deus para os Seus servos e para o Seu povo em toda e qualquer situação em que se encontrarem. Lamentavelmente, com quanta frequência o servo de Deus que é firme em público e fiel nas suas devoções secretas, falha de modo lamentável na esfera doméstica, no círculo familiar. Isso não deveria acontecer; e não aconteceu com Elias.

O assunto a que acabamos de nos referir talvez exija algumas observações, que faremos sem pretender exaurir o assunto, mas apenas exemplificá-lo. Por que razão o servo de Deus com frequência está em

muito maior desvantagem em casa do que quando está no púlpito ou em seu quarto de oração? Em primeiro lugar, quando sai para desempenhar as suas obrigações públicas, ele se arma para a batalha contra o inimigo; mas ele retoma ao lar com a energia emocional gasta, para repousar e recuperar-se. É nessa ocasião que ele fica mais propenso a descontrolar-se e irritar-se com coisas insignificantes. Em segundo lugar, quando ministra em público, ele está consciente de que está se opondo aos poderes do mal, mas no círculo familiar ele está cercado por aqueles que o amam, e ele fica de guarda baixa, sem perceber que Satanás pode usar os seus amigos para obter vantagem sobre ele. Em terceiro lugar, estar consciente da própria dedicação em público pode ter estimulado o seu orgulho, e um espinho na carne — a dolorosa percepção de falhar no lar — pode ser necessário para humilhá-lo. Contudo, não há justificativa para conduzir-se de forma desonrosa a Deus no círculo doméstico, da mesma forma que isso não se justifica no púlpito.

Em nosso último capítulo, chegamos ao ponto onde Elias — em resposta à ordem de Jeová — deixou seu refúgio em Querite, atravessou o deserto e pontualmente chegou às portas de Sarepta, onde o Senhor havia (secretamente) ordenado a uma mulher viúva que o sustentasse. Ele a encontrou na entrada da cidade, embora em circunstâncias completamente desesperadoras ao olhar carnal. Essa mulher, em vez de acolher alegremente o profeta, falou tristemente da iminente morte sua e de seu filho. Em vez de ser amplamente aparelhada para ministrar a Elias, ela lhe conta que tudo o que lhe restava era “somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija”. Que teste para a fé! Quão absurdo parecia que o homem de Deus devesse esperar sustento da casa *dela*. Não mais absurdo do que ter sido exigido de Noé construir uma arca antes que houvesse qualquer chuva, e muito menos algum sinal de um dilúvio; não mais absurdo do que exigir que Israel simplesmente rodeasse as muralhas de Jericó repetidas vezes. O caminho da obediência só pode ser trilhado à medida que a fé é posta em exercício.

“Elias lhe disse: Não temas; vai e faz o que disseste” (1 Rs 17.13). Que palavra graciosa, essa, para aquietar o coração da pobre viúva! Não temas as consequências, nem para ti nem para teu filho, ao fazer uso dos meios que tens à mão, por mais escassos que sejam, “...mas primeiro faz dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho” (v. 13). Que teste difícil foi esse! Será que alguma vez alguma viúva foi tão provada como essa de Sarepta? Fazer “primeiro” para ele um bolo foi, sem dúvida nenhuma, nas circunstâncias extremas dela, uma das mais difíceis ordens que ela jamais recebeu. Não parecia essa ordem estar vindo da mais profunda essência do egoísmo? Será que as leis de Deus e as dos homens exigem um sacrifício desse tamanho? Deus não nos pede mais do que amar nosso próximo como a nós mesmos; em lugar nenhum Ele nos pede que o amemos *mais* do que a nós mesmos. Mas aqui está a ordem: “*primeiro* faz dele *para mim* um bolo”!

“Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra” (1 Rs 17.14). Ah, isso faz toda a diferença: isso removeu o ferrão daquela exigência, mostrando que a origem dela não era egoísta. O que acontecia é que se pedia dela uma porção do pouquinho que ela ainda tinha, mas Elias lhe diz que ela não precisava hesitar em cedê-lo, visto que, apesar de o caso parecer desesperador, Deus tomaria conta dela e do seu filho. Repare com que confiança absoluta o profeta fala: não havia incerteza, mas positiva e inabalável certeza de que o suprimento deles não haveria de diminuir. Ah, Elias tinha aprendido uma valiosa lição em Querite — aprendido por experiência: ele tinha provado a fidelidade de Jeová junto da torrente, e por isso ele estava agora qualificado a acalmar os receios e confortar o coração dessa pobre viúva — compare com 2 Coríntios 1.3,4 — texto que revela o segredo de todo ministério eficaz.

Repare o título especial dado aqui à Divindade. A mulher tinha dito: “Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus” (1 Rs 17.12), mas isso não era suficiente. Elias declarou: “assim diz o SENHOR, Deus de

Israel” — essa mulher gentia tinha de chegar ao ponto de perceber a humilhante verdade que “a salvação vem dos judeus” (Jo 4.22). “O SENHOR, Deus de Israel”, de cujas maravilhosas obras tu deves ter ouvido tantas vezes; Aquele que do soberbo Faraó fez um escabelo para Seus pés, que trouxe o Seu povo a pé enxuto pelo mar Vermelho, que miraculosamente os sustentou por quarenta anos no deserto, e que em favor deles subjugou os cananitas. Alguém assim com certeza merece confiança quando se trata do pão diário. O “SENHOR, Deus de Israel” é Aquele cuja promessa jamais falha, pois “a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa” (1 Sm 15.29). Com Alguém assim pode-se contar com toda a segurança.

“Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR dê chuva sobre a terra” (1 Rs 17.14 — RC). Deus lhe deu a Sua promessa, para nela repousar: será que a viúva descansaria nessa Palavra? Será que ela de fato confiaria nEle? Repare em como era específica a promessa: não era algo mal e mal, como ‘Deus não vai te deixar morrer de fome’, ou ‘com certeza suprirá todas as tuas necessidades’. Em vez disso, era como se Ele tivesse dito: A farinha da *tua* panela não se acabará nem o azeite da *tua* botija faltará²¹. E se a *nossa* fé é do tipo sustentado por Deus, ela nos levará a confiar na promessa dEle, a nos entregar sem reservas ao Seu cuidado, e a agir corretamente diante dos nossos semelhantes e para com eles. Mas repare como a fé precisa permanecer em exercício: não foi prometida nem providenciada nenhuma nova panela de farinha: era somente um “punhado” que não se acabava — aparentemente uma quantidade inadequada para a família, mas inteiramente suficiente com Deus. A expressão “...até ao dia em que o SENHOR dê chuva sobre a terra” evidenciou a firme fé do próprio profeta.

²¹ Tanto isso é assim, que a RA traduz esse versículo desta forma: “Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra”.

“Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias” (1 Rs 17.15). Podemos exclamar, como nosso Senhor o fez: Ó mulher, grande é a tua fé! Ela poderia ter objetado várias desculpas ao pedido do profeta, especialmente por não conhecê-lo, mas por maior que fosse o teste, a sua fé no Senhor se igualava a ele (ao tamanho do teste). A sua confiança simples de que Deus haveria de tomar conta deles superou todas as objeções do raciocínio carnal. Porventura ela não nos lembra uma outra mulher gentia, a siro-fenícia, uma descendente dos cananitas idólatras, que muito tempo depois se alegrou com a chegada de Cristo aos arredores de Tiro, e que suplicou a Sua ajuda em favor da filha endemoninhada? Com surpreendente fé ela superou cada obstáculo, e obteve uma porção do pão destinado aos filhos, a cura da sua filhinha (Mt 15). Que esses exemplos nos levem a suplicar de coração: “Senhor, aumenta-nos a fé”, pois ninguém pode fazer a nossa fé aumentar, a não ser Aquele que a concede.

“Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias” (1 Rs 17.15,16). Ela nada perdeu por causa da sua generosidade. Seu pequeno suprimento de farinha e azeite era suficiente apenas para uma simples refeição e então ela e o filho haveriam de morrer. Mas a disposição dela de ministrar ao servo de Deus lhe trouxe o suficiente, não apenas para muitos dias, mas até que a seca chegasse ao fim. Ela deu a Elias do melhor que tinha, e por sua bondade para com o profeta Deus supriu para a família dela durante todo tempo de fome. Quão verdadeira é esta palavra: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta” (Mt 10.41). Mas a nem todos do povo de Deus se concede o privilégio de socorrer um *profeta*, contudo eles podem socorrer os *pobres* de Deus. Não está escrito: “Quem se compadece do pobre, empresta a Jeová, Que lhe retribuirá o seu benefício” (Pv 19.17 — BRA)? E novamente: “Bem-aventurado o que acode ao necessitado; o SENHOR o livra no dia do mal” (SI 41 -1). Deus jamais será devedor ao homem.

“Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1 Rs 17.15,16). Aqui novamente vemos exemplificado o fato de que o recebimento da bênção de Deus e a obtenção do alimento (figuradamente, o alimento espiritual) é resultado da *obediência*. Essa mulher atendeu o pedido do servo de Deus, e grande foi a sua recompensa. Você, meu leitor, está apreensivo quanto ao futuro? Receoso de que, quando as suas forças faltarem e vier a idade avançada, você possa se ver sem o necessário para a vida? Então permita-nos lembrá-lo que não há necessidade para esses medos, “...buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas (necessidades temporais) vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). “Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem” (SI 34.9). “...o SENHOR Deus ... nenhum bem sonega aos que andam retamente” (SI 84.11). Mas repare bem que cada uma dessas promessas é *condicional*: a sua parte é dar a Deus o primeiro lugar na vida, temê-LO, obedecer-Lhe e honrá-LO em todas as coisas, e Ele, por Sua vez, garante que o seu pão e a sua água serão certos.

Está o leitor inclinado a replicar: “Esse tipo de conselho é mais fácil ouvir do que obedecer. É mais simples ser lembrado das promessas de Deus do que descansar sobre elas”? Talvez algum outro se sinta inclinado a dizer: “Ah, você não sabe quão desesperadoras são as minhas circunstâncias, quão escuro é o cenário, quão violentamente Satanás está injetando dúvidas na minha mente”. Tudo bem, mas por mais desesperador que seja o seu caso, nós sinceramente imploramos que pense na viúva de Sarepta: é improvável que a sua situação seja tão extrema quanto a dela, e contudo ela não morreu de fome. Aquele que põe Deus em primeiro lugar sempre contará com a presença dEle, em tudo. Coisas que parecem atuar contra nós, contribuem juntamente para o nosso bem, nas Suas maravilhosas mãos. Qualquer que seja a sua necessidade, caro amigo, não se esqueça do Deus de Elias, “...assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias”. Aqui vemos Elias morando em segurança na humilde moradia dessa pobre viúva. Embora a comida

fosse frugal, contudo era suficiente para preservar a vida do corpo. Não há nenhum indício de que Deus tenha provido qualquer variação de dieta durante esses “muitos dias”, como também nenhuma insinuação encontramos de que o profeta tenha ficado insatisfeito com a exigência de comer um só tipo de comida por tão longo período. É aqui que obtemos o primeiro vislumbre de como ele se comportou no ambiente da família. Ele foi um bendito exemplo do seguinte preceito divino: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Tm 6.8). E de onde vinha esse contentamento? Vinha de um coração submisso e calmo, que descansava em Deus: sujeição à Sua vontade soberana, satisfação com a porção que Ele nos designa, enxergando a *Sua* mão tanto no conceder como no negar (a provisão).

“Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1 Rs 17.16). Com certeza, a viúva não tinha motivos para queixar-se do severo teste a que a sua fé havia sido submetida. Deus, que mandara o Seu profeta para hospedar-se com ela, pagou bem as refeições dele — ao prover alimento à família dela enquanto os seus vizinhos passavam fome, e concedendo-lhe a companhia e a instrução do Seu servo. Quem seria capaz de enumerar todas as bênçãos que sobrevieram à alma dela por meio da edificante convivência com Elias e das respostas às orações dele? A disposição dela era benévola e generosa, pronta a conceder alívio às necessidades alheias e a ministrar às necessidades dos servos de Deus; e a sua liberalidade retomou a ela cem vezes mais. Deus concede misericórdia aos que são misericordiosos. “Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos” (Hb 6.10).

“Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1 Rs 17.16). Antes que percamos de vista um belo tipo que encontramos neste texto, esforcemo-nos agora para enxergar além do que é aparente. A “farinha” com certeza é uma figura de Cristo, divinamente selecionada, o “grão de trigo” que morreu (Jo 12.24), triturado entre a pedra superior e a inferior do moinho do juízo de Deus, para tomar-Se para nós o “Pão da vida”. Isso fica claro nos

primeiros capítulos de Levítico, onde encontramos as cinco grandes ofertas estabelecidas para Israel, as quais apresentam a pessoa e a obra do Redentor; a oferta de “fina flor” de farinha (Lv 2) retratando as perfeições da Sua humanidade. Também é claro que o “azeite” é um símbolo do Espírito Santo, em Suas operações de unção, iluminação e conforto. Um estudo muito abençoado é investigar através das Escrituras os textos em que aparece o “azeite” (ou ‘óleo’), e os tipos a que se refere.

Da mesma forma que a pequena família de Sarepta não foi sustentada apenas com farinha ou apenas com azeite, mas pelos dois juntos, assim o crente é sustentado espiritualmente sempre tanto por Cristo como pelo Espírito Santo. Nós não conseguiríamos nos alimentar de Cristo, sim, jamais sentiríamos a nossa necessidade de nos alimentar dEle, se não fosse a graciosa influência do Espírito de Deus. Tanto um como o Outro nos são indispensáveis: Cristo para nós, o Espírito em nós; Um sustentando a nossa causa no alto, o Outro ministrando para nós aqui em baixo. O Espírito está aqui para “testificar” de Cristo (Jo 15.26), para “glorificar” a Cristo (Jo 16.14), e por essa razão o Salvador acrescentou: “Ele ... há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”. Não será por essa razão que a “farinha” (por três vezes consecutivas) é mencionada primeiro no tipo? Esta não é a única passagem em que vemos os dois tipos justapostos: repetidas vezes, nas belas prefigurações do Antigo Testamento, lemos do “azeite” (ou ‘óleo’) colocado sobre o sangue (Êx 29.21; Lv 14.14-17 etc.).

“Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1 Rs 17.16). Havia uma permanente multiplicação de ambos, de acordo com o imenso poder de Deus, que operava um contínuo milagre: não temos aqui um perfeito paralelo entre este fato e a multiplicação sobrenatural operada pelo Salvador, dos cinco pães de cevada e dois peixinhos, enquanto os discípulos distribuíam e a multidão comia (Mt 14.19,20)? Mas vamos outra vez tomar nossos olhos do tipo para o Antítipo. A farinha que não diminui, o suprimento ininterrupto, tudo aponta para Cristo como Aquele que nutre a nossa

alma. A provisão que Deus fez para o Seu povo na pessoa do Senhor Jesus perdura sempre a mesma através dos séculos: podemos chegar a Ele vez após vez e, embora recebamos dEle “graça sobre graça”, contudo a Sua “plenitude” (Jo 1.16) permanece a mesma “ontem, hoje e para sempre”²². “... e da botija o azeite não faltou” — prefigura a grandiosa verdade que o Espírito Santo está conosco até o fim da nossa peregrinação (Ef 4.30).

Mas chamamos outra vez a atenção para o fato de que Deus não deu uma nova panela de farinha e nova botija de azeite a essa família em Sarepta, e também não encheu as vasilhas até a boca. Há uma outra lição importante para nós nesse fato. Deus lhes deu o suficiente para seu uso diário; não lhes deu de uma só vez suprimento adiantado para um ano ou mesmo provisão para uma semana. Da mesma forma, não existe isso de acumular para nós mesmos um estoque de graça para uso futuro. Nós temos de ir constantemente a Cristo para novos suprimentos de graça. Aos israelitas foi expressamente proibido estocar o maná: eles tinham de sair a cada manhã para colhê-lo outra vez. Não há como obtermos sustento suficiente para nossa alma no domingo, que dure por toda a semana, mas temos de nos alimentar da Palavra de Deus a cada manhã. Assim também, embora tenhamos sido regenerados pelo Espírito de uma vez por todas, contudo Ele nos renova no homem interior “de dia em dia” (2 Co 4.16).

“...segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias” (1 Rs 17.16). Isso ilustrava e representava um princípio vital: nenhuma palavra dEle cairá por terra, mas todas as coisas “que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade” (At 3.21) com toda certeza se cumprirão. Isso é tanto solene como abençoado. Solene, porque as ameaças das Sagradas Escrituras não são sem fundamento, mas são as fiéis advertências dAquele que não pode mentir. Tão certo como a declaração de Elias: “nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1 Rs 17.1) se cumpriu ao pé da letra,

²² Hebreus 13.8.

assim o Altíssimo executará cada juízo anunciado. Ele tem proclamado advertências contra os perversos. Abençoado, porque tão certo como a farinha da viúva e o azeite não faltaram, de acordo com a Sua palavra através de Elias, assim também cada promessa que Ele fez aos Seus santos ainda vai cumprir-se perfeitamente. A incontestável veracidade, a imutável fidelidade e o onipotente poder de Deus para cumprir a Sua Palavra, são o sólido fundamento em que a fé pode, com segurança, repousar.



Capítulo 9

Uma providência sombria

“Vejo mudanças e decadência por todo lado.”²³ Nós vivemos num mundo em que nada é estável, e onde a vida está sujeita a estranhas vicissitudes. Não podemos, e não devemos, esperar que as coisas se desenvolvam suavemente para nós por muito tempo, enquanto habitamos nesta terra de pecado e mortalidade. Isso não condiz com o presente estado de coisas da nossa sorte como criaturas decaídas, pois “o homem nasce para a aflição, tão certamente como as faíscas voam para cima”²⁴. Também não seria bom para nós, se

²³ O Autor refere-se, provavelmente, ao belo hino do ministro e poeta escocês Henry Francis Lyte, escrito em meados do seu último ano de vida (Lyte nasceu em 1793, e faleceu em novembro de 1847). O texto foi inspirado em Lucas 24.29, onde os dois viajantes da estrada de Emaús suplicam ao Senhor Jesus: “Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina”. Mas “Comigo Habita”, como foi traduzido para o português, não é um hino para o anoitecer do dia; o ‘anoitecer’ do hino é uma metáfora para o final da vida, uma transição do “curto dia” para o “amanhecer do céu”, do qual Lyte mesmo se aproximava rapidamente por causa da sua saúde debilitada. O texto é uma oração suplicando a presença atenciosa de Deus quando os amigos falham, quando tudo parece mudar e corromper-se, quando o diabo ataca, quando a morte se aproxima, e quando passamos desta vida para a glória celeste.

[Fontes: http://www.hymnary.org/text/abide_with_me_10 e <http://www.cwnet.org/cgi-bin/jesusmidi?Portuguese+HINO+ha397>, acessados em 04 de novembro de 2009],

* Jó 5.7, BRA.

fôssemos poupados por completo da aflição. Embora sejamos filhos de Deus, e objetos do Seu favor especial, contudo isso não nos livra das adversidades comuns da vida. Doença e morte podem entrar em nossa casa a qualquer hora: elas podem atacar nossa própria pessoa ou àqueles que nos são chegados e caros, e somos obrigados a nos curvar às dispensações soberanas d'Aquele que governa sobre todos. Isso são afirmações bem conhecidas, nós sabemos, contudo contêm uma verdade que temos sempre de lembrar, por mais indigesta que seja.

Embora estejamos bem familiarizados com o fato mencionado acima, e o vejamos ilustrado todos os dias por todo lado, contudo somos relutantes e lentos em reconhecer a sua aplicação *a nós mesmos*. A natureza humana é assim: ansiamos por desconsiderar o que é desagradável, e nos persuadimos que, se a nossa presente sorte é feliz, ela vai permanecer assim por algum tempo. Mas não importa quão saudáveis sejamos, quão vigorosa a nossa constituição, quão bem providos estejamos financeiramente, não devemos pensar que nossa montanha seja tão forte que não possa ser movida (SI 30.6,7). Em vez disso, temos de nos treinar para segurar as misericórdias temporais sem muita força, e fazer uso dos nossos relacionamentos e consolações desta vida como se não os tivéssemos (1 Co 7.30), lembrando-nos que “a aparência deste mundo passa”. Nosso descanso não está aqui e, se fizermos o nosso ninho nalguma árvore terrena, mais cedo ou mais tarde perceberemos que a floresta toda virá abaixo.

Como muitos, antes deste acontecimento, a viúva de Sarepta pode ter sido tentada a pensar que todas as suas tribulações tinham passado. Ela podia, com razão, esperar uma bênção vinda do fato de acolher o servo de Deus na casa dela, e ela de fato recebeu uma bênção concreta e generosa. Por tê-lo acolhido, ela e o filho receberam suprimento por meio de um milagre de Deus num tempo de fome por “muitos dias”; e talvez ela tenha concluído, por causa disso, que ela não tinha mais nada a temer no futuro. Contudo a próxima coisa registrada em nossa narrativa é o seguinte: “Depois disto, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a sua doença se agravou tanto, que ele morreu” (1 Rs 17.17). A linguagem usada para exprimir esse tocante

incidente sugere que o filho dela foi atingido de repente, e com tal intensidade que ele faleceu rapidamente, antes que Elias tivesse oportunidade de orar por sua restauração.

Como são misteriosos os caminhos de Deus! A estranheza desse incidente se torna mais evidente se o ligarmos com o versículo imediatamente anterior: “Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme a palavra do SENHOR, que falara pelo ministério de Elias. E, depois *destas coisas*, sucedeu que adoeceu o filho desta mulher” (1 Rs 17.16,17 — RC). Tanto ela quanto o filho tinham sido alimentados miraculosamente por um considerável intervalo de tempo, e agora ele é subitamente cortado da terra dos viventes, lembrando-nos das palavras de Cristo a respeito daquilo que se seguiu a um milagre de outrora: “Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram” (Jo 6.49). Mesmo que o sorriso de Deus esteja sobre nós e Ele esteja mostrando-Se forte em nosso favor, isso não nos garante imunidade contra as aflições que são a herança da carne e do sangue. Enquanto formos deixados neste vale de lágrimas, precisamos buscar graça para “alegrar-nos com tremor” (SI 2.11).

Por outro lado, essa viúva com certeza errou se tinha concluído que, por lhe ter sido tirado o filho, ela havia perdido o favor de Deus e que essa estranha dispensação era um sinal seguro da Sua ira. Não está escrito que “o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho” (Hb 12.6)? Mesmo quando temos as mais evidentes manifestações da boa vontade de Deus — como essa mulher recebeu pela presença de Elias sob o seu teto e o milagre diário do sustento — temos de estar preparados para o olhar de censura e desaprovação da Providência. Não devemos ficar chocados se nos depararmos com doloridas aflições enquanto estivermos trilhando o caminho do dever. Não foi assim com José, vez após vez? E com Daniel também? E, acima de tudo, não foi assim com o próprio Redentor? — assim também com os Seus apóstolos. “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo” (1 Pe 4.12).

Repare bem que essa pobre alma tinha recebido sinais especiais do favor de Deus antes que fosse lançada na fogueira da aflição. Muitas vezes, acontece que Deus exercita o Seu povo com as mais pesadas provas quando eles acabaram de receber das Suas mais ricas bênçãos. Contudo aqui o olhar ungido pode discernir as Suas temas misericórdias. Essa observação surpreende você, caro leitor? Você pergunta: “Como pode ser isso?” Isso ocorre porque o Senhor, na Sua infinita graça, muitas vezes *prepara* os Seus filhos para o sofrimento usando o recurso de previamente conceder-lhes grande gozo espiritual: dando-lhes sinais claros da Sua bondade, enchendo-lhes o coração com o Seu amor, e difundindo-lhes uma paz indescritível na mente. Havendo provado na prática a bondade de Deus, eles estão mais bem preparados para deparar-se com a adversidade. Além disso, a paciência, a esperança, a mansidão e as outras graças espirituais só podem ser desenvolvidas no fogo: a fé dessa viúva precisava, então, ser provada ainda mais severamente.

A perda do filho foi uma dura aflição para essa pobre mulher. Seria difícil para qualquer mãe, mas era especialmente mais severo para ela, porque ela tinha sido anteriormente reduzida à viuvez, e agora não havia mais ninguém que pudesse sustentá-la e confortá-la nos anos da sua velhice. Todas as suas afeições se concentravam no filho, e com a sua morte todas as suas esperanças foram destruídas: a sua última brasa havia agora de fato sido apagada (2 Sm 14.7), pois não restava ninguém para preservar o nome do seu marido na terra. No entanto, como no caso de Lázaro e de suas irmãs, esse golpe pesado era “para a glória de Deus” (Jo 11.4), e se destinava a garantir-lhe um sinal ainda mais evidente do favor do Senhor. Assim também foi com José e com Daniel, a quem nos referimos acima: foram severas e dolorosas as suas provas, contudo na sequência Deus lhes conferiu uma honra maior. Oh, que o Senhor nos conceda fé para nos agarrarmos ao “depois” de Hebreus 12.11!

“Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?” (1 Rs 17.18). Misericórdia, que criaturas pobres, falhas e

pecadoras nós somos! Quão miseravelmente retribuímos a Deus as Suas abundantes misericórdias! Quando se põe sobre nós a Sua mão disciplinadora, quantas vezes nos rebelamos, em vez de nos submetermos obedientemente. Em vez de nos humilharmos debaixo da potente mão de Deus e Lhe suplicarmos que nos mostre o porquê da Sua contenda conosco (Jó 10.2), estamos muito mais prontos a culpar alguma outra pessoa como a causa dos nossos problemas. Foi o que aconteceu com essa mulher. Em vez de pedir a Elias que orasse com e por ela — para que Deus a capacitasse a entender onde ela havia “errado” (Jó 6.24), para que Ele Se agradasse em santificar essa aflição para o bem da alma dela, e capacitá-la a glorificá-LO “no fogo”²³ (Is 24.15) — ela repreendeu o profeta. Quão tristemente nós falhamos no uso dos nossos privilégios.

“Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?” (1 Rs 17.18). Isso contrasta completamente com a calma que ela demonstrou quando Elias a encontrou a primeira vez. A súbita calamidade que se abateu sobre ela sobreveio como uma dolorosa surpresa e, nessas circunstâncias, quando a tribulação nos ataca repentinamente de modo inesperado, é difícil manter o espírito sob controle. Quando estamos sob repentinas e severas provas, necessitamos de muita graça para nos preservar da impaciência, de explosões mal-humoradas, e para pôr em prática uma confiança inabalável e uma completa submissão a Deus. Nem todos os santos estão aptos para dizer juntamente com Jó: “...temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? ... o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 2.10, 1.21). Mas longe de nos justificarmos com base no tropeço da viúva, temos de nos julgar a nós mesmos sem piedade, e com pesar devemos confessar esses pecados a Deus.

²³ A tradução inglesa usada pelo Autor, A King James, registra da seguinte forma Isaías 24.15:

“Wherefore glorify ye the LORD in the fires, even the name of the LORD God of Israel in the isles of the sea”, ou seja: “Por essa razão, glorificai vós o SENHOR no fogo...”.

A pobre viúva estava profundamente aflita com a perda que havia sofrido, e a sua forma de falar com Elias é uma estranha mistura de fé e incredulidade, soberba e humildade. Foi a erupção inconsistente de uma mente perturbada, como se pode perceber pela incoerência e tolice da argumentação. Primeiro, ela pergunta ao profeta: “Que fiz eu, ó homem de Deus?” — o que eu fiz para te desagradar? Onde foi que te ofendi? Ela desejava nunca ter posto os olhos nele, se ele tinha sido o responsável pela morte do filho. Contudo, em segundo lugar, ela o reconhece como “homem de Deus” — alguém que tinha sido separado para o serviço de Deus. Ela com certeza já sabia, a essa altura, que a terrível seca sobreviera a Israel em resposta às orações do profeta, e ela provavelmente concluíra que a sua própria aflição viera dessa mesma forma. Em terceiro lugar, ela se humilhou, perguntando: “Vieste a mim para trazeres à memória *a minha iniquidade...*?” — possivelmente uma referência ao fato de que ela anteriormente adorava Baal.

Muitas vezes, Deus utiliza as aflições para nos trazer a lembrança de pecados cometidos outrora. Na rotina comum da vida, é fácil avançar de dia em dia sem nenhum exame detalhado de consciência diante do Senhor, em especial quando nossa panela está transbordando. Somente quando estamos de fato andando bem junto dEle, ou quando somos atingidos por algum castigo especial da Sua mão, que nossa consciência fica sensível diante de Deus. Mas quando a morte entrou na família dela, veio à tona a questão do pecado dela, porque a morte é o salário do pecado (Rm 6.23). A atitude mais segura, quando consideramos nossas perdas, é compreendê-las como a voz de Deus falando ao nosso coração pecaminoso, e diligentemente examinar-nos a nós mesmos, arrepender-nos de nossas iniquidades, e prontamente confessá-las ao Senhor, a fim de obtermos o Seu perdão e purificação (1 Jo 1.9).

É nesse ponto específico que aparece muitas vezes a diferença entre um incrédulo e um crente. Quando aquele é visitado por algum difícil transtorno ou perda, o orgulho e a justiça própria do seu coração se manifesta rapidamente nas suas palavras: “Não sei o que é que eu fiz

para merecer isto. Eu sempre tento fazer o que é certo; eu não sou pior do que os meus vizinhos que foram poupados desse tipo de tristeza — por que eu tenho de sofrer esse tipo de calamidade?” Mas quão diferente é o caso daquele que verdadeiramente foi humilhado. Ele não confia mais em si mesmo, ciente dos seus próprios fracassos, e pronto a temer que tenha desagradado ao Senhor. Alguém assim haverá de considerar diligentemente os seus caminhos (Ag 1.5), revendo a maneira como vinha conduzindo a vida e examinando cuidadosamente o seu comportamento no presente, a fim de descobrir o que fez ou está fazendo de errado, para poder consertá-lo. É somente assim que se aliviam os medos da mente e a paz de Deus se confirma na alma.

É esse trazer à memória os nossos múltiplos pecados e condenar a nós mesmos por causa deles que nos tomará doces e submissos, pacientes e conformados. Foi isso que aconteceu com Arão que, quando o juízo de Deus caiu tão duramente sobre a família dele, “guardou silêncio” (Lv 10.3 — BRA). Também foi assim com o velho e pobre Eli, que falhou em reprovar e disciplinar os seus filhos, pois quando foram sumariamente mortos, ele exclamou: “É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver” (1 Sm 3.18). A perda de um filho pode, às vezes, lembrar aos pais os pecados cometidos há muito tempo. Foi assim com Davi, quando ele perdeu o filho pela mão de Deus, que o removeu por causa da sua perversidade (2 Sm 12). Não importa quão pesada a perda, quão profunda a tristeza, quando está em seu perfeito juízo, a linguagem do santo será sempre esta: “Bem sei, ó SENHOR, que os teus juízos são justos e que com fidelidade me afligiste” (Sl 119.75).

Embora a viúva e seu filho tenham sido mantidos vivos por muitos dias, miraculosamente sustentados pelo poder de Deus, enquanto o restante do povo sofria, contudo ela estava menos comovida com a beneficência de Deus do que com o fato de Ele ter-lhe tirado o filho: “Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?” (1 Rs 17.18). Ao mesmo tempo que ela parece reconhecer Deus na morte

do filho, ela não consegue livrar-se do pensamento de que a presença do profeta era responsável pelo acontecido. Ela atribui a sua perda a Elias: como se ele se tivesse encarregado de ir até ela com o propósito de infligir-lhe punição por causa do pecado dela. Da mesma forma que ele tinha sido enviado até Acabe para declarar a seca sobre Israel por causa do pecado deles, assim ela agora temia a presença dele, com receio até de vê-lo. Lamentavelmente, como somos propensos a errar os motivos das nossas aflições e atribuí-las a causas incorretas.

“Ele lhe disse: Dá-me o teu filho” (1 Rs 17.19). No parágrafo inicial do nosso último capítulo, mostramos como a segunda metade de

1 Reis 17 nos apresenta uma descrição da vida doméstica de Elias, o seu comportamento no lar da viúva de Sarepta. Primeiro, ele mostrou seu contentamento com a comida simples, não expressando insatisfação com um cardápio invariável dia após dia. E aqui vemos como ele se conduziu sob grande provocação. A petulante explosão dessa mulher perturbada foi algo cruel para com o homem que havia trazido libertação à casa dela. As suas palavras — “Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?” — não tinham razão de ser e eram injustas, e bem poderiam ter gerado uma resposta amarga. E com certeza teria sido assim, não estivesse a graça repressora de Deus operando nele, visto que Elias, por natureza, era de temperamento esquentado.

A interpretação errônea da viúva quanto à presença de Elias em seu lar era suficiente para abalar qualquer pessoa. É maravilhoso reparar que não houve nenhuma resposta irada ao seu julgamento impensado, mas em vez disso uma “resposta branda” para dissipar a ira dela. Se alguém nos fala irrefletidamente, isso não é motivo para descermos ao seu nível. O profeta não tomou conhecimento da pergunta acalorada que ela fez, evidenciando com isso que ele era um seguidor dAquele que é “manso e humilde de coração”, a respeito de Quem lemos o seguinte: “pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje” (1 Pe 2.23). “Elias viu que ela estava em extrema agonia, e que falou em grande angústia de espírito; por isso, sem tomar conhecimento das suas palavras, ele calmamente lhe disse: ‘Dá-me o

teu filho'; levando-a ao mesmo tempo à expectativa da restauração do seu filho por meio da intercessão dele" (J. Simpson).

Talvez alguém pense que as últimas palavras acima são inteiramente especulativas; pessoalmente, cremos que elas estão inteiramente asseguradas pelas Escrituras. Em Hebreus 11.35, lemos o seguinte: "Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos". Lembramos que essa afirmação se encontra no grande capítulo da fé, onde o Espírito apresentou algumas das maravilhosas realizações e façanhas daqueles que confiaram no Deus vivo. Menciona-se um caso após outro, e então agrupam-se algumas pessoas, dizendo: "...os quais, *por meio da fé*, subjugaram reinos ... Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos"²⁶. Não há dúvida que se faz referência, aqui, ao caso que estamos tratando em 1 Reis 17, e ao caso similar da sunamita (2 Rs 4.17-37). Aqui, então, temos outro exemplo onde o Novo Testamento lança luz sobre as Escrituras do Antigo, capacitando-nos a obter uma noção mais completa daquilo que estamos agora considerando.

A viúva de Sarepta, embora fosse gentia, era uma filha de Sara, a quem havia sido entregue a fé dos eleitos de Deus. Esse tipo de fé é sobrenatural, o seu autor e seu objeto são sobrenaturais. Não somos informados a respeito de quando essa fé foi gerada no interior dela — muito provavelmente durante a estadia de Elias no lar dela, porque "a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17 — RC). O caráter sobrenatural da fé dela foi evidenciado pelos seus frutos sobrenaturais, pois foi em resposta à sua fé (bem como em resposta à intercessão de Elias) que o seu filho lhe foi restaurado. O mais impressionante é que, tanto quanto nos informa a Palavra, não houve nenhum caso anterior de alguém morto haver sido trazido outra vez à vida. No entanto, Aquele que fez com que um punhado de farinha não acabasse e um pouquinho de azeite numa botija não faltasse enquanto bastavam para sustentar três pessoas por "muitos dias", com toda

²⁶ Hebreus 11.33-35.

certeza Ele também *podia* ressuscitar os mortos. É assim que a fé raciocina: não há nada impossível para o Altíssimo.

Talvez alguém argumente que não há, nesta narrativa, nenhuma indicação a respeito da fé da viúva quanto à ressurreição do filho dela, pelo contrário só se vê o desespero da mulher. Está certo, contudo isso de forma nenhuma se opõe ao que destacamos acima. Não se diz nada, em Gênesis, a respeito da fé de Sara para gerar um filho, mas só se menciona o ceticismo dela. O que há no livro de Êxodo que nos sugira que os pais de Moisés tivessem exercido fé em Deus quando depositaram o filho no cesto de vime calafetado com betume? — contudo, veja Hebreus 11.23. Qualquer pessoa que tente encontrar qualquer coisa no livro de Juizes que sugira que Sansão era um homem de fé, se verá em dificuldades, contudo Hebreus 11.32 deixa bem claro que sim, Sansão era um homem de fé. Mas se nada se diz no Antigo Testamento a respeito da fé da viúva de Sarepta, também temos de reparar que as palavras indelicadas dela para com Elias não foram registradas no Novo Testamento — assim como também não encontramos o pecado de incredulidade de Sara ou a impaciência de Jó — porque eles foram apagados pelo sangue do Cordeiro.



Capítulo 10

Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos²⁷

Vamos agora considerar um dos incidentes mais notáveis do Antigo Testamento — a ressurreição do filho da viúva de Sarepta. É um incidente inacreditável para o incrédulo, contudo aquele que possui um pouco que seja de familiaridade com o Senhor não encontrará nenhuma dificuldade nisso. Quando Paulo fazia sua defesa diante de Agripa, o apóstolo lhe perguntou: “Por que se julga incrível entre vós (não só que um morto seja restaurado à vida, mas) que *Deus* ressuscite os mortos?” (At 26.8). Ah, é ali que o crente põe toda a ênfase: na absoluta suficiência dAquele a quem ele haverá de prestar contas. Traga à cena o Deus vivo, e não importa quão drástica e desesperadora seja a situação, todas as dificuldades desaparecem à uma,

²⁷ Hebreus 11.35.

pois nada é impossível para Ele. Aquele que gerou a vida, Aquele que mantém viva a nossa alma (SI 66.9) pode vivificar os mortos.

Os descrentes de hoje (à semelhança dos saduceus de antigamente) talvez zombem da verdade divinamente revelada da ressurreição, mas o cristão não faz isso. Por quê? Porque ele experimentou na própria alma o poder ressuscitador de Deus: ele foi trazido da morte para a vida, espiritualmente. Mesmo que Satanás possa injetar dúvidas vis em sua mente, e por um momento abale a sua confiança na ressurreição do Senhor Jesus, contudo ele em breve recupera a postura; ele conhece a bênção dessa grande verdade, e quando vê que a graça outra vez o livrou do poder das trevas, ele exclamará alegremente com o apóstolo: “Cristo vive em mim”. Além disso, quando ele nasceu de novo, foi implantado um princípio sobrenatural no seu coração — o princípio da fé — e esse princípio fez com que ele recebesse as Sagradas Escrituras em plena confiança de que elas são de fato a Palavra dAquele que não pode mentir, e por isso ele crê *tudo* o que os profetas disseram²⁸.

Aqui está o que confunde e leva os sábios deste mundo a tropeçar, mas que é simples para o cristão. A preservação de Noé e de sua família na arca, a passagem de Israel pelo mar Vermelho a pé enxuto, a sobrevivência de Jonas no ventre da baleia, não são dificuldade para ele de forma nenhuma. Ele sabe que a Palavra de Deus é infalível, pois essa verdade já se comprovou na sua própria experiência. Havendo provado por si mesmo que o Evangelho de Cristo é “o poder de Deus para salvação”, ele não tem razão por quê duvidar de nada que se encontra registrado na Sagrada Escritura com respeito aos prodígios do Seu poder no mundo material. O crente está plenamente certo de que nada é difícil demais para o Criador dos céus e da terra. Não é que ele seja alguém intelectualmente ingênuo, que aceita credulamente aquilo que é de todo contrário à razão. O que acontece é que, no cristão, a razão foi restaurada ao seu funcionamento normal: com isso, segue-se forçosamente a volta do relacionamento

²⁸ Lucas 24.25.

com o Deus todo-poderoso e o reconhecimento da atuação da Sua mão sobrenatural.

O assunto todo dos milagres é, por meio disso, reduzido ao seu fator mais simples. Muita coisa culta mas sem sentido tem sido escrita sobre o assunto: as leis da natureza, a sua supressão, a atuação de Deus contrária a essas leis, e a exata natureza de um milagre. Pessoalmente, definiríamos um milagre como algo que ninguém a não ser o próprio Deus pode operar. Com isso, não estamos subestimando os poderes de Satanás, ou desconsiderando passagens como Apocalipse 16.14 e 19.20. Para este autor, é suficiente que a Sagrada Escritura afirma o seguinte a respeito do Senhor: “ao único que opera grandes maravilhas” (SI 136.4). Quanto aos “grandes sinais e maravilhas” operados pelos falsos cristos e pelos falsos profetas, a sua natureza e propósito são “enganar” (Mt 24.24), visto que são “prodígios *da mentira*” (2 Ts 2.9), da mesma forma que as suas predições são falsas. Aqui nós descansamos: somente Deus faz grandes maravilhas, e como é *Deus* que as faz, é exatamente isso que a fé espera dEle.

Em nosso último capítulo, ocupamo-nos com a dolorosa aflição que sobreveio à viúva de Sarepta com a súbita morte do seu filho, e o efeito imediato que isso provocou nela. Afetada até o mais íntimo do seu ser, ela voltou-se contra Elias e o acusou de ser a causa da sua pesada perda. O profeta não replicou de forma rude à acusação descortês e injusta, mas em vez disso pediu: “Dá-me o teu filho”. Repare que ele não exigiu o corpo do menino como um dominador, mas de forma cortês ele o solicitou à mãe que lho concedesse. Cremos que, com isso, o propósito de Elias era acalmar as emoções dela e conduzi-la a ‘esperar contra a esperança e crer’ (Rm 4.18), como muito tempo antes Abraão fizera, quando creu no “Deus que vivifica os mortos” (Rm 4.17), visto que era (em parte) em resposta à fé dela que ela receberia, pela ressurreição, o seu morto (Hb 11.35).

“.. tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama” (1 Rs 17.19). Esse era evidentemente um quarto na parte superior da casa, reservado

para o uso do profeta, assim como Eliseu tinha o seu numa outra casa (2 Rs 4.10). Para ali ele agora se retira, em busca de privacidade, como Pedro subiu ao eirado²⁹, e Cristo Se dirigiu ao jardim³⁰. O próprio profeta devia estar muito oprimido e desconcertado diante do triste evento que surpreendera a sua anfitriã. Elias, embora austero na execução dos deveres, tinha por baixo um espírito carinhoso (como é comum acontecer com homens firmes), cheio de benignidade e sensível às necessidades alheias. Toma-se evidente, pela sequência dos acontecimentos, que Elias sofreu com o fato de que aquela que fora tão gentil com ele tivesse de ser tão duramente afligida agora que ele viera hospedar-se com ela, e a agonia dele se agravava pelo fato de ela o considerar responsável pela perda que sofrera.

Não se deve perder de vista que essa sombria dispensação provocou um verdadeiro teste da fé de Elias. Jeová é o Deus da viúva, e recompensa aqueles que ajudam o Seu povo, especialmente aqueles que mostram benevolências aos Seus servos. Por que, então, haveria de sobrevir uma tragédia sobre aquela que supriria um refúgio ao profeta? Não havia ele vindo pela instrução do próprio Senhor, como um mensageiro da misericórdia para a casa dela? Sim, ele havia se mostrado tudo isso; mas isso tinha sido esquecido por ela debaixo da pressão do momento, pois agora ele é considerado emissário da ira, um vingador do pecado dela, o matador do seu filho único. Pior ainda, não sentia ele que a honra do seu Senhor estava também envolvida nisso tudo? Que o nome do Senhor seria caluniado! Não poderia a viúva dizer: “É assim que Deus paga aos que tratam bem os Seus servos?”

É impressionante ver como Elias reagiu a esse teste. Quando a viúva questionou se a morte do seu filho se devia à presença dele, ele não se entregou a especulações carnavais, e não tentou desvendar o profundo mistério que se apresentava tanto a ele como a ela. Em vez disso, ele retirou-se ao seu quarto, para ficar a sós com Deus, para

²⁹ Atos 10.9.

³⁰ João 18.1.

derramar diante dEle a sua perplexidade. Isso é sempre o que devemos fazer, pois o Senhor não é apenas “socorro bem presente nas tribulações”³¹, mas a Sua Palavra requer que O busquemos em primeiro lugar (Mt 6.33). “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa”³² aplica-se com dobrada intensidade em tempos de perplexidade e agonia. Vão é o socorro do homem; inúteis são as conjecturas carnavais. Na hora da Sua mais severa prova, o próprio Salvador retirou-Se até mesmo dos Seus discípulos e derramou o coração diante do Pai em secreto. Não foi permitido à viúva testemunhar a devoção mais profunda da alma do profeta diante do seu Senhor.

“...então, clamou ao SENHOR” (1 Rs 17.20). Embora Elias não entendesse o significado desse mistério, ele sabia muito bem o que fazer na sua dificuldade. Ele dirigiu-se ao seu Deus e derramou a sua queixa diante dEle. Ele buscou socorro com grande ardor e insistência, argumentando humildemente com Ele a respeito da morte da criança. Mas repare bem na reverente linguagem dele: ele não pergunta: “Por que infligiste sobre nós esta triste situação?” Em vez disso, ele diz: “Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho?” (v. 20). O *porquê* da situação não era da sua conta. Não nos cabe questionar os caminhos do Altíssimo, nem inquirir curiosamente as Suas decisões secretas. Para nós, é suficiente saber que o Senhor não comete erros, que Ele tem uma boa e suficiente razão para fazer tudo o que faz, e por essa razão devemos obedientemente nos submeter à Sua vontade soberana. As perguntas do homem: “Por que Ele faz isto?” e “Por que fizeste aquilo?” são reputadas como “discutir com Deus” (Rm 9.19,20).

Na maneira de Elias dirigir-se a Deus podemos notar, primeiro, como ele recorreu ao relacionamento especial que Ele mantinha com o profeta: “Ó SENHOR, *meu* Deus”, ele clamou. Isso foi uma alegação do seu interesse pessoal em Deus, pois essas palavras

³¹ Salmo 46.1.

³² Salmo 62.1,5.

expressam sempre relacionamento de aliança. Ser capaz de dizer: “Ó SENHOR, *meu Deus*” vale mais do que ouro ou rubis. Em segundo lugar, ele reconheceu a verdadeira fonte da calamidade: “Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, [*Tu*] *affligiste*, matando-lhe o filho?” (1 Rs 17.20) — ele viu a morte atacando por ordem de Deus: “Sucederá algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito?” (Am 3.6). Que conforto, quando somos capacitados a perceber que nenhum mal sobrevêm aos filhos de Deus a não ser aquele que Ele permite. Em terceiro lugar, ele contestou a severidade da aflição: este mal sobreveio não apenas a uma mulher, nem mesmo a uma mãe, mas “a esta viúva” — a quem Tu socorres de forma especial. Além do mais, ela é aquela “com quem me hospedo”: a minha bondosa benfeitora.

“E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tomar a entrar nele” (1 Rs 17.21). Seria isso uma prova da humildade do profeta? Quão admirável ver um tão grande homem gastar tanto tempo e atenção naquela atitude simples, e se colocar em estreito contato com aquilo que, cerimonialmente, o deixava impuro! Teria sido esse ato uma indicação da sua própria afeição pela criança, e para mostrar quão profundamente agitado ele estava com a sua morte? Era um sinal do fervor do seu apelo a Deus, como se ele quisesse, se fosse possível, pôr vida no corpo da criança, vida e calor do seu próprio corpo? Não é isso que a repetição por três vezes nos leva a pensar? Será que era um sinal daquilo que Deus haveria de fazer pelo Seu poder e por obra da Sua graça ao trazer os pecadores da morte para a vida, o Espírito Santo envolvendo-os e comunicando-lhes a Sua própria vida? Se era isso, não temos aqui mais do que uma indicação de que, aqueles a quem Ele emprega como instrumentos na conversão, precisam tomar-se eles mesmos como criancinhas, descendo eles mesmos ao nível daqueles a quem ministram, e não colocar-se num pedestal como se fossem seres superiores?

“...clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tomar a entrar nele” (1 Rs

17.21). Como isso nos prova que Elias estava acostumado a esperar grandes bênçãos da parte de Deus, em resposta às suas súplicas, considerando que nada era difícil demais para Ele, nada grande demais para Ele conceder em resposta à oração. Sem dúvida nenhuma, essa petição foi motivada pelo Espírito Santo, contudo foi uma maravilhosa decorrência da fé com que o profeta antecipava a restauração da criança à vida, pois não há registro nas Escrituras de ninguém que tenha sido ressuscitado dos mortos antes dessa ocasião. E lembre-se, leitor cristão, que isso está registrado para nossa instrução e encorajamento: muito pode, por sua eficácia, a súplica de um justo³³. Junto ao trono da graça, aproximamo-nos de um grande Rei; que sejam grandes, portanto, as petições que fizermos. Quanto mais a fé conta com o infinito poder e suficiência do Senhor, tanto mais Ele é honrado.

“O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tomou a entrar nele, e reviveu” (1 Rs 17.22). Que grande prova foi essa, de que “os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas” (1 Pe 3.12). Que demonstração do poder e da eficácia da oração! Nosso Deus é um Deus que ouve a oração, um Deus que responde às orações: refugiamo-nos, pois, nEle, qualquer que seja nossa aflição. Por mais desesperador que seja o nosso caso aos olhos humanos, nada é difícil demais para o Senhor. Ele é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos³⁴. Mas, peçamos “com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa” (Tg 1.6,7). “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5.14). Sem dúvida precisamos — todos nós — suplicar com mais fervor: “Senhor, ensina-nos a orar”³⁵. A não ser que esse seja um dos efeitos

³³ Tiago 5.16.

³⁴ Efésios 3.20.

³⁵ Lucas 11.1.

das considerações que estamos fazendo aqui, teremos sido bem pouco beneficiados com o nosso estudo.

Temos de clamar: “Senhor, ensina-nos a orar”, mas também temos de meditar cuidadosamente nas porções da Palavra que relatam casos de intercessão eficaz, para podermos aprender os segredos da oração bem-sucedida. Quanto a esse assunto, devemos notar os seguintes pontos: Primeiro, Elias retirou-se ao seu próprio quarto, a fim de estar sozinho com Deus. Segundo, o seu fervor: ele “clamou ao Senhor” — isso não eram meras palavras. Terceiro, o seu firme interesse pessoal pelo Senhor — ele expressa esse firme interesse, ao declarar o seu relacionamento de aliança: “O SENHOR, *meu* Deus”. Quarto, ele se animou com os atributos de Deus: neste caso específico, a soberania e a supremacia de Deus — “O SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, *[Tu]* *affligiste*, matando-lhe o filho?” Em quinto lugar, o seu fervor e insistência, evidenciados quando se estendeu sobre o menino não menos que três vezes. Em sexto lugar, o seu apelo à tema misericórdia de Deus: a *viúva* “com quem me hospedo”. Finalmente, foi uma oração específica: “rogo-te que faças a alma deste menino tomar a entrar nele” (1 Rs 17.21).

“.. e a alma do menino tomou a entrar nele, e reviveu” (1 Rs 17.22). Essas palavras são importantes para estabelecer claramente e de forma definitiva a distinção que existe entre a alma e o corpo, uma distinção tão real como a que existe entre a casa e os que nela habitam. As Escrituras nos dizem que, no dia em que criou o homem, o Senhor Deus primeiro lhe formou o corpo “do pó da terra” e, depois, Ele “soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida”, e somente então o homem passou a ser “alma vivente” (Gn 2.7). A linguagem usada nessa ocasião dá prova clara de que a alma é distinta do corpo, que ela não morre com o corpo, que ela existe num estado distinto depois da morte do corpo, e que ninguém senão Deus pode restaurá-la ao seu *habitat* original (compare com Lc 8.55). Em consequência disso, podemos observar que essa petição de Elias e a resposta de Deus tomam absolutamente claro que a criança estava morta de fato.

É importante entender que a era dos milagres cessou, de forma que não podemos esperar que nossos mortos sejam restaurados à vida de forma sobrenatural. Contudo o cristão deve olhar para o futuro com absoluta segurança de reencontrar os seus amados e amigos que partiram antes dele em Cristo. O espírito deles não está morto, nem adormecido como alguns erroneamente afirmam, mas retomou a Deus, que o deu (Ec 12.7), e se encontram agora num estado que é “muito melhor” (Fp 1.23), o que não poderia ser verdade se estivessem nalgum lugar sem a consciente comunhão com o Amado deles. Estão ausentes do corpo, mas estão “presentes com o Senhor” (2 Co 5.8), e na Sua presença há “plenitude de alegria” (SI 16.11). Quanto ao corpo, eles aguardam aquele grande Dia, quando serão transformados à imagem do corpo glorioso de Cristo.

“Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu a sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive” (1 Rs 17.23). Qual não deve ter sido a alegria que encheu o coração do profeta, à medida que testemunhava a miraculosa resposta à sua intercessão! Como devem ter sido fervorosas as expressões de louvor a Deus que lhe brotaram dos lábios por essa manifestação adicional da Sua bondade em libertá-lo do seu sofrimento. Mas não havia tempo a perder: a tristeza e a tensão da pobre viúva tinham de ser aliviadas. Por essa razão, Elias levou a criança de imediato para baixo e o entregou a sua mãe. Quem pode imaginar a alegria dela quando viu o filho restaurado outra vez à vida? Como a maneira de agir do profeta nos lembra aquilo que nosso Senhor fez logo depois do milagre de restaurar a vida do filho único da viúva de Naim, pois somos informados que, assim que ele se sentou e passou a falar, o Salvador “o restituiu a sua mãe” (Lc 7.15).

“Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade” (1 Rs 17.24). Isso é maravilhoso. Em vez de entregar-se às suas emoções naturais, parece que ela ficou inteiramente absorvida pelo poder de Deus, que estava sobre o Seu servo, fato que agora assentou firmemente a convicção dela da missão divina do profeta, e a certeza da verdade que ele havia proclamado. Ela havia recebido plena

demonstração de que Elias era de fato um profeta do Senhor, e que o seu testemunho era verdadeiro. Temos de lembrar que ele se apresentou inicialmente a ela como “homem de Deus” (repare as palavras dela no verso 18), e por isso era essencial que ele provasse que era isso mesmo. E isso tinha sido feito com a restauração da vida do filho dela. Ah, meu leitor, nós declaramos ser filhos do Deus vivo, mas como estamos demonstrando aquilo que professamos? Há somente uma forma legítima de fazer isso: andando em “novidade de vida”, evidenciando que somos novas criaturas em Cristo.

Agora, repare como isso que estamos tratando nos mostra uma outra característica da vida familiar de Elias. Quando consideramos a maneira que ele se conduziu na casa da viúva, notamos em primeiro lugar o *contentamento* dele, não murmurando contra a comida simples que lhe era posta à mesa. Em segundo lugar, a sua *docilidade*, recusando-se a revidar com raiva às palavras cruéis dela. E agora contemplamos o abençoado efeito, sobre a sua anfitriã, do milagre operado em resposta às orações dele. A confissão dela: “Nisto conheço agora que tu és homem de Deus”, era um testemunho pessoal da realidade e do poder de uma *vida santa*. Oh, viver na força do Espírito Santo, de forma que aqueles que entram em contato conosco percebam o poder de Deus operando em e através de nós! Dessa forma, o Senhor mudou a tristeza da viúva em bem espiritual para ela, estabelecendo-lhe a fé na veracidade da Sua palavra.



Capítulo 11

Frente a frente com o perigo

Para alguém tão zeloso pelo Senhor e amoroso com o Seu povo, a prolongada inatividade a que foi forçado submeter-se deve ter sido uma dura prova para Elias. Um profeta vigoroso e corajoso como ele naturalmente haveria de ficar ansioso por aproveitar-se do atual sofrimento dos seus compatriotas: ele desejaria despertá-los para perceberem os seus terríveis pecados e encorajá-los a voltar-se ao Senhor. Em vez disso — os caminhos de Deus são completamente diferentes dos nossos — foi exigido dele que permanecesse em completo isolamento mês após mês e ano após ano. Apesar disso, o Seu Senhor tinha um sábio e gracioso objetivo em toda essa difícil disciplina do Seu servo. Durante a sua longa estadia no ribeiro Querite, Elias provou a fidelidade e a suficiência do Senhor, e não foi pouco o proveito que obteve da sua prolongada estadia em Sarepta. Como revela o apóstolo, tanto em 2 Coríntios 6.4 como em 12.12, a primeira marca de um servo aprovado de Cristo é a graça espiritual da “paciência”, e isso é desenvolvido por meio da provação da fé (Tg 1.3).

Os anos que Elias gastou em Sarepta estão longe de terem sido perdidos, pois foi durante a sua estadia na casa da viúva que ele obteve a confirmação do seu chamado divino, por meio do extraordinário selo que ali foi dado ao seu ministério. Foi esse selo que o aprovou na consciência da sua anfitriã: “Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade” (1 Rs 17.24). Era extremamente importante que o profeta recebesse um testemunho desses a respeito da origem da sua missão, que ele recebera da parte de Deus, antes de lançar-se à parte mais difícil e perigosa daquilo que ainda o aguardava. Felizmente o seu próprio coração foi confirmado e ele se viu capacitado a começar de novo a sua carreira pública com a certeza de que ele era um servo de Jeová, e que a Palavra do Senhor estava de fato em sua boca. Um selo dessa qualidade sobre o seu ministério (a ressurreição do menino) e a sua aprovação diante da consciência da mãe foi um enorme encorajamento para ele, quando foi para encarar a grande crise e o conflito no Carmelo.

Que mensagem temos aqui para todo ministro zeloso por Cristo, a quem a Providência, por certo tempo, removeu das atividades públicas! Eles estão de tal forma desejosos de fazer o bem e de promover a glória do seu Senhor na salvação dos pecadores e na exaltação do seu Senhor na salvação dos pecadores e na edificação dos Seus santos, que eles consideram a sua inatividade forçada como uma provação muito dura. Mas eles podem ficar descansados, bem certos de que o Senhor tem boas razões para colocar sobre eles essa restrição, e por isso deveriam seriamente buscar graça para não se irritarem nessa situação, nem tomar o caso nas próprias mãos forçando uma saída da situação. Medite no caso de Elias! Ele não proferiu nenhuma queixa, nem se aventurou a sair do isolamento ao qual Deus o havia enviado. Ele aguardou com paciência a direção do Senhor, para dirigi-lo à liberdade, e para alargar a sua esfera de utilidade. Nesse meio-tempo, por meio de fervente intercessão, ele se tomou uma grande bênção para quem morava com ele.

“E sucedeu que, depois de muitos dias” (1 Rs 18.1 — RC). Repare bem essa expressão do bendito Espírito. Não é “depois de três anos” (como de fato era o caso), mas “depois de muitos *dias*”. Temos aqui uma lição importante para o nosso coração, se quisermos dar-lhe ouvidos: devemos viver um dia por vez, e fazer as contas da nossa vida em termos de dias. “O homem, nascido da mulher, é de bem poucos *dias* e cheio de inquietação. Sai como a flor e se seca” (Jó 14.1,2 — RC). Essa era a visão da vida adotada pelo velho Jacó, pois quando faraó perguntou ao patriarca: “Quantos são os dias dos anos da tua vida?”, ele respondeu: “Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos” (Gn 47.8,9). Felizes são aqueles cuja oração constante é a seguinte: “Ensina-nos a contar os nossos *dias*, para que alcancemos coração sábio” (SI 90.12). Contudo, quão propensos nós somos a contar os *anos*. Esforcemo-nos por viver cada dia como se soubéssemos que é o último de todos.

“E sucedeu que”, ou seja, agora havia se cumprido a decisão predeterminada de Jeová. O cumprimento do propósito divino jamais pode ser retardado nem pressionado por nós. Deus nunca jamais se apressará nem por nossa petulância nem por nossas orações. Nós é que temos de aguardar a hora estabelecida por Ele, e quando chega a hora, Ele age — aí então as coisas “sucedem” exatamente como Ele preordenou. Desde toda a eternidade, a exata extensão de tempo que o Seu servo precisa permanecer em certo lugar foi predestinada por Ele. “E sucedeu que, depois de muitos dias” — ou seja, depois de mais de mil, desde que a seca havia começado — “a palavra do SENHOR veio a Elias” (1 Rs 18.1). Deus não esquecera o Seu servo. O Senhor jamais esquece alguém do Seu povo; pois Ele não disse: “Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante mim” (Is 49.16)? Oh, que nunca O esqueçamos, mas que seja sempre verdade a nosso respeito o seguinte: “O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença” (SI 16.8)!

“... veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra” (1 Rs 18.1). Para termos uma melhor compreensão do tremendo teste

à coragem do profeta que essa ordem envolvia, tentemos obter uma idéia da situação em que se encontrava a mente daquele rei perverso. Nós começamos o estudo da vida de Elias refletindo sobre as seguintes palavras: “Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1 Rs 17.1). Agora, temos de considerar as consequências disso. Já vimos o que aconteceu com Elias durante esse longo intervalo; agora temos de verificar como as coisas estiveram se desenrolando com Acabe, a sua corte e os seus súditos. De fato, a situação das coisas na terra deve ser terrível, quando os céus são trancados e não há nem orvalho por três anos. “... a fome era extrema em Samaria” (18.2).

“Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais” (1 Rs

18.5). A descrição aqui é a mais simples possível, mas não é difícil acrescentar os detalhes. Israel havia pecado gravemente contra o Senhor, e por isso eles foram levados a sentir o peso da vara da Sua justa ira. Que descrição humilhante do povo favorecido de Deus, ver o seu rei sair à procura de erva, se é que podia encontrá-la em algum lugar para que fosse salva a vida dos animais que ainda sobreviviam. Que contraste com a abundância e glória dos dias de Salomão! Mas Jeová havia sido grosseiramente desonrado, a Sua verdade havia sido rejeitada. A vil Jezabel havia poluído a terra com a pestilenta influência dos seus falsos profetas e sacerdotes. Os altares de Baal haviam suplantado o altar do Senhor, e, por isso, como Israel tinha semeado ventos, eles tinham agora de colher tempestades.

E qual foi o efeito que esse severo julgamento do Céu produziu em Acabe e em seus súditos? “Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais” (1 Rs 18.5). Não se encontra aqui nem uma sílaba a respeito de *Deus!* Nem sequer uma palavra sobre o

terrível *pecado* que provocou o Seu desgosto com a terra! Fontes, ribeiros e erva era tudo o que ocupava os pensamentos de Acabe — *alívio* das aflições vindas de Deus era tudo o que lhe interessava. É sempre assim com os réprobos. Foi assim com faraó: a cada nova praga que descia sobre o Egito, ele mandava buscar Moisés e lhe suplicava que orasse para que fosse removida, e tão logo isso acontecia, ele endurecia o coração e continuava a desafiar o Altíssimo. A não ser que Deus intervenha e confirme em nossa alma as Suas correções, elas de nada nos servirão. Não importa quão severos sejam os Seus juízos ou por quanto tempo se estendam, o homem jamais se quebrantará por meio deles, a não ser que Deus execute uma obra de graça *dentro* dele. “os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e *não se arrependeram* de suas obras” (Ap 16.10,11).

Em nenhum outro lugar se mostra de maneira mais grave a terrível depravação da natureza humana do que nesse ponto específico. Primeiro, os homens consideram uma prolongada estação de seca como uma anomalia da natureza, que precisa ser suportada, recusando-se a ver a mão de *Deus* naquilo. Depois, quando se toma evidente que estão debaixo do juízo divino, manifestam um espírito de rebelião, e enfrentam as situações de forma atrevida e descarada. Um profeta posterior de Israel queixou-se do povo dos seus dias por manifestarem essa disposição perversa: “Ah! SENHOR, não é para a fidelidade que atentam os teus olhos? Tu os feriste, e não lhes doeu; consumiste-os, e não quiseram receber a disciplina; endureceram o rosto mais do que uma rocha; não quiseram voltar” (Jr 5.3). Disso tudo podemos ver quão completamente absurdos e errôneos são os ensinamentos dos católicos sobre o purgatório, e dos universalistas a respeito do inferno³⁶. “Nem o suposto fogo do purgatório nem os reais tormentos do inferno possuem efeitos depuradores, e o pecador, sob a angústia

³⁶ Sobre esse assunto, o leitor será grandemente edificado e desafiado com a leitura do livro “O CASTIGO ETERNO”, também de A.W.Pink, já traduzido em português. Informe-se: meditaestascoisas@hotmail.com.

do seu sofrimento, haverá de crescer continuamente em perversidade e acumular ira e indignação por toda a eternidade” (Thomas Scott).

“Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais. Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro” (18.5,6). Que quadro nos apresentam essas palavras! Nos pensamentos de Acabe, não só o Senhor não tinha nenhum lugar, como ele também não diz nada a respeito do seu povo, o qual, logo depois do Senhor, deveria ser a sua maior preocupação. O seu coração perverso parecia incapaz de elevar-se acima dos cavalos e dos mulos: era isso que o preocupava no dia da mais terrível adversidade de Israel. Que contraste entre o baixo e abjeto egoísmo desse miserável e o espírito nobre do homem segundo o coração de Deus: “Vendo Davi ao Anjo que feria o povo, falou ao SENHOR e disse: Eu é que pequei, eu é que procedi perversamente; porém estas ovelhas que fizeram? Seja, pois, a tua mão contra mim e contra a casa de meu pai” (2 Sm 24.17) — essa era a linguagem de um rei regenerado, quando o seu país tremia sob a vara da correção de Deus por causa do seu pecado.

À medida que se estendia a seca, e os seus dolorosos efeitos se tomavam mais e mais acentuados, podemos bem imaginar o amargo ressentimento e a furiosa indignação que crescia em Acabe e na sua perversa consorte contra aquele que havia pronunciado a terrível sentença de não haver nem orvalho nem chuva. Jezabel estava enfurecida de tal maneira, que ela exterminou os profetas do SENHOR (1 Rs 18.4), e tão furioso estava o rei, que ele havia procurado Elias diligentemente em todas as nações circunvizinhas, exigindo dos seus governantes um solene juramento de que não estavam concedendo asilo ao homem a quem ele (Acabe) considerava seu pior inimigo, e a causa de toda essa aflição. E agora a Palavra do Senhor veio a Elias, dizendo: “Vai, apresenta-te a Acabe” (1 Rs 18.1). Se muita coragem fora necessária quando ele precisou anunciar a

terrível seca, quanto destemor não seria necessário agora para encarar aquele que o procurava com fúria impiedosa!

“Passados muitos dias veio a palavra de Jeová a Elias no terceiro ano, dizendo: Vai mostrar-te a Acabe” (1 Rs 18.1 — BRA). Todos os movimentos de Elias eram determinados por Deus: ele não era “dele mesmo”, mas era servo de outrem. Quando o Senhor lhe ordenou: “esconde-te” (1 Rs 17.3), ele teve de esconder-se conforme a ordem dEle; e quando Ele disse: “Vai mostrar-te”, ele teve de sujeitar-se à vontade de Deus. Não faltou coragem a Elias, pois “o justo é intrépido como o leão” (Pv 28.1). Ele não recusou a presente comissão, mas saiu sem demora e sem murmurar. Humanamente falando, voltar a Samaria era altamente perigoso para o profeta, porque ele não tinha como esperar nenhuma saudação de boas vindas do povo que se encontrava em tão dolorosas dificuldades, nem misericórdia alguma da parte do rei. Mas com a mesma obediência sem hesitação que já o caracterizara antes, assim ele sujeitou-se às ordens do seu Senhor. Como o apóstolo Paulo, ele não considerou como preciosa a própria vida, mas estava pronto a ser torturado e morto, se essa fosse a vontade do Senhor para ele.

“Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele” (1 Rs 18.7). Alguns poucos extremistas (“separatistas”) têm caluniado rudemente o caráter de Obadias, acusando-o de transigente infiel, alguém que tentava servir a dois senhores. Mas o Espírito Santo não declarou que ele fez mal em continuar a serviço de Acabe, nem declarou que a sua vida espiritual sofreu dano por causa disso. Em vez disso, Ele claramente nos diz que “Obadias temia muito ao SENHOR” (1 Rs 18.3), o que é um dos maiores elogios que lhe poderiam ser feitos. Deus tem, muitas vezes, concedido favor ao Seu povo à vista de senhores pagãos (como José e Daniel), e tem magnificado a suficiência da Sua graça ao preservar a alma deles no meio do mais desfavorável ambiente. Os Seus santos são encontrados nos lugares mais inesperados — como na “casa de César” (Fp 4.22).

Não há nada errado em um filho de Deus manter uma posição de influência, se ele puder fazê-lo sem sacrificar princípios. E de fato, isso pode capacitá-lo a prestar valioso serviço à causa de Deus. Onde estariam Lutero e os Reformadores, falando humanamente, se não fosse o príncipe-eleitor da Saxônia³⁷? E qual não teria sido o destino do próprio Wycliffe, se João de Gante não lhe tivesse oferecido guarida³⁸? Como mordomo da casa de Acabe, Obadias estava, sem dúvida, na mais difícil e perigosa posição; contudo, longe de dobrar o joelho a Baal, ele fora instrumento para salvar a vida de muitos dos servos de Deus. Embora rodeado de tantas tentações, ele preservou a integridade. Também devemos reparar que, quando Elias encontrou Obadias, o profeta não emitiu nenhuma palavra de reprovação para com o mordomo do rei. Não sejamos tão apressados para mudar nossa situação, pois o diabo pode nos assaltar tão facilmente num lugar como em qualquer outro.

Quando Elias estava a caminho de confrontar Acabe, ele encontrou o piedoso mordomo da casa do rei. “Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele. Obadias, reconhecendo-o, prostrou-se com o rosto em terra e disse: És tu meu senhor Elias?” (1 Rs 18.7). Obadias reconheceu Elias, mas quase não pôde acreditar no que via. Era incrível que o profeta houvesse sobrevivido ao impiedoso e furioso ataque de Jezabel contra os servos de Jeová; e era ainda mais incrível vê-lo ali, sozinho, andando por Samaria. As mais diligentes buscas haviam sido feitas para encontrá-lo, mas em vão, e agora ele aparece inesperadamente ali; quem pode sequer imaginar a mistura de sentimentos de reverente temor e alegria quando Obadias viu o homem de Deus, por meio de cuja palavra a terrível seca e a penosa fome quase haviam desolado por completo a terra? Obadias de imediato mostrou o maior respeito por ele e lhe prestou reverência.

³⁷ Frederico, o Sábio (1463-1525), desde 1486 príncipe-eleitor da Saxônia. Ficou historicamente conhecido por interceder incansavelmente por Lutero ante o papa e o imperador. (Fonte: “Martinho Lutero — Obras Seleccionadas”, vol. 1, p. 62, n. 19.)

³⁸ João de Gante (24 de junho de 1340 - 3 de fevereiro de 1399) foi o quarto filho do rei Eduardo III de Inglaterra e de Filipa de Hainault, nascido na cidade belga de Gante. Foi protetor de Wycliffe. (Fonte: Wikipédia.)

“Assim como ele havia mostrado a temura de um pai aos filhos dos profetas, assim ele mostrou a reverência de um filho para com o pai dos profetas, e por meio disso mostrou que ele de fato temia grandemente o Senhor” (Matthew Henry).

“Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias” (1 Rs 18.8). Não faltou coragem ao profeta. Ele recebera ordens de Deus para “mostrar-se a Acabe”, e por isso ele não fez nenhuma tentativa de ocultar a própria identidade quando interrogado pelo mordomo. Também nós, quando desafiados por nossos opositores, não recuemos de declarar ousadamente o nosso discipulado cristão. Também devemos reparar que Elias honrou a Acabe, embora o rei fosse um perverso, ao referir-se a ele, enquanto conversava com Obadias, como “teu senhor”. É obrigação do inferior mostrar respeito aos seus superiores: os súditos para com os seus soberanos, os servos para com os seus senhores. Temos de conceder a todos aquilo que lhes confere o seu cargo ou posto. Não é indício de espiritualidade sermos vulgares em nossa conduta, ou brutos no falar. Deus nos ordena: “honrai o rei” (1 Pe 2.17) — por causa do seu *cargo* — mesmo que seja um Acabe ou um Nero.

“Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias. Porém ele disse: Em que pequei, para que entregues teu servo na mão de Acabe, e ele me mate?” (1 Rs 18.8,9). Era simplesmente natural que Obadias quisesse ver-se livre de tão perigosa missão. Primeiro, ele pergunta *de que maneira* ele havia ofendido ou ao Senhor ou ao Seu profeta, para que lhe fosse solicitado que se tomasse o mensageiro de tão desagradável notícia para o rei — prova segura de que a sua própria consciência estava limpa! Segundo, ele faz Elias saber os grandes esforços do seu senhor para localizá-lo e descobrir o seu esconderijo: “Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, não houve nação nem reino aonde o meu senhor não mandasse homens à tua procura; e, dizendo eles: Aqui não está; fazia jurar aquele reino e aquela nação que te não haviam achado” (v. 10). Contudo, apesar de toda a sua diligência, não foram capazes de descobri-lo — tal fora a eficiência com que Deus o protegera das suas más intenções. É

totalmente inútil toda e qualquer tentativa do homem de esconder alguma coisa quando o Senhor a procura; igualmente sem efeito algum é procurar quando Deus esconde do homem alguma coisa.

“Agora, tu dizes: Vai, dize a teu senhor: Eis que aí está Elias” (1 Rs 18.11). É evidente que não estás falando sério ao fazer um pedido desses. Não sabes que para mim serão fatais as consequências, se eu não puder comprovar uma notícia dessas! “Poderá ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do SENHOR te leve não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me matará; eu, contudo, teu servo, temo ao SENHOR desde a minha mocidade” (v. 12). Ele temia que Elias fosse desaparecer misteriosamente outra vez, e então o seu senhor ficaria furioso por ele não ter prendido o profeta, e certamente mais furioso ficaria se descobrisse que não havia mais nenhum vestígio dele, depois de ter este chegado tão perto do rei. Finalmente, Obadias pergunta: “Acaso, não disseram a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava os profetas do SENHOR, como escondi cem homens dos profetas do SENHOR, de cinquenta em cinquenta, numas covas, e os sustentei com pão e água?” (v. 13). Ele refere-se a esses nobres e ousados feitos seus, não num espírito de jactância, mas para comprovar a sua sinceridade. Elias o tranquiliza, em nome de Deus, e Obadias obedientemente se sujeita ao que lhe é ordenado: “Disse Elias: Tão certo como vive o SENHOR dos Exércitos, perante cuja face estou, deveras, hoje, me apresentarei a ele. Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou; e foi Acabe ter com Elias”.



Capítulo 12

O confronto com Acabe

Nos capítulos anteriores, vimos Elias sendo chamado de repente da obscuridade para aparecer diante do perverso rei de Israel e entregar-lhe uma terrível sentença de juízo, ou seja: “nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1 Rs 17.1). Em seguida, depois de entregar esse solene ultimato, o profeta, em obediência ao seu Senhor, retirou-se da cena da ação pública e entrou num isolamento, gastando parte do tempo junto ao ribeiro Querite, e parte na humilde casa da viúva de Sarepta. Em ambos os lugares, as suas necessidades foram miraculosamente supridas por Deus, que não permite que ninguém seja prejudicado por cumprir as Suas ordens. Mas agora chegou a hora quando esse intrépido servo do Senhor novamente tem de aparecer em público, e uma vez mais ele precisa encarar o idólatra monarca de Israel. “... veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe” (1 Rs 18.1).

Em nosso último capítulo, observamos o efeito que teve a prolongada seca sobre Acabe e os seus súditos, um efeito que tomou tristemente clara a depravação do coração humano. Está escrito: “a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” (Rm 2.4), e também: “quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do

mundo aprendem justiça” (Is 26.9). Quantas vezes vemos esses textos sendo citados como se fossem declarações absolutas e incondicionais, e quão raramente são citadas as palavras que as seguem. No primeiro caso: “Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Rm 2.5); e no segundo caso: “Ainda que se mostre favor ao perverso, nem por isso aprende a justiça; até na terra da retidão ele comete a iniquidade e não atenta para a majestade do SENHOR” (Is 26.10). Como haveremos de entender essas passagens, pois para o homem natural parece que elas se anulam mutuamente? A segunda parte da citação de Isaías parece contradizer frontalmente a primeira.

Se compararmos Escritura com Escritura, veremos que para cada uma das declarações acima encontraremos clara e definida demonstração. Por exemplo, não foi a percepção da bondade do Senhor — a Sua “benignidade” e “a multidão das Suas temas misericórdias” — que conduziram Davi ao arrependimento e o levaram a clamar: “Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado” (Sl 51.1,2)? E outra vez, não foi a lembrança da bondade do Pai — o fato de que na casa dEle havia “pão com fartura”³⁹ — que levou o filho pródigo ao arrependimento e à confissão dos seus pecados? Assim também quando os juízos de Deus estavam sobre a terra a tal ponto que somos informados: “Naqueles tempos, não havia paz nem para os que saíam nem para os que entravam, mas muitas perturbações sobre todos os habitantes daquelas terras. Porque nação contra nação e cidade contra cidade se despedaçavam, pois Deus os conturbou com toda sorte de angústia” (2 Cr 15.5,6). Então Asa e os seus súditos (em resposta à pregação de Azarias) “lançou as abominações fora de toda a terra ... e renovou o altar do SENHOR ... Entraram em aliança de buscarem ao SENHOR, Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a alma” (2 Cr 15.8-12). Veja também Apocalipse 11.15.

³⁹ Lucas 15.17.

Por outro lado, quantos exemplos são registrados nas Sagradas Escrituras de indivíduos e povos que foram objeto da bondade de Deus de forma marcante, que desfrutaram abundantemente as Suas bênçãos, tanto temporais como espirituais, mas longe de essas pessoas privilegiadas serem adequadamente afetadas por isso e conduzidas ao arrependimento, os seus corações se endureceram e abusaram das misericórdias de Deus: “E, engordando-se Jesurum, deu coices” (Dt 32.15 — RC e cf. Os 13.6). Assim, também, quantas vezes lemos nas Escrituras dos juízos de Deus castigando tanto indivíduos como nações, unicamente para ilustrar a verdade da seguinte palavra: “SENHOR, a tua mão está levantada, mas nem por isso a veem” (Is 26.11). Um exemplo notável é faraó, o qual, depois de cada praga, endureceu o coração novamente e continuou desafiando a Jeová. Talvez mais notável ainda seja o caso dos judeus, que, século após século têm sido afligidos com os mais terríveis juízos do Senhor, e contudo não aprendem a justiça por esse meio.

Ah, não temos nós mesmos testemunhado impressionantes demonstrações dessas verdades em nosso próprio tempo, tanto de um como de outro lado? Os favores divinos têm sido recebidos como algo óbvio; sim, são estimados muito mais como frutos de nosso próprio labor do que da generosidade divina. Quanto mais as nações prosperam, mais Deus Se esvai do cenário.

Como, então, compreender estas declarações divinas: “a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” e “quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça”? Obviamente, elas não são para considerar de forma incondicional e sem limite. Elas devem ser entendidas com este pré-requisito: o Deus soberano tem de confirmá-las em nossa alma. É o propósito ostensivo de Deus (não dizemos secreto e invencível), a demonstração da Sua bondade que deveria conduzir os homens aos caminhos da justiça: essa é a sua tendência natural, e esse deveria ser o seu efeito sobre nós. Contudo permanece o fato que nem a prosperidade nem a adversidade por si mesmas haverão de produzir esses resultados benéficos, pois quando as dispensações de Deus não

são expressamente confirmadas em nós, nem as Suas misericórdias nem os Seus castigos haverão de operar alguma melhora em nós.

Pecadores endurecidos desprezam a riqueza da bondade de Deus, e a Sua tolerância, e a Sua longanimidade⁴⁰. A prosperidade serve para deixá-los menos dispostos a receber as instruções da justiça, e onde os meios da graça (a fiel pregação da Palavra de Deus) são livremente proporcionados entre eles, continuam profanos e fecham os olhos a todas as revelações da graça e santidade de Deus. Quando a mão de Deus Se levanta para gentis repreensões, não fazem caso dela; e quando vingança mais terrível é infligida, endurecem o coração contra ela. Sempre tem sido assim. Somente à medida que Deus Se agrada em trabalhar em nosso coração, tanto quanto diante dos nossos olhos, somente à medida que Ele condescende em abençoar e confirmar em nossa alma a Sua influência miraculosa, é que se opera em nós uma disposição ensinável, e somos levados a reconhecer a Sua justiça em nos punir, e somos levados a consertar nossos maus caminhos. Sempre que os juízos de Deus não são especificamente confirmados na alma, os pecadores continuarão a sufocar a convicção e avançarão na rebeldia, até que sejam finalmente engolidos pela ira de um Deus santo.

Talvez alguém pergunte: “O que tem tudo isso aí a ver com o nosso assunto?” A resposta é: tem tudo a ver, em vários sentidos. Isso mostra que a terrível perversidade de Acabe não era nada excepcional, ao mesmo tempo que serve também para explicar por que ele estava totalmente insensível com a dolorosa visitação do juízo de Deus sobre os seus domínios. Uma completa seca que se estendia por mais de três anos assolava a terra, de forma que “a fome era extrema em Samaria” (1 Rs 18.2). Esse era de fato um juízo de Deus; teriam, então, o rei e os seus súditos aprendido a justiça por meio desse juízo? Teria o seu rei lhes dado exemplo ao humilhar-se debaixo da potente mão de Deus, reconhecendo as suas vis transgressões, removendo os altares de Baal e restaurando a adoração de Jeová? Não! Longe disso, durante esse

⁴⁰ Romanos 2.4.

tempo todo ele tolerou a sua perversa esposa, a qual “exterminava os profetas do SENHOR” (18.4), adicionando iniquidade a iniquidade, exibindo as terríveis profundezas do mal onde o pecador se precipitará a não ser que seja impedido pelo poder refreador de Deus.

“Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais” (1 Rs 18.5). Assim como a palha no ar revela a direção do vento, assim essas palavras de Acabe indicam o estado do seu coração. O Deus vivo não tinha lugar nos seus pensamentos, nem ele estava preocupado com os pecados que haviam desencadeado o Seu desprazer sobre a terra. E não parece que ele estivesse um mínimo preocupado com os seus súditos, cujo bem-estar — 1ºº depois da glória de Deus — deveria ser sua principal preocupação. Não, as suas ambições não parecem ter se elevado acima das fontes e dos ribeiros, dos cavalos e dos mulos, para que os animais que ainda sobreviviam fossem salvos. Isso não é evolução, mas degeneração, pois, quando o coração se afasta do seu Criador, a sua direção é sempre para níveis mais e mais baixos.

Na hora da sua maior necessidade, Acabe não se voltou em humildade para Deus, pois Acabe era um desconhecido para Deus. Erva era agora o seu maior alvo — desde que pudesse encontrá-la, nada mais lhe interessava. Se houvesse comida e bebida, ele poderia ter permanecido no palácio, em companhia dos profetas idólatras de Jezabel, mas os horrores da fome o forçaram para fora. Contudo, em vez de dar importância às causas da fome, e corrigi-las, ele busca somente alívio temporário. Lamentavelmente, ele havia se vendido à perversidade e tinha se tomado escravo de uma mulher que odiava Jeová. Ah, meu leitor, Acabe não era um gentio, um pagão, mas um israelita favorecido; mas ele tinha casado com uma pagã e enamorou-se dos falsos deuses dela. Ele havia naufragado na fé e estava sendo levado à destruição. Que coisa terrível é apartar-se do Deus vivo e abandonar o Refúgio dos nossos pais!

“Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro” (1 Rs 18.6). A razão para fazer isso é óbvia: indo o rei numa direção e o mordomo em outra, eles cobririam duas vezes mais terreno do que se permanecessem juntos. Mas talvez possamos também perceber um sentido místico nessas palavras: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3.3). E que acordo havia entre esses dois homens? Não mais do que existe entre a luz e as trevas, entre Cristo e Belial, pois enquanto um era apóstata, o outro temia ao Senhor desde a sua mocidade (v. 12). Era adequado, então; eles deveriam separar-se e tomar direções opostas, porque viajavam para destinos eternos completamente diferentes. Que essa associação de idéias não seja considerada como absurda; em vez disso, cultivemos o hábito de procurar o sentido e a aplicação espiritual sob o sentido literal das Escrituras.

“Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele” (1 Rs 18.7). Isso com certeza parece confirmar a aplicação mística feita do versículo anterior, pois com certeza há um significado espiritual no presente versículo. Qual era o “caminho” que Obadias estava trilhando? Era o caminho do dever, o caminho da obediência às ordens do seu senhor. É certo que era humilde a tarefa que ele estava desempenhando: procurar erva para os cavalos e os mulos, contudo esse era o trabalho que Acabe lhe havia designado, e enquanto ele se submetia à palavra do rei, foi recompensado com o encontro com Elias! Um caso paralelo se encontra em Gênesis 24.27, onde Eliézer, em obediência às instruções de Abraão, encontra a moça que o Senhor escolhera como esposa para Isaque: “estando no caminho, o SENHOR me guiou à casa dos parentes de meu senhor”. Assim também aconteceu com a viúva de Sarepta: no caminho do dever (apanhando lenha) ela se encontrou com o profeta.

No último capítulo, consideramos a conversa entre Obadias e Elias, mas gostaríamos apenas de mencionar aqui a mistura de sentimentos que deve ter enchido o coração daquele, quando viu uma tão inesperada mas bem-vinda figura. Temor respeitoso e alegria

devem ter predominado quando viu aquele por cuja palavra a terrível seca e fome haviam desolado quase completamente a terra. Aqui estava o profeta de Gileade, vivo e bem, avançando calmamente, sozinho, de volta a Samaria. Parecia bom demais para ser verdade, e Obadias quase não podia crer no que via. Saudando-o com uma apropriada deferência, ele pergunta: “És tu meu senhor Elias?” Declarando-lhe a sua identidade, Elias lhe diz que vá e informe Acabe da sua presença. Isso foi uma incumbência indesejável, contudo foi obedientemente cumprida: “Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou” (1 Rs 18.16).

E quanto a Elias, enquanto aguardava a chegada do rei apóstata: estava a sua mente inquieta, vislumbrando o raivoso monarca cercando-se dos seus oficiais, antes de aceitar o desafio do profeta, e então avançando com amargo ódio assassino em seu coração? Não, meu leitor, não podemos supor isso nem por um momento. O profeta conhecia muito bem Aquele que havia tomado conta dele tão fielmente, e havia suprido as suas necessidades tão graciosamente durante a longa seca; Ele não falharia agora. Não tinha ele boas razões para recordar como Jeová havia aparecido a Labão quando ele perseguia com raiva a Jacó? “De noite, porém, veio Deus a Labão, o arameu, em sonhos, e lhe disse: Guarda-te, não fales a Jacó nem bem nem mal” (Gn 31.24). Era um simples caso de o Senhor infundir no coração de Acabe um temor respeitoso que o impediria de matar Elias, não importando quanto desejasse fazê-lo. Que os servos de Deus se animem com a lembrança de que Ele mantém os inimigos deles completamente debaixo do Seu controle. Ele mantém o Seu freio na boca deles, e os volta para onde quer, de forma que não podem tocar um fio de cabelo sequer sem o Seu conhecimento e a Sua permissão.

Elias, então, aguardou com espírito intrépido, e calma de coração, a chegada de Acabe, como alguém consciente da própria integridade e da sua segurança na proteção de Deus. Ele bem podia apropriar-se das seguintes palavras: “Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode

fazer um mortal?”⁴¹ Muito diferente devia ser a situação da mente do rei, à medida que “foi Acabe ter com Elias” (1 Rs 18.16). Embora irado contra o homem cujo terrível anúncio havia sido tão perfeitamente cumprido, ele devia estar meio temeroso de encontrá-lo. Acabe já havia testemunhado a sua inflexível firmeza e admirável coragem, e sabendo que Elias agora não devia estar intimidado com o seu desagrado, tinha boas razões para temer que esse encontro não fosse honroso para si mesmo.

O próprio fato de o profeta estar esperando o rei, sim, de haver enviado Obadias para dizer-lhe: “Eis que aí está Elias” deve ter inquietado o rei. Os homens perversos são geralmente grandes covardes: a consciência deles é quem os acusa, e frequentemente gera neles temor quando na presença dos fiéis servos de Deus, mesmo que estes ocupem na vida posição inferior à deles. Foi assim com o rei Herodes em relação ao precursor de Cristo, pois somos informados que “Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo” (Mc 6.20). De forma semelhante, Felix, o governador romano, tremia diante de Paulo (embora este fosse prisioneiro daquele) quando o apóstolo dissertava “acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro” (At 24.25). Que os ministros de Cristo não hesitem na ousada entrega da sua mensagem, nem se amedrontem com o descontentamento dos mais influentes da sua congregação.

“... e foi Acabe ter com Elias” (1 Rs 18.16). Nós talvez esperássemos que Acabe, depois de verificar através de dolorosa experiência que o tisbita não era um enganador, mas um verdadeiro servo de Jeová cuja palavra se cumprira com exatidão, demonstrasse agora piedade, convicto do seu pecado e estupidez, e estivesse pronto a voltar-se ao Senhor em humilde arrependimento. Mas nada disso aconteceu: em vez de aproximar-se do profeta com um desejo de receber instrução espiritual dele ou para suplicar as suas orações em seu favor, ele ingenuamente esperava agora vingar-se de tudo o que ele e os seus súditos tinham sofrido. A maneira com que se dirigiu a Elias

⁴¹ Salmo 56.4.

revela de imediato a situação do seu coração: “Vendo-o (a Elias), disse-lhe (Acabe): És tu, ó perturbador de Israel?” (1 Rs 18.17) — que contraste com a saudação feita a Elias pelo piedoso Obadias! Não saiu nem uma palavra de contrição da boca de Acabe. Endurecido pelo pecado, com a consciência “cauterizada”⁴², ele deu vazão à sua teimosia e fúria.

“Vendo-o (a Elias), disse-lhe (Acabe): És tu, ó perturbador de Israel?” (1 Rs 18.17). Essa explosão não deve ser considerada como algo desmedido, a expressão petulante de alguém pego de surpresa; em vez disso, devemos considerá-la como indicativa do miserável estado da alma de Acabe, porque “a boca fala do que está cheio o coração”⁴³. Era o antagonismo declarado entre o mal e o bem: era o silvo da Serpente contra um dos membros de Cristo; era o desafogar da maldade de um que se sentia condenado pela própria presença de um justo. Anos mais tarde, falando de um outro devoto servo de Deus, cujo conselho foi solicitado por Josafá, esse mesmo Acabe disse: “eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim o que é bom, mas somente o que é mau” (1 Rs 22.8). Longe, então, de ser desfavorável ao caráter e missão de Elias, essa acusação era um tributo à integridade do profeta, pois não há testemunho maior da fidelidade dos servos de Deus do que despertarem o sincero ódio dos Acabes que os cercam.



⁴²1 Timóteo 4.2.

⁴³ Mateus 12.34.

Capítulo 13

O perturbador de Israel

“E sucedeu que, vendo Acabe a Elias, disse-lhe Acabe: És tu o perturbador de Israel?” (1 Rs 18.17 — RC). Como as palavras dos nossos lábios denunciam o estado do nosso coração! Essa linguagem do rei após o grave juízo que Deus havia mandado sobre o seu território, revelam a dureza e a impenitência do seu coração. Considere as oportunidades que haviam sido dadas a ele. Ele foi alertado pelo profeta das consequências exatas que seguiriam a sua insistência no pecado. Ele tinha visto que aquilo que fora anunciado pelo profeta de fato sucedera. Tinha sido demonstrado diante dos seus olhos que os ídolos que ele e Jezabel adoravam não conseguiam evitar a calamidade, nem dar a chuva que era tão desesperadamente necessária. Havia de tudo para convencê-lo que “o Senhor Deus de Elias” era o soberano governador do céu e da terra, cujas decisões ninguém consegue revogar e cujo braço todo-poderoso nenhum poder consegue resistir.

Assim é o pecador que é abandonado por conta própria. É só Deus remover a Sua restrição de sobre ele e a loucura que domina o seu coração brotará como água de represa que se rompe. Ele está

determinado a seguir o próprio caminho a todo custo. Não importa quão sérios e solenes sejam os tempos em que vive, ele não se importa com isso. Não importa a gravidade das ameaças que rondam o seu país, nem quantos dos seus companheiros sejam mutilados e mortos, ele tem de continuar a encher-se dos seus prazeres pecaminosos. Embora os juízos de Deus estrondem nos seus ouvidos mais e mais alto, ele deliberadamente fecha os ouvidos e tenta esquecer suas mágoas numa sucessão de divertimentos. Embora o país esteja em guerra, lutando pela própria vida, a “vida noturna” com suas bebedeiras prossegue sem tréguas. Se os ataques aéreos os obrigarem a buscar refúgio nos abrigos subterrâneos, ali serão saudados (pelo menos em um dos abrigos⁴⁴) com avisos espalhados pelas paredes: “Aqui, jogo de cartas e apostas”. O que é isso senão fortalecer-se “contra o Todo-poderoso”, e arremeter contra Ele com “os pontos grossos dos seus escudos” (Jó 15.25,26 - RC)?

Contudo, enquanto escrevemos as linhas acima, lembramo-nos das seguintes palavras inquiridoras: “Pois, quem te faz diferente dos demais?”⁴⁵ (1 Co 4.7). Há somente uma resposta: um Deus soberano, na plenitude da Sua maravilhosa graça. E como a percepção disso deveria nos humilhar até ao pó, visto que por natureza e na prática não havia diferença entre nós e eles. “... nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Ef 2.2,3). Foi misericórdia discriminativa⁴⁶ que nos achou quando estávamos “sem Cristo”. Foi amor discriminativo⁴⁷ que nos vivificou para novidade de vida quando estávamos “mortos em nossos delitos e pecados”. Dessa

⁴⁴ É possível que o Autor esteja escrevendo na época da II Guerra Mundial.

⁴⁵ Versão SÉCULO XXI. A versão RA diz assim: “Pois quem é que te faz **sobressair**?” A palavra ‘sobressair’ (No grego, **SiaKpivco** —diakrino) significa “separar, fazer distinção, **discriminar**, preferir” (Concordância Strong).

⁴⁶ Veja a nota de rodapé anterior.

⁴⁷ Idem à nota anterior.

forma, não temos razão de nos jactar e não há lugar para presunção. Antes, temos de andar com humildade e em contrição diante dAquele que nos salvou de nós mesmos.

“Vendo-o, (Acabe) disse-lhe: És tu, ó perturbador de Israel?” (1 Rs 18.17). Elias foi aquele que, mais do que qualquer outro, resistiu ao desejo de Acabe de levar Israel à adoração de Baal por meio do acordo pacífico de coexistência dos cultos religiosos da nação. Elias, na sua opinião, foi o responsável por toda miséria e sofrimento que enchiam a terra. Não havia discernimento da mão de Deus naquela seca, nem havia compunção pela sua própria conduta pecaminosa: em vez disso, Acabe tenta transferir o ônus a outrem, e acusa o profeta de ser o autor das calamidades que sobrevieram à nação. Essa é sempre a característica de um coração que não se humilhou e não julgou a si mesmo, quando está debaixo do justo castigo de Deus — ele lança a culpa em outro qualquer, exatamente como fazem as nações cegadas pelo pecado, quando estão sendo punidas pelas suas iniquidades: elas atribuem as suas dificuldades às asneiras dos seus políticos.

Não é incomum que os justos ministros de Deus sejam considerados como perturbadores das pessoas e das nações. O fiel Amós foi acusado de conspirar contra Jeroboão II, e Ihe foi dito que a terra não poderia sofrer todas as suas palavras (Am 7.10). O próprio Salvador foi acusado de “alvorçar o povo” (Lc 23.5). A respeito de Paulo e Silas, em Filipos, disseram que eles “estão perturbando muito a nossa cidade” (At 16.20 — BRA); e quando em Tessalônica, referiam-se a eles como “Estes que têm transtornado o mundo” (At 17.6). Não há, portanto, testemunho maior da fidelidade dos servos de Deus, do que quando eles provocam o rancor e a hostilidade dos réprobos. Uma das mais lastimosas condenações que poderiam ser pronunciadas a respeito dos homens encontra-se nas terríveis palavras de nosso Senhor aos Seus irmãos descrentes: “Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más” (Jo 7.7). Mas quem não preferiria receber todas as acusações que os Acabes podem amontoar sobre nós, do que atrair sobre si o veredicto dos lábios de Cristo!

É obrigação dos servos de Deus alertar os homens do perigo que correm, advertir que o caminho da rebelião contra Deus conduz a destruição certa e instar com eles que deponham as armas da sua revolta e fujam da ira vindoura. É sua obrigação ensinar aos homens que eles precisam voltar-se dos ídolos para servirem ao Deus vivo, de outra forma perecerão eternamente. É sua obrigação censurar a perversidade onde quer que se encontre e declarar que o salário do pecado é a morte. Isso não lhes trará popularidade, pois haverá de condenar e irritar os perversos, e esse tipo de linguagem franca os perturbará seriamente. Aqueles que desmascaram hipócritas, resistem a tiranos, opõem-se aos perversos, serão sempre vistos por eles como perturbadores. Mas como Cristo declarou: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.11,12).

“Respondeu Elias: Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os baalins” (1 Rs 18.18). Se Elias fosse um desses bajuladores servis que comumente se encontram a serviço dos reis, ele teria se jogado aos pés de Acabe, suplicando misericórdia, ou rendendo-lhe desprezível submissão. Em vez disso, ele era embaixador de um Rei maior, o próprio Senhor dos Exércitos. Ciente disso, ele conservou a dignidade do seu cargo e caráter, agindo como quem representa um poder superior. Foi porque Elias percebia a presença dAquele por meio de quem os reis governam, dAquele que pode refrear a ira do homem e fazer os seus resíduos louvá-IO⁴⁸; por isso o profeta não temeu a face do monarca apóstata de Israel. Ah, meu leitor, se apenas percebêssemos mais a presença e a suficiência do nosso Deus, não temeríamos aquilo que alguém possa fazer conosco. A incredulidade é a causa dos nossos medos. Oh, que sejamos capazes de dizer: “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei” (Is 12.2).

⁴⁸ Salmo 76.10 — RC: “Porque a cólera do homem redundará em teu louvor, e o restante da cólera, tu o restringirás”.

Elias não se intimidou com a perversa difamação que acabara de ser lançada sobre ele. Com destemida coragem, ele primeiro nega a infame acusação: “Eu não tenho perturbado a Israel” (1 Rs 18.18). Será uma grande bênção se pudermos, com verdade, alegar a mesma coisa: que os castigos que Sião recebe neste momento das mãos de um Deus santo não foram provocados de forma nenhuma pelos meus pecados. Ah! Quem de nós poderia afirmar isso? Em segundo lugar, Elias devolve ousadamente a acusação, colocando-a sobre o próprio rei, a quem de fato pertencia a culpa: “Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai”. Veja aqui a fidelidade dos servos de Deus. Como Natã disse a Davi, assim Elias fez com Acabe: “Tu és o homem”. Uma acusação de fato solene e pesada: que Acabe e a casa do seu pai eram a causa de todos os insistentes problemas e tristes calamidades que haviam sobrevindo à terra. A autoridade divina com que estava investido capacitou Elias a condenar o próprio rei.

Em terceiro lugar, o profeta prosseguiu apresentando provas da acusação que fizera contra Acabe: “porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os baalins” (1 Rs 18.18). Longe de o profeta ser o inimigo da sua terra, o que ele fazia era unicamente buscar o bem dela. Ele havia, de fato, orado a Deus suplicando que Ele enviasse o Seu juízo sobre a perversidade e apostasia do rei e da nação, mas isso era porque desejava que eles se arrependessem dos seus pecados e consertassem os seus caminhos. Foram os pecados de Acabe e da sua casa que provocaram a seca e a fome. A intercessão de Elias não teria jamais prevalecido contra um povo santo: “a maldição sem causa não se cumpre” (Pv 26.2). O rei e a sua família eram os líderes da rebelião contra Deus, e o povo os havia seguido cegamente; aqui estava, então, a causa do sofrimento: eles eram os despreocupados “perturbadores” da nação, os que lhe interromperam a paz, os que causaram o desgosto de Deus.

Os verdadeiros perturbadores são aqueles que, pelos seus pecados, provocam a ira de Deus, e não aqueles que os alertam dos perigos a que as suas perversidades os expõem. “... tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os

baalins” (1 Rs 18.18). É muito claro, mesmo do breve registro encontrado nas Escrituras, que Onri, pai de Acabe, foi um dos piores reis que Israel jamais teve, e Acabe seguiu os perversos passos do pai. O que caracterizava esses reis era a mais grave idolatria. Jezabel, mulher de Acabe, era inigualável no seu ódio a Deus e ao Seu povo, e o zelo que ela possuía na adoração de falsos ídolos. A perversa influência deles foi tão poderosa e persistente, que prevaleceu até cerca de duzentos anos depois (Mq 6.16), e provocou a vingança do Céu sobre a nação apóstata.

“...porque deixastes os mandamentos do SENHOR” (1 Rs 18.18). É nisso que reside a verdadeira essência e odiosidade do pecado. É um livrar-se do jugo de Deus, uma recusa de sujeitar-se ao nosso Criador e Governador. É uma deliberada indiferença para com o Legislador, e rebelião contra a Sua autoridade. A lei do Senhor é definida e enfática. O primeiro mandamento proíbe expressamente que tenhamos qualquer outro deus além do verdadeiro Deus; e o segundo proíbe fazer qualquer imagem de escultura e o curvar-se diante dela em adoração. Esses foram os terríveis crimes que Acabe havia cometido, e eles são em essência aqueles de que a nossa própria geração perversa é culpada, e essa é a razão por que a reprovação do Céu se manifesta tão pesadamente sobre nós. “...sabe, pois, e vê que mau e quão amargo é deixares o SENHOR, teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor, o SENHOR dos Exércitos” (Jr 2.19). “...e seguistes os baalins”: quando se deixa o verdadeiro Deus, os falsos deuses Lhe tomam o lugar — “baalins” está no plural, pois Acabe e sua esposa adoravam uma variedade de falsas divindades.

“Agora, pois, manda ajuntar a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do poste-ídolo que comem da mesa de Jezabel” (1 Rs 18.19). Isso é muito impressionante: ver Elias sozinho, odiado por Acabe, não apenas acusando o rei pelos seus crimes, mas dando-lhe instruções, dizendo-lhe o que deve fazer. Não é nem preciso dizer que a conduta dele nessa ocasião não é nem precedente nem exemplo para todos os servos de Deus seguirem sob circunstâncias

similares. O tisbita fora dotado de extraordinária autoridade da parte do Senhor, como se percebe na seguinte expressão do Novo Testamento: “no espírito e poder de Elias” (Lc 1.17). Exercendo essa autoridade, Elias exigiu uma reunião de todo o Israel no Carmelo, e que ali também se reunissem os profetas de Baal e Astarote, que estavam dispersos por todo lado do país. Mais estranha ainda foi a linguagem incisiva usada pelo profeta: ele simplesmente emitiu as suas ordens sem nenhuma explicação, sem apresentar nenhuma razão de quais eram os seus reais propósitos ao convocar todo o povo e os profetas.

À luz do que se segue, fica evidente o propósito do profeta: aquilo que ele estava para fazer tinha de ser feito aberta e publicamente diante de testemunhas imparciais. Havia chegado o momento de se decidirem as coisas: Jeová e Baal, por assim dizer, haviam chegado frente a frente, diante de toda a nação. O local de encontro escolhido para o teste era um monte na tribo de Aser, o qual era de fácil acesso para o povo que viesse de qualquer lado. Situava-se, é importante ressaltar, fora da terra de Samaria. No Carmelo havia sido construído um altar e se haviam oferecido sacrifícios ao Senhor (veja o v. 30), mas a adoração de Baal havia suplantado até mesmo essa cerimônia irregular ao verdadeiro Deus — irregular porque a Lei proibía qualquer altar fora do templo em Jerusalém. Havia somente uma forma de acabar com a terrível seca e a resultante fome, e restaurar a bênção de Jeová sobre a nação, e essa forma era julgar e tratar o pecado que provocara a calamidade; e, para isso acontecer, Acabe tinha de juntar todo o Israel no Carmelo.

“Uma vez que Elias planejava colocar a adoração de Jeová num fundamento firme, e restaurar o povo a sua lealdade ao Deus de Israel, ele tinha de testar claramente as duas religiões, e por meio de um milagre tão extraordinário que ninguém pudesse contestar: e como a nação toda estava profundamente interessada no caso, a coisa tinha de se passar num local de máxima publicidade, nalgum local alto, no cume do elevado Carmelo, e na presença de todo o Israel. Ele desejava tê-los todos reunidos nessa ocasião, para que testemunhassem com os

próprios olhos tanto o poder absoluto e a soberania de Jeová, cuja adoração eles tinham renunciado, como também a completa inutilidade daqueles sistemas idólatras que lhe haviam tomado o lugar” (John Simpson). É isso que sempre assinala a diferença entre a verdade e o erro: aquela deseja a luz, sem temer investigação; enquanto o erro, cujo autor é o príncipe das trevas, odeia a luz, e floresce melhor sob a cobertura do sigilo.

Não há nada que indique que o profeta tenha dado a conhecer a Acabe as suas intenções. Antes, parece que ele apenas ordenou sumariamente ao rei que juntasse todo o povo e os profetas: todos os envolvidos no terrível pecado — líderes e liderados — tinham de estar presentes. “Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (1 Rs 18.20). E por que razão Acabe aquiesceu tão mansa e prontamente à ordem de Elias? A maioria dos comentaristas diz que o rei estava desesperado naquela altura, e como os pedintes não têm o privilégio de escolher, ele na verdade não tinha outra alternativa senão concordar. Depois de três anos e meio de fome, o sofrimento devia ser tão intenso que, se a chuva que tão desesperadamente era necessária não pudesse ser obtida de outra forma exceto como favor devido às orações de Elias, então que assim fosse. Pessoalmente, preferimos considerar a aquiescência de Acabe como uma impressionante demonstração do poder de Deus sobre o coração dos homens, sim, até mesmo sobre o coração do rei, pois Ele “segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1).

Essa é uma verdade — uma grande verdade fundamental — que precisa ser fortemente destacada nestes dias de ceticismo e descrença, quando a atenção se restringe às causas secundárias e se perde de vista a causa principal. Quer seja no âmbito da criação ou da providência, considera-se a criatura em vez do Criador. Se nossos campos e jardins derem boas colheitas, logo serão louvados a dedicação dos fazendeiros e a habilidade dos jardineiros; se produzirem pouco, o tempo ou qualquer outra coisa será culpada: não se considera nem a aprovação nem a reprovação de Deus. Assim também acontece nas atividades políticas. Quão poucos, quão pouquíssimos são os que

reconhecem a mão de Deus no presente conflito entre as nações⁴⁹. E, se afirmarmos que o Senhor nos está castigando por nossos pecados, até mesmo a maioria dos que se dizem cristãos se ofenderão com uma declaração dessas. Mas leia as Escrituras e repare quão frequentemente se diz ali que o Senhor “moveu” o coração de certo rei para fazer isto, “influenciou-o” a fazer aquilo, ou o “impediu” de fazer aquilooutro.

Uma vez que isso é tão raramente e tão fracamente compreendido hoje, citaremos algumas passagens para comprová-lo. “... eu te tenho impedido de pecar contra mim” (Gn 20.6 — RC). “... eu lhe endurecerei o coração (de faraó), para que não deixe ir o povo” (Êx 4.21). “O SENHOR te fará cair diante dos teus inimigos” (Dt 28.25). “E o Espírito do SENHOR passou a incitá-lo” (Jz 13.25). “Levantou o SENHOR contra Salomão um adversário” (1 Rs 11.14). “... o Deus de Israel suscitou o espírito de Pul, rei da Assíria” (1 Cr 5.26). “Despertou, pois, o SENHOR contra Jeorão o ânimo dos filisteus e dos arábios” (2 Cr 21.16). “...despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino” (Ed 1.1). “Eis que eu despertarei contra eles os medos” (Is 13.17). “Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo” (Ez 16.7). “Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei da Babilônia, desde o Norte, o rei dos reis, com cavalos, carros e cavaleiros” (Ez 26.7).

“Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (1 Rs 18.20). À luz das citações das Escrituras no parágrafo anterior, qual coração crente haverá de duvidar por um momento sequer que foi o Senhor que tomou Acabe disposto no dia do Seu poder⁵⁰, disposto a obedecer ao homem que ele odiava mais do que a qualquer outro! E quando Deus trabalha, Ele trabalha em ambos os lados da linha: Aquele que inclina o rei perverso a seguir as instruções de Elias, moveu não só o povo de Israel mas também os profetas de Baal a acatar a convocação de Acabe,

⁴⁹ Veja a nota de rodapé n° 44.

⁵⁰ Salmo 110.3.

pois Ele controla os Seus inimigos tão verdadeiramente como o faz com os Seus amigos. É possível que o povo em geral tivesse comparecido à reunião na esperança de ver a chuva cair em resposta ao pedido de Elias, enquanto os falsos profetas provavelmente olhavam com desdém o fato de terem sido requisitados por Elias no Carmelo, por meio de Acabe.

Por ter sido o juízo de Deus causado devido à apostasia da nação e especialmente como testemunho contra a sua idolatria, a nação teria de ser recuperada (aberta e, no mínimo, visivelmente), antes que o castigo pudesse ser removido. A prolongada seca não tinha operado nenhuma mudança, e a consequente fome não tinha trazido o povo de volta a Deus. Tanto quanto podemos entender da narrativa inspirada, o povo estava, com poucas exceções, tão dedicado aos seus ídolos como sempre; e quaisquer que fossem tanto as convicções como as práticas do remanescente que não dobrou os joelhos a Baal, eles estavam tão temerosos de expressar-se publicamente (para não serem mortos), que Elias nem sequer sabia da existência deles. No entanto, até que o povo fosse trazido de volta à fidelidade a Deus, não se podia esperar nenhum favor da parte dEle.

“Eles tinham de arrepender-se e abandonar os seus ídolos, senão nada poderia desviar o juízo de Deus. Ainda que Noé e Samuel e Jó fizessem intercessão, isso não induziria o Senhor a retirar-se do conflito contra o povo. Eles tinham de abandonar os seus ídolos e voltar-se a Jeová”. Essas palavras foram escritas quase cem anos atrás⁵¹, contudo são tão verdadeiras e pertinentes agora como naquela época, pois expõem um princípio permanente. Deus não fechará os olhos para o pecado nem haverá de encobrir maus procedimentos. Quer esteja castigando um indivíduo quer uma nação, aquilo que Lhe desagradou precisa ser consertado antes que seja possível recuperar o Seu favor. É inútil suplicar a Sua bênção enquanto nos recusamos a abandonar aquilo que provocou a Sua maldição. É inútil falar sobre exercer fé nas promessas de Deus até que tenhamos exercitado o arrependimento dos

⁵¹ O Autor está escrevendo, possivelmente, na primeira metade do séc. XX.

nossos pecados. Nossos ídolos têm de ser destruídos antes que Deus aceite a nossa adoração.



Capítulo 14

A convocação do Carmelo

“Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (1 Rs 18.20). Vamos tentar descrever a cena. É cedo de manhã. De todos os lados, as multidões ansiosas se dirigem até aquele lugar que, desde tempos antigos, é associado com adoração. Ninguém vai para o trabalho; um único pensamento ocupa a mente tanto de jovens como de velhos, à medida que atendem à convocação do rei de reunirem-se para essa enorme assembleia. Veja os milhares de Israel ocupando cada centímetro de posição vantajosa de onde podem obter melhor visão daquilo que vai acontecer! Iriam eles testemunhar um milagre? Seria posto um fim nos seus sofrimentos? Estaria prestes a cair a tão esperada chuva? Um silêncio desce sobre a multidão à medida que ouvem o passo organizado de um grupo de homens: destacados pelos símbolos solares flamejando em seus turbantes, seguros do favor do rei e insolentemente desafiantes, aí vêm os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal. Então, por entre as multidões, surge a liteira do rei, nos ombros dos guardas de honra, cercado por seus comandantes de

estado. Deve ter sido algo assim, a cena que se apresentou naquela auspiciosa ocasião.

“Então, Elias se chegou a todo o povo” (1 Rs 18.21). Contemple o mar de rostos, olhos fixos nessa estranha e austera figura, cujas palavras tomaram o céu como bronze nesses últimos três anos. Com que intenso interesse e respeitoso temor não devem ter encarado esse homem solitário, de constituição robusta, olhos flamejantes e lábios comprimidos. Que silêncio grave não deve ter caído sobre a vasta assembleia à medida que viam um só homem enfrentando todo um batalhão. Que brilho maligno nos olhos dos invejosos sacerdotes e profetas observava cada um dos seus movimentos. Como diz um comentarista: “Nenhum tigre jamais vigiou alguma vítima de modo mais feroz! Se puderem dar vazão ao que sentem, ele nunca mais pisará as campinas lá em baixo”. Enquanto o próprio Acabe observava esse servo do Altíssimo, medo e ódio devem ter-se alternado no seu coração, já que o rei considerava Elias como a causa de todas as suas dificuldades, e no entanto ele sentia que de alguma forma a volta da chuva dependia do profeta.

O palco estava montado. A imensa audiência estava reunida, as figuras principais estavam a ponto de desempenhar seus papéis, e um dos mais dramáticos atos em toda a história de Israel estava prestes a ser encenado. Estava para acontecer um confronto público entre as forças do bem e do mal. Num lado, estava Baal com suas centenas de profetas; no outro, Jeová e Seu servo solitário. Como era grande a coragem de Elias, como era forte a sua fé, ao atrever-se a sustentar sozinho a causa de Deus contra tais forças e multidões. Mas não precisamos temer pelo intrépido tisbury: ele não precisa da nossa simpatia. Ele está conscientemente posto na presença dAquele para quem as nações não passam de um pinga que cai de um balde³². O Céu inteiro está em seu favor. Legiões de anjos enchem aquele monte, embora sejam invisíveis aos olhos naturais. Embora ele não passe de uma frágil criatura como nós mesmos, contudo Elias se encontra cheio

³² Isaías 40.15

de fé e poder espiritual, e por meio dessa fé ele subjuga reinos, pratica a justiça, escapa ao fio da espada, faz-se poderoso em guerra, e põe em fuga exércitos de estrangeiros⁵³.

“Elias salientava-se diante deles todos com um confiante e majestoso aspecto, como o embaixador do céu. O seu espírito viril, encorajado pela consciência da proteção de Deus, transparecia coragem e intimidava toda oposição. Mas que terrível e repulsiva visão deveria ser para o próprio homem de Deus, ver uma tal junção dos agentes de Satanás que haviam desviado o povo de Jeová do Seu santo e nobre culto, e os tinham seduzido para as abomináveis e degradantes superstições do diabo! Elias não tinha nada em comum com aqueles que conseguem ver friamente o seu Deus insultado, e os seus compatriotas degradando-se, instigados por homens astutos, destruindo a própria alma imortal por meio das repulsivas crenças com que foram iludidos. Ele não podia contemplar com olho plácido os quatrocentos e cinquenta odiosos impostores, que da religião fizeram o seu negócio, em troca de lucro imundo ou pelo favor palaciano, para iludir as multidões ignorantes, levando-as para a eterna destruição. Ele via a idolatria como algo triste e vergonhoso: nada mais do que o próprio mal personificado, o diabo deificado, e o inferno transformado em meio de vida religioso. E era com repulsa que Elias via os cúmplices desse sistema diabólico” (John Simpson).

Parece razoável concluir que Acabe e os seus súditos reunidos esperassem que Elias orasse por chuva nessa ocasião, e que esperassem testemunhar o repentino fim da longa seca e de sua companheira, a fome. Não tinham já passado os três anos a respeito dos quais ele profetizara (1 Rs 17.1)? Dariam agora o luto e o sofrimento outra vez lugar à alegria e à fartura? Ah, mas havia algo mais, além da oração, para que as janelas do Céu se abrissem, algo de muito maior importância com que era necessário ocupar-se. Nem Acabe nem os seus súditos se encontravam ainda em situação adequada para se tomarem recipientes das Suas bênçãos e misericórdias. Deus estivera

⁵³ Hebreus 11.33,34.

lidando com eles em juízo por causa dos seus terríveis pecados, e até o momento a Sua vara não tinha sido reconhecida, nem havia sido ainda removida a razão do Seu desagrado. Como Matthew Henry indicou: “Deus, antes de tudo, preparará o nosso coração, e então o Seu ouvido nos ouvirá: primeiro nos fará voltar para Si, e então Ele Se voltará para nós (SI 10.17^{o4}). Os desertores estão proibidos de buscar o favor de Deus antes que voltem a sua lealdade a Ele.”

“Então, disse Elias ao povo” (1 Rs 18.22). O servo de Deus imediatamente tomou a iniciativa, em completo domínio da situação. É indizivelmente solene perceber que ele não diz uma só palavra aos falsos profetas, não fazendo nenhuma tentativa de convertê-los. Eles estavam destinados à destruição (v. 40). Não, em vez disso, ele se dirige ao povo, para quem havia ainda alguma esperança, dizendo: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” (v. 21). A palavra “coxear” significa cambalear: eles não estavam andando corretamente. Às vezes cambaleavam para o lado do Deus de Israel, e então se inclinavam como um bêbado para o lado dos falsos deuses. Eles não estavam plenamente decididos a quem seguiriam. Eles temiam a Jeová, e por isso não queriam abandoná-LO de todo; eles queriam obter o favor do rei e da rainha, e para isso consideravam necessário adotar a religião do estado. A consciência deles os impedia de temer a Deus; o temor do homem os forçava a bajular o rei; mas em nenhuma das situações eles se envolviam de coração. Por isso, Elias os repreende, por causa da inconstância e indecisão deles.

Elias exige uma decisão definida. É importante lembrar que Jeová era o nome pelo qual o Deus dos israelitas havia sempre sido diferenciado desde a saída deles do Egito. De fato, o Deus-Jeová dos seus pais era o Deus de Abraão, de Isaque, e de Jacó (Ex 3.15,16). “Jeová” significa o auto-existente, onipotente, imutável, o Ser eterno, o único Deus, além do qual não existe nenhum outro. “Se o SENHOR

⁵⁴ BRA: “Tu, Jeová, tens ouvido o anelo dos humildes; Tu prepararás o seu coração, Farás atento o teu ouvido”.

é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1 Rs 18.21). Não havia nenhum “se” na mente do profeta: ele sabia muito bem que Jeová era o único Deus vivo e verdadeiro, mas o povo precisava que lhe fosse demonstrado o absurdo da sua indecisão. Religiões diametralmente opostas não podem ambas estar certas: uma tem de estar errada, e tão logo a verdadeira seja descoberta, a falsa precisa ser abandonada. A aplicação para nossos dias dessa exigência de Elias seria o seguinte: se o Cristo das Escrituras é o verdadeiro Salvador, então renda-se a Ele; se for o cristo da moderna cristandade, então siga-o. Aquele que exige a negação de si mesmo, e o outro que permite a gratificação do egoísmo, não podem ambos estar certos. Aquele que requer a intransigente mortificação do pecado, e o outro que permite que você gracieje com o pecado, não podem ser ambos o Cristo de Deus.

Houve tempo quando os israelitas tentaram servir tanto a Deus como a Baal. Eles tinham algum conhecimento de Jeová, mas Jezabel, com o seu bando de falsos profetas, perturbou-lhes a mente. O exemplo do rei os iludiu e a sua influência os corrompeu. A adoração a Baal era popular, e os seus profetas cortejavam o povo; a adoração de Jeová era desaprovada e os Seus servos foram mortos. Isso levou o povo em geral a esconder qualquer respeito que tivessem pelo Senhor. Isso os induziu a participar na adoração idólatra a fim de escapar da hostilidade e perseguição. Consequentemente, eles vacilavam entre os dois partidos. Eles se assemelhavam a pessoas mancas, instáveis, coxeando sem firmeza nenhuma. Eles titubeavam tanto nos sentimentos como na conduta. Eles pensavam dessa forma ajustar-se a ambos os partidos para agradar aos dois e assegurar-se do favor de ambos. Não havia regularidade no seu procedimento, não havia constância nos seus princípios, não havia consistência na conduta deles. Dessa forma, tanto desonravam a Deus como se degradavam com essa híbrida forma de religião, pois “temiam o SENHOR e, ao mesmo tempo, serviam aos seus próprios deuses” (2 Rs 17.33). Mas Deus não aceitará um coração dividido: Ele quer tudo ou nada.

O Senhor é um Deus zeloso, que exige todo o nosso amor, e não aceitará dividir o Seu reinado com Baal. Você tem de ser por Ele

ou contra Ele. Ele não admitirá acordos. Você precisa decidir-se. Quando Moisés viu o povo de Israel dançando em tomo do bezerro de ouro, depois de destruir esse ídolo e reprovar Arão, ele se pôs em pé na entrada do acampamento e disse: “Quem está do lado de Jeová, venha a mim” (Êx 32.26 — BRA). Oh, meu leitor, se você ainda não fez isso, decida com o piedoso Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR” (Js 24.15). Pondere as solenes palavras de Cristo: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” (Mt 12.30). Não há nada tão repulsivo para Ele do que o professor momo: “Quem dera fosses frio ou quente!” (Ap 3.15) — ou uma coisa, ou outra. Ele nos alertou claramente: “Ninguém pode servir a dois senhores”⁵⁵. Então, “Até quando coxearéis entre dois pensamentos?”⁵⁶ Tome uma decisão numa ou noutra direção, porque não é possível nenhuma harmonia entre Cristo e o Maligno³⁷.

Há algumas pessoas que são educadas na proteção e na santificadora influência de um lar piedoso. Mais tarde, saem para o mundo, e se deixam ofuscar pelos seus brilhantes, vistosos mas vazios enfeites e deixam-se conquistar pela sua aparente felicidade. O seu coração insensato anseia pelos encantos e prazeres do mundo. Eles são convidados a tomar parte nisso tudo, e são ridicularizados se mostram hesitação. E muitas vezes, por não possuírem a graça no coração, nem força de caráter para resistir às tentações, eles são desviados do caminho, atendendo ao conselho dos ímpios e detendo-se no caminho dos pecadores. É verdade que eles não conseguem esquecer de todo o treinamento que anteriormente receberam, e às vezes uma consciência inquieta os leva a ler um capítulo ou dois da Bíblia e a fazer suas orações; e assim eles permanecem entre duas alternativas e inutilmente procuram servir a dois senhores. Eles não se apegam unicamente a Deus, abrindo mão de tudo por Ele e seguindo-O de todo o coração. Eles são pessoas claudicantes, fronteiriças, amam e seguem o mundo, e contudo ainda conservam alguma aparência de piedade.

⁵⁵ Mateus 6.24.

⁵⁶1 Reis 18.21.

⁵⁷ 2 Coríntios 6.15.

Há outros que se apegam a um credo ortodoxo, mas que participam dos encantos do mundo e livremente se entregam aos prazeres da carne. “No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras” (Tt 1.16). Participam regularmente dos cultos, fazendo-se passar por adoradores de Deus mediante o único Mediador, e afirmam serem habitação do Espírito, por cujas graciosas operações o povo de Deus é convencido a deixar o pecado e andar nos caminhos da justiça e da verdadeira santidade. Mas se você entrar na casa deles, logo terá razão de duvidar das suas argumentações. Você não encontrará adoração de Deus no seu círculo familiar; talvez nenhuma, ou quando muito uma adoração em particular meramente formal; você não ouvirá nada sobre Deus ou sobre as Suas exigências na conversa diária deles, e nada verá na sua conduta que os distinga das pessoas mundanas respeitáveis; sim, você verá coisas de que os não-crentes mais decentes se envergonhariam. Há uma tão grande falta de integridade e consistência no caráter deles, que os toma ofensivos a Deus e desprezíveis aos olhos dos homens sensatos.

Contudo há ainda outros que também precisam ser classificados com aqueles que mancaram e vacilam, que são inconstantes no pensamento e na prática. É uma classe menos numerosa, que foi educada no mundo, no meio das suas loucuras e vaidades. Mas por causa da aflição, da pregação da Palavra de Deus, ou algum outro meio, tomaram-se conscientes de que precisam voltar-se ao Senhor e servi-LO se quiserem fugir da ira vindoura e obter a vida eterna. Eles tomaram-se insatisfeitos com a sua vida mundana; contudo, estando rodeados de amigos e parentes mundanos, ficam receosos de mudar sua linha de conduta, para não ofender os companheiros ímpios e trazer sobre si mesmos zombarias e oposição. Por conseguinte, fazem acordos pecaminosos, tentando conciliar as suas melhores convicções mas negligenciando muitas das exigências de Deus a seu respeito. Assim eles se posicionam entre duas opiniões: aquilo que Deus pensará a respeito deles, e aquilo que o mundo pensará deles. Eles não têm

aquela firme confiança no Senhor que os levará a romper com os Seus inimigos e voltar-se completamente para Ele.

Há ainda um outro grupo que precisamos mencionar. Embora sejam radicalmente diferentes daquelas que descrevemos acima, essas pessoas merecem ouvir a pergunta: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” Ao mesmo tempo que são dignas de dó, precisam ser reprovadas. Referimo-nos àqueles que sabem que o Senhor precisa ser amado e servido com todo o coração e em todos os Seus mandamentos, mas que por uma razão ou outra deixam de posicionar-se abertamente ao lado dEle. Por fora, estão separados do mundo, não participam dos seus vãos prazeres, e ninguém pode apontar coisa alguma na conduta deles que seja contrária às Escrituras. Eles honram o dia do Senhor, participam regularmente dos meios da graça, e gostam de estar em companhia do povo de Deus. Contudo eles não tomam seu lugar publicamente entre os seguidores de Cristo, sentando-se à Sua mesa. Sentem-se indignos demais para fazer isso, ou temem que possam trazer alguma censura à Sua causa. Mas essa fraqueza e inconsistência está errada. Se o Senhor é Deus, siga-O da forma que Ele exige, e confie nEle para obter toda a graça necessária.

“Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1 Rs 18.21). O homem de mente dividida “vacila e é inconstante em todos os seus caminhos” (Tg 1.8 — SEC.XXI). Nós temos de ser decididos tanto em nossa prática como em nossa opinião ou crença, de outra forma — não importa quão ortodoxo seja nosso credo — nossa profissão de fé é totalmente sem valor. É evidente que não pode haver dois Seres supremos, por isso Elias convocou o povo para organizarem a própria mente a fim de perceberem qual deles era de fato Deus; e como não havia possibilidade de servirem a dois senhores, que se entregassem de coração, sem atenção dividida, àquele Ser que concluíssem ser o verdadeiro Deus vivo. E é isso que o Espírito Santo está dizendo a você, caro leitor que ainda não está salvo: compare um com o outro — o ídolo a quem você tem dado a sua afeição e Aquele que você tem desprezado; e se você está seguro que o Senhor Jesus Cristo é “o verdadeiro Deus” (1 Jo 5.20), então escolha-O como a sua

porção, renda-se a Ele como o seu Senhor, apegue-se a Ele com todo o seu coração. Não se pode servir ao Redentor pela metade ou com reservas.

“Porém o povo nada lhe respondeu” (1 Rs 18.21): talvez porque estivessem indispostos a reconhecer a própria culpa, e assim ofender a Acabe; ou porque não tinham como refutar Elias, e assim estivessem envergonhados da própria conduta. Eles não sabiam o que dizer. Se estavam convictos ou confusos, não sabemos; mas certamente estavam perturbados — incapazes de achar qualquer defeito na argumentação do profeta. Eles pareciam surpresos que essas alternativas tivessem sido apresentadas para escolherem, mas eles não eram nem suficientemente honestos para admitir a própria estupidez nem suficientemente corajosos para dizer que agiram de acordo com a ordem do rei, seguindo a multidão na prática do mal. Eles, então, procuraram refúgio no silêncio, o que é muito melhor do que as fúteis desculpas proferidas por muitas dessas pessoas hoje, quando são repreendidas por causa dos seus maus caminhos. É quase certo que eles estavam intimidados pelas penetrantes perguntas do profeta.

“Porém o povo nada lhe respondeu” (1 Rs 18.21). Oh, que nossa pregação seja tão clara e fiel, que revele dessa mesma forma aos homens a insensatez da sua posição, que exponha a sua hipocrisia, dissipando a confusão dos seus sofismas, que os conduza dessa forma ao juízo do tribunal da sua própria consciência de tal forma que se cale cada uma das suas objeções, e que se condenem a si mesmos. Ah, por todo lado vemos aqueles que procuram servir tanto a Deus como a Mamom, na tentativa de conseguir o favor do mundo e ainda merecer o “muito bem” de Cristo. Como fez Jônatas, eles querem assegurar sua permanência no palácio de Saul e ainda permanecer com Davi. E quantos cristãos professos não há nestes dias, que conseguem ouvir Cristo e Seu povo sendo ofendidos, e nunca abrem a boca em reprimenda — temerosos de posicionar-se corajosamente por Deus, envergonhados de Cristo e da Sua causa, embora sua consciência aprove as próprias coisas que escutam ser criticadas. Ó silêncio

criminoso, que possivelmente haverá de encontrar um Céu silencioso quando chegar a sua própria vez de clamar por misericórdia.

“Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei dos profetas do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens. Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus. E todo o povo respondeu e disse: É boa esta palavra” (1 Rs 18.22-24). Esse era um desafio absolutamente justo, visto que Baal era considerado como deus do fogo, ou senhor do sol. Elias deu aos falsos profetas a preferência, de forma que o resultado da competição pudesse ser mais claramente para a glória de Deus. A proposta foi tão razoável, que o povo à uma concordou, o que forçou os falsos profetas a saírem a campo aberto: ou eles concordavam com o desafio, ou reconheciam que Baal era um impostor.



Capítulo 15

O desafio de Elias

“Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei dos profetas do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens” (1 Rs 18.22). Os justos são intrépidos como o leão⁵⁸: não fogem de dificuldades, não receiam as multidões que se juntam contra eles. Se Deus é por eles (Rm 8.31), não se importam com quem seja contra eles, pois a batalha é dEle e não deles. É verdade que havia “cem homens dos profetas do SENHOR” escondidos em cavernas (1 Rs 18.13), mas que valor tinham eles para a Sua causa? Aparentemente, eles receavam mostrar-se em público, pois não há nenhuma indicação de que estivessem presentes aqui no Carmelo. Contra os quatrocentos e cinquenta profetas reunidos no monte naquele dia, somente Elias estava do lado de Jeová. Ah, meus leitores, não se pode julgar a verdade pela quantidade de pessoas que a confessam e a apoiam: o diabo desde sempre tem tido a maioria do seu lado. E será diferente em nossos dias? Qual será a percentagem dos pregadores de hoje que

⁵⁸ Provérbios 28.1 .

estão proclamando a verdade com firmeza; e, dentre esses, quantos praticam aquilo que pregam?

“Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus” (1 Rs 18.23,24). Havia chegado a hora de se decidirem as coisas: Jeová e Baal, como se postos frente a frente, diante de toda a nação. Era de máxima importância que o povo de Israel fosse despertado da sua pecaminosa indiferença e que ficasse incontestavelmente resolvido quem era o verdadeiro Deus, digno da obediência e adoração deles. Por essa razão, Elias propôs o assunto de forma que não ficassem dúvidas. Acabara de ser demonstrado, por meio dos três anos de seca segundo a palavra do profeta, que Jeová podia reter a chuva conforme Ele quisesse, e que os profetas de Baal não tinham condições de reverter a situação e não eram capazes de produzir nem chuva nem orvalho. Agora se faria um outro teste, uma literal prova de fogo, que era algo mais dentro da área deles, já que Baal era adorado como o senhor do sol, e os seus seguidores se consagravam a ele por meio de “passar pelo fogo” (2 Rs 16.3). Era, portanto, um desafio que os seus profetas não podiam recusar, a menos que se admitissem impostores.

Essa prova de fogo não tinha só como objetivo forçar os profetas de Baal a saírem a campo aberto e dessa forma deixar manifesta a nulidade das suas pretensões; mas foi principalmente calculada para apelar à mente do povo de Israel. Em quantas ocasiões gloriosas do passado havia Jeová “respondido por fogo”! Esse foi o sinal dado a Moisés no Horebe, quando “Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia” (Êx 3.2). Esse era o símbolo da Sua presença com o Seu povo nas caminhadas pelo deserto: “O SENHOR ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo,

para os alumiar” (Êx 13.21). Foi assim quando se fez a aliança e a Lei foi dada, pois “Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha” (Êx 19.18). Esse também foi o sinal que Ele deu da Sua aceitação do sacrifício que o povo Lhe oferecera sobre o altar: “E eis que, saindo fogo de diante do SENHOR, consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que vendo o povo, jubilou e prostrou-se sobre o rosto” (Lv 9.24). E assim foi nos dias de Davi (veja 1 Cr 21.26). Por essa razão, a descida de fogo sobrenatural do céu nesta ocasião tomaria manifesto ao povo que o Senhor Deus de Elias era o Deus dos seus pais.

“... o Deus que responder por meio do fogo”⁹⁹. Que estranho! Por que não “O Deus que responder por meio da água”? Era disso que a terra precisava com tanta urgência. De fato, mas antes que se pudesse conceder a chuva, precisava ocorrer uma outra coisa. A seca era um juízo divino sobre o país idólatra e a ira de Deus precisava ser aplacada antes que se pudesse desviar o Seu juízo. E isso nos conduz ao sentido mais profundo desse tremendo drama. Não é possível haver reconciliação entre um Deus santo e homens pecadores a não ser por meio da expiação, e não pode haver expiação ou remissão de pecados senão por meio do derramamento de sangue. A justiça divina precisa ser satisfeita; a penalidade da transgressão da lei precisa ser aplicada — ou recaí sobre o réu culpado ou sobre um substituto inocente. E essa grande e fundamental verdade estava sem dúvida nenhuma sendo exposta aos olhos daquela multidão reunida no monte Carmelo. Um novilho foi morto, cortado em pedaços, e colocado sobre a lenha, e Aquele que fez descer o fogo e consumiu aquele sacrifício afirmou ser Ele mesmo o verdadeiro e único Deus de Israel. O fogo da ira de Deus necessariamente tem de cair — ou sobre o povo culpado ou sobre uma vítima que o substitua.

Como apontamos acima, a descida de fogo do Céu sobre a vítima vicária (1 Cr 21.26) não era apenas a manifestação da ira santa

⁹⁹ 1 Reis 18.24, BRA.

de Deus, consumindo a vítima sobre a qual o pecado havia sido colocado, mas era também a confirmação pública da Sua aceitação do sacrifício, à medida que subia para Ele na fumaça como um suave e agradável aroma. Isso era uma evidente prova de que o pecado havia sido tratado, expiado, removido; agora a santidade de Deus estava satisfeita e podia, com justiça, ser mantida. Foi por essa razão que no dia de Pentecostes o Espírito Santo desceu, manifestando-Se em “línguas, como de fogo” (At 2.3). Na explicação que deu deste fenômeno, Pedro disse naquele dia: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis”; e também: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.32,33,36). O dom do Espírito como “línguas, como de fogo” evidenciava a aceitação de Deus, do sacrifício expiatório de Cristo, testificava a Sua ressurreição dos mortos, e afirmava a Sua exaltação ao trono do Pai.

“...o Deus que responder por meio do fogo” (1 Rs 18.24 — BRA). O fogo, então, é a evidência da presença divina (Êx 3.2); é o símbolo da Sua ira contra o pecado (Mc 9.43-49); é o sinal da Sua aceitação de um sacrifício substitutivo (Lv 9.24); ele é o símbolo do Espírito Santo (At 2.3), que ilumina, inflama e purifica o crente. E também é por meio do fogo que Ele haverá de lidar com o descrente, porque quando o desprezado e rejeitado Redentor voltar, será “em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder” (1 Ts 1.8,9). E também está escrito: “Mandarà o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13.41,42). Indizivelmente solene é isso tudo: é lamentável que o púlpito infiel hoje oculte o fato que “o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12.29). Oh, que terrível despertar será, pois no último dia acontecerá que “se

alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo” (Ap 20.15).

“Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus” (1 Rs 18.23,24). Vemos, portanto, que o teste proposto por Elias era triplo: estava centralizado num sacrifício imolado; devia mostrar a eficácia da oração; devia tomar evidente o verdadeiro Deus por meio da descida de fogo do Céu, cujo significado final apontava ao dom do Espírito como o fruto do Cristo que foi exaltado até os céus. E é nesses mesmos três pontos, meu leitor, que toda e qualquer religião — a nossa religião — precisa ser testada hoje. A pregação que você ouve regularmente conduz a sua mente a focalizar a morte expiatória do Senhor Jesus Cristo, e atrai o seu coração para Ele? Essa pregação mostra a necessidade de você pôr a sua fé na morte expiatória do Senhor Jesus? Se não o faz, saiba que esse não é o evangelho de Deus. Aquele que você adora é um Deus que responde orações? Se não responde, ou você está adorando um deus falso, ou não está em comunhão com o Deus verdadeiro. Você recebeu o Espírito Santo como o seu santificador? Se não recebeu, a sua situação não é nada melhor do que a dos pagãos.

É preciso deixar bem claro que essa ocasião era excepcional, e que o procedimento de Elias não é nenhum exemplo para os ministros seguirem hoje. Se o profeta não estivesse agindo de acordo com a orientação divina, ele estaria agindo em louca presunção, tentando a Deus, por demandar um tal milagre das Suas mãos, colocando a verdade num risco dessa espécie. Mas fica bem claro, pelas suas próprias palavras, que ele está agindo segundo instruções do Céu: “por tua ordem tenho feito todas estas cousas” (1 Rs 18.36 — BRA). Isso, e nada mais do que isso, deve regular os servos de Deus em todos os seus empreendimentos: eles não devem avançar nem sequer um milímetro além daquilo que exige a comissão que receberam de Deus. Não deve

haver experimentações, nenhuma atuação conforme a própria vontade, não se devem seguir as tradições humanas; mas tudo deve ser feito de acordo com a Palavra de Deus. Elias também não temia confiar no Senhor quanto ao resultado de tudo aquilo. Ele havia recebido as suas ordens, e as executou com fé simples, totalmente seguro de que Jeová não o desapontaria, envergonhando-o diante daquela grande assembleia. Ele sabia que Deus não o colocaria na frente da batalha para então abandoná-lo. É verdade que se fazia necessário um tremendo milagre, mas isso não gerava dificuldades para alguém que habitava nos lugares secretos do Altíssimo.

“...o deus que responder por fogo esse é que é Deus” (1 Rs 18.24). Que Esse seja honrado e confessado como o verdadeiro Deus. Seguido, servido e adorado como Deus. Uma vez que Ele tenha dado tais provas da Sua existência, tais demonstrações do Seu grandioso poder, tais manifestações do Seu caráter, tal revelação da Sua vontade, toda incredulidade, indecisão e recusa de dar-Lhe o lugar a que Ele tem direito em nosso coração e vida é totalmente inescusável. Então, que Ele seja o seu Deus, pela sua rendição a Ele. Ele não Se impõe, mas condescende em apresentar-Se a você; digna-Se a oferecer-Se para que você O aceite; convida você a optar por Ele por um ato da sua própria vontade. As Suas exigências a seu respeito são incontestáveis. É para o seu próprio bem que você deveria fazer dEle o seu Deus — o seu bem supremo, a sua porção, o seu Rei. É perda irreparável para você mesmo, e eterna destruição, se você não fizer isso. Preste atenção, então, neste afetuoso convite do Seu servo: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1).

“E todo o povo respondeu e disse: E boa esta palavra” (1 Rs 18.24). Eles estavam de acordo com essa proposta, pois ela lhes pareceu uma excelente forma de resolver a controvérsia e chegar à verdade sobre quem era o verdadeiro Deus e quem não era. Seria uma evidência para os sentidos, eles testemunhariam um milagre. A palavra que Elias tinha dirigido à consciência deles os havia silenciado, mas o

apelo à razão recebeu deles imediata aprovação. Um sinal sobrenatural dessa espécie tomaria evidente que o sacrifício tinha sido aceito por Deus, e eles estavam impacientemente ansiosos para testemunhar essa experiência ímpar. A curiosidade deles fervilhava, e eles estavam interessadíssimos em verificar se Elias venceria, ou se venceriam os profetas de Baal. Lamentavelmente, assim é a pobre natureza humana; pronta para testemunhar os milagres de Cristo, mas surda ao Seu chamado ao arrependimento; satisfeita com qualquer demonstração externa que apele aos sentidos, mas descontente com qualquer palavra que traga convicção e que a condene. E assim *conosco* também?

É importante notar que Elias não só concedeu que os seus oponentes escolhessem um dos novilhos, mas também lhes deu preferência para começarem o teste, para que fizessem o seu clamor a Baal, resolvendo assim a questão sem precisar nenhuma ação adicional na sequência dos fatos. Contudo ele sabia muito bem que eles seriam frustrados e ficariam confundidos. No devido tempo, o profeta faria tudo o que eles tinham feito, de forma que não houvesse diferenças entre eles. Havia somente uma restrição que ele lhes impôs (assim como também o fez consigo mesmo): “não metam fogo por baixo”⁶⁰ da lenha — para evitar qualquer trapaça. Mas havia um princípio mais profundo envolvido, um que seria demonstrado de forma inequívoca naquele dia no Carmelo — a extrema necessidade do homem é a oportunidade de Deus. A completa impotência da criatura precisa ser sentida e vista, antes que o poder de Deus possa ser manifestado. O homem primeiro tem de ser trazido ao fim de si mesmo, antes que a suficiência da graça divina possa ser percebida. Somente aqueles que sabem que são pecadores perdidos e arruinados é que podem dar as boas vindas Àquele que é poderoso para salvar.

“Disse Elias aos profetas de Baal: Escolhei para vós outros um dos novilhos, e preparai-o primeiro, porque sois muitos, e invocai o nome de vosso deus; e não lhe metais fogo. Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal, desde a

⁶⁰1 Reis 18.23, BRA.

manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém não havia uma voz que respondesse; e, manquejando, se movimentavam ao redor do altar que tinham feito” (1 Rs 18.25,26). Pela primeira vez na história desses falsos sacerdotes, eles se viram incapazes de introduzir a fagulha secreta por entre a lenha colocada sobre o altar. Eles se viram obrigados, dessa forma, a depender de um apelo direto à sua divindade protetora. E isso eles fizeram com todas as forças. Dando voltas naquele altar, meteram-se numa dança selvagem e mística, num compasso desordenado, aos saltos em torno do altar, repetindo ao mesmo tempo o seu cantochão monótono: “Ah! Baal, responde-nos! Ah! Baal, responde-nos!” — Manda-nos fogo sobre o sacrifício. Eles cansaram-se com todos esses movimentos da sua adoração idólatra, que durou três longas horas.

Mas apesar de toda a sua importunação diante de Baal, “não havia uma voz que respondesse”. Que prova, essa, de que os ídolos nada mais são do que “obras das mãos de homens”. “Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; ... Suas mãos não apalparam; seus pés não andam ... Tomem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam” (SI 115.4-8). “Não há dúvida que Satanás poderia ter enviado fogo (Jó 1.9-12), e o teria feito, se lho fosse permitido; mas ele não podia fazer nada a não ser aquilo que lhe era permitido” (Thomas Scott). Sim, lemos a respeito da segunda besta de Apocalipse 13, que “opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens” (v. 13). Mas nesta ocasião, o Senhor não haveria de permitir que o diabo usasse o seu poder, porque estava em andamento uma confrontação pública entre Ele e Baal.

“Porém nem havia voz, nem quem respondesse” (1 Rs 18.26 — RC). O altar permaneceu frio e sem fumaça nenhuma; o novilho, sem ser consumido. A impotência de Baal e a estupidez dos seus adoradores se tomou de todo evidente. A inutilidade e o absurdo da idolatria ficaram completamente expostos. Nenhuma religião falsa, meu leitor, é capaz de fazer descer fogo sobre um sacrifício vicário. Nenhuma religião falsa consegue remover o pecado, conceder o Espírito Santo, ou conceder respostas sobrenaturais à oração. Quando são testadas

nesses três pontos vitais, todas elas à uma falham, como aconteceu com os adoradores de Baal naquele memorável dia no Carmelo.



Capítulo 16

Ouvidos que não ouvem

“Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará” (1 Rs 18.27). Hora após hora, os profetas de Baal invocaram o seu deus para que ele fizesse uma pública demonstração da sua existência, fazendo descer fogo do céu para consumir o sacrifício que eles tinham depositado sobre o altar dele; mas tudo em vão: “Porém nem havia voz, nem quem respondesse”⁶¹. E agora o silêncio é interrompido pela voz do servo do Senhor, zombando dos profetas. O absurdo e a inutilidade dos seus esforços merecia plenamente esse sarcasmo mordaz. O sarcasmo é uma arma perigosa, mas o seu uso é plenamente justificado na exposição das ridículas pretensões do erro, e muitas vezes é bastante eficaz para convencer os homens da estupidez e da irracionalidade dos seus caminhos. Era muito apropriado que Elias, diante do povo de Israel, expusesse ao desdém aqueles que o tempo todo procuravam enganar esse mesmo povo.

⁶¹M Reis 18.26, RC.

“Ao meio-dia, Elias zombava deles” (1 Rs 18.27). Era o horário em que o sol estava a pino, e os falsos sacerdotes tinham a melhor oportunidade de êxito. Nessa hora, Elias aproximou-se deles e, ironicamente, sugeriu que se esforçassem ainda mais. Ele estava tão certo de que nada evitaria o fracasso deles, que pôde dar-se ao luxo de ridicularizá-los sugerindo as causas da indiferença do deus deles: “porventura está dormindo, e necessita que o acordem” (1 Rs 18.27 — BRA). O caso é urgente, o crédito de vocês e a honra dele estão de tal forma em jogo, que é melhor acordá-lo: por isso, gritem mais alto, pois seus gritos estão fracos demais, não estão sendo ouvidos; a voz de vocês não alcança os lugares remotos da morada dele; redobrem seus esforços para obter a atenção dele. Era dessa forma que o fiel e intrépido tisbita despejava zombaria sobre a impotência deles e desdenhava da sua derrota. Ele sabia que seria daquela forma, e que nenhum esforço da parte deles poderia mudar as coisas.

Será que o leitor está surpreso com essas expressões sarcásticas de Elias nessa ocasião? Queremos então lembrá-lo que está escrito o seguinte na Palavra da Verdade: “Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles” (SI 2.4). Isso é indizivelmente solene, mas indubitavelmente justo: eles riram de Deus e escarneceram dos Seus alertas e ameaças, e agora Ele trata esses zombadores de acordo com a estupidez deles. O Altíssimo é, de fato, longânimo, contudo há um limite para a Sua paciência. Ele chama os homens, mas eles se recusam; Ele estende a mão para eles, mas eles não O levam em consideração. Ele os aconselha, mas eles consideram tudo como sem valor; Ele repreende, mas eles não aceitam. Deveria Ele, então, aguentar a zombaria impunemente? Não; Ele diz assim: “... eu me riarei na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei, em vindo o vosso terror como a tempestade, em vindo a vossa perdição como o redemoinho, quando vos chegar o aperto e a angústia. Então, me invocarão, mas eu não responderei; procurar-me-ão, porém não me hão de achar” (Pv 1.24-28).

A zombaria de Elias no monte Carmelo nada mais era do que uma vaga demonstração do escárnio do Altíssimo no dia em que Ele

agir em juízo. Será que nós mesmos nos encontramos em semelhante situação? “Porquanto aborreceram o conhecimento e não preferiram o temor do SENHOR; não quiseram o meu conselho e desprezaram toda a minha repreensão”⁶². Quem, com um mínimo de discernimento espiritual, pode negar que essas terríveis palavras descrevem com exatidão a conduta de nossa própria geração? Será, então, que a horrível sentença que segue essas palavras já está em andamento? “Portanto, comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão. Os néscios são mortos por seu desvio, e aos loucos a sua impressão de bem-estar os leva à perdição” (Pv 1.29-32). Se for assim, quem pode duvidar da justiça do que está acontecendo? Felizmente, essa passagem indizivelmente solene termina da seguinte forma: “Mas o que me der ouvidos habitará seguro, tranquilo e sem temor do mal”. Essa é uma preciosa promessa onde a fé pode apoiar-se, pela qual podemos implorar diante de Deus, e aguardar a Sua resposta, porque nosso Deus não é nem surdo nem incapaz como o é Baal.

A impressão que se tem é que os sacerdotes de Baal perceberam que Elias estava meramente zombando deles quando os fustigava com ironia cortante, pois que tipo de deus Baal teria de ser para enquadrar-se na descrição do profeta! Mas tão enfeitiçados estavam e tão estúpidos eram esses devotos de Baal, que aparentemente não discerniram o sentido das suas palavras, em vez disso as estimaram como palavras de incentivo. Consequentemente, eles se estimulavam uns aos outros a tentar com mais ardor, e, usando os meios mais grosseiros tentavam comover o deus deles à vista do sangue que derramavam por amor a ele e pelo zelo na sua adoração, coisas que eles supunham que o agradassem. Quão pobres, miseráveis escravos são os idólatras, cujo objeto de culto pode se agradar com a automutilação, com o sofrimento autoimposto dos seus adoradores! Era verdade ali, e ainda hoje é verdade: “os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de crueldade” (SI 74.20 — RC). Como

⁶²Provérbios 1.29,30.

devemos ser gratos porque um Deus soberano misericordiosamente nos libertou de tais superstições.

“E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue” (1 Rs 18.28). Que conceito não tinham eles a respeito da sua divindade, a qual requeria tão cruéis tormentos das suas mãos! Ainda hoje se podem ver coisas assim no mundo pagão. A adoração de Satanás, quer seja na observância da adoração idólatra ou na prática de imoralidade, apesar de prometer satisfação às paixões humanas, é cruel com as pessoas e costuma atormentá-las neste mundo. Jeová proibiu expressamente os Seus adoradores de “cortarem-se a si mesmos” (Dt 14.1)⁶³. Ele exige, de fato, que mortifiquemos nossa corrupção, mas Ele não tem prazer na crueldade física. Ele deseja somente a nossa felicidade, e jamais requer algo que não nos impulse a nos tornar mais santos para que sejamos mais felizes, uma vez que não pode haver real felicidade à parte da santidade.

“Passado o meio dia, profetizavam até o tempo de se oferecer a oblação da tarde; porém não havia voz, nem havia quem respondesse, nem atendesse” (1 Rs 18.29 — BRA). Assim, eles continuaram orando e profetizando, cantando e dançando, cortando-se e sangrando, até à hora em que era feito o sacrifício da tarde no templo de Jerusalém, o que seria às 15 horas. Por seis horas ininterruptas, eles tinham importunado o seu deus. Mas todo o empenho e todas as súplicas dos profetas de Baal foram inúteis: não desceu fogo para consumir o sacrifício deles. É evidente que o tanto que haviam se esforçado era suficiente para comover qualquer deidade! E uma vez que os céus se mantinham completamente silentes, não provava isso ao povo que a religião de Baal e a sua adoração era uma ilusão e um engano?

“... não havia voz, nem havia quem respondesse, nem atendesse”. Como isso deixa evidente a impotência dos falsos deuses. Eles são criaturas fracas, incapazes de ajudar os seus devotos na hora da necessidade. Eles são inúteis para esta vida; quanto mais para a vida por

⁶³ BRA: “não illos cortareis a vós mesmos”.

vir! Em nenhum outro lugar se manifesta com evidência mais clara a imbecilidade que o pecado produz, do que na idolatria. Ela faz das suas vítimas flagrantes imbecis, assim como aconteceu no Carmelo. Os profetas de Baal edificaram o seu altar e nele depositaram o sacrifício, e então invocaram o seu deus pelo espaço de seis horas para que ele evidenciasse a sua aceitação da oferta deles. Mas em vão. A importunação deles não obteve resposta: os céus se tomaram bronze. Nenhuma língua de fogo se lançou do céu para consumir a carne do novilho imolado. O único som que se ouviu foi o clamor angustiado dos lábios dos frenéticos sacerdotes enquanto se mutilavam até jorrar sangue.

E, meu leitor, se você é um adorador de ídolos, e persistir nisso, você haverá de descobrir que o seu deus é tão impotente e insatisfatório como o era Baal. O seu estômago é o seu deus? Você dispôs o coração para desfrutar o que a terra tem de melhor, comendo e bebendo não para viver, mas vivendo para comer e beber? A sua mesa está cheia dos prazeres da terra, enquanto muitos hoje estão desprovidos das suas necessidades? Saiba então que, se você persistir nessa estupidez e perversidade, chegará a hora em que você haverá de descobrir a loucura desse procedimento.

O prazer é o seu deus? Você pôs o seu coração num incessante redemoinho de divertimentos — correndo de uma forma de entretenimento para outra, empregando todo o seu tempo e dinheiro disponíveis frequentando os atraentes shows da “Feira das Vaidades”? Os seus momentos de recreação são de contínua agitação e divertimento? Saiba então que, se você persistir nessa perversidade e estupidez, chegará a hora quando você haverá de provar as amargas borras que se encontram no fundo desse copo.

É Mamom o seu deus? Você pôs o seu coração nas riquezas materiais, dirigindo todas as suas energias para a obtenção daquilo que você imagina que lhe dará poder sobre os homens, um lugar de proeminência no mundo social, e que o capacitará a obter as coisas que supostamente lhe darão conforto e satisfação? Adquirir propriedades,

um gordo saldo bancário, possuir ações no mercado — é por essas coisas que você está trocando a sua alma? Saiba então que, se você persistir nesse rumo estúpido e perverso, chegará o momento quando você descobrirá quão sem valor são essas coisas, e como são incapazes de aliviar o seu remorso.

Oh, a estupidez, a completa loucura de servir falsos deuses! Do mais alto ponto de vista isso é loucura, pois é uma afronta ao Deus verdadeiro, é dar a algum outro objeto aquilo que é devido a Ele somente, é um insulto que Ele não vai tolerar nem desconsiderar. Mas mesmo no nível mais baixo é crassa estupidez, pois nenhum deus falso, nem ídolo, é capaz de ajudar de fato no momento em que se precisa mais de ajuda. Nenhuma forma de idolatria, nenhum sistema de religião falso, nenhum deus além dAquele que é o verdadeiro Deus, pode responder miraculosamente à oração, pode dar evidências de que o pecado foi removido, pode dar o Espírito Santo, o qual, como fogo, ilumina o entendimento, aquece o coração e purifica a alma. Um deus falso não conseguiu fazer descer fogo no monte Carmelo, e nem hoje pode fazê-lo. Volte-se então para o verdadeiro Deus, meu leitor, porque ainda há tempo.

Antes de prosseguirmos, há um outro ponto que devemos notar em nosso texto, um ponto que contém uma importante lição para esta época tão superficial. Colocaremos o assunto da seguinte forma: o uso de grande ardor e entusiasmo não é prova de que a causa seja verdadeira e boa. Há uma grande multidão de pessoas, hoje, de mente superficial, que deduzem que uma demonstração de zelo e fervor religioso são um sinal verdadeiro de espiritualidade, e que virtudes desse tipo compensam plenamente qualquer falta de conhecimento e de doutrina sadia que possa haver. Eles raciocinam da seguinte forma: “Desde que haja vida e calor, mesmo que a pregação seja rasa, isso é preferível a uma ministração saudável mas fria e sem atrativos”. Ah, meu leitor, nem tudo que reluz é ouro. Os profetas de Baal estavam cheios de intenso fervor e zelo, mas era numa causa falsa, e não conseguiram nada dos Céus! Tome cuidado, então, e guie-se pela

Palavra de Deus e não por aquilo que apela às suas emoções ou ao seu gosto pelo entusiasmo.

“Então, Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele” (1 Rs 18.30). Era evidente que não adiantava esperar mais nada. O teste proposto por Elias, o qual recebera o apoio do povo, e que fora aceito pelos falsos profetas, havia demonstrado sem sombra de dúvida que não era possível reivindicar que Baal era o Deus verdadeiro. Havida chegado, assim, o momento de o servo de Jeová agir. Ele havia usado de extraordinário comedimento durante essas seis horas durante as quais permitiu que seus oponentes ficassem em evidência, rompendo o silêncio apenas uma vez para incitá-los a incrementarem seus esforços. Mas agora ele se dirige ao povo, pedindo que se acheguem, para que possam observar melhor aquilo que ele está para fazer. Eles atendem imediatamente, sem dúvida curiosos para ver o que ele vai fazer, indagando se o clamor do profeta aos Céus será mais bem sucedido do que o clamor dos profetas de Baal.

“Elias restaurou o altar do SENHOR, que estava em ruínas” (1 Rs 18.30). Repare bem na primeira coisa que ele fez, a qual tinha o objetivo de falar ao coração dos israelitas que ali estavam. Alguém já disse que, aqui no Carmelo, Elias fez um apelo triplo ao povo. Primeiro, ele apelou à consciência deles, quando perguntou e depois os exortou: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1 Rs 18.21). Segundo, ele apelou à razão deles, quando propôs que se devia fazer aquele teste entre os profetas de Baal e ele, que “o deus que responder por fogo esse é que é Deus” (1 Rs 18.24). E agora, quando “restaurou o altar do SENHOR”, ele apelou ao coração deles. Dessa maneira, Elias deixou um admirável exemplo para os servos de Deus de todas as épocas futuras. Os ministros de Cristo devem dirigir-se à consciência, à razão e às emoções dos seus ouvintes, pois somente assim a verdade pode ser apresentada adequadamente, as principais faculdades da alma humana podem ser alcançadas, e se pode esperar dos ouvintes uma decisão definida para com o Senhor. É necessário manter um equilíbrio entre a Lei e o Evangelho. É preciso sondar a consciência, convencer a mente,

e avivar as emoções, se quisermos que a vontade se mova e entre em ação. Foi o que aconteceu com Elias no Carmelo.

“Então, Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele” (1 Rs 18.30). Como era vigorosa e inabalável a confiança do profeta em Deus. Ele sabia muito bem o que a sua fé e oração tinham obtido do Senhor, e ele não tinha o menor temor de que seria agora desapontado e posto em confusão. O Deus de Elias jamais falha para com aquele que confia nEle com todo o coração. Mas o profeta estava determinado a pôr acima de qualquer suspeita essa resposta por fogo. Por essa razão, ele pediu que o povo chegasse perto para vê-lo reparando o altar de Jeová que estava em ruínas. Era preciso que estivessem o mais próximo possível, para que comprovassem por si mesmos que não havia nenhum truque, nenhuma inserção de alguma fagulha secreta no meio da lenha sobre a qual o novilho imolado seria colocado. A verdade não teme a investigação minuciosa. Ela não foge da luz, pelo contrário, procura a luz. É o diabo e seus emissários que amam as trevas e os segredos, e agem sob o disfarce do misticismo.

“Elias restaurou o altar do SENHOR, que estava em ruínas” (1 Rs 18.30). Há muito mais coisas do que se pode ver à primeira vista. Recebemos alguma luz se compararmos a linguagem de Elias em 19.10 — “os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares”. De acordo com a lei mosaica, havia apenas um altar sobre o qual se podiam oferecer sacrifícios, e tinha sido ali que o Senhor havia estabelecido a Sua peculiar residência — dos dias de Salomão, em Jerusalém. Mas antes que o tabernáculo fosse erigido, era possível oferecer sacrifícios em qualquer lugar, e na dispensação anterior os altares tinham sido construídos onde quer que os patriarcas fixavam residência temporária, e é provável que seja a esses altares que Elias se refere em 1 Reis 19.10. Esse altar em ruínas, então, era uma solene testemunha de que o povo se havia afastado de Deus. A restauração desse altar pelo profeta era uma repreensão ao povo pelo pecado deles, uma confissão do que havia acontecido, e, ao mesmo tempo, uma volta deles ao lugar de partida.

E, leitor, isso está registrado para a nossa instrução. Elias começou reparando o altar em ruínas. E é nesse ponto que nós precisamos começar se quisermos que a bênção do Céu retome às igrejas e à nossa terra. Em muitos lares que se professam cristãos há um altar de Deus negligenciado. Houve um tempo quando a família se reunia e reconhecia a Deus na autoridade da Sua Lei, na bondade da Sua providência diária, no amor da Sua redenção e graça constante, mas não mais se ouve o som da adoração conjunta que se elevava daquele lar. A prosperidade, o mundanismo, os prazeres silenciaram os tons da devoção. Esse altar está em ruínas: a escura sombra do pecado impera naquela casa. E não é possível aproximar-se de Deus enquanto não se confessa o pecado. Aqueles que ocultam o pecado não têm como prosperar (Pv 28.13). O pecado tem de ser confessado, antes que Deus responda com fogo santo. E o pecado precisa ser confessado tanto na prática como por palavras: o altar precisa ser reconstruído. O cristão precisa voltar ao lugar de partida (Veja Gn 13.1-4; Ap 2.4,5).



Capítulo 17

A certeza da fé

“E Elias tomou doze pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual veio a palavra do SENHOR, dizendo: Israel será o teu nome” (1 Rs 18.31 — RC). Isso foi impressionante e abençoadado, pois era a fé ocupando o lugar daquilo que se podia enxergar. Naquela assembleia estavam presentes apenas os súditos de Acabe, e consequentemente, membros de somente dez das tribos de Israel. Mas Elias tomou doze pedras para construir o altar, declarando que ele estava para oferecer sacrifício em nome de toda a nação (cf. Js 4.20; Ed 6.17). Dessa forma, ele deu testemunho da unidade deles, da união existente entre Judá e as dez tribos. O Objeto da adoração deles originalmente era um só, e assim tinha de ser agora. Dessa forma Elias enxergou Israel do ponto de vista de Deus. Na mente de Deus, a nação era uma só desde toda a eternidade. Exteriormente eles agora eram duas nações. Mas o profeta desconsiderou essa divisão: ele não andou por vista, mas pela fé (2 Co 5.7). É nisso que Deus Se compraz. É a fé que O honra, e por isso Ele sempre reconhece e honra a fé onde quer que ela seja encontrada. Ele fez isso aqui no Carmelo, e assim Ele o faz também hoje. “Senhor, aumenta a nossa fé.”

E qual é a grande verdade simbolizada nesse incidente? Não é óbvio? Não devemos nós olhar além do típico e natural Israel para o Israel antitípico e espiritual, a Igreja que é o Corpo de Cristo? Com toda certeza! E daí? No meio da frequente dispersão que agora prevalece — os “filhos de Deus que andam dispersos” (Jo 11.52) — no meio de variadas denominações, não podemos perder de vista a unidade mística fundamental de todo o povo de Deus. Aqui também temos de andar pela fé e não pela vista. Temos de ver as coisas do ponto de vista de Deus: temos de contemplar aquela Igreja que Cristo amou e pela qual Ele Se deu, assim como ela existe no eterno propósito e nos eternos conselhos da bendita Trindade. Jamais haveremos de ver a unidade da Noiva, a esposa do Cordeiro, visivelmente manifesta antes nossos olhos externos até que a vejamos descendo do céu, “a qual tem a glória de Deus”⁶⁴. Mas por enquanto é tanto nossa obrigação como nosso privilégio fazer parte daquilo que está na mente de Deus, perceber a unidade espiritual dos Seus santos, e reconhecer essa unidade acolhendo em nossos sentimentos todo aquele que manifesta alguma coisa da imagem de Cristo. Essa é a verdade para a qual apontam as “doze pedras” usadas por Elias.

“E Elias tomou doze pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó” (1 Rs 18.31). Prestemos atenção também em como Elias se ajustava aqui à Lei do Senhor. Deus havia dado instruções expressas quanto ao Seu altar: “Se me levatares um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; pois, se sobre ele manejares a tua ferramenta, profaná-lo-ás. Nem subirás por degrau ao meu altar, para que a tua nudez não seja ali exposta” (Êx 20.25,26). Em completa harmonia com essa determinação divina, Elias não mandou buscar pedras que tivessem sido lavradas e polidas pela mão humana, mas usou pedras brutas, em estado natural, que se achavam no topo da montanha. Ele fez uso daquilo que Deus proveu e não daquilo que a mão humana fizera. Ele agiu de acordo com o padrão divino que as

⁶⁴ Apocalipse 21.11 .

Sagradas Escrituras lhe forneciam, pois a obra de Deus tem de ser feita da maneira e com os métodos indicados por Deus.

Isso também está escrito para o nosso ensino. Cada um dos vários atos daquela ocasião, cada detalhe do procedimento de Elias, precisa ser considerado e avaliado se quisermos descobrir o que se requer de nós para que o Senhor Se mostre forte em nosso favor. Com respeito ao Seu serviço, Deus não deixou as coisas a nosso critério, nem aos ditames da conveniência ou da sabedoria humana. Ele nos providenciou um “modelo” (compare Hb 8.5), e Ele é muito zeloso desse modelo e requer que nos regulemos por ele. Tudo tem de ser feito conforme Deus ordenou. No momento em que nos afastamos do modelo de Deus, ou seja, no momento que deixamos de agir em completa harmonia com um “assim diz o Senhor”, estaremos agindo por conta própria, e não mais podemos contar com a Sua bênção. Não há como esperarmos “o fogo de Deus” enquanto não nos adequarmos completamente às Suas exigências.

À vista do que acabamos de apontar, temos ainda alguma dificuldade para descobrir por que a bênção de Deus se apartou das igrejas, por que o Seu poder miraculoso não mais se vê agindo no meio delas? É porque tem havido um tão lamentável afastamento do Seu “modelo”, porque tantas inovações se infiltraram, porque as igrejas têm empregado armas carnis na sua luta espiritual, porque elas têm maldosamente trazido para dentro meios e métodos mundanos. Em consequência, o Espírito Santo está ofendido e apagado. O ocupante do púlpito precisa não somente prestar atenção à ordem divina de pregar “a mensagem que eu te digo” (Jn 3.2), mas o culto inteiro, a disciplina e a vida da igreja precisa ser regulada pelas orientações que Deus tem dado. O caminho da obediência é o caminho da prosperidade espiritual e da bênção, mas o caminho da vontade própria e da autodeterminação é o caminho da impotência e do desastre.

“Com as pedras edificou um altar ao nome de Jeová; e fez um sulco capaz de conter duas medidas de semente ao redor do altar” (1 Rs 18.32 — BRA). Ah, repare nisto: “(Ele) edificou um altar ao

nome de Jeová”: ou seja, por Sua autoridade, para a Sua glória. E assim deve sempre ser conosco: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus” (Cl 3.17). Essa é uma das regras básicas que deve governar todas as nossas ações. Oh, que diferença faria se os que se dizem cristãos fossem regulados por ela. Quantas dificuldades seriam removidas e quantos problemas resolvidos. O crente jovem muitas vezes se pergunta se esta ou aquela prática são certas ou erradas. Traga tudo a este critério: Eu posso pedir a bênção de Deus sobre isto? Posso fazer isto em nome do Senhor? Se não posso, é algo pecaminoso. Misericórdia! Quanta coisa na cristandade está sendo feita hoje sob o santo nome de Cristo, mas que Ele nunca jamais autorizou, que de forma grave O desonra, que é um verdadeiro fedor às Sua narinas. “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Tm 2.19).

“Então, armou a lenha, e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a lenha” (1 Rs 18.33 — RC). E aqui repare novamente o rigor com que Elias segue o “modelo” que as Escrituras lhe apontam. Por meio de Moisés, o Senhor tinha dado ordens a respeito das ofertas queimadas⁶⁵: “Então, ele esfolará o holocausto e o cortará em seus pedaços. E os filhos de Arão, o sacerdote, porão fogo sobre o altar e porão em ordem lenha sobre o fogo. Também os filhos de Arão, os sacerdotes, colocarão em ordem os pedaços, a saber, a cabeça e o redenho, sobre a lenha que está no fogo sobre o altar” (Lv 1.6-8). Esses detalhes da conduta de Elias são imensamente dignos de nota porque pelo que se relata dos profetas de Baal naquela ocasião, não se diz nada sobre eles colocarem a lenha em ordem, ou de cortar o novilho em pedaços e colocá-los sobre a lenha; mas simplesmente se diz que eles “Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal” (v. 26). Ah, é nessas “pequenas coisas” como os homens lhes chamam, que vemos a diferença entre os verdadeiros e os falsos servos de Deus.

⁶⁵ Holocausto é termo formado de dois elementos gregos — **holo**, que significa ‘todo, inteiro’; e **caust**, que significa ‘queimado’. A vítima do sacrifício oferecido em “holocausto” era inteiramente queimada.

“Então, armou a lenha, e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a lenha” (1 Rs 18.33 — RC). E não temos aqui também importante instrução para nós? A obra do Senhor não deve ser executada sem cuidado e às pressas, mas com grande precisão e reverência. Se somos ministros de Cristo, temos de pensar a serviço de quem estamos. Não tem Ele pleno direito ao nosso melhor? Como precisamos nos esforçar para apresentar-nos a Deus aprovados, se queremos ser obreiros que não têm de que se envergonhar (2 Tm 2.15)! Que palavra terrível, essa que encontramos em Jeremias 48.10: “Maldito aquele que fizer a obra do SENHOR relaxadamente!” Por essa razão, busquemos graça para levar em conta essa maldição quando preparamos nossos sermões (ou artigos) ou o que quer que façamos em nome de nosso Senhor. É penetrante esta declaração de Cristo: “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito” (Lc 16.10). Não é apenas a glória de Deus que é diretamente afetada, mas também está envolvida a felicidade ou a desgraça eterna de almas imortais, quando nos ocupamos na obra do Senhor.

“... depois, fez um rego em redor do altar ... e disse: Enchei de água quatro cântaros e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. Disse ainda: Fazei-o segunda vez; e o fizeram. Disse mais: Fazei-o terceira vez; e o fizeram terceira vez. De maneira que a água corria ao redor do altar; ele encheu também de água o rego” (1 Rs 18.32-35). Como era calma e digna a sua forma de agir! Não havia pressa, não havia confusão: tudo foi feito “com decência e ordem”. Ele não agia sob o medo do fracasso, mas estava seguro do que ia acontecer. Algumas pessoas têm se perguntado de onde podia ter vindo tanta água depois de três anos de seca, mas é preciso lembrar que o mar estava logo ali, e sem dúvida nenhuma foi dele que se trouxe a água — doze cântaros ao todo, novamente correspondendo ao número das tribos de Israel!

Antes de prosseguir, façamos uma pausa e contemplemos aqui o vigor da fé de Elias no poder e na bondade do seu Deus. O fato de derramar tanta água sobre o altar, a grande quantidade de água sobre a oferta e sobre a lenha debaixo dela, fazia com que parecesse inadequado e improvável que qualquer fogo as consumisse. Elias estava

determinado a que a intervenção de Deus fosse o mais convincente e admirável possível. Ele estava tão confiante em Deus que não temia amontoar dificuldades no caminho dEle, certo de que não pode haver dificuldades para Aquele que é onisciente e onipotente. Quanto mais improvável fosse a resposta, mais glorificado com ela seria o seu Senhor. Oh! Impressionante fé que pode rir das impossibilidades, que pode até mesmo aumentá-las com o fim de ter a alegria de ver Deus conquistá-las! É a fé intrépida e ousada que Ele Se agrada em honrar. Lamentavelmente, quão pouco disso nós vemos hoje. Os dias em que vivemos são, na verdade, dias de “pequenas coisas”. Sim, são dias quando a incredulidade abunda. A incredulidade se horroriza com as dificuldades, e planeja como removê-las, como se Deus precisasse de alguma ajuda de nossa parte!

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias” (1 Rs 18.36). Ao esperar até a hora quando se apresentava “a oblação da tarde”⁶⁶ (no templo), Elias confessou a sua comunhão com os adoradores em Jerusalém. E não temos aqui uma lição para muitos do povo do Senhor nestes dias obscuros? Vivendo em lugares isolados, privados dos meios da graça, contudo eles podem lembrar a hora da pregação semanal, e da reunião de oração, e nessa mesma hora aproximar-se do trono da graça e unir as suas petições com aqueles irmãos distantes na igreja que frequentaram na mocidade. É nosso privilégio santo ter e manter comunhão espiritual com os santos quando não mais podemos manter contato pessoal com eles. Assim também os enfermos e os idosos, embora privados das ordenanças públicas, dessa forma podem unir-se ao coro geral de louvor e ações de graça. Em especial nos deveríamos fazer presentes nesses deveres e gozar esse privilégio no Dia do Senhor.

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias” (1 Rs 18.36). Mas havia alguma coisa mais, algo mais profundo, algo mais precioso na espera de Elias até

⁶⁶ 1 Reis 18.36, BRA.

esse horário específico. Essa "oferta de manjares" que se oferecia todos os dias no templo em Jerusalém, três horas antes do pôr-do-sol, apontava para a Oferta Queimada antitípica, que haveria de ser imolada quando chegasse a plenitude do tempo. Fiando-se nesse Grande Sacrifício pelos pecados do povo de Deus que o Messias haveria de oferecer quando Se manifestasse na terra, o Seu servo agora assumiu lugar junto do altar que apontava adiante para a Cruz. Elias, assim como Moisés, tinha profundo interesse nesse Grande Sacrifício, como fica bem claro do fato que eles "falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém" quando os dois apareceram e conversaram com Cristo no monte da transfiguração (Lc 9.30,31). Foi com a sua fé repousando no sangue de Cristo (não no sangue de um novilho) que Elias agora apresenta suas petições a Deus!

"No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias" (1 Rs 18.36): ou seja, sobre o altar que ele havia edificado e sobre o qual colocara o sacrifício. Sim "aproximou-se", embora esperasse uma resposta de fogo! Contudo não estava nem um pouco amedrontado. Tomamos a dizer: que santa confiança em Deus! Elias estava plenamente seguro de que Aquele a quem servia, a quem estava honrando, não haveria de causar-lhe dano. Ah, o longo tempo gasto no ribeiro Querite e os inúmeros dias passados no seu quatinho na casa da viúva em Sarepta não foram desperdício de tempo. Ele aproveitou o tempo, gastando-o em secreto com Deus, refugiando-se à sombra do Onipotente, e ali aprendeu lições preciosas que nenhuma escola humana pode dar. Ministros de Deus, permitam-nos chamar sua atenção para o fato que o poder de Deus para as ministrações públicas só se adquire quando ele é recebido em particular, no secreto. A ousadia santa diante do povo tem de ser obtida por meio da humilhação da alma diante do escabelo da misericórdia no lugar secreto.

"...e disse: Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel" (1 Rs 18.36). Isso foi muito mais do que uma referência aos ancestrais do seu povo, ou aos fundadores da sua nação. Também foi mais do que uma expressão patriótica ou sentimental. Isso evidenciou

o vigor da sua fé e manifestou o fundamento em que ela descansava. Era o reconhecimento de Jeová como o Deus que fizera uma aliança com o Seu povo, e como tal prometera jamais abandoná-los. O Senhor havia entrado em solene pacto com Abraão (Gn 17.7,8), e o renovou com Isaque e Jacó. Foi a esse pacto que o Senhor fez referência quando apareceu a Moisés na sarça ardente (Êx 3.6 e cf. 2.24). Quando Israel foi oprimido pelos sírios nos dias de Jeoacaz, somos informados do seguinte: “Porém o SENHOR teve misericórdia de Israel, e se compadeceu dele, e se tomou para ele, por amor da aliança com Abraão, Isaque e Jacó” (2 Rs 13.23). A fé viva de Elias no pacto, expressa audivelmente, lembrou ao povo o fundamento da esperança e da bênção deles. Oh, que diferença não faz quando somos capazes de apelar ao “sangue da eterna aliança” (Hb 13.20).

“Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel” (1 Rs 18.36). Essa foi a primeira petição de Elias; repare bem a natureza dela, porque toma claramente manifesto o próprio caráter dele. O coração do profeta estava cheio de zelo ardente pela glória de Deus. Ele não podia tolerar o pensamento daqueles altares arruinados e dos profetas martirizados. Ele não podia tolerar que a terra fosse poluída com a idolatria dos pagãos, que insultava a Deus e destruía as almas. Ele não estava preocupado consigo mesmo, mas com o terrível fato que o povo de Israel abrigava a ideia de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó abdicara em favor de Baal. O espírito dele se emocionou até as profundezas à medida que contemplava quão ostensiva e gravemente Jeová era desonrado. Oh, que fôssemos mais profundamente movidos pelo triste estado da causa de Cristo sobre a terra hoje, pela usurpação do inimigo e da terrível desolação que ele tem feito em Sião! É de lamentar que muitos de nós estejam dominados por um espírito de indiferença, por uma espécie de estoicismo fatalista.

A principal ideia da oração de Elias era que Deus pudesse vindicar a Si mesmo naquele dia, que Ele tomasse conhecido o Seu grande poder, que Ele fizesse voltar a Si o coração do povo. É somente quando conseguimos ter em vista e defendemos a glória de Deus mais

do que aos nossos interesses pessoais, que alcançamos o lugar onde Ele não nos negará. É lamentável que estejamos tão ansiosos a respeito do sucesso de nosso trabalho, a prosperidade de nossa igreja ou denominação, que perdemos de vista a questão infinitamente mais maravilhosa da vindicação e honra do nosso Senhor. Não é de admirar que à nossa volta tenhamos tão pouco da bênção de Deus! O nosso bendito Redentor nos deixou um exemplo muito melhor: “Eu não procuro a minha própria glória” (Jo 8.50), declaração essa feita por Aquele que era “manso e humilde de coração”. “Pai, glorifica o teu nome” (Jo 12.28) — esse era o desejo controlador do Seu coração. Quando desejava que Seus discípulos produzissem fruto, era para que fosse “glorificado meu Pai” (Jo 15.8). “Eu te glorifiquei na terra” (Jo 17.4), disse o Filho ao completar a Sua missão. E agora Ele declara o seguinte: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho” (Jo 14.13).

“...fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo” (1 Rs 18.36). É uma bênção observar esse homem, por cuja palavra foram fechadas as janelas do céu, por meio de cuja oração o morto foi restaurado à vida, diante de quem até mesmo o rei tremeu — é uma bênção, repetimos, vê-lo assumir esse lugar diante de Deus. “... fique, hoje, sabido que ... eu sou teu servo”. Era o lugar do subordinado, o lugar humilde, o lugar onde ele estava debaixo de ordens. Um *servo* é alguém cuja vontade está completamente rendida a outrem, cujos interesses pessoais estão completamente subordinados aos do seu senhor, cujo desejo e alegria é agradar e honrar aquele que o empregou. E essa era a atitude e o hábito de Elias: ele estava completamente rendido a Deus, empenhado em buscar a Sua glória e não a sua própria. O “serviço cristão” não consiste em fazer algo para Cristo; consiste em fazer aquilo que Ele apontou e designou para nós.

Companheiros, ministros cristãos, é isso o que nós somos? Está a nossa vontade rendida a Deus de tal forma, que podemos dizer de verdade: “Eu sou Teu servo?” Mas repare uma outra coisa aqui. “... fique, hoje, sabido que ... eu sou teu servo”: Reconhece-me como Teu servo por meio da manifestação do Teu poder. Não é suficiente que o

ministro do Evangelho seja servo de Deus, é preciso que seja manifesto que ele é um servo de Deus. Como? Por meio da sua separação do mundo; pela sua devoção ao seu Senhor; pelo seu amor e cuidado pelas almas; pelos seus incansáveis labores; sua auto-renúncia e sacrifício pessoal; por gastar-se e deixar-se gastar na ministração aos outros; e pelo selo do Senhor sobre o seu ministério. “Pelos seus frutos os conhecereis”: pela santidade do seu caráter e conduta, pela operação do Espírito de Deus neles e através deles, pelo andar daqueles que se encontram sob o seu ministério. Como precisamos orar: “fique sabido que eu sou Teu servo”!



Capítulo 18

A oração eficaz

No final do nosso último capítulo, estávamos considerando a oração que Elias fez no monte Carmelo. Essa súplica do profeta exige que a examinemos com atenção, pois foi uma oração eficaz, ela obteve uma resposta miraculosa. Há duas razões principais por que tantas orações do povo de Deus são infrutíferas. Primeiro, porque elas não satisfazem os requisitos de uma oração aceitável; segundo, porque as suas súplicas estão em desacordo com as Escrituras, não seguem o padrão das orações registradas nas Sagradas Escrituras. Acabaríamos por nos desviar muito do nosso assunto, se entrássemos em detalhes a respeito de quais são os requisitos que temos de cumprir e quais as condições que temos de preencher a fim de obter a atenção de Deus, de forma que Ele Se mostre forte em nosso favor. Contudo sentimos que este é um lugar apropriado para dizer alguma coisa a respeito desse importantíssimo e prático assunto, e vamos pelo menos citar alguns dos principais requisitos para sermos bem-sucedidos diante do trono da graça.

A oração é um dos notáveis privilégios da vida cristã. É o meio designado para chegar a Deus, para a alma aproximar-se do seu Criador, para o cristão manter comunhão espiritual com o seu Redentor. A oração é o canal por meio do qual buscamos o suprimento de todas as necessidades de graça espiritual e das misericórdias terrenas. Ela é a avenida pela qual fazemos conhecidas as nossas necessidades diante de Deus, e O buscamos para que nos supra cada uma delas. A oração é o canal por meio do qual a fé sobe até aos céus e em resposta a ela os milagres descem à terra. Mas se esse canal estiver obstruído, os suprimentos são negados; se a fé for inativa, os milagres não acontecem. Desde a antiguidade, Deus disse ao Seu povo: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59.2). E será diferente hoje? Ele declara outra vez: “As vossas iniquidades desviam estas coisas, e os vossos pecados afastam de vós o bem” (Jr 5.25). E não é esse o caso com muitos de nós agora? Não temos nós razão para reconhecer: “Nós prevaricamos e fomos rebeldes, e tu não nos perdoaste. De nuvens te encobriste para que não passe a nossa oração” (Lm 3.42,44). É triste, triste de fato, quando esse é o caso.

Se aquele que se professa cristão supõe que, não importando qual seja o caráter do seu andar, que ele apenas precisa declarar o nome de Cristo e as suas petições têm resposta assegurada, ele está tristemente enganado. Deus é indescritivelmente santo, e a Sua Palavra declara de forma expressa: “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (SI 66.18). Não é suficiente crer em Cristo, ou declarar o Seu nome, para garantir respostas à oração; é necessário haver sujeição prática a Ele e diária comunhão com Ele: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quizerdes, e vos será feito” (Jo 15.7). Não é suficiente ser um filho de Deus e clamar ao nosso Pai celeste; é necessário ordenar a nossa vida de acordo com a vontade revelada dEle: “e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1 Jo 3.22). Não é

suficiente aproximar-se ousadamente do trono da graça; nós temos de aproximar-nos “com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura” (Hb 10.22) — tudo aquilo que polui deve ter sido removido pelos preceitos purificadores da Palavra (v. SI 119.9).

Veja os princípios a que nos referimos brevemente acima e repare como essas exigências foram cumpridas e essas condições preenchidas no caso de Elias. Ele andou em estrita separação do mal que abundava em Israel, recusou ceder ou manter qualquer comunhão com as obras infrutíferas das trevas. Numa época de degeneração espiritual e apostasia, ele manteve comunhão pessoal com o Santo, como atesta claramente a sua expressão “o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou” (1 Rs 17.1). Ele andou em sujeição a Deus na prática. A sua recusa em mover-se até que “Veio-lhe a palavra de Jeová” (1 Rs 17.8 — BRA) dá pleno testemunho disso. A vida dele estava ordenada pela vontade revelada do seu Senhor, como fica claro pela sua obediência à ordem divina de morar com uma mulher viúva em Sarepta. Ele não recuou diante da execução das mais desagradáveis obrigações, como ficou claro da sua pronta submissão à ordem de Deus: “Vai, apresenta-te a Acabe” (1 Rs 18.1). E esse homem recebeu a atenção de Deus, ele tinha poder junto a Deus.

Agora, se aquilo que acabamos de destacar serve para explicar o poder da intercessão de Elias, porventura isso também não fornece, lamentavelmente, a razão por que tantos de nós não conseguem a atenção de Deus, não têm poder junto a Ele em oração? É a “súplica fervorosa do justo” que “Muito pode” diante de Deus (Tg 5.16 — BRA). Isso significa algo mais do que um homem a quem foi imputada a justiça de Cristo. Prestemos bastante atenção ao fato que essa expressão não aparece em Romanos (onde os benefícios legais da expiação estão particularmente em vista), mas em Tiago, onde o lado prático e experimental do Evangelho é revelado. O “justo” em Tiago 5.16 (como também através de todo o livro de Provérbios) é alguém que é justo, correto para com Deus na prática, na sua vida diária, cujos caminhos “agradam ao Senhor”. Se não andarmos separados do mundo,

se não negarmos a nós mesmos, se não lutarmos contra o pecado, mortificarmos nossas paixões, mas gratificarmos nossa natureza carnal, por acaso será de admirar que nossa vida de oração seja fria e formal, e nossas petições fiquem sem resposta?

Ao examinar a oração de Elias no monte Carmelo, vimos, primeiro, que, “No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares”, o profeta se aproximou: isto é, aproximou-se do altar onde estava o novilho cortado em pedaços. “Aproximou-se”, embora sua expectativa fosse uma resposta de fogo! Aqui vemos a sua santa confiança em Deus, e nos é mostrado o fundamento em que repousava a sua confiança, ou seja, num sacrifício expiatório. Em segundo lugar, ouvimos o profeta dirigir-se a Jeová como o Deus que fizera um pacto com o Seu povo: “SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel”. Em terceiro lugar, consideramos a sua primeira petição: “fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel”, ou seja, que Ele vindicasse a Sua honra e glorificasse o Seu próprio grande nome. O coração do profeta estava cheio de um ardente zelo pelo Deus vivo e não podia tolerar a visão da terra cheia de idolatria. Em quarto lugar, “e que eu sou teu servo”, cuja vontade está completamente rendida a Ti, cujos interesses estão totalmente subordinados aos Teus. Reconhece-me como Teu servo por meio da manifestação do Teu imenso poder.

Esses são os elementos, caro leitor, que fazem parte da oração que é aceitável a Deus e que recebe resposta dEle. É preciso mais do que muita demonstração de fervor; é preciso de fato que a alma se aproxime do Deus vivo, e para isso é necessário pôr de lado e abandonar tudo aquilo que é ofensivo a Ele. É o pecado que separa dEle o coração, que mantém a consciência numa distância culposa dEle; e desse pecado é preciso arrepender-se e tem de ser confessado, se quisermos outra vez ter acesso a Deus. O que estamos apresentando agora não é algo legalista; estamos insistindo nas exigências da santidade de Deus. Cristo não morreu para comprar para o Seu povo a possibilidade de viver em pecado; pelo contrário, Ele derramou o Seu sangue precioso para redimi-los de toda iniquidade e “purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14).

E na mesma proporção em que negligenciarem essas boas obras, eles deixarão de experimentar na prática os benefícios da Sua redenção.

Mas para que uma criatura falha e pecaminosa possa aproximar-se com alguma medida de humilde confiança do Deus três vezes santo, ela precisa conhecer algo da relação que sustêm com Ele, não por natureza, mas por meio da graça. O crente — não importa quão grande fracasso ele sente que é (desde que ele com sinceridade lamente os seus fracassos e seja honesto em seus esforços de agradar o seu Senhor) — o crente tem o bendito privilégio de lembrar-se de que se aproxima dAquele que Se relaciona com ele por meio de uma aliança, sim, o crente pode apelar a essa aliança diante dEle. Davi, a despeito das suas quedas, reconheceu o seguinte: “Pois estabeleceu comigo uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura” (2 Sm 23.5), e assim o leitor pode fazer, se lamentar os seus pecados como fez Davi, e os confessar com contrição, e tiver o mesmo anelo no coração pela santidade. Faz uma tremenda diferença em nossa oração quando podemos “apelar à aliança de Deus”, seguros do nosso interesse pessoal por ela. Quando suplicamos o cumprimento de promessas da aliança (Jr 32.40,41; Hb 10.16,17), por exemplo, apresentamos a Deus um argumento que Ele não rejeitará, pois Ele não pode negar a Si mesmo.

Ainda uma outra coisa se faz essencial para que nossas orações alcancem a aprovação de Deus: o motivo que as move e a petição em si mesma têm de ser ambos corretos. É nesse ponto que tanta gente falha. Como está escrito: “pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.3). Com Elias não foi assim: não era a sua própria promoção ou o seu próprio enaltecimento que ele buscava, mas o engrandecimento do seu Senhor, e a vindicação da Sua santidade, que tinha sido tão desonrada pelo Seu povo que se desviara para adorar a Baal. Todos nós temos de nos testar nisto. Se o motivo por trás da nossa oração procede apenas de nós mesmos, podemos ter certeza de que a resposta nos será negada. Somente quando de fato pedirmos aquilo que vai promover a glória de Deus, é que pedimos de forma correta. “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se

pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5.14), e nós pedimos “segundo a sua vontade” quando pedimos aquilo que trará honra e louvor ao Doador. Lamentavelmente, quão carnaís são muitas das nossas orações!

Finalmente, se quisermos que nossas orações sejam aceitáveis a Deus, elas têm de vir daqueles que podem de fato declarar “Eu sou Teu servo” — alguém submisso à autoridade de outrem, alguém que assume o lugar de subordinado, alguém que está sob as ordens do seu senhor, alguém que não tem vontade própria, alguém cujo constante objetivo é agradar ao seu senhor e promover os interesses dele. E certamente o cristão não oferecerá resistência contra isso. Não foi esse exatamente o lugar assumido pelo seu nobre Redentor? Não foi o Senhor da glória que assumiu “a forma de servo” (Fp 2.7), e assim Se comportou durante todos os dias da Sua carne? Se mantivermos nosso caráter de servo ao nos aproximarmos do trono da graça, seremos preservados da grosseira irreverência que caracteriza muito do que se chama “oração” em nossos dias. Em lugar de fazer exigências ou falar com Deus como se fôssemos Seus iguais, deveríamos apresentar humildemente as nossas “petições”. E quais são as principais coisas que um “servo” deseja? Um conhecimento daquilo que o seu senhor requer, e suprimentos necessários para executar as ordens dele.

“...e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas” (1 Rs 18.36). “No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias e disse: Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas”. O profeta acrescentou isso como uma petição adicional: que Deus enviasse fogo do céu em resposta às suas súplicas, para comprovar a sua fidelidade à vontade do seu Senhor. Foi em atenção às ordens de Deus que o profeta fez cessar a chuva sobre a terra, congregou agora Israel e os falsos profetas, e propôs um desafio, para que por meio de um sinal visível do céu ficasse evidente quem era o verdadeiro Deus. Tudo isso ele fez não de si mesmo, mas pela direção recebida do alto. Nossas petições são grandemente reforçadas quando somos capazes de alegar

diante de Deus a nossa fidelidade aos Seus mandamentos. Davi disse ao Senhor: “Tira de sobre mim o opróbrio e o desprezo, pois tenho guardado os teus testemunhos”, e novamente: “Aos teus testemunhos me apegue; não permitas, SENHOR, seja eu envergonhado” (SI 119.22,31). O servo agir sem ordens do seu senhor é vontade própria e presunção.

Os mandamentos de Deus “não são penosos”⁶⁷ (para aqueles cuja vontade está rendida a Ele), e “em os guardar, há grande recompensa” (SI 19.11) — tanto nesta vida como na vindoura, como toda alma obediente descobre por si mesma. O Senhor declarou: “aos que me honram, honrarei” (1 Sm 2.30), e Ele é fiel no cumprimento das Suas promessas. A maneira de honrá-LO é andar nos Seus mandamentos. Foi isso que Elias fez, e agora ele confiava que Jeová o honraria concedendo-lhe o seu pedido. Quando o servo de Deus tem o testemunho de uma boa consciência e o testemunho do Espírito de que ele está agindo de acordo com a vontade de Deus, ele pode com razão sentir-se invencível — quer sejam homens, circunstâncias, ou mesmo a oposição satânica não são maior ameaça do que a palha seca dos cereais na eira. A Palavra de Deus não voltará a Ele vazia: o Seu propósito será cumprido, embora passem os céus e a terra. Também isso encheu Elias de calma certeza naquela hora crucial. Deus não zombaria de alguém que tinha sido fiel a Ele.

“Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus” (1 Rs 18.37). Como essas palavras exalam a intensidade e a veemência do zelo do profeta pelo Senhor dos Exércitos! Isso não era uma simples cerimônia dos lábios para fora, mas uma verdadeira súplica, uma súplica fervorosa. Essa repetição indica quão verdadeiro e profundo era o ardor do coração de Elias. Ele não podia suportar a desonra feita ao seu Senhor por todo lado: ele ansiava que Deus vindicasse a Si mesmo. “Responde-me, SENHOR, responde-me”, foi o ardente clamor de uma alma reprimida. Como esse zelo e intensidade fazem vergonha à frieza das nossas orações! É

⁶⁷1 João 5.3

somente o clamor genuíno de um coração em chamas que alcança o ouvido de Deus. E a “súplica fervorosa do justo” que “Muito pode” (Tg 5.16 — BRA). Oh, como precisamos buscar o socorro do Espírito Santo, pois Ele é o único que pode inspirar a verdadeira oração em nós.

“...para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus” (1 Rs 18.37). Aqui está o supremo anseio da alma de Elias: que fosse demonstrado abertamente e de forma irrefutável, que Jeová era o verdadeiro Deus, e não Baal nem qualquer outro ídolo. Aquilo que dominava o coração do profeta era um desejo que Deus fosse glorificado. E não é isso que acontece com todos os Seus autênticos servos? Eles estão dispostos a suportar quaisquer dificuldades, alegram-se em gastar-se e serem gastos, se com isso o Senhor é magnificado, “...eu estou pronto não só para ser ligado, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21.13). Quantos mais, desde então, à semelhança do apóstolo, de fato morreram a serviço do Senhor e para o louvor do Seu santo nome! Esse também é o mais profundo e mais constante desejo de cada cristão que não se encontra na apostasia. Todas as suas petições brotam disto e se concentram nisto: que Deus seja glorificado. Todos eles absorveram, em certa medida, o mesmo espírito do seu Redentor: “Pai, ... glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1). Quando esse é o motivo por trás da nossa petição, é certa a resposta.

“...e que a ti fizeste retroceder o coração deles” (1 Rs 18.37). Retroceder da perambulação após objetos proibidos para Ti mesmo; retroceder de Baal para a obediência e adoração do Deus verdadeiro e vivo. Junto com a glória do seu Senhor, estava o outro profundo anseio do coração de Elias: a libertação de Israel dos enganos de Satanás. Ele não era egoísta nem era pessoa centrada em si mesma, indiferente para com a sorte dos seus semelhantes; antes, ele estava ansioso para que eles possuíssem por si mesmos aquilo que tão plenamente satisfazia a sua própria alma. E afirmamos novamente: não é isso verdade com respeito a todos os autênticos servos e santos de Deus? Junto com a glória do seu Senhor, aquilo que está mais próximo do coração deles e

é assunto constante das suas orações é a salvação dos pecadores para que se voltem dos seus maus e loucos caminhos para Deus. Repare bem nas duas palavras que colocaremos em *itálico*: “que a ti fizeste retroceder *o coração* deles” — nada menos que a volta do coração para Deus terá algum valor para a eternidade, e ninguém, a não ser Deus, por Seu imenso poder, pode efetuar essa mudança.

Havendo considerado cada petição da oração eficaz de Elias, queremos chamar sua atenção a outra característica que distingue essa oração — a sua notável brevidade. Ela ocupa não mais do que dois versículos em nossa Bíblia e contém menos de sessenta palavras em português⁶⁸, e menos ainda no original hebraico. Que contraste isso não faz com as intermináveis e cansativas orações em muitos púlpitos de hoje! “Não abras a boca precipitadamente, e não se apresse o teu coração a proferir palavra alguma diante de Deus; porque Deus está no céu, e tu sobre a terra. Portanto sejam poucas as tuas palavras” (Ec 5.2). Um versículo como esse parece não ter nenhum peso junto da maioria dos ministros. Uma das características dos escribas e fariseus era que eles “fazem por pretexto (para impressionar o povo com a sua piedade) longas orações” (Mc 12.40). Não queremos desconsiderar o fato de que, quando a unção do Espírito se faz presente, pode acontecer de Ele conceder ao servo de Cristo muita liberdade para derramar o coração extensamente, mas isso são exceções e não a regra, como a Palavra de Deus declara expressamente.

Um dos muitos males produzidos pelas longas orações no púlpito é o desencorajamento das almas simples do povo: elas facilmente concluem que se as suas devoções particulares não forem longas, isso significa que Deus não lhes está dando o espírito de oração. Se algum de nossos leitores se afligir com isso, pedimos que faça um estudo das orações registradas nas Escrituras Sagradas — tanto no Antigo como no Novo Testamento — e eles descobrirão que praticamente todas elas são muito curtas. As orações que obtiveram respostas extraordinárias dos Céus eram como essa de Elias: breves,

⁶⁸ Na tradução usada pelo Autor, em inglês, a oração tem sessenta e três palavras.

diretas ao ponto, fervorosas mas definidas. Ninguém é ouvido por causa da multidão das suas palavras, mas somente quando as suas petições vêm do coração, quando são motivadas pelo anseio pela glória de Deus, e são apresentadas com uma fé infantil. O Senhor misericordiosamente nos preserve da hipocrisia e da formalidade, e nos faça sentir nossa profunda necessidade de clamar a Ele: “Ensina-nos (não como, mas) a orar”⁶⁹.



⁶⁹ Lucas 11.1

Capítulo 19

A resposta com fogo

Em nosso último capítulo, procuramos fazer aplicações práticas a nossa própria vida, da oração que Elias apresentou a Deus no monte Carmelo. Ela foi registrada para nosso ensino (Rm 15.4) e encorajamento, e nela encontramos muitas e valiosas lições, se apenas tivermos coração aberto para recebê-las. Com raras exceções, o púlpito moderno provê pouca ou nenhuma ajuda nesse importante assunto; em vez disso é um obstáculo para quem está desejoso de conhecer com mais perfeição o caminho do Senhor. Se os jovens cristãos estão desejosos de descobrir os segredos da oração aceitável e eficaz, não devem guiar-se pelo que ouvem hoje e veem acontecendo no mundo religioso. Em vez disso, precisam voltar-se para a revelação de Deus que Ele graciosamente designou como uma lâmpada para os seus pés e uma luz no seu caminho. Se eles com humildade procurarem instrução da Palavra de Deus e confiantemente contarem com o auxílio do Seu Espírito Santo, serão preservados dessa anomalia que hoje chamam de oração.

Por um lado, precisamos ser libertos do tipo frio, mecânico e formal de oração que não passa de cerimônia da boca para fora, em que

não existe uma aproximação de fato de Deus, sem nenhum prazer nEle, nenhum derramar de coração diante dEle. Por outro lado, temos de ser preservados dessa inadequada, selvagem e fanática loucura que em alguns lugares é confundida com fervor espiritual e zelo. Há alguns que nos lembram de tal forma os adoradores de Baal quando oram, dirigindo-se a Deus como se Ele fosse surdo. Parecem estimar o excitamento do seu lado animal e as violentas contorções corporais como a essência das suas súplicas, e desprezam aqueles que falam com Deus de forma calma, contida, digna e ordeira. Esse tipo irreverente de frenesi é até pior do que a formalidade. Não se deve confundir barulho com fervor, nem fala fora do normal com devoção. “Sede, portanto, prudentes e sóbrios para oração” (1 Pe 4.7 — BRA) é o corretivo de Deus para esse mal.

Agora nos voltaremos para considerar os notáveis resultados da bonita mas simples oração de Elias. E gostaríamos de dizer outra vez ao nosso leitor, tentemos visualizar a cena, e tanto quanto nos for possível, tomemos lugar no monte Carmelo. Dirija seus olhos para a vasta multidão de povo ali congregada. Contemple o enorme grupo de sacerdotes de Baal, agora exaustos e derrotados. Daí procure ouvir as palavras finais da oração do tisbita: “Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus e que a ti fizeste retroceder o coração deles” (1 Rs 18.37). Que momento terrível aquele! Quanta impaciência da parte da multidão reunida para ver o que aconteceria! Todos prendem a respiração, em silêncio! O que será que vai acontecer? Será que o servo de Jeová ficará confuso como ficaram os profetas de Baal? Se não houver resposta, se não vier fogo do céu, então o Senhor não está habilitado para ser considerado Deus, tanto quanto Baal. Aí então, tudo o que Elias fez, todo o seu testemunho a respeito de seu Senhor ser o único Deus verdadeiro e vivo, será considerado uma ilusão. Momento solene, intensamente solene!

Mas a curta oração de Elias mal havia acabado, quando somos informados que “Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que

estava no rego” (1 Rs 18.38). Por meio desse fogo o Senhor afirmou ser o único Deus verdadeiro, e por meio dele deu testemunho do fato que Elias era Seu profeta e Israel era Seu povo. Oh, a maravilhosa condescendência de Deus em repetidamente demonstrar as mais evidentes verdades a respeito do Seu ser, dos Seus atributos, da autoridade divina da Sua Palavra, e da natureza da Sua adoração. Não há nada mais maravilhoso do que isso; é somente a perversidade do homem que rejeita essas repetidas demonstrações. Quão gracioso da parte de Deus fornecer tais provas e fazer com que toda dúvida seja sem razão e sem desculpas! Aqueles que recebem o ensino das Escrituras Sagradas sem questionar não são tolos crédulos. Longe de seguir fábulas engenhosamente inventadas, eles aceitam o incontestável testemunho daqueles que foram testemunhas oculares dos mais estupendos milagres. A fé do cristão repousa sobre um fundamento que não precisa temer cuidadosa e minuciosa investigação.

“Então, caiu fogo do SENHOR” (1 Rs 18.38). Os efeitos desse fogo tomaram evidente que não era fogo comum, mas sobrenatural. Ele desceu do céu. Primeiro, consumiu os pedaços do sacrifício, depois a lenha onde tinham sido colocados — essa ordem deixou claro que não foi por causa da lenha que a carne do novilho foi queimada. Até mesmo as doze pedras do altar foram consumidas, para tomar evidente que esse não era um fogo comum. E como se ainda não houvesse evidência suficiente da natureza extraordinária desse fogo, ele consumiu “o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego”⁷⁰, com isso tomando evidente que esse era um fogo a cuja ação nada podia resistir. Em cada caso a ação desse fogo foi de cima para baixo, o que é contrário à natureza de todo fogo terreno. Não havia truques aqui, mas um poder sobrenatural que removia toda e qualquer suspeita dos espectadores, deixando-os frêntes a frente com o poder e a majestade dAquele a quem tão gravemente haviam ofendido.

“Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto” (1 Rs 18.38). Tudo isso era extremamente abençoado, porém

⁷⁰1 Reis 18.38, RC.

indizivelmente solene. Primeiro, esse notável incidente deveria encorajar os cristãos fracos a colocar sua fé em Deus, avançar na Sua força para enfrentar os mais sérios perigos, para encarar os mais ferozes inimigos, e empreender as mais árduas e arriscadas tarefas que Ele possa designar-lhes. Se a nossa confiança estiver totalmente posta no próprio Senhor, ele não falhará para conosco. Ele permanecerá conosco, embora talvez ninguém mais o faça; Ele nos libertará das mãos daqueles que procuram nos ferir; Ele confundirá aqueles que se põem contra nós; e Ele nos honrará à vista daqueles que nos difamaram e acusaram. Oh! Cristão trêmulo, não ponha seus olhos no rosto dos que são mundanos, mas fixe os olhos da fé nAquele que tem todo o poder no céu e na terra. Não desanime pelo fato de encontrar tão poucos que pensam como você, mas console-se com o grandioso fato que, se Deus é por nós, não importa quem é contra nós.

Como esse incidente deveria animar e fortalecer os servos de Deus que estão sendo provados! Talvez Satanás esteja lhe dizendo que a única política segura e sábia é ceder, em dias degenerados como os nossos. Talvez ele esteja levando você a perguntar-se: “O que será de mim e da minha família, se eu continuar pregando aquilo que é tão impopular?” Então lembre-se do caso do apóstolo, e como ele foi ajudado pelo Senhor nas mais difíceis circunstâncias. Referindo-se à ocasião em que foi obrigado por aquele monstro, Nero, a manter firme a sua conduta como servo de Cristo, ele diz: “Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta! Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (2 Tm 4.16-18). E o Senhor não mudou em nada! Ponha-se, sem reservas, nas Suas mãos, busque unicamente a Sua glória, e Ele não falhará com você. Confie nEle completamente quanto às consequências, e Ele não confundirá você, como este escritor tem comprovado plenamente.

Quão apropriadamente esse incidente exemplifica o poder da fé e a eficácia da oração. Já discurremos quase o suficiente sobre a oração feita por Elias nessa ocasião significativa, mas ainda chamamos sua atenção a outra característica essencial que marcou esse evento, e que precisa marcar nossas orações se quisermos que obtenham respostas do Céu. “Seja-vos feito segundo a vossa fé” (Mt 9.29 — RC) é um dos princípios que regulam o trato de Deus conosco. “Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23 — RC). Por quê? Porque a fé diz respeito diretamente a Deus: ela O traz à cena, ela O considera conforme a Sua fidelidade, agarrando-se às Suas promessas, dizendo: “faze como falaste” (2 Sm 7.25). Se você quer ver algumas das maravilhas e milagres que a fé pode originar, leia calmamente o capítulo 11 da Epístola aos Hebreus.

A oração é o canal principal através do qual a fé vai operar. Orar sem fé é insultar a Deus e zombar dEle. Está escrito: “E a oração da fé salvará o enfermo” (Tg 5.15). Mas o que é orar com fé? É a mente ser regulada e o coração ser influenciado por aquilo que Deus nos disse: é um agarrar-se à Sua Palavra e então confiar nEle para que cumpra as Suas promessas. Foi isso que Elias fez, como claramente se percebe por suas palavras: “segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas” (1 Rs 18.36). Algumas dessas coisas pareciam ser completamente contrárias à razão carnal — como arriscar-se na presença do homem que lhe perseguia a vida, e ordenar-lhe que convocasse uma vasta assembleia no Carmelo; colocar-se contra as centenas de falsos profetas; colocar água sobre o sacrifício e sobre a lenha. Todavia, ele agiu baseado na Palavra de Deus e confiou nEle quanto às consequências. E Deus não o pôs em confusão: Ele honrou a fé do profeta, e respondeu à sua oração.

Lembramos outra vez ao leitor: esse incidente foi registrado para nosso ensino e encorajamento. O Senhor Deus é hoje o mesmo que era naquela época — pronto a mostrar-Se forte em favor daqueles que andam como Elias e confiam nEle assim como fez o profeta. Você está enfrentando alguma situação difícil, alguma premente emergência, alguma dolorosa provação? Então não a coloque entre você e Deus,

mas antes coloque Deus entre você e seu problema. Medite de novo nas Suas tremendas perfeições⁷¹ e na Sua infinita suficiência; reflita nas Suas preciosas promessas que servem para o seu caso; implore ao Espírito Santo que fortaleça a sua fé e coloque-a em prática. Isso também vale para os servos de Deus: se pretendem realizar grandes coisas em nome do Senhor, se pretendem confundir os Seus inimigos e vencer aqueles que se opõem, se pretendem ser os instrumentos usados para fazer com que os corações dos homens se voltem para Deus, então precisam confiar nEle para operar neles e através deles, precisam depender do Seu poder onipotente tanto para protegê-los como para conduzi-los durante a execução de difíceis obrigações. Eles precisam ter em vista unicamente a glória de Deus naquilo que se propuserem fazer, e entregar-se a confiante e fervorosa oração.

“Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto” (1 Rs 18.38). Como dissemos acima, isso não foi apenas sumamente abençoado, mas também terrivelmente solene. Isso se toma ainda mais evidente se nos lembrarmos destas terríveis palavras: “o nosso Deus é um fogo consumidor” (Hb 12.29 — RC). Quão raramente se faz menção a esse texto, em quão mais raramente se prega sobre ele! Do púlpito se ouve com frequência que “Deus é amor”, mas há um silêncio criminoso sobre o fato igualmente verdadeiro que Ele é “um fogo consumidor”. Deus é indescritivelmente santo, e por essa razão a Sua natureza pura queima em oposição ao pecado. Deus é imutavelmente justo, e por essa razão Ele visitará toda transgressão e desobediência com “justo castigo” (Hb 2.2). “Os loucos zombam do pecado” (Pv 14.9), mas eles haverão de descobrir que não podem zombar de Deus impunemente. Eles podem desafiar a Sua autoridade e espezinhar as Suas leis nesta vida, mas na vindoura eles blasfemarão contra si mesmos por causa da sua loucura. Neste mundo, Deus trata com misericórdia e paciência os Seus inimigos, mas no mundo vindouro eles haverão de descobrir, para sua eterna ruína, que Ele é “um fogo consumidor”.

⁷¹ Nos Seus atributos.

Ali, sobre o monte Carmelo, Deus fez uma demonstração pública do solene fato que Ele é “um fogo consumidor”. Por anos, no passado, Ele tinha sido gravemente desonrado; em vez de ser adorado, adoraram a Baal; mas aqui, diante da multidão reunida, Ele demonstra e defende a Sua santidade. Esse fogo que desceu do céu em resposta à ardente súplica de Elias, foi um juízo da parte de Deus: foi a execução da sentença da lei de Deus, que fora violada. Deus declara que “a alma que pecar, essa morrerá”⁷², e Ele não age de modo impróprio ao que diz. O salário do pecado tem de ser pago, ou pelo próprio pecador, ou por um substituto inocente, que assume o lugar do culpado e sofre a penalidade deste. Lado a lado com a lei moral, havia a lei cerimonial dada a Israel, na qual havia sido feita provisão para que a misericórdia pudesse ser estendida ao transgressor e contudo, ao mesmo tempo, ainda fossem satisfeitas as exigências da justiça de Deus. Um animal, sem mancha ou defeito, era morto em lugar do pecador. Foi o que aconteceu aqui no Carmelo: “caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto”, e assim os israelitas idólatras foram poupados.

Oh! Que cena magnífica e maravilhosa nos é apresentada aqui no monte Carmelo! Um Deus santo tem de lidar com o pecado por meio do fogo do Seu juízo. E aqui estava uma nação culpada, impregnada no pecado que Deus precisava condenar. Seria necessário, então, que o fogo do Senhor caísse imediatamente sobre esse povo desobediente e culpado, para consumi-lo? Não havia escapatória? Sim, graças a Deus, havia escapatória sim. Uma vítima inocente foi providenciada, um sacrifício para representar essa nação carregada de pecado. Sobre essa vítima caiu o fogo, consumindo-a, e o povo foi poupado. Que prenúncio maravilhoso foi esse daquilo que ocorreu quase mil anos mais tarde sobre outro monte, o Calvário. Ali, o Cordeiro de Deus ofereceu-Se como substituto, em lugar do Seu povo culpado, carregando os seus pecados em Seu próprio corpo no madeiro (1 Pe 2.24). Ali, o Senhor Jesus Cristo sofreu, o Justo pelos injustos, para que Ele os trouxesse a Deus. Ali, Ele se tomou uma maldição (Gl

⁷² Ezequiel 18.4,20.

3.13), para que a bênção eterna pudesse ser a porção deles. Ali, “o fogo do Senhor” caiu sobre a Sua santa cabeça, e tão intenso era o calor, que Ele exclamou: “Tenho sede”⁷³.

“O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (1 Rs 18.39). “Não havia mais como duvidarem da existência e da onipotência de Jeová. Não havia como enganar-se diante da realidade do milagre: eles viram com os próprios olhos o fogo descendo do céu e consumir o sacrifício. E, quer respeitassem a grandeza do próprio milagre, ou o fato de ter sido predito por Elias e operado com um propósito especial; quer considerassem a ocasião como digna da extraordinária intervenção do Ser supremo, ou seja, para reconquistar o Seu povo que tinha sido desviado para a apostasia pela influência daqueles que estavam em posição de autoridade, e afirmar-Se como o Deus dos seus pais; todas essas coisas uniram-se para demonstrar quem era o seu Autor, e para comprovar a autoridade de Elias” (John Simpson).

“O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (1 Rs 18.39). O Senhor é conhecido pelos Seus caminhos e por Suas obras: Ele é descrito como “glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que opera maravilhas”⁷⁴. Dessa forma, a controvérsia estava estabelecida entre Jeová e Baal. Mas os filhos de Israel cedo esqueceram aquilo que tinham visto e — à semelhança dos seus pais que testemunharam as pragas do Egito e a destruição de faraó e suas hostes no mar Vermelho — em pouco tempo recaíram na idolatria. As terríveis demonstrações da justiça de Deus podem terrorificar e convencer o pecador, podem arrancar dele confissões e resoluções, e até mesmo dispô-lo a vários atos de obediência, enquanto durar o sentimento de terror; mas algo mais se faz necessário para mudar o seu coração e converter a sua alma. Os milagres operados por Cristo ainda deixaram a nação judaica em

⁷³ João 19.28.

⁷⁴ Êxodo 15.11.

atitude antagônica à verdade. Faz-se necessária uma obra sobrenatural no interior do homem para que ele nasça de novo.

“Disse-lhes Elias: Lançai mão dos profetas de Baal, que nem um deles escape. Lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou” (1 Rs 18.40). Isso é muito solene: Elias não orou por esses falsos profetas (ele orou por “este povo”), e o novilho sacrificado não os beneficiou. Dessa forma acontece também com a expiação: Cristo morreu pelo Seu povo, “o Israel de Deus”, e não derramou o Seu sangue pelos réprobos. Deus ilustrou essa bendita verdade — agora negada quase universalmente — nos tipos, bem como a expressou claramente nas porções doutrinárias da Sua Palavra. O cordeiro pascal foi designado e ofereceu abrigo aos hebreus, mas nenhuma provisão se fez para os egípcios! E, meu leitor, a não ser que o seu nome esteja escrito no livro da vida do Cordeiro, não há o menor raio de esperança para você.

Há aqueles, movidos de falsas noções de tolerância, que condenam Elias por ter matado os profetas de Baal, mas estão grandemente errados, são ignorantes do caráter de Deus e dos ensinamentos da Sua Palavra. Os falsos profetas e os falsos sacerdotes são os maiores inimigos que uma nação pode ter, pois atraem tanto males temporais como espirituais sobre ela, destruindo não somente os corpos, mas também as almas dos homens. Permitir que esses profetas de Baal escapassem, ter-lhes-ia dado liberdade como agentes da apostasia, e exposto Israel a corrupção futura. É preciso lembrar que a nação de Israel estava sob o governo direto de Jeová, e tolerar em seu meio aqueles que desencaminharam o Seu povo para a idolatria, seria abrigar homens que eram culpados de alta traição contra a majestade do céu. Somente por meio da sua destruição é que poderia ser vingada a ofensa a Jeová e demonstrada a Sua santidade.

Tempos de decadência requerem testemunhas que têm em vista a glória de Deus, e que não se deixam influenciar por sentimentalismo, firmes no trato com o mal. Aqueles que consideram que Elias foi rigoroso demais, e supõem que ele agiu com crueldade

sem misericórdia, ao matar os falsos profetas, não conhecem o Deus de Elias. O Senhor é glorioso em santidade, e Ele nunca age mais gloriosamente do que quando é “um fogo consumidor” com os que praticam a iniquidade. Mas Elias era apenas um homem! Sim, é verdade, contudo ele era o servo do Senhor, sob a obrigação de cumprir as Suas ordens; e, ao matar esses falsos profetas, ele fez aquilo que a Palavra de Deus exigia (Veja Dt 13.1-5; 18.20,22). Na dispensação cristã, não devemos matar aqueles que induzem outros à idolatria, porque “as armas da nossa milícia não são camais” (2 Co 10.4). A aplicação que nos diz respeito, hoje, é a seguinte: temos de julgar, sem misericórdia, toda e qualquer coisa que seja má em nossa vida, e não abrigar no coração nenhum rival do Senhor nosso Deus — “que nem um deles escape”⁷⁵ \



⁷⁵1 Reis 18.40.

Capítulo 20

Ruído de abundante chuva

Não é pouco o que se diz nas Escrituras a respeito da chuva; apesar disso, é assunto completamente desconhecido, hoje, até mesmo da grande maioria da cristandade. Nesta época ateísta e materialista, não só não se concede a Deus o devido lugar no coração e na vida das pessoas, mas Ele é banido dos seus pensamentos e excluído, na prática, do mundo que Ele criou. A maneira pela qual Ele dispõe as estações, o Seu controle sobre os elementos, a forma como Ele ajusta o tempo — tudo isso agora ninguém mais crê, a não ser um insignificante remanescente, considerado imbecil e fanático. É necessário, então, que os servos de Jeová apresentem o relacionamento que o Deus vivo mantém com a Sua criação e a Sua superintendência e govemo sobre todos os assuntos da terra, a fim de chamar a atenção antes de tudo que o Altíssimo preordenou na eternidade passada tudo o que acontece aqui embaixo, e então declarar que Ele está agora executando aquilo que predeterminou e que Ele “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade”⁷⁶.

⁷⁶ Efésios 1.11 .

Essa predeterminação de Deus envolve tanto as coisas materiais como as espirituais, inclui tanto os elementos da terra como a alma dos homens. Isso está claramente revelado na Escritura Sagrada. Deus “determinou leis (a mesma palavra hebraica usada no Salmo 2.7) para a chuva e caminho para o relâmpago dos trovões” (Jó 28.26) — predestinando quando, onde e quão pouco ou quão abundantemente deverá chover: exatamente como “quando punha ao mar o seu termo, para que as águas não trespassassem o seu mando” (Pv 8.29 — RC), e Ele pôs “a areia para limite do mar, limite perpétuo, que ele não trespassará? Ainda que se levantem as suas ondas, não prevalecerão; ainda que bramem, não o trespassarão” (Jr 5.22). O número exato, a duração e a quantidade das chuvas foram eterna e inalteravelmente estabelecidos pela vontade de Deus, e os limites exatos de cada oceano e rio expressamente determinados pelo *fiať*⁷⁷ do Soberano dos céus e da terra. De acordo com a Sua predeterminação, lemos que Deus “prepara a chuva para a terra” (SI 147.8). Eu “farei chover sobre a terra” (Gn 7.4), diz o Soberano do firmamento, e nenhuma das Suas criaturas pode opor-se a Ele. Eu “vos darei as vossas chuvas a seu tempo” (Lv 26.4), é a Sua graciosa promessa; contudo, quão pouco reconhecido e apreciado é o cumprimento dessa palavra. Por outro lado, Ele declara: “retive de vós a chuva, ... e fiz chover sobre uma cidade e sobre a outra, não; um campo teve chuva, mas o outro, que ficou sem chuva, se secou (Am 4.7 e cfe. Dt 11.17); e além disso: “às nuvens darei ordem que não derramem chuva” (Is 5.6), e todos os cientistas do mundo são incapazes de reverter isso. E por essa razão Ele requer de nós o seguinte: “Pedi ao SENHOR chuva” (Zc 10.1), para reconhecermos a nossa dependência dEle.

Aquilo que apontamos acima recebe evidente e convincente demonstração e prova na parte da história de Israel que estamos considerando. Pelo espaço de três anos e meio, não houve chuva nem orvalho na terra de Samaria, e isso não foi resultado nem do acaso nem do destino cego, mas foi um juízo de Deus sobre o povo que renegou a Jeová pelos deuses falsos. Ao contemplar, do alto do Carmelo, o país

⁷⁷ “Faça-se” (em latim). É o soberano decreto de Deus.

assolado pela seca, deve ter sido difícil reconhecer o jardim do Senhor que tinha sido descrito como “boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes, de mananciais profundos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela” (Dt 8.7-9). Mas também havia sido avisado o seguinte: “Os teus céus sobre a tua cabeça serão de bronze; e a terra debaixo de ti será de ferro. Por chuva da tua terra, o SENHOR te dará pó e cinza” (Dt 28.23,24). Essa terrível maldição havia sido literalmente imposta, e por meio disso podemos ver as horríveis consequências do pecado. Deus suporta com muita longanimidade a desobediência de uma nação, assim como o faz com um indivíduo, mas quando tanto os líderes como o povo apostatam e erguem ídolos no lugar que pertence a Ele somente, mais cedo ou mais tarde Ele tomará claro de forma inequívoca que dEle não Se zomba impunemente, e “ira e indignação; tribulação e angústia”⁷⁸ transformam-se na parte que lhes cabe.

É lamentável que as nações que são favorecidas com a luz da Palavra de Deus sejam tão lentas para aprender essa lição salutar. Parece que o único professor eficaz é a dura escola da experiência. O Senhor cumpriu a Sua terrível ameaça dada por Moisés e cumpriu a Sua palavra por meio de Elias (1 Rs 17.1). E esse pavoroso juízo não poderia ser removido até que o povo, abertamente, reconhecesse Jeová como o verdadeiro Deus. Como já mencionamos no final de um dos capítulos precedentes, não havia como esperar de Deus algum favor enquanto o povo não fosse trazido de volta à sua aliança com Ele; e, em outro capítulo, nem Acabe nem os seus súditos se encontravam ainda em situação de alma adequada para se tomarem os recipientes das Suas bênçãos e misericórdias. Deus estava tratando com eles em juízo por causa dos seus horríveis pecados, e até o momento a Sua vara não havia sido reconhecida, nem havia sido removido aquilo que provocara o Seu desagrado (a idolatria).

⁷⁸ Romanos 2.8,9.

Mas o maravilhoso milagre operado no Carmelo mudou inteiramente a situação. Quando o fogo caiu do céu em resposta à oração de Elias, todo o povo “caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” — e quando Elias lhes ordenou que prendessem os falsos profetas de Baal e não deixassem nenhum deles escapar, eles prontamente cumpriram as ordens dele. Nem eles nem o rei ofereceram resistência quando o tisbita os fez descer até o ribeiro de Quisom e ali os matou (1 Rs 18.39,40). Dessa forma, o mal foi afastado deles e se abriu o caminho para serem abençoados publicamente por Deus. Ele graciosamente aceitou isso como a reforma deles, e conseqüentemente retirou deles o Seu castigo. Esta é sempre a ordem: o juízo prepara o caminho para a bênção; ao terrível fogo segue-se a chuva bem-vinda. Uma vez que o povo se põe de rosto em terra e presta a Deus a reverência que Lhe é devida, não haverá de demorar muito até que sejam enviadas do céu as chuvas refrescantes.

Enquanto Elias executava os profetas de Baal, que foram os principais agentes da revolta nacional contra Deus, Acabe devia estar assistindo, como relutante expectador daquela medonha vingança, não se atrevendo a resistir à explosão popular de indignação, ou tentando proteger os homens a quem ele mesmo havia introduzido e sustentado no seu reino. E agora os corpos deles jazem em horripilante morte diante dos olhos dele, às margens do ribeiro de Quisom. Quando morreu o último dos profetas de Baal, o intrépido tisbita voltou ao rei e disse: “Sobe, come e bebe, porque já se ouve ruído de abundante chuva” (1 Rs 18.41). Que carga essas palavras não tiraram do coração do rei culpado! Ele deve ter ficado grandemente amedrontado enquanto ficava parado, sem amparo, vendo a matança dos seus profetas, aguardando trêmulo alguma terrível sentença que fosse pronunciada sobre ele por Aquele a quem tão abertamente desafiou e insultou de forma tão rude. Em vez disso, foi-lhe permitido partir sem dano algum do lugar da execução; aliás, foi-lhe ordenado que fosse revigorar as forças comendo e bebendo.

Quão bem Elias conhecia o homem com quem estava tratando! Ele não pediu que Acabe se humilhasse diante da poderosa mão de Deus, e confessasse publicamente a sua perversidade, e muito menos ainda convidou o rei para acompanhá-lo em ações de graças pelo tremendo e gracioso milagre que ele havia testemunhado. Comer e beber era tudo com que se importava esse beerrão cegado por Satanás. Como alguém já disse, era como se o servo do Senhor tivesse dito: “Levanta-te e vai para onde estão os teus verdadeiros interesses, lá longe, no palácio. A mesa está ricamente posta ali, os teus lacaios te esperam; vai, comemora, regala-te. Mas sê rápido, porque agora que a terra está livre desses sacerdotes traidores, e Deus está outra vez entronizado em Seu lugar de direito, não mais se podem retardar os aguaceiros de chuva. Sê rápido, então! Ou a chuva pode interromper a tua carruagem”. A hora designada para selar o destino do rei ainda não havia chegado; por enquanto ele é tolerado, como um animal, engordando a si mesmo para ser abatido. É inútil censurar os apóstatas (Veja Jo 13.27).

“...porque já se ouve ruído de abundante chuva” (1 Rs 18.41). É desnecessário destacar que Elias não estava, aqui, se referindo a um fenômeno natural. No momento em que ele falou, tanto quanto alcançava a vista, o céu se apresentava totalmente sem nuvens, pois quando o servo do profeta olhou para os lados do mar para vislumbrar qualquer presságio de chuva se aproximando, ele disse: “Não há nada” (1 Rs 18.43). E depois, quando pela sétima vez foi olhar, tudo o que podia ver era “uma nuvem pequena”. Quando somos informados que Moisés “permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11.27), não foi porque ele contemplou Deus com os olhos naturais, e quando Elias anunciou “já se ouve ruído de abundante chuva”, esse ruído não era audível ao ouvido exterior. Foi pelo “ouvir⁷⁹ da fé” (Gl 3.2) que o tisbita sabia que a chuva bem-vinda estava ali perto. “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro

⁷⁹ A maioria das versões em português traz, neste versículo, a expressão “a pregação (ou mensagem) da fé”. Contudo, no original, o termo usado é *aKori* (*akoe*) = ouvir, como também aparece em inglês, na versão do Autor, a King James.

revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7), e a divina revelação que lhe foi dada naquele momento, ele a recebeu pela fé.

Enquanto Elias ainda morava com a viúva de Sarepta, o Senhor lhe disse: “Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra” (1 Rs 18.1), eo profeta creu que Deus faria assim como tinha dito. No versículo que estamos considerando, ele fala como se o fato já estivesse consumado, tão certo ele estava que o seu Senhor não falharia no cumprimento da Sua palavra. É dessa forma que sempre opera uma fé espiritual e sobrenatural: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11.1). É da natureza dessa graça, dessa dádiva de Deus (a fé), trazer para perto de nós as coisas que estão distantes. A fé contempla as coisas prometidas como se já tivessem sido cumpridas de fato. A fé dá existência, agora, a coisas que ainda são futuras, ou seja, ela as toma reais, concretas para a mente, tomando-as reais, dando-lhes substância. Está escrito a respeito dos patriarcas: “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe” (Hb 11.13 — SBTB) — embora as promessas de Deus não se tenham cumprido durante a vida deles, os olhos de águia da fé as viram, e se diz a respeito deles que “crendo-as e abraçando-as” — ninguém consegue “abraçar” coisas distantes, é verdade, mas a fé está tão certa da existência e veracidade delas, que faz com que estejam perto.

“... já se ouve ruído de abundante chuva” (1 Rs 18.41). O leitor consegue perceber, agora, o significado espiritual dessa linguagem? Acabe, com certeza, não ouvia esse “ruído”, nem alguma outra pessoa daquela vasta multidão no monte Carmelo. As nuvens ainda não se haviam juntado, mas Elias ouve aquilo que ainda está por acontecer. Ah, se estivéssemos mais desligados do ruído deste mundo, se estivéssemos em mais íntima comunhão com Deus, nossos ouvidos estariam em sintonia com os Seus mais suaves sussurros. Se a Palavra de Deus habitasse mais ricamente em nós, e exercêssemos mais fé nessa Palavra, haveríamos de ouvir aquilo que é inaudível para a embotada compreensão da mente carnal. Elias estava tão certo de que a chuva prometida chegaria, como se ele ouvisse naquela hora os

primeiros pingos espirrando nas rochas ou como se ele visse a chuva descendo em torrentes. Oh, que autor e leitor possam estar plenamente seguros nas promessas de Deus e abraçá-las: viver nelas, andar nelas pela fé, regozijar-se nelas, pois fiel é Aquele que fez essas promessas. É mais fácil passarem o céu e a terra, do que falhar uma só palavra dEle.

“Subiu Acabe a comer e a beber” (1 Rs 18.42). As opiniões expressas pelos comentaristas a respeito dessa afirmação nos parecem carnavais, forçadas. Alguns consideram a ação do rei lógica e prudente: uma vez que ele não comera nem bebera desde cedo naquela manhã, e o dia já chegava ao fim, ele com naturalidade e sabedoria dirigiu-se para casa, para interromper o seu longo jejum. Mas há tempo para tudo, e imediatamente após uma tão tremenda manifestação do poder de Deus não era hora de ceder aos desejos da carne. Elias também não havia comido nada durante o dia, contudo ele estava longe de cuidar das suas necessidades físicas naquele momento. Outros comentaristas veem nesse relato a evidência de um espírito submisso em Acabe: que ele estava, agora, mansamente obedecendo à ordem do profeta. Estranha idéia, essa; a última coisa que caracterizava o rei apóstata era submissão a Deus ou ao Seu servo. A razão por que ele aquiesceu tão prontamente nessa ocasião era porque a obediência satisfazia os seus apetites carnavais e o habilitava a gratificar os seus desejos.

“Subiu Acabe a comer e a beber” (1 Rs 18.42). Não teria, antes, o Espírito Santo registrado esse detalhe para nos mostrar a dureza, a insensibilidade do coração do rei? Pois três anos e meio de seca haviam arruinado os seus domínios, que padeciam terrível fome. Agora que ele sabia que a chuva estava para cair, com certeza ele se voltaria para Deus e Lhe daria graças por Sua misericórdia. Lamentavelmente, ele tinha visto como eram coisas completamente vãs os seus ídolos, ele havia testemunhado o desmascaramento de Baal, ele tinha observado o horrível julgamento sobre os seus profetas, mas nada o tinha impressionado. Ele permaneceu obstinado no seu pecado. Nos seus pensamentos, ele não levava Deus em consideração. A única coisa que lhe passava pela cabeça era isto: ‘A chuva está vindo, dessa

forma eu posso folgar sem nenhum impedimento'; essa é a razão por que ele vai divertir-se. Enquanto os seus súditos sofriam a extrema miséria do castigo de Deus, ele só se preocupava em procurar erva suficiente para salvar os cavalos e os mulos (1 Rs 18.5), e agora que os seus abnegados sacerdotes foram mortos às centenas, ele pensa unicamente no banquete que o aguarda em casa. Rude e sensual até às últimas, embora vestido dos mantos reais de Israel!

Não pense o leitor que Acabe era uma exceção nessa matéria de estupidez. Antes, considere a conduta dele nessa ocasião como uma ilustração e exemplo da morte espiritual que é comum a toda pessoa não regenerada — destituída de qualquer pensamento sério a respeito de Deus, não influenciada pelas Suas mais solenes providências ou pelas Suas mais maravilhosas obras, preocupando-se unicamente com as coisas temporais e sensuais. Lemos a respeito de Belsazar e seus nobres, que participavam de um banquete no exato momento em que os implacáveis persas entravam pelos portões de Babilônia. Lemos a respeito de Nero tocando seu instrumento enquanto Roma queimava, e também dos reais aposentos de Whitehall, cheios de uma multidão leviana que se entregava a frivolidades, enquanto Guilherme de Orange aportava em Tor Bay. E vivemos em tempos onde se veem as massas intoxicadas de prazer, dançando e farreando enquanto os aviões inimigos fazem chover morte e destruição sobre elas⁸⁰. É assim a natureza humana decaída, em todas as épocas: se apenas puderem comer e beber, as pessoas agem sem levar em consideração os juízos de Deus, e são indiferentes quanto ao seu próprio destino eterno. Com você é diferente, meu leitor? Embora não cometa os mesmos excessos exteriormente, há alguma diferença por dentro?

"Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos" (1 Rs 18.42). Isso não confirma de forma inequívoca o que foi dito acima? Quão impressionante o contraste apresentado aqui: longe de o profeta desejar o alegre convívio do mundo, ele anela estar sozinho com Deus; longe de pensar

⁸⁰ Veja a nota de rodapé n° 44.

nas necessidades do próprio corpo, ele se entrega ao exercício espiritual. O contraste entre Elias e Acabe não era apenas de temperamento pessoal e paladar, mas era a diferença que existe entre vida e morte, luz e trevas. Mas essa antítese radical nem sempre é visível ao olho humano: é possível que o regenerado ande de forma camal, e o não-regenerado pode ser muito respeitável e religioso. São as crises da vida que revelam os segredos do nosso coração e fazem com que se manifeste se somos realmente novas criaturas em Cristo ou meramente pessoas mundanas de respeitável aparência⁸¹. É a nossa reação á intervenção e aos juízos de Deus que revela aquilo que está dentro de nós. Os filhos deste mundo gastarão seus dias em banquetes e suas noites em farras, embora o mundo esteja se precipitando na destruição; mas os filhos de Deus se dirigem ao lugar secreto do Altíssimo e habitam à sombra do Onipotente.

“Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1 Rs 18.42). Há, aqui, algumas importantes lições para os ministros do Evangelho levarem em consideração. Elias não perambulou por aí para receber as congratulações do povo a respeito do sucesso no confronto com os falsos profetas, mas retirou-se dos homens para estar a sós com Deus. Acabe apressou-se para o seu banquete camal, mas o tisbita, como o seu Senhor, tinha “uma comida para comer” que os outros não conheciam (Jo 4.32). Além disso, Elias não concluiu que podia relaxar e folgar, depois das ministrações públicas, mas desejou agradecer ao Senhor a Sua soberana graça no milagre que Ele havia operado. O pregador não deve julgar seu trabalho concluído quando a congregação se dispersa. Ele precisa buscar mais comunhão com Deus, para pedir a Sua bênção sobre os seus labores, louvá-LO por aquilo que Ele já fez, e suplicar-Lhe mais e maiores manifestações do Seu amor e misericórdia.



⁸¹ Mateus 23.27.

Capítulo 21

Perseverança em oração

“Subiu Acabe a comer e a beber; Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1 Rs 18.42). Encerramos o capítulo anterior afirmando que este versículo contém algumas importantes lições que os ministros do Evangelho devem levar em consideração. A principal delas é a importância e a necessidade de se retirarem de cena do seu ministério para que possam manter comunhão com o seu Senhor. Quando acaba o trabalho público, eles precisam entregar-se ao trabalho privado com Deus. Os ministros não devem apenas pregar, mas também orar; não somente antes de pregar e enquanto preparam seus sermões, mas também depois de pregar. Eles não devem somente tratar as almas do seu rebanho, mas precisam cuidar também das suas próprias almas, particularmente para que sejam purificados do orgulho ou que sejam guardados de se apoiarem em seus próprios esforços. O pecado se insinua em nosso melhor desempenho e o polui. O servo fiel, não importa quão honrado seja por Deus com sucesso em seu trabalho, está consciente dos seus próprios defeitos e vê motivos para humilhar-se diante do seu Senhor. Além disso, ele sabe que somente Deus pode

fazer crescer a semente que ele semeou, e para isso ele precisa suplicar diante do trono da graça.

Na passagem que vamos considerar agora, encontramos uma abençoada e importante instrução não apenas para ministros do Evangelho, mas também para o povo de Deus em geral. Outra vez aprouve ao Espírito conduzir-nos aqui aos segredos da oração que prevalece, pois é nessa prática santa que o profeta está agora ocupado. Talvez alguém conteste que não está claramente declarado em 1 Reis 18.42-46 que Elias tenha feito qualquer oração nessa ocasião. É verdade, e aqui é que descobrimos de novo a importância vital de comparar Escritura com Escritura. Em Tiago 5, somos informados que “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. *E orou, de novo*, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos” (vv. 17,18). O último versículo claramente se refere ao incidente que estamos considerando agora: é tão verdade que os céus foram fechados em resposta à oração de Elias, quanto é verdade que eles agora se abrem em resposta à sua súplica. Dessa forma, temos outra vez diante de nós as condições que precisam ser preenchidas para que nossa intercessão seja efetiva.

Mais uma vez, ressaltamos o fato que aquilo que é registrado nessas passagens do Velho Testamento foram escritas tanto para nossa instrução como para nosso consolo (Rm 15.4), fornecendo incalculáveis ilustrações, tipificações e exemplos daquilo que é declarado no Novo Testamento na forma de doutrina ou preceito. Talvez alguém pense que, depois de termos acabado de dedicar quase dois capítulos inteiros neste livro da vida de Elias para apresentar os segredos da intercessão que prevalece, pouca necessidade haveria de retomar o mesmo assunto. Mas é *um aspecto diferente* do assunto, que está em vista agora: em 1 Reis 18.36,37 aprendemos como Elias orou *em público*; aqui nós vemos como ele prevaleceu na oração *em particular*, e se de fato queremos tirar proveito do que se diz nos versículos 42-46, não devemos passar por eles apressadamente, mas devemos estudá-los com atenção. Você está desejoso de conduzir sua

devoção particular de forma que seja aceitável a Deus, e que produza respostas de paz? Então observe diligentemente os detalhes a seguir.

Primeiro, esse homem de Deus *retirou-se* de entre a multidão e “subiu ao cimo do Carmelo”. Se quisermos audiência com a Majestade no céu, se quisermos nos beneficiar desse “novo e vivo caminho” que o Redentor consagrou ao Seu povo, e “entrar no Santo dos Santos” (Hb 10.19,20), então forçosamente temos de nos retirar deste mundo louco que distrai e nos envolve, e ficar sozinhos com Deus. Essa foi a grande lição declarada na primeira palavra de nosso Senhor sobre este assunto: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente” (Mt 6.6 — SBTB). Separar-se dos ímpios, deixar de lado toda e qualquer imagem e todo e qualquer som que possa desviar a mente de Deus é absolutamente indispensável. Mas entrar no quarto e fechar a porta significa mais do que isolamento físico: significa também acalmar o nosso espírito, aquietar a nossa carne febril, trazer para dentro todo e qualquer pensamento errante, para que possamos estar numa disposição de espírito apropriada para nos achegar Àquele que é Santo, e a Ele nos dirigirmos dignamente. “*Aquietai-vos*, e sabeí que eu sou Deus”⁸² é um requerimento imutável. Quantas vezes a *falha* em “fechar a porta” torna ineficazes as nossas orações! A atmosfera do mundo é fatal para o espírito de devoção, e temos de ficar sozinhos, se quisermos provar a comunhão com Deus.

Em segundo lugar, repare na *postura* em que contemplamos esse homem de Deus: “e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1 Rs 18.42). Muito, muito impressionante é isso! Como alguém já disse: “Difícilmente conseguimos reconhecê-lo, parece que ele perdeu a própria identidade. Poucas horas antes, ele estava ereto como um carvalho de Basã; agora ele está curvado como um junco”. Enquanto confrontava a multidão reunida, e Acabe, e as centenas de falsos profetas, ele se conduziu com aspecto majestoso e apropriada

⁸² Salmo 46.10.

dignidade; mas agora que ele se aproxima do Rei dos reis, é a mais profunda humildade e reverência que destaca o seu comportamento. Ali, como embaixador de Deus, ele contestava com Israel; aqui, como intercessor de Israel, ele suplica diante do Altíssimo. Ao encarar as tropas de Baal, ele se mostrou destemido como um leão; sozinho com o Deus Altíssimo, ele esconde o rosto e por meio de suas ações reconhece que não é nada nem é ninguém. Tem sido sempre assim com os mais favorecidos pelos Céus. Abraão declarou: “Eis que me atrevo a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza” (Gn 18.27). Quando Daniel olhou para uma antecipação do Deus Encarnado, declarou: “não restou força em mim” (Dn 10.8). Os serafins encobrem o rosto na Sua presença (Is 6.2).

Isso que estamos considerando agora é extremamente necessário em nossa tão irreverente e grosseira geração. Embora fosse tão grandemente favorecido por Deus, e lhe tivesse sido dado tanto poder na oração, isso não fez Elias tomar liberdades com Ele, nem aproximar-se com familiaridade vulgar. Não, ele dobrou os joelhos diante do Altíssimo e pôs a cabeça entre os joelhos, sinalizando a sua mais profunda veneração por aquele Ser infinitamente glorioso, de quem era mensageiro. E se *nosso* coração estiver certo, quanto mais favorecidos de Deus formos, mais haveremos de ser humilhados pelo senso de nossa indignidade e insignificância, e não consideraremos nenhuma postura humilde demais para expressar nosso respeito pela Divina Majestade. Não devemos esquecer que, embora Deus seja nosso Pai, Ele é também soberano, e que, embora sejamos Seus filhos, somos também Seus súditos. Se é um ato de infinita condescendência da parte dEle *inclinarse* “para ver o que se passa no céu e sobre a terra” (SI 113.6), então não há como nos humilharmos com excesso diante dEle.

“Acheguemo-nos, portanto, *confiadamente*, junto ao trono da graça” (Hb 4.16). Como têm sido pervertidas essas palavras! Supor que elas nos dão licença para nos dirigirmos ao Senhor Deus como se Ele fosse nosso igual é confundir trevas com luz e mal com bem. Se queremos a atenção de Deus, temos de nos colocar no lugar apropriado diante dEle, e esse lugar é o pó. “Humilhai-vos, portanto,

sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” *vem antes de* “lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5.6,7). Temos de nos humilhar sob um senso de nossa miséria. Se a Moisés foi ordenado que tirasse as sandálias antes de poder aproximar-se da sarça ardente onde a glória da Shekinah apareceu, também nós temos de nos dirigir em oração de modo adequado à majestade e ao poder do grande Deus. É verdade que o cristão é um homem redimido e aceito no Amado, contudo em si mesmo ele permanece um *pecador*. Como alguém já disse: “O mais temo amor, que lança fora o medo que produz tormento, gera um temor que é tão delicado e sensível como o de João, que, embora tivesse reclinado a cabeça no peito de Cristo, hesitou em entrar afobadamente no túmulo onde Ele tinha dormido”.

Em terceiro lugar, repare especialmente que essa oração de Elias *baseava-se numa promessa de Deus*. Quando ordenou ao Seu servo que aparecesse a Acabe, o Senhor tinha declarado expressamente: “porque darei chuva sobre a terra” (1 Rs 18.1). Por que, então, deveria ele agora suplicar fervorosamente por chuva? Para a razão natural, uma promessa de Deus a respeito de alguma coisa parece tomar desnecessária qualquer petição: não cumprirá Deus a Sua palavra e não mandará a chuva independente de mais oração? Não foi assim que Elias raciocinou, nem deveríamos nós pensar dessa forma. Longe de as promessas de Deus terem por objetivo dispensar-nos de dirigir nossas petições ao trono da graça para garantir as bênçãos, elas têm por objetivo instruir-nos quanto às coisas que devemos pedir, e encorajar-nos a pedi-las com fé, para que se cumpram *em nós*. Os pensamentos e os caminhos de Deus são sempre opostos aos nossos — e, além disso, infinitamente superiores. Em Ezequiel 36.24-36, encontramos uma longa sequência de promessas, contudo imediatamente depois, em referência a elas, lemos o seguinte: “Assim diz o Senhor Deus: Ainda por isso serei solicitado pela casa de Israel, *que lho faça!*” (v. 37 — SBTB).

Ao pedir as coisas que Deus prometeu, nós O reconhecemos como o Doador, e mostramos que dependemos dEle. A fé é chamada

para ser posta em prática e ficamos agradecidos por Suas misericórdias quando as recebemos. Deus quer fazer aquilo que promete, mas Ele requer de nós que supliquemos tudo o que gostaríamos que Ele fizesse por nós. Até mesmo para o Seu amado Filho Deus diz: “*Pede-me*, e eu te darei os gentios por herança” (SI 2.8 — SBTB). Ele precisou requerer a sua recompensa. Ainda que Elias tivesse ouvido (pela fé) “som de abundante chuva”, contudo ele precisou orar por ela (Zc 10.1). Deus estabeleceu que, se quisermos receber, temos de pedir; se quisermos encontrar, temos de procurar; se quisermos que a porta da bênção se abra, temos de bater; e se não o fizermos, provaremos a verdade das seguintes palavras: “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). As promessas de Deus nos são dadas, então, para nos incitar à oração, para tomarem-se o molde no qual devem ser postas as nossas orações, para anunciar o tamanho da expectativa que podemos ter em relação à resposta.

Em quarto lugar, a oração dele foi *específica*, ou seja, ele foi direto ao ponto. A Escritura diz: “Pedi ao SENHOR chuva” (Zc 10.1), e foi exatamente isso que o profeta pediu: ele não generalizou, ele especificou. É bem aqui que tantos falham. As suas petições são tão vagas, que dificilmente eles reconheceriam uma resposta se essa lhes fosse dada. Os seus pedidos são tão imprecisos, que no dia seguinte a própria pessoa que pediu acha difícil lembrar o que é que ela pediu. Não é de admirar que uma oração dessas não seja de nenhum benefício para a alma, e tenha pouco efeito. Cartas que não requerem resposta contêm pouco ou nada de valor, de importância. Sugerimos que o leitor vá aos quatro Evangelhos com esse pensamento em mente, e repare como cada pessoa que se achegou a Cristo para obter cura foi definida em suas petições e detalhada em descrever o seu caso. E lembre-se que isso foi registrado para o nosso ensino. Quando os discípulos pediram ao Senhor que os ensinasse a orar, Ele disse: “Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães” (Lc 11.5) — não apenas “comida”, mas especificamente “íréspães”!

Em quinto lugar, a oração de Elias foi *férvorosa*: “e pediu com fervor” (Tg 5.17 — BRA). Não é necessário gritar e berrar a fim de provar seu fervor; por outro lado, pedidos frios e formais não precisam esperar nenhuma resposta. Deus concede os nossos pedidos unicamente por causa de Cristo. Contudo, a não ser que Lhe supliquemos com fervor, e de fato com intensidade de espírito e com súplica veemente, não haveremos de obter a bênção desejada. Essa importunação é constantemente repisada nas Escrituras, onde a oração é comparada com procurar, bater, chorar, esforçar-se. Lembre-se de como Jacó lutou com o Senhor, e como Davi ansiava e derramava a sua alma. Quão diferente, então, é a forma de pedir desinteressada e frouxa da maioria dos nossos contemporâneos! Está escrito a respeito do nosso bendito Redentor que Ele ofereceu “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Hb 5.7). Não é a petição mecânica, vinda de um coração dividido, que assegura uma resposta, mas “Muito pode a súplica fervorosa do justo” (Tg 5.16 — BRA).

Em sexto lugar, repare bem a *vigilância* de Elias em oração: “e disse ao seu moço: Sobe e olha para o lado do mar” (1 Rs 18.43). Enquanto insistimos em oração e aguardamos uma resposta, temos de estar atentos para enxergar algum sinal de que algo está acontecendo. O salmista disse: “Aguardo o SENHOR; a minha alma o aguarda, e espero na sua palavra. A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã; sim, mais do que aqueles que esperam pela manhã” (SI 130.5,6 — RC). O salmista refere-se àqueles que estavam na torre de vigia, voltados para o leste a fim de divisar os primeiros sinais do romper do dia, para então avisarem os que estavam no templo, a fim de que o sacrifício matinal fosse oferecido na hora certa. Dessa mesma forma, a alma que suplica deve estar atenta a todo e qualquer sinal da aproximação da bênção pela qual está orando. “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças” (Cl 4.2). Lamentavelmente, quantas vezes falhamos nesse exato ponto: falta-nos a esperança para manter nossa cabeça erguida enquanto fazemos nossas súplicas santificadas. Nós oramos, mas não olhamos em volta com

expectativa para ver os favores que pedimos. Como era diferente com Elias!

Em sétimo lugar, a *perseverança* de Elias na sua súplica. Essa é a característica mais notável nesse episódio todo, e é um assunto a que temos de prestar especial atenção, pois é precisamente nesse ponto que a maioria de nós falha de forma mais grave. "... e disse ao seu moço: Sobe e olha para o lado do mar. Ele subiu, olhou e disse: Não há nada" (1 Rs 18.43). "Nada": nada no céu, nada surgindo no mar que fosse um indício de chuva. Não conhecem tanto o autor como o leitor, por experiência própria, o significado disso? Buscamos ao Senhor, e então esperançosamente aguardamos a Sua intervenção, mas em vez de um sinal de que Ele nos ouviu, não há "nada"! E qual tem sido a nossa reação? Dissemos, com petulância e descrença: "Exatamente como eu pensei", e paramos de orar sobre o assunto? Se fizemos isso, foi errada a nossa atitude. Em primeiro lugar, assegure-se de que a sua petição se baseia nalguma promessa de Deus, e então com fé aguarde o tempo de Deus para que seja cumprida. Se você não possui uma promessa definida, entregue o seu caso nas mãos de Deus e resigne-se à Sua vontade quanto aos resultados.

"E subiu, e olhou, e disse: Não há nada" (1 Rs 18.43 — RC). Mesmo Elias não recebeu, sempre, respostas *imediatas*, e quem somos nós para exigir uma resposta pronta à nossa primeira petição? O profeta não considerou que, pelo fato de ter orado uma vez e não receber resposta, não precisava continuar orando; antes, ele perseverou insistindo em seu pedido até recebê-lo. Foi desse tipo a persistência do patriarca Jacó: "Não te deixarei ir se me não abençoares" (Gn 32.26). Era esse o modo como orava o salmista: "Esperei com paciência no SENHOR, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor" (SI 40.1 — RC). "Então, lhe disse Elias: Volta. E assim por sete vezes" (1 Rs 18.43) — essa foi a ordem do profeta ao seu servo. Ele estava convicto de que mais cedo ou mais tarde Deus concederia o seu pedido; estava convicto de que não deveria dar "a ele descanso" (Is 62.7). Seis vezes o servo retomou a ele dizendo que não havia presságio de chuva, mas o profeta não abrandou sua súplica. E

nós também não sejamos frouxos, quando não tivermos sucesso imediato em nossas orações, mas sejamos importunos, exerçamos fé e paciência até obtermos a bênção⁸³.

Pedir uma, duas, três, seis vezes, e não obter resposta — não foi um teste fácil para a persistência de Elias, mas foi-lhe concedida graça para suportar a prova. “Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós” (Is 30.18). Por quê? Para nos ensinar que não somos ouvidos por causa do nosso fervor ou necessidade, ou por causa da justiça do nosso caso. Não temos o direito de reivindicar nada de Deus — tudo é pela *graça*, e nós precisamos aguardar o tempo *dEle*. O Senhor espera, não porque Ele é um tirano, mas “para ter misericórdia”. É para o nosso bem que Ele espera, para que nossas virtudes se desenvolvam, para que se opere em nós a submissão à santa vontade dEle. Daí, então, Ele amorosamente Se volta para nós e diz: “grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres” (Mt 15.28). “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito” (1 Jo 5.14,15). Deus não pode invalidar a Sua própria Palavra, mas nós temos de aguardar o tempo dEle e, recusando-nos a desanimar, continuar suplicando até que Ele surja em nosso favor.

“À sétima vez disse: Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem” (1 Rs 18.44). A perseverança do profeta em oração não foi em vão, pois aqui estava um indício da parte de Deus de que ele tinha sido ouvido. Muitas vezes, Deus não dá uma resposta completa à oração, de uma só vez, mas um pouco no princípio e então gradualmente mais e mais à medida que Ele vê que será algo bom para nós. Aquilo que o crente possui agora não é nada em comparação com o que terá, se continuar em oração insistente, confiante e fervorosa. Embora Deus Se agradasse em manter o profeta esperando por certo tempo, Ele não lhe desapontou a

⁸³ Hebreus 6.12.

expectativa, nem falhará para conosco, se continuarmos em oração e vigilância, com ações de graça. Estejamos prontos, então, a receber com alegria e gratidão o menor indício de resposta a nossas petições, aceitando-os como bom sinal e encorajamento para perseverar em nossas súplicas até que se realizem plenamente os desejos fundamentados na Palavra. Pequenos começos, muitas vezes, produzem efeitos maravilhosos, como ensina claramente a parábola do grão de mostarda (Mt 13.31,32). Os fracos esforços dos apóstolos obtiveram extraordinário sucesso quando Deus interveio e os abençoou. Cremos que as palavras “como a palma da mão do homem” têm significado simbólico: a mão de um homem havia se levantado em súplicas, e deixou, por assim dizer, a sua sombra nos céus!

“Então, disse ele: Sobe e dize a Acabe: Aparelha o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha” (1 Rs 18.44). Elias não desprezou aquele importante presságio, por pequeno que fosse, mas de pronto recebeu encorajamento dele. Ele estava tão convencido de que as janelas dos céus estavam para se abrir e que seria dada chuva abundante, que enviou seu servo com uma urgente mensagem até Acabe, para que ele partisse imediatamente antes que a tempestade arrebentasse, e o ribeiro Quisom se enchesse de tal forma que o rei fosse impedido de voltar para casa. Como isso tudo mostra uma confiança santa num Deus que ouve a oração! A fé reconheceu o Altíssimo por detrás daquela “nuvem pequena”. Um “bocado de farinha” tinha sido suficiente, com o auxílio de Deus, para sustentar uma família por muitos meses, e era possível confiar numa nuvem “como a palma da mão do homem” para multiplicar-se e dar um copioso aguaceiro. “Dentro em pouco, os céus se enegreceram, com nuvens e vento, e caiu grande chuva” (1 Rs 18.45). Isso tudo não nos fala em alta voz? Oh, crente, você que está sendo provado em extremo, crie coragem com o que está registrado aqui: a resposta às suas orações pode estar bem mais perto do que você pensa.

“Acabe subiu ao carro e foi para Jezreel” (1 Rs 18.45). O rei atendeu de imediato à mensagem do profeta. Os ministros do Senhor são muito mais rapidamente escutados quando dão conselhos

referentes às coisas temporais, do que quando oferecem conselhos *espirituais*. Acabe não tinha nenhuma dúvida, agora, de que a chuva estava prestes a cair. Ele estava satisfeito que Aquele que respondeu a Elias com fogo estava a ponto de responder-lhe com água; todavia, o seu coração permanecia como aço contra Deus, como sempre estivera. Oh, quão solene é a imagem que se nos apresenta aqui: Acabe estava convencido, mas não convertido. Quantos, como ele, há nas igrejas hoje, que têm a religião na cabeça, mas não no coração: convencidos de que o Evangelho é verdadeiro, contudo o rejeitam; certos de que Cristo é poderoso para salvar, contudo não se submetem a Ele.



Capítulo 22

Em fuga

Ao passarmos de 1 Reis 18 para 1 Reis 19, deparamos com uma repentina e estranha mudança. É como se o sol estivesse maravilhosamente luminoso num céu sem nuvens e, no próximo momento, sem nenhum aviso prévio, negras nuvens cobrissem os céus e estrondos de trovões sacudissem a terra. Os contrastes apresentados por esses capítulos são bruscos e assustadores. No final de um deles, “A mão do Senhor veio sobre Elias” à medida que ele comia adiante da carruagem de Acabe; no início do outro, o profeta está preocupado consigo mesmo e, “para salvar sua vida, se foi”. No primeiro, vemos o profeta em sua melhor forma; no último, nós o vemos na sua pior forma. Lá ele estava firme na fé e ajudava o seu povo; aqui ele se encontra tomado pelo medo e deserta da sua nação. Num capítulo, ele destemidamente confronta os quatrocentos profetas de Baal; no outro ele foge apavorado das ameaças de uma mulher. Do topo da montanha, ele se dirige para o deserto; da súplica para que Jeová defenda e glorifique o Seu grande nome, ele passa a implorar que Ele tire a sua vida. Quem imaginaria uma sequência tão trágica?

Nos impressionantes contrastes apresentados, temos uma notável prova da divina inspiração das Escrituras. Na Bíblia, a natureza humana é retratada nas suas cores verdadeiras: o caráter dos seus heróis é descrito com fidelidade, os pecados das pessoas, mesmos das mais ilustres, são registrados de forma sincera. Errar é humano, é verdade, mas também é verdade que é humano esconder os defeitos daqueles que mais admiramos. Se a Bíblia fosse produção humana, escrita por historiadores não-inspirados, eles teriam magnificado as virtudes dos homens mais ilustres da sua nação, e desconsiderado os defeitos deles; ou, se os mencionassem, o teriam feito sem entrar em detalhes e tentariam atenuá-los. Se algum admirador humano tivesse narrado a história de Elias, teria omitido esse triste fracasso. O fato que ele está registrado e que não se faz nenhum esforço para desculpá-lo, é evidência de que as personagens da Bíblia são retratadas nas cores da verdade e da realidade, que não foram esboçadas por mãos humanas, mas que os escritores foram controlados pelo Espírito Santo.

“A mão do SENHOR veio sobre Elias, o qual cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel” (1 Rs 18.46). Isso é uma grande bênção. A expressão “a mão do Senhor” é muitas vezes usada nas Escrituras para designar o Seu poder e bênção. Dessa forma, Esdras diz: “a boa mão do nosso Deus estava sobre nós e livrou-nos das mãos dos inimigos” (Ed 8.31); “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (At 11.21). Esta palavra colocada aqui indica uma sequência instrutiva para o que encontramos no versículo 42. Ali vimos o profeta prostrado na terra em auto-humilhação diante de Deus; aqui vemos Deus honrando e sustentando miraculosamente o Seu servo — se quisermos que o poder e a bênção de Deus repousem sobre nós, temos de assumir um lugar humilde diante dEle. Nesse caso, a “mão do Senhor” transmitiu força sobrenatural e rapidez aos pés do profeta, de forma que percorreu os quase vinte e nove quilômetros tão rápido que alcançou e ultrapassou a carruagem. Dessa forma, Deus honrou aquele que O tinha honrado, e ao mesmo tempo deu a Acabe outra evidência de que Elias era divinamente comissionado. Isso ilustra a forma de agir de Deus: onde

há um homem que assuma o seu lugar no pó diante do Altíssimo, logo ficará evidente diante dos outros que o poder que lhe dá vigor não é dele mesmo.

“Elias ... cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel” (1 Rs 18.46). Cada detalhe contém uma lição importante para nós. O poder de Deus sobre Elias não o tomou descuidado e desatencioso para com suas próprias responsabilidades. Ele amarrou o próprio vestuário de tal forma que não atrapalhasse os seus movimentos. E se *nós* havemos de correr com perseverança a corrida que nos está proposta, temos de “desembaraçar-nos de todo peso” (Hb 12.1). Se quisermos “ficar firmes contra as ciladas do diabo”, temos de “cingir-nos com a verdade” (Ef 6.11,14). Ao correr “adiante de Acabe”, Elias tomou o humilde lugar de um simples empregado, o que deve ter mostrado ao monarca que o seu zelo contra a idolatria não era motivado por desrespeito a ele, mas fora impulsionado unicamente por zelo para com Deus. Requer-se do povo de Deus que “honre ao rei” em todos os assuntos da vida civil, e aqui também se encontra a obrigação dos ministros de dar exemplo ao seu povo. A conduta de Elias nessa ocasião serviu também como outro teste para o carácter de Acabe: se ele tivesse qualquer respeito pelo servo do Senhor, o teria convidado para subir na carruagem, como o alto oficial etíope fez com Filipe (At 8.31), mas o caso era muito diferente com esse filho de Belial.

O rei perverso seguia apressadamente para Jezreel, onde a sua vil consorte o aguardava. O dia deve ter sido longo e difícil para Jezabel, pois havia várias horas que o seu marido saíra para encontrar Elias no Carmelo. A ordem resoluta que recebera do servo de Jeová para que reunisse naquele monte todo o Israel, bem como os profetas de Baal, prenunciava que a crise chegava ao fim. Por essa razão ela devia estar muito ansiosa para saber como as coisas tinham se passado. Sem dúvida, ela alimentava a esperança de que os seus sacerdotes tivessem vencido, e à medida que as nuvens de chuva escureciam o céu, atribuía essa mudança bem-vinda a uma grande intervenção de Baal em resposta às súplicas deles. Se fosse assim, tudo estaria bem:

teriam se realizado os desejos do coração dela, os seus planos teriam sido coroados de sucesso, os israelitas ainda indecisos teriam sido ganhos para o seu regime idólatra, e os últimos vestígios da adoração de Jeová teriam sido apagados. Elias seria o culpado pela terrível fome; ela e os seus deuses receberiam o crédito pelo fim da penúria. Provavelmente, esses eram os pensamentos que lhe ocupavam a mente enquanto aguardava.

E agora acaba-se o suspense: o rei chega e se apressa a dar-lhe relatório. “Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada” (1 Rs 19.1). A primeira coisa que nos impressiona nessas palavras é a notável omissão: o Senhor mesmo foi deixado completamente de fora. Nada se diz das maravilhas que *Ele* fez naquele dia, como Ele não só mandou fogo dos céus, que consumiu o sacrifício, e também as próprias pedras do altar, e como o fogo lambeu grande quantidade de água no rego ao redor do altar; e como, em resposta à oração do Seu servo, foi enviada abundante chuva. Não, Deus não tem lugar nos pensamentos do perverso, em vez disso eles se esforçam para bani-lo das suas mentes. E mesmo aqueles que, por algum interesse pessoal, se envolvem com a religião, e fazem uma profissão e frequentam os cultos públicos — uma das últimas coisas que podemos vê-los fazer é falar de Deus e das Suas obras maravilhosas com as esposas em seus lares. Com a vasta maioria dos que se dizem crentes, a religião é como a roupa de domingo — usa-se naquele dia, e deixa-se de lado o resto da semana.

“Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto *Elias* havia feito” (1 Rs 19.1). Assim como Deus não está nos pensamentos do perverso, assim a maneira de proceder da incredulidade é fixar-se nas causas secundárias, ou atribuir aos instrumentos humanos aquilo que o Senhor faz. Não importa se Ele age em juízo ou com bênção, perde-se Deus de vista e se veem apenas os meios que Ele emprega ou os instrumentos que Ele usa. Se um homem de ambição insaciável é o instrumento divinamente usado para castigar nações carregadas de iniquidade, esse instrumento se toma objeto de ódio geral, mas as nações não se humilham diante dAquele que empunha aquela vara. Se um Whitefield

ou um Spurgeon são levantados para pregar a Palavra com poder excepcional e grande bênção, eles são adorados pelas massas religiosas e os homens falam das habilidades *deles* e dos convertidos *deles*. Foi isso o que aconteceu com Acabe: primeiro ele atribuiu a seca e a fome ao profeta — “És tu, ó perturbador de Israel?” (1 Rs 18.17), em vez de perceber que era *o Senhor* quem tinha uma controvérsia com a nação culpada, e que ele próprio, Acabe, era o principal responsável por aquela condição; e agora ele continua ocupado com aquilo que “Elias fez”.

“Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto *f. lias* havia feito” (1 Rs 19.1). Ele deve ter contado como Elias zombou dos sacerdotes dela, fustigou-os com a sua ironia picante, e levou-os a serem desprezados pelo povo. Ele deve ter descrito como ele os confundira com o seu desafio, e como ele, como que num passe de mágica, fizera cair fogo do céu. Ele deve ter-se demorado ao descrever a vitória obtida pelo tísbita, o êxtase do povo ao ver o fogo, como eles tinham caído de rosto em terra, dizendo: “Jeová é Deus! Jeová é Deus!”. A intenção dele, ao contar essas coisas a Jezabel, não era convencê-la de que estava errada, mas era inflamá-la contra o servo de Deus. Isso fica claro pelo clímax que ele arquitetou: “e como matara todos os profetas à espada”. Como isso revela mais uma vez o terrível caráter de Acabe! Da mesma forma que a seca prolongada e a resultante fome não o tinham feito voltar-se ao Senhor, assim essa misericórdia de Deus de mandar a chuva para renovar os seus domínios não o conduziu ao arrependimento. Nem os juízos de Deus nem as bênçãos dEle, por si mesmos, reformarão o homem não-regenerado. Somente um milagre da graça soberana pode fazer voltar as almas do poder do pecado e de Satanás para o Deus vivo.

Não é difícil imaginar o efeito que o relato de Acabe produziu na soberba, dominadora e feroz Jezabel: ele feriu de tal forma o orgulho dela e incendiou o seu temperamento raivoso, que nada senão a imediata morte do objeto do seu ressentimento poderia pacificá-la. “Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua

vida como fizeste a cada um deles” (1 Rs 19.2). Se o coração de Acabe não tinha sido afetado pelo transcorrido no Carmelo, permanecendo endurecido contra Deus, muito menos ainda tinha se enternecido o coração da sua consorte pagã. Ele era sensual e materialista, pouco se preocupando com assuntos religiosos; desde que não lhe faltasse o que comer e beber, e estivessem cuidados os seus cavalos e mulos, ele estava contente. Mas Jezabel era de um tipo diferente, tão resoluta quanto ele era fraco. Astuta, inescrupulosa, sem piedade — Acabe era um mero brinquedo nas suas mãos, satisfazendo-lhe os desejos. Por essa razão, como indica Apocalipse 2.20, ela era o prenúncio da mulher montada numa besta escarlata (Ap 17.3). A crise era de extrema importância, e tanto a questão política como a indignação a motivaram a agir prontamente. Se permitisse que essa reforma nacional se desenvolvesse, causaria a queda daquilo que ela trabalhara anos para estabelecer.

“Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles” (1 Rs 19.2). Eis a implacável e horrível inimizade contra Deus, de uma alma que foi abandonada por Ele. Completamente incorrigível, o coração dela estava de todo insensível da presença e do poder de Deus. Eis como se expressou esse terrível ódio: incapaz de ferir Jeová diretamente, a maldade dela se descarregou no Seu servo. É sempre assim que acontece com aqueles a quem Deus entregou uma mente reprovada. Praga após praga foi enviada sobre o Egito, contudo longe de Faraó depor as armas de rebelião, depois que o Senhor tirou o Seu povo com mão forte, esse infeliz declarou: “Perseguirei, alcançarei, repartirei os despojos; a minha alma se fartará deles, arrancarei a minha espada, e a minha mão os destruirá” (Êx 15.9). Quando o Sinédrio judeu olhou para Estêvão e “viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo” iluminado com glória celestial, em vez de receberem a sua mensagem quando ouviram as suas palavras, “enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele”; e, como malucos, “clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele. E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram” (At 7.54-58).

Acautele-se de resistir a Deus e rejeitar a Sua Palavra, para que Ele não abandone você, para que Ele não acabe permitindo a sua loucura com o fim de apressar a sua destruição. Quanto mais ficava manifesto que Deus estava com Elias, mais Jezabel se exasperava contra ele. Agora que ela fora informada que ele tinha matado os seus profetas, estava como leoa roubada das suas crias. A raiva dela não tinha limites; Elias tinha de ser morto imediatamente. Prepotente quanto ao amanhã, jurando pelos seus deuses, ela pronuncia uma terrível maldição sobre si mesma se Elias não tiver o mesmo fim. A resolução de Jezabel revela a extrema dureza do seu coração. Isso ilustra solenemente como a perversidade cresce nas pessoas. Os pecadores não atingem essas medonhas alturas de rebeldia num momento, mas à medida que a consciência resiste às convicções, à medida que a luz sempre de novo é rejeitada, as próprias coisas que deveriam enternecer e humilhar passam a endurecer e tomar insolente, e quanto mais claramente for apresentada a vontade de Deus diante de nós, mais isso haverá de gerar ressentimento na mente e hostilidade no coração. Daí falta pouco tempo para essa alma ser entregue ao fogo eterno.

Mas veja aqui a *dominante mão de Deus*. Em vez de ordenar aos seus oficiais que matem imediatamente o profeta, Jezabel envia um servo para anunciar a sentença dela sobre ele. Quantas vezes iras loucas destroem os seus próprios objetivos, a fúria cega a capacidade de julgar de tal forma que não se exercem a prudência e a cautela. Possivelmente, ela sentia-se tão segura da sua presa, que não temeu anunciar-lhe o seu intento. Mas os eventos futuros não estão à disposição dos filhos dos homens, não importa qual seja a posição de poder terreno que ocupem. Provavelmente, ela pensou que Elias fosse tão corajoso, que não havia possibilidade de ele tentar escapar, mas nisso ela errou. Quantas vezes Deus “apanha os sábios na sua própria astúcia” (Jó 5.13), e frustra os conselhos de um perverso Aitofel (2 Sm 15.31)! Herodes tinha intenções assassinas para com o Salvador ainda infante, mas “Sendo por divina advertência prevenidos em sonho”, os Seus pais o levaram para o Egito (Mt 2.12). Os judeus “deliberaram

entre si” matar a Paulo, mas “o plano deles chegou ao conhecimento” dele, e os discípulos o livraram das mãos deles (At 9.23). Isso aconteceu também aqui: Elias é alertado antes que Jezabel descarregue sobre ele a sua vingança.

Isso nos traz à parte mais triste da narrativa. O tisbita é notificado que a rainha está determinada a matá-lo. Qual foi a sua reação? Elias era servo do Senhor, não teria ele de olhar para o Senhor em busca de instruções? Diversas vezes, no passado, vimos como “a Palavra do Senhor veio” a ele (1 Rs 17.2,8; 18.1), dizendo-lhe o que fazer; aguardaria ele agora no Senhor para a direção necessária? Lamentavelmente, em vez de expor seu caso diante de Deus, ele tomou o assunto nas próprias mãos; em vez de aguardar pacientemente por Ele, Elias age num rápido impulso, deserta o posto do dever, e foge daquela que procura destruí-lo. “O que vendo ele, se levantou, e, para escapar com vida, se foi, e veio a Berseba, que é de Judá, e deixou ali o seu moço” (1 Rs 19.3 — RC). Repare com cuidado a expressão “*O que vendo ele*, se levantou, e, para escapar com vida”. Os olhos dele estavam fixos na rainha perversa e furiosa; a mente dele se ocupava com o poder e a fúria dela, e por isso o coração dele se encheu de terror. A única libertação do medo carnal é a fé em Deus: “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei”; “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti” (Is 12.2; 26.3 — RC). A mente de Elias não estava mais apoiada em Jeová, por isso o medo se apossou dele.

Até aqui, Elias tinha sido sustentado pela visão do Deus vivo que a fé concede, mas agora ele perdeu o Senhor de vista e viu apenas a mulher furiosa. Quantos alertas solenes encontram-se registrados nas Escrituras a respeito das consequências desastrosas de andar pelo que vemos. “Ló levantou os olhos e viu toda a Planície do Jordão, e que era toda bem regada” (Gn 13.10) e tomou sua decisão baseado nisso; pouco tempo depois é registrado a respeito dele que ele “armou as suas tendas até Sodoma”! O relatório da maioria dos doze homens enviados por Moisés para espiar a terra de Canaã foi: “Ali *vimos* os nefilins (os filhos de Anaque são dos nefilins); éramos *aos nossos próprios olhos*

como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos” (Nm 13.33 — BRA). Em consequência disso, “A congregação toda levantou as suas vozes, e gritou; e o povo chorou aquela noite”. Andar pela vista engrandece as dificuldades e paralisa a atividade espiritual. Pedro, “Reparando ... na força do vento, teve medo; e, começando a submergir” (Mt 14.30). Quão impressionante o contraste entre Elias, aqui, e Moisés, o qual, “Pela fé, ... abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11.27), e nada senão os olhos da fé postos firmemente em Deus haverão de nos capacitar a “permanecer firmes”.

“O que vendo ele, se levantou, e, para escapar com vida, se foi” — não por Deus, nem pelo bem do Seu povo; mas porque ele pensou apenas em si mesmo. O homem que enfrentou os quatrocentos e cinquenta falsos profetas, agora foge de uma mulher; o homem que até aqui foi tão fiel no trabalho do Senhor agora deserta o seu posto de dever, e isso numa ocasião quando a sua presença mais era necessária para o povo, para fortalecer as suas convicções e para conduzir avante o trabalho de reforma para estabelecê-lo com firmeza. Lamentavelmente, o que é o homem! Assim como a coragem de Pedro falhou na presença da empregada, assim a força de Elias esmoreceu diante das ameaças de Jezabel. Deveríamos exclamar: “Como foram derrotados os heróis!”? Não; isso na verdade seria uma compreensão camal e errada. A verdade é que “É somente à medida que Deus concede a Sua graça e o Espírito Santo, que alguém consegue andar com integridade. A conduta de Elias nessa ocasião mostra que o espírito e a coragem que ele tinha manifestado anteriormente eram do Senhor, e não dele mesmo; e que aqueles que têm o maior zelo e coragem em favor de Deus e da Sua verdade, se deixados por si mesmos, tomam-se fracos e medrosos” (John Gill).



Capítulo 23

No deserto

A sorte do povo de Deus é muito variada, e se caracteriza por frequente mudança. Não podemos esperar que seja diferente, enquanto permanecerem neste cenário, uma vez que não existe nada estável por aqui: a inconstância e as flutuações são o que caracterizam tudo o que existe debaixo do sol. O homem nasce para a aflição tão certamente como as faíscas voam para cima⁸⁴, e a experiência habitual dos santos não é nenhuma exceção dessa regra geral. Cristo advertiu claramente os Seus discípulos: “No mundo tereis tribulações” (Jo

16.33 — BRA), contudo Ele acrescentou: “mas tende bom ânimo, eu tenho vencido o mundo”, e por isso vocês participarão da Minha vitória. Embora seja certa a vitória, eles sofrem muitas derrotas ao longo do caminho. Nem sempre é verão na alma deles; e nem sempre é inverno na experiência deles. A sua viagem pelo mar da vida é semelhante àquela com que os marinheiros se deparam no oceano: “Sobem aos céus, descem aos abismos, e a sua alma se derrete em

⁸⁴ Jó 5.7, BRA.

angústias. ... Então, clamam ao SENHOR na sua tribulação, e ele os livra das suas angústias” (SI 107.26,28).

Com os servos de Deus que O servem em público também não é diferente. É verdade que eles gozam de muitos privilégios de que não participam os soldados rasos do povo de Deus, embora tenham de prestar contas a estes. Os ministros do Evangelho não precisam gastar muito do seu tempo e força entre os descrentes, trabalhando pelo pão diário. Ao contrário, são protegidos do constante contato com os perversos, e muito do seu tempo pode ser e deveria ser gasto em sereno estudo, meditação e oração. Além do mais, Deus lhes concedeu dons especiais: uma medida maior do Seu Espírito, um discernimento mais profundo da Sua Palavra, e por isso eles deveriam estar mais bem adaptados para deparar-se com as provas da vida. Apesar disso, a tribulação é também a porção deles, enquanto são deixados neste deserto de pecado. As corrupções interiores não lhes dão descanso nem de dia nem de noite, e o Diabo faz deles o alvo particular da sua malícia, sempre ativo procurando perturbar-lhes a paz e diminuir a utilidade deles, descarregando sobre eles toda a intensidade do seu ódio.

É com justiça que se espera mais do ministro do Evangelho do que das outras pessoas. Requer-se que ele seja “o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato (no comportamento), na caridade (no amor), no espírito, na fé, na pureza” (1 Tm 4.12 — RC); “Em tudo, te dá por exemplo de boas obras; na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade” (Tt 2.7 — RC). Mas embora seja um “homem de Deus”, ele é um “homem” e não um anjo, circundado de fraqueza, e sua tendência também é para o mal. Deus pôs o Seu tesouro em “vasos de barro” — não de aço nem de ouro — quebram e se machucam facilmente, indignos em si mesmos, “para que”, acrescenta o apóstolo, “a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2 Co 4.7), ou seja, o glorioso Evangelho proclamado pelos ministros não é invenção da cabeça *deles*, e os benditos efeitos que ele produz não se devem de forma nenhuma às habilidades *deles*. Eles são meros instrumentos, fracos e inúteis em si mesmos; a mensagem deles veio de Deus, e os

seus frutos são inteiramente do Espírito Santo, de forma que não têm motivo nenhum de auto-exaltação; nem aqueles que são beneficiados pelos labores dos ministros têm qualquer razão de considerá-los heróis ou de olhá-los como se fossem seres de uma ordem superior, considerando-os como pequenos deuses.

O Senhor tem muito zelo por Sua honra, e não repartirá a Sua glória com outrem⁸⁵. O Seu povo diz crer nisso como uma das verdades fundamentais, contudo são muito propensos a esquecê-la. Também eles são humanos, e tendem à adoração de heróis, são propensos à idolatria, propensos a atribuir às criaturas aquilo que só pode ser conferido ao Senhor. Por essa razão é que com tanta frequência se deparam com frustrações e desapontamentos, e descobrem que o seu ídolo querido é, como eles mesmos, feito de barro. Deus escolheu como Seu próprio povo “as coisas insensatas do mundo”, as “coisas fracas do mundo”, as “coisas ignóbeis” e as “aquelas que não são” (meros “joões-ninguém”), “a fim de que ninguém se glorie na presença de Deus” (1 Co 1.27-29 — BRA). E Ele chamou homens pecadores, embora regenerados, e não anjos santos, para serem pregadores do Seu Evangelho, para que fique absolutamente evidente que, ao chamar pecadores das trevas para a Sua maravilhosa luz, “a excelência do poder” não é deles nem procede deles, mas que é Ele somente quem dá o crescimento à semente espalhada por eles. “De modo que nem o que planta (o evangelista) é alguma coisa, nem o que rega (o mestre), mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.7).

É por essa razão que Deus permite que fique evidente que os melhores dentre os homens na sua melhor forma nunca passam de homens. Não importa quão cheios de talentos eles sejam, quão eminentes no trabalho de Deus, quão grandemente honrados e usados por Ele, basta que o Seu poder sustentador seja removido deles por um só momento, e logo se verá que eles *são* “vasos de barro”. Nenhum homem fica de pé um minuto sequer sem ser sustentado pela graça de Deus. O santo mais experiente, se deixado por si mesmo, se mostrará

⁸⁵ Isaías 42.8.

imediatamente tão fraco como a água e tão tímido como um rato. “Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade” (SI 39.5). Então, por que a surpresa, por que achar que é impossível, quando lemos a respeito dos fracassos e das quedas dos mais favorecidos dos santos e dos servos de Deus? A embriaguez de Noé, a camalidade de Ló, as prevaricações de Abraão, a raiva de Moisés, a inveja de Arão, a afobação de Josué, o adultério de Davi, a desobediência de Jonas, a negação de Pedro, a contenda de Paulo com Bamabé — são tantas ilustrações da solene verdade que “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque” (Ec 7.20). A perfeição só se encontra no céu. Na terra, não a encontramos em lugar nenhum, exceto no Perfeito Homem⁸⁶.

Contudo queremos deixar claro que os fracassos desses homens não estão registrados nas Escrituras para nos escondermos atrás deles, para usá-los como desculpa da nossa própria infidelidade. Longe disso: eles nos são apresentados como sinais de perigo, para prestarmos atenção, como solenes advertências para levarmos em conta. Ler a respeito desses fracassos deve levar-nos à humilhação, conduzindo-nos a sermos mais desconfiados de nós mesmos. Eles devem imprimir em nosso coração o fato que nossa força se encontra unicamente no Senhor, e que sem Ele não podemos fazer nada. Esses fracassos devem ser traduzidos em fervente oração para que as operações do orgulho e da auto-suficiência sejam subjugadas dentro de nós. Eles devem nos levar a clamar constantemente: “Sustenta-me (*Tu*), e serei salvo” (SI 119.117). E não somente isso, eles deveriam nos afastar da indevida confiança nas criaturas e libertar-nos de esperar demais dos outros, mesmo daqueles que são pais em Israel. Eles deveriam nos tomar diligentes na oração por nossos irmãos em Cristo, especialmente por nossos pastores, para que Deus Se agrade em preservá-los de tudo aquilo que traria desonra ao Seu nome e faria com que os Seus inimigos se regozijassem.

⁸⁶ O Senhor Jesus.

O homem por cujas orações as janelas do céu se fecharam completamente por três anos e meio, e por cujas súplicas elas novamente se abriram, não era nenhuma exceção à regra. Ele também era feito de carne e sangue, e Deus permitiu que isso se tomasse evidente de forma dolorosa. Jezabel mandou uma mensagem para informá-lo que no dia seguinte ele teria o mesmo destino dos profetas dela. “O que vendo ele, se levantou, e, para escapar com vida, se foi” (1 Rs 19.3 — RC). No meio do glorioso triunfo sobre os inimigos do Senhor, no exato momento em que o povo precisava dele para liderá-los para abandonar completamente a idolatria e para estabelecer a verdadeira adoração, ele se vê terrificado pela ameaça da rainha, e foge. Foi “a mão do Senhor” que o tinha trazido a Jezreel (1 Rs 18.46), e ele não recebeu nenhuma notificação de Deus para sair dali. Com toda certeza era tanto privilégio como dever de Elias buscar a proteção do seu Senhor contra a fúria de Jezabel, assim como ele fizera em relação à ira de Acabe. Se Elias tivesse confiado a própria vida nas mãos de Deus, Ele não teria falhado para com o profeta, e provavelmente um grande benefício se concretizaria se ele persistisse na função em que o Senhor o havia colocado.

Mas os seus olhos não estavam mais fixos em Deus; ele só via aquela mulher furiosa. Ficou esquecido Aquele que o tinha alimentado milagrosamente no ribeiro Querite, Aquele que tão maravilhosamente o tinha sustentado na casa da viúva em Sarepta, Aquele que de forma tão destacada o fortalecera no Carmelo. Pensando apenas em si mesmo, Elias foge do lugar do testemunho. Mas como explicar esse estranho deslize? É evidente que os seus medos foram instigados pela ameaça da rainha chegando a ele *de forma tão inesperada*. Não havia boas razões para que ele aguardasse com grande alegria e exultação a cooperação de todo o Israel na obra da reforma? Não estaria toda a nação, que clamara “Jeová é Deus!”, profundamente agradecida pelo fato de suas orações terem obtido a tão necessitada chuva? E num momento a sua esperança pareceu tão rudemente abalada por essa mensagem da rainha enfurecida. Teria ele então perdido toda a fé na capacidade de Deus protegê-lo? Longe de nós acusá-lo; antes nos

parece que ele ficou momentaneamente estupefato, em pânico. Ele não parou para pensar; em vez disso, completamente tomado pela surpresa, agiu sob o impulso do momento. Como isso confirma a palavra de que “aquele que crer não se apresse” (Is 28.16 — RC).

O que dissemos acima esclarece o procedimento precipitado de Elias, mas não explica o seu estranho deslize. Foi a falta de fé que o levou a encher-se de medo. Mas convém explicar que o exercício da fé não se encontra à disposição do crente, de forma que ele possa chamá-la à ação a qualquer hora que desejar. Não é assim; a fé é um dom de Deus, e a sua prática é somente pelo poder de Deus, e tanto na sua concessão como na sua operação Deus atua soberanamente. Embora Deus sempre atue soberanamente, Ele jamais age de forma caprichosa, extravagante. Ele não aflige de bom grado⁸⁷, mas porque Lhe damos motivo de usar a vara; Ele retém a graça por causa do nosso orgulho, retém o conforto por causa dos nossos pecados. Há várias razões por que Deus permite que o Seu povo caia no caminho, contudo em todos esses casos a queda exterior é antecedida de algum fracasso interior; e se quisermos colher todos os benefícios dos pecados registrados de alguém como Abraão, Davi, Elias e Pedro, precisamos estudar com diligência aquilo que os conduziu ao pecado e as circunstâncias em que ocorreram. Em geral se faz isso com relação ao pecado de Pedro, mas raramente se faz nos outros casos.

Na maioria das vezes, o contexto anterior dá claros indícios dos primeiros sinais do desvio, assim como um espírito de autoconfiança claramente indicou a aproximação da queda de Pedro. Mas no caso que estamos considerando agora, os versículos precedentes não dão nenhuma pista do eclipse da fé de Elias. Contudo os versículos seguintes indicam a causa do seu desvio. Quando o Senhor lhe aparece e pergunta: “Que fazes aqui, Elias?” (1 Rs 19.9), o profeta responde: “Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e

⁸⁷ Lamentações de Jeremias 3.33.

procuram tirar-me a vida”. Isso não nos fala, em primeiro lugar, que ele tinha um conceito grande demais da sua própria importância; em segundo lugar, que ele estava excessivamente envolvido em seu trabalho: “eu, somente eu, fique!”⁸⁸ — para cuidar da Tua causa; e em terceiro lugar, que ele estava decepcionado com a ausência dos resultados que esperava que acontecessem? As operações do orgulho — a tripla insistência no “Eu” — abafaram o exercício da fé. Repare como Elias repetiu essas declarações (v. 14), e como a resposta de Deus tem como objetivo descrever a doença — Elias foi posto no seu lugar!

Deus então retirou a Sua força por um momento, para que Elias pudesse ser visto em sua fraqueza natural. Ele assim o fez com justiça, pois a graça só é prometida aos humildes (Tg 4.6). Contudo Deus atua nisto de forma soberana, pois é somente por Sua graça que o homem é mantido humilde. Ele concede mais fé a um do que a outro, e a mantém mais equilibradamente em certos indivíduos. Quão grande é o contraste entre a fuga de Elias e a fé de Eliseu: quando o rei da Síria enviou uma grande multidão para prender este último, e o seu servo disse: “Ai! Meu senhor! Que faremos?” o profeta respondeu: “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2 Rs 6.15,16). Quando a imperatriz Eudósia enviou uma mensagem ameaçadora a Crisóstomo, ele disse ao oficial dela: “Vá, diga a ela que eu nada temo além do pecado”. Quando os amigos de Lutero insistentemente lhe suplicaram que não comparecesse à Dieta de Worms, à qual tinha sido convocado pelo imperador, ele replicou: “Ainda que cada telha das casas daquela cidade fosse um demônio, eu não me acovardaria”, e ele foi e Deus o libertou das mãos dos seus inimigos. Contudo as fraquezas de Crisóstomo e de Lutero se manifestaram em outras ocasiões.

Foi a sua preocupação com as circunstâncias que provocou a triste queda de Elias. A filosofia deste mundo diz: “O homem é produto do seu meio (das suas circunstâncias)”. Não há dúvida de que

⁸⁸1 Reis 19.10, BRA.

isso se aplica muito bem ao homem natural, mas não deveria ser verdade a respeito do cristão, e isso enquanto as suas graças permanecerem numa condição saudável. A fé se ocupa com Aquele que ordena as nossas circunstâncias, a esperança olha além da cena atual, a paciência concede força para suportar as provas, e o amor se deleita n'Aquele que não é afetado pela circunstâncias. Enquanto Elias tinha o Senhor diante de si, não temeu, embora se acampasse contra ele um exército. Mas quando ele olhou para a criatura e ponderou no perigo que corria, ele pensou mais na própria segurança do que na causa de Deus. Estar ocupado com as circunstâncias é andar por vista, e isso é fatal tanto para nossa paz como para nossa prosperidade espiritual. Por mais desagradáveis ou desesperadoras que sejam nossas circunstâncias, Deus é capaz de nos preservar nelas, como Ele o fez com Daniel na cova dos leões, e com seus companheiros na fornalha de fogo. Sim, Ele é competente para fazer o coração triunfar sobre tudo isso, como testemunham os cânticos dos apóstolos na masmorra de Filipos.

Oh, como precisamos clamar: “Senhor, aumenta-nos a fé”, pois somente somos fortes e estamos salvos enquanto exercemos fé em Deus. Se Ele é esquecido, e não percebemos a Sua presença conosco no momento em que somos ameaçados por grandes perigos, então com certeza agiremos de forma indigna da nossa confissão cristã. É pela fé que estamos em pé (2 Co 1.24 — RC), como também é pela fé que somos guardados pelo poder de Deus para a salvação (1 Pe 1.5). Se de fato mantivermos o Senhor diante de nós e O contemplarmos como Quem está à nossa mão direita, nada nos haverá de mover, nem poderá nos amedrontar; poderemos desafiar até o mais poderoso e o mais perverso. Contudo, como alguém já disse: “Mas onde está a fé que nunca se deixa abalar pela incredulidade? A mão que nunca se afrouxa, o joelho que nunca treme, o coração que nunca desmaia?” Todavia, o erro é *nossa*, a culpa é nossa. Embora não esteja sob nosso poder fortalecer a fé ou convocá-la à prática, podemos enfraquecê-la e atrapalhar a sua operação. Depois de dizer “tu, ... mediante a fé, estás firme”, o apóstolo imediatamente acrescenta: “Não te ensoberbeças,

mas teme” (Rm 11.20) — não confie em si mesmo, pois é o orgulho e a auto-suficiência que sufocam a fé.

Muitas pessoas acham estranho, quando leem que os mais destacados e dignos santos da Bíblia fracassam justamente naqueles que são os seus pontos mais fortes. Abraão se destaca por sua fé, sendo chamado “o pai daqueles que creem”; contudo a fé dele desmoronou no Egito, quando mentiu a Faraó a respeito da sua esposa. Somos informados que Moisés era “mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra” (Nm 12.3), contudo ele foi impedido de entrar em Canaã porque perdeu a paciência e falou de forma imprudente com os seus lábios. João era o apóstolo do amor, contudo numa explosão de intolerância e impaciência, ele e o seu irmão Tiago queriam pedir fogo do céu para destruir os samaritanos, pelo que o Senhor os repreendeu (Lc 9.54,55). Elias era famoso por sua coragem, contudo foi a coragem que lhe faltou nesse momento. Que evidências não são essas, de que ninguém pode exercer as graças que mais distinguem o seu caráter sem a direta e constante assistência de Deus, e que, quando em perigo de se exaltar acima da medida, os homens de Deus são muitas vezes deixados a lutar com a tentação sem o seu costumeiro auxílio. É somente quando estamos conscientes da nossa fraqueza e a reconhecemos, que somos fortalecidos.

Umaz poucas palavras devem bastar para fazer aplicação desse triste incidente. A sua notória lição é evidentemente uma solene advertência aos que ocupam posições públicas na vinha do Senhor. Quando Ele Se agrada de operar neles e através deles, é certo que se levantará contra eles amarga e poderosa oposição. Disse o apóstolo: “uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários” (1 Co 16.9) — os dois andam sempre juntos. Contudo se o Senhor é a nossa segurança e a nossa força, não há nada para temer. Um golpe forte e quase fatal havia sido dado no reino de Satanás naquele dia no Carmelo. E se Elias tivesse permanecido firme, não teriam os sete mil adoradores secretos de Jeová sido fortalecidos ao ponto de se posicionarem ao seu lado (na linguagem de Miqueias 4.6,7), não teriam sido aperfeiçoados, e não teria sido evitado o

cativeiro e a dispersão do seu povo? Lamentavelmente, um passo em falso e uma tão brilhante possibilidade foi lançada por terra, e nunca mais voltou. Busquem graça, ó servos de Deus, para poderem “resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes” (Ef 6.13 — RC).

Mas não ressalta também esse triste incidente uma lição salutar que *todos* os crentes precisam acolher no coração? Esse solene fracasso do profeta ocorre também imediatamente após as maravilhas que aconteceram em resposta às suas súplicas. Que estranho! Ou melhor, quão perscrutador! Nos capítulos precedentes, enfatizamos que as gloriosas operações ocorridas sobre o monte Carmelo fornecem ao povo do Senhor uma tremendamente abençoada ilustração e demonstração da eficácia da oração, e certamente essa patética sequência mostra o que eles precisam para estarem atentos quando recebem alguma misericórdia notável do trono da graça. Se foi necessário que o apóstolo recebesse um espinho na carne, um mensageiro de Satanás que o esbofeteasse, para que ele não se “ensoberbecesse com a grandeza das revelações” que lhe foram concedidas (2 Co 12.7), então qual não será a nossa necessidade de alegrar-nos “com tremor” (SI 2.11), quando exultamos por termos obtido resposta a nossas petições!



Capítulo 24

Desanimado

Vamos agora observar o que aconteceu com Elias quando ele deu lugar ao medo. A mensagem que tinha vindo da parte de Jezabel, que no dia seguinte ela se vingaria por ele ter matado os profetas dela, fez com que o tisbita fosse tomado de pânico. Naquele momento, Deus achou certo deixá-lo entregue a si mesmo, para que nós possamos aprender que os mais fortes são fracos como água⁸⁹ quando Ele retém o Seu apoio, assim como o poderoso Sansão era tão impotente como outro homem qualquer logo que o Espírito do Senhor se apartou dele. Não faz diferença o tanto que se cresceu na graça, quão experientes possamos ser na vida espiritual, ou quão eminente seja a posição que estejamos ocupando no trabalho do Senhor. Quando Ele retém a Sua mão sustentadora, a loucura que por natureza está em nosso coração se expressa imediatamente, assume o controle, e nos conduz por um caminho estúpido. Foi o que aconteceu nesse momento com Elias. Em vez de apresentar ao Senhor a furiosa ameaça da rainha

⁸⁹ Ezequiel 7.17, BRA: "Todas as mãos se debilitarão e todos os joelhos se tornarão *fracos como água*".

e suplicar-Lhe que Se responsabilizasse pelo caso, ele tomou o assunto nas próprias mãos e fugiu “para salvar sua vida” (1 Rs 19.3).

No capítulo anterior, declaramos a razão por que o Senhor permitiu que o Seu servo provasse um deslize nesta ocasião: em acréscimo ao que dissemos ali, cremos que a fuga do profeta foi *uma punição para Israel*, por causa da insinceridade e da inconstância da reforma deles. “Seria de esperar, depois de uma tal manifestação pública, visível, da glória de Deus, e um tão claro resultado na disputa entre Ele e Baal, para a honra de Elias, a confusão dos profetas de Baal, e a completa satisfação do povo, depois de terem eles visto tanto o fogo como a água vindo do céu em resposta à oração de Elias, e ambos como manifestação de misericórdia para com eles: um, como sinal da aceitação da oferta deles, a outra, como refrigério para a sua herança. Seria de esperar, então, que eles agora, à uma, retomassem à adoração do Deus de Israel, e tomassem Elias por seu guia e oráculo, para que ele de agora em diante fosse o seu primeiro ministro, e as suas instruções fossem lei tanto para o rei como para o reino. Mas a situação é completamente outra: aquele a quem Deus honrou é desonrado; nenhum respeito lhe é atribuído, nem ele é considerado de alguma utilidade; pelo contrário, a terra de Israel para a qual ele foi e continuava sendo uma grande bênção, logo se tomou perigosa demais para ele” (Matthew Henry). A sua fuga da terra de Israel foi um juízo sobre eles.

Nas Escrituras, os filhos de Deus são constantemente exortados a não temer: “não temais o que ele teme, nem tampouco vos assombréis” (Is 8.12 - SBTB). Mas como é que almas fracas e trêmulas podem obedecer a esse preceito? O versículo seguinte nos diz como: “Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja *ele* o vosso temor, seja ele o vosso espanto”. É o temor de Deus em nosso coração que nos liberta do temor do homem: o temor respeitoso de filho, de desagradar e desonrar Aquele que é o nosso refúgio e fortaleza, auxílio bem presente na tribulação. “Não temas diante deles,” disse Deus a outro dos Seus servos, acrescentando depois: “porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR” (Jr 1.8). Ah, é a percepção da Sua

presença que a fé precisa tomar real, se quisermos aquietar o medo. Cristo reprovou os Seus discípulos por causa do medo deles: “Por que temeis, homens de pouca fé?” (Mt 8.26 - BRA). “E não temais com medo deles, nem vos turbeis” (1 Pe 3.14 - SBTB) é a palavra que temos de levar a sério.

Na narrativa da fuga de Elias somos informados em primeiro lugar que ele “chegou a Berseba, que pertence a Judá” (1 Rs 19.3 — BRA). É de pensar que ali fosse um lugar seguro para asilar-se, pois ele agora estava fora do território governado por Acabe, mas o que acontecia de fato era que ele tinha “pulado da frigideira para o fogo”, como diz o velho ditado. Naquele tempo, o reino de Judá era governado por Josafá, e o filho deste tinha se casado com “a filha de Acabe” (2 Rs 8.18 - RC), e as duas casas — de Josafá e de Acabe — estavam tão intimamente ligadas que, quando o primeiro foi convidado pelo segundo para unir-se numa expedição contra Ramote-Gileade, Josafá declarou: “Serei como tu és, o meu povo, como o teu povo, os meus cavalos, como os teus cavalos” (1 Rs 22.4). Dessa forma, Josafá não teria nenhum escrúpulo de entregar aquele que tinha fugido para a terra sob seu governo, tão logo recebesse de Acabe e Jezabel ordem para fazê-lo. Assim, Elias não se atreveria a demorar-se em Berseba, mas fugiria para mais longe.

Berseba fica situada próximo do extremo sul da Judeia, na herança de Simeão, e supõe-se que Elias e seu companheiro cobriram nada menos que cento e quarenta quilômetros de Jezreel até ali. Em seguida, somos informados que ele “ali deixou o seu criado”. Aqui vemos a consideração e a compaixão do profeta para com o seu único empregado, desejoso de poupá-lo das dificuldades do fatigante deserto da Arábia, onde ele agora se propunha entrar. Nesse ato de consideração, o profeta apresenta um exemplo que os senhores devem seguir, para não submeter os seu subordinados a perigos excessivos, nem forçá-los a trabalhos acima das suas forças. Além disso, Elias agora desejava ficar sozinho com suas tribulações e não queria dar vazão aos seus sentimentos de desespero na presença de outra pessoa. Isso também é digno de imitação: quando o medo e a incredulidade lhe

enchem o coração e ele está a ponto de externar o seu desânimo, o cristão deveria retirar-se da presença dos outros, para não infectá-los com a sua tristeza e mau humor — ele deve aliviar o coração *diante do Senhor*, e poupar os sentimentos dos seus irmãos.

“Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia” (1 Rs 19.4). Aqui nos é permitido ver outro efeito do medo e da incredulidade: ele produz perturbação e agitação, de forma que um espírito de inquietação domina a alma. E como poderia ser diferente? O descanso de alma não se acha em nenhum outro lugar a não ser no Senhor, pela comunhão com Ele e pela confiança nEle. “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar” (Is 57.20). É necessário que seja assim, pois eles são estranhos para o Doador da paz — “desconheceram o caminho da paz” (Rm 3.17). Quando o cristão está sem comunhão com Deus, quando ele toma os assuntos em suas próprias mãos, quando a fé e a esperança não mais estão sendo exercitadas, o caso dele não é melhor do que a situação do não-regenerado, pois ele se separou de quem o podia ajudar, e está completamente miserável. Contentar-se e deleitar-se na vontade do Senhor não é mais a sua porção; em vez disso, a sua mente está confusa, ele está inteiramente desencorajado, e agora em vão procura alívio numa incessante roda de diversões e atividades febris da carne. Ele precisa estar em movimento, pois está completamente transtornado: ele se enfada em práticas vãs, até que suas forças naturais se acabem.

Acompanhe o profeta com os olhos da sua mente. Hora após hora ele avança devagar debaixo do sol escaldante, os pés cobertos de bolhas por causa das areias ardentes, sozinho naquele deserto fatigante. Por fim, a fadiga e a angústia dominaram-lhe a robusta força e ele “se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte” (1 Rs 19.4). A primeira coisa que desejamos destacar é que, por mais desanimado e desesperado que estivesse, Elias não atentou com violência contra a própria vida. Embora Deus, agora, por um momento, tivesse retirado dele o conforto da Sua presença, e em certa medida lhe tivesse negado

a Sua graça restritiva, Ele contudo jamais entrega um dos Seus inteiramente ao poder do diabo.

“...e pediu para si a morte”. A segunda coisa que desejamos destacar é a *inconsistência* da sua conduta. A razão por que Elias saiu de Jezreel tão apressadamente ao ouvir a ameaça de Jezabel foi para “salvar sua vida”, e agora ele deseja que sua vida lhe seja tomada. Nisso talvez possamos perceber outro efeito quando a incredulidade e o medo se apoderam do coração. Nós não só agimos, então, estupidamente e erradamente, não apenas nos domina um espírito inquieto e descontente, mas nos tomamos inteiramente desequilibrados, a alma perde a estabilidade, e paramos de nos conduzir de forma consistente. A explicação é simples: a verdade é uniforme e harmoniosa, enquanto o erro é multiforme e incongruente; mas para que a verdade nos controle de forma efetiva é preciso que a fé seja constantemente exercitada — quando a fé para de agir, tomamos-nos imediatamente instáveis e indignos de confiança; em breve nos tomamos, como dizem, “um mundo de contradições”. A consistência de caráter e de conduta dependem de um firme andar com Deus.

É provável que haja poucos servos de Deus que numa ocasião ou outra não desejem livrar-se da sua armadura e parar o trabalho e os conflitos, especialmente quando seus esforços parecem vãos e estão inclinados a ver-se como estorvos aqui na terra. Quando Moisés exclamou: “Eu sozinho não posso levar todo este povo, pois me é pesado demais”, ele imediatamente acrescentou: “Se assim me trata, mata-me de uma vez, eu te peço” (Nm 11.14,15). Assim também Jonas orou: “Peço-te, pois, ó SENHOR, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver” (Jn 4.3). Esse desejo de ser removido deste mundo de tribulações não é peculiar aos ministros de Cristo. Muitos dos cidadãos comuns do Seu povo também, às vezes, se veem movidos a dizer com Davi: “Quem me dera asas como de pomba! Voaria e estaria em descanso” (SI 55.6 — RC). Curta como é a nossa jornada aqui embaixo, parece longa, muito longa para alguns de nós, e embora não possamos justificar o mau humor e a petulância de Elias, contudo

este escritor pode com certeza simpatizar com ele debaixo do zimbro, pois ele mesmo tem estado muitas vezes ali.

Não obstante, deveria ser destacado que há uma diferença radical entre desejar ser liberto de um mundo de contratempos e tristeza, e um desejo de ser liberto deste corpo mortal, a fim de estarmos na presença do Senhor. Era esse último desejo que o apóstolo abrigava, quando disse: “tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.23). Um desejo de ser liberto da pobreza desprezível ou um leito de fraqueza é apenas natural, mas um desejo ardente de ser liberto de um mundo de iniquidade e de um corpo mortal para podermos gozar perfeita comunhão com o Amado, isso é de fato espiritual. Uma das maiores surpresas da nossa própria vida cristã é descobrir como são poucas as pessoas que evidenciam esse segundo desejo. A maioria dos que professam a fé cristã parece tão apegada a este cenário, tão enamorada por esta vida, ou tão amedrontada do aspecto físico da morte, que se apegam à vida tão tenazmente como os não-cristãos. É evidente que o céu não é muito real para eles. É verdade, nós deveríamos aguardar de modo submisso o tempo de Deus, contudo isso não impede nem anula o desejo de “partir e estar com Cristo”.

Mas não se perca de vista o fato que Elias, em seu desânimo, *voltou-se a Deus* e disse: “Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais” (1 Rs 19.4). Não importa quão desencorajados estejamos, quão séria seja a nossa tristeza, é sempre o privilégio do crente aliviar o coração diante dAquele que é “amigo mais chegado do que um irmão” e expressar sem restrições nossas queixas ao Seu ouvido compreensivo. É verdade que Ele não vai fingir que não vê aquilo que está errado, contudo Ele Se compadece com ternura das nossas fraquezas. É verdade que Ele nem sempre concederá resposta a nossos pedidos, pois muitas vezes pedimos mal (Tg 4.3), contudo se Ele nega aquilo que Lhe pedimos é porque Ele tem algo melhor para nós. Esse era o caso na situação de Elias. O Senhor não tirou a vida dele naquele momento; Ele nem fez isso mais

tarde, pois Elias foi levado ao céu sem ver a morte. Elias é um dos dois únicos homens que entraram no céu sem passar pelos portais da sepultura. Apesar disso, para subir na carruagem de Deus, Elias teve de esperar a hora marcada por Ele.

“Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais” (1 Rs 19.4). Ele estava cansado da incessante oposição que encontrava, cansado dos conflitos. Ele estava desanimado no seu trabalho, que ele percebia ser de nenhum valor. Tenho me esforçado seriamente, mas em vão; fatiguei-me a noite toda, mas não peguei nada. Era a linguagem do desapontamento e da chateação: “Basta” — não tenho mais vontade de lutar, já fiz e sofri o bastante; por isso, deixe-me ir agora. Não estamos certos quanto ao que ele quis dizer com “não sou melhor do que meus pais”. É possível que ele estivesse alegando a própria fraqueza e incapacidade: Eu não sou mais forte do que eles, e não sou mais capaz do que eles de enfrentar as dificuldades com que eles se depararam. Ele talvez estivesse fazendo alusão à falta de fruto em seu ministério: meus esforços deram em nada, eu não obtive mais sucesso do que eles. Ou talvez ele estivesse declarando o seu desapontamento porque Deus não havia atendido as suas expectativas. Ele estava completamente desanimado e ansioso por abandonar a arena.

Veja aqui mais uma vez as consequências que surgem quando se dá lugar ao medo e à incredulidade. O pobre Elias estava agora em profunda depressão, uma experiência que a maioria do povo de Deus tem num ou noutro tempo. Ele tinha abandonado o lugar ao qual o Senhor o tinha trazido, e agora experimentava os amargos efeitos de um caminho criado por vontade própria. Todo prazer tinha se escoado da vida dele: a alegria do Senhor não mais era a sua força. Oh, que vara para as nossas costas nós não preparamos quando deliberadamente nos afastamos do caminho do dever! Quando deixamos os caminhos da justiça, nos desligamos das fontes do refrigério espiritual, e por essa razão o “deserto” agora é nosso lugar de habitação. E ali nos sentamos em completo desânimo, sozinhos em nossa desgraça, pois ali não há ninguém que nos conforte enquanto estivermos nessa situação. Agora

se deseja a morte, para pôr fim à nossa miséria. Se tentamos orar, são apenas as reclamações do coração que se expressam: seja feita a minha vontade, e não a Tua — essa é a essência dessas murmurações.

E qual foi a resposta do Senhor? Teria Ele Se desviado desgostoso dessa visão, e deixado o Seu servo errante colher o que tinha plantado e sofrer completo e final abandono por causa da sua incredulidade? Ah, por acaso o bom Pastor Se recusa a tomar conta de uma das Suas ovelhas desgarradas, prostrada em desamparo à beira do caminho? Será que o grande Médico Se recusa a dar assistência a um dos Seus pacientes exatamente quando ele mais precisa dEle? Bendito seja o Seu nome, o Senhor é “longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça”⁹⁰. “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem” (SI 103.13). Foi isso o que aconteceu neste caso: o Senhor evidenciou a Sua compaixão pelo Seu exausto e desconsolado servo, de uma forma extremamente graciosa, pois a próxima coisa que lemos é que ele “Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro” (1 Rs 19.5). Mas corremos o perigo de perder, nesses nossos dias em que Deus é tão desonrado, a riqueza do que aconteceu aqui, pois são poucos os que se dão conta que “assim dá *ele* aos seus amados o sono” (SI 127.2 — RC). Algo melhor do que “a natureza seguindo o seu curso” aconteceu ali: era o Senhor dando refrigério ao profeta exausto.

Como é comum, hoje, perder de vista que o Senhor cuida do corpo dos Seus santos tanto quanto cuida da alma deles. Isso é reconhecido e confessado pelos crentes quanto ao alimento e vestuário, saúde e força, mas é largamente desconhecido por muitos quanto ao ponto que estamos tratando aqui. O sono é tão necessário para nosso bem-estar físico quanto a comida e a bebida, e é uma dádiva do Pai celestial tanto quanto estes o são. Não nos é possível dormir pela força da vontade, como os que sofrem de insônia o sabem muito bem. Nem o exercício nem o trabalho manual por si mesmos asseguram o sono: você já se deitou exausto e então descobriu que

⁹⁰ 2 Pedro 3.9.

estava “cansado demais para dormir”? O sono é uma dádiva de Deus, mas a sua constante repetição noturna nos cega para esse fato.

Quando Deus quer, Ele retém o sono, e então temos de dizer juntamente com o salmista: “Não me deixas pregar os olhos” (SI 77.4), mas isso é a exceção e não a regra, e deveríamos ser profundamente gratos por ser assim. Dia após dia o Senhor nos alimenta, e noite após noite Ele dá “aos seus amados o sono”. Assim, nesse pequeno detalhe — Elias dormindo debaixo de um zimbro — que deixaríamos de lado como insignificante, deveríamos perceber a graciosa mão de Deus ministrando com ternura às necessidades de alguém que Lhe é caro. Sim, “o SENHOR se compadece dos que o temem”, e por quê? “Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (SI 103.14). Ele conhece a nossa fragilidade, e abrande os Seus ventos de acordo com ela; Ele está ciente de quando nossa energias acabam, e graciosamente renova a nossa força. Não era propósito de Deus que o Seu servo morresse de exaustão no deserto, depois da sua longa, longa fuga de Jezreel; assim Ele misericordiosamente lhe refrigera o corpo com o sono. E dessa mesma forma, compassivamente, Ele lida conosco.

Lamentavelmente, quão pouco nos deixamos comover pela bondade e pela graça do Senhor para conosco. A infalível recorrência das Suas misericórdias, tanto as temporais como as espirituais, nos inclina a considerá-las como algo óbvio. Somos tão embotados de entendimento, tão frios de coração em relação a Deus, que é de temer que a maioria do tempo deixemos de perceber *de Quem* é a mão amorosa que nos ministra. Não é essa a própria razão por que não começamos de fato a valorizar nossa saúde até que ela nos seja tirada; e não percebemos o valor do sono regular com que fomos anteriormente favorecidos, até que gastemos noite após noite jogados num leito de dor? E somos criaturas tão vis que, quando a doença e a insônia nos sobrevêm, em vez de melhorá-las pelo arrependimento de nossa ingratidão anterior, e humildemente confessando-a a Deus, nós murmuramos e nos queixamos da dureza da nossa presente situação e nos perguntamos o que fizemos para merecer um tratamento desses. Oh, que aqueles de nós que são abençoados com boa saúde e sono

regular não falhem nas ações de graças diárias por esses privilégios, e em fervorosa busca por graça para usar para a glória de Deus a força que vem dessas bênçãos.



A obra completa deste livro, *A Vida de Elias*, é
composta de **35** capítulos.

Se o Senhor permitir, pretendemos traduzi-los todos.